

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FAGED  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGEDU**

Paulo Fernando Zanardini Bueno

**“VIDA ETERNA PARA OS CASAMENTOS:  
a pedagogia evangelizadora da escola do amor  
da Igreja Universal do Reino de Deus”**

Porto Alegre  
2017

Paulo Fernando Zanardini Bueno

**“VIDA ETERNA PARA OS CASAMENTOS:  
a pedagogia evangelizadora da escola do amor  
da Igreja Universal do Reino de Deus”**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito final à obtenção do título de Mestre em Educação.

Aprovada em 30 de janeiro de 2017

---

Dr. Luís Henrique Sacchi dos Santos

---

Dra. Maria Lúcia Castagna Wortmann – (PPGEDU/UFRGS)

---

Ari Pedro Oro – (PPGAS/UFRGS)

---

Ricardo Mariano – (USP)

### CIP - Catalogação na Publicação

Bueno, Paulo Fernando Zanardini  
Vida eterna para os casamentos: a pedagogia  
evangelizadora da Escola do Amor da Igreja Universal  
do Reino de Deus / Paulo Fernando Zanardini Bueno. --  
2017.  
171 f.

Orientador: Luís Henrique Sacchi dos Santos.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do  
Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de  
Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2017.

1. Backlash. 2. Casamento. 3. Igreja Universal do  
Reino de Deus. 4. Pedagogia Cultural. 5. Religião.  
I. Santos, Luís Henrique Sacchi dos, orient. II.  
Título.

*“Ouvistes que foi dito: Amarás ao teu próximo, e odiarás ao teu inimigo. Eu, porém, vos digo: Amai aos vossos inimigos, e orai pelos que vos perseguem; para que vos torneis filhos do vosso Pai que está nos céus; porque ele faz nascer o seu sol sobre maus e bons, e faz chover sobre justos e injustos. Pois, se amardes aos que vos amam, que recompensa tereis? Não faz os publicanos também o mesmo? E, se saudardes somente os vossos irmãos, que fazeis demais? Não fazem os gentios também o mesmo? Sede vós, pois, perfeitos, como é perfeito o vosso Pai celestial”.*

(Mateus 5: 44-48)

## RESUMO

Esta dissertação, de abordagem qualitativa, e situada no campo dos Estudos Culturais em Educação, analisou nas falas dos apresentadores de um artefato cultural da televisão, o programa *The Love School*, os temas mais discutidos por eles. Como primeira técnica da metodologia utilizada, esse recurso gerou a fonte de material empírico registrado no que nomeiei de caderno de transcrições. Para realizar esta investigação selecionei 24 (vinte e quatro) edições do programa entre o período de novembro de 2014 a abril de 2015. O casamento é o principal tema que orienta a pauta deste programa e faz uma aliança direta com os princípios que fundamentam a Igreja Universal do Reino de Deus. Quanto ao programa *The Love School* foi possível entender que a Universal desenvolveu uma nova forma de falar de religião fazendo uso de outras linguagens como a linguagem própria da televisão, pois esse novo produto da grade de programação da Record TV, pode ter dado início a uma nova sequencia de programas televangelizadores, que, nas versões mais tradicionais e mais religiosas, parecem monótonos e desinteressantes pelo uso da linguagem comum aos púlpitos das catedrais e pelos horários de exibição cansativos das madrugadas. A categoria da pedagogia cultural, como um conceito caro para o campo da educação, nesse artefato cultural, pode ser percebida com uma outra dinâmica que não apenas a de ensinar modos de ser e de viver, pois demonstrou que, conjuntamente a isso, pode também apontar o contraexemplo de outras pedagogias culturais em outros artefatos culturais, dessa vez os do entretenimento comercial. Compreendi essa atuação do conceito nesse objeto pela introdução da cultura religiosa com origem na Igreja criticando a cultura profana de outros produtos da mídia. Essa mesma discursividade molda um modelo de casal que prioriza o casamento acima de qualquer problema, devendo superar o menor dos desafios para impedir uma separação, e que se inspira no homem e na mulher presentes no texto bíblico, no Antigo Testamento, inspiração que é vista no contexto da análise aqui empregada como um retrocesso para a vida real das mulheres. A ideia de retrocesso ou de *backlash* (Faludi, 2001) parece ser um elemento que adere facilmente à cultura religiosa da Universal, aliando-se à pedagogia cultural ensinada pelo *The Love School*. O *backlash* tem como característica operar como uma política cultural em forma de ciclos. Ciclicamente, a cultura parece nos fazer viver muitos momentos de intenso retrocesso (*backlash*), tanto por meio de determinados produtos da mídia quanto pelas reações de determinados grupos políticos nos impondo seus interesses. Consequentemente, pelas análises que aqui empreendi e por essas características assumidas pela IURD, penso que vivemos no Brasil contemporâneo um ciclo religioso de *backlash* (retrocesso) para as coisas da vida e para as relações amorosas, para dizer o mínimo.

**Palavras-chave:** *Backlash*; Casamento; Igreja Universal do Reino de Deus; Pedagogia Cultural; Religião.

---

BUENO, Paulo Fernando Zanardini. “**Vida eterna para os casamentos: a pedagogia evangelizadora da escola do amor da Igreja Universal do Reino de Deus**”. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2017. 171f

## ABSTRACT

This qualitative approach master's dissertation on Educational Cultural Studies has analyzed the lines of the presenters of a cultural artifact of television, The Love School show, and the subjects most discussed by them. As the first technique of the methodology used, this resource generated the source of empirical material registered in what I named "The Transcription Notebook". For the research, I have selected 24 (twenty four) editions of the show from November, 2014 to April, 2015. Marriage is the central theme of the show's agenda which is directly related to the principles underlying the Universal Church of the Kingdom of God. Through The love school show it was possible to realize that the Universal Church has developed a new way of talking about religion, by making use of other languages, such as the proper language of television, since this new product offered by the Record TV channel may have initiated a sequence of new evangelizing shows, which tend to be monotonous and uninteresting in their most traditional and religious versions due to the use of a language common to the cathedrals' pulpits as well as the tiresome show times. Such cultural artifact allow us to understand the concept of cultural pedagogy category, dear to the field of education, as a different dynamic that does not only teach ways of being and living, but also show the counterexample of other cultural pedagogies in another cultural artifacts, such as the commercial entertainment. I have understood this concept in such object through the introduction of the religious culture originating in the Church that criticizes the unholy culture of media products. This same discourse frames a standard of couple who prioritize marriage above any problem so as to overcome challenges to prevent a separation, and who is inspired by the men and women described in the biblical text, the Old Testament. Such inspiration has been considered here as a backlash to the real life of women. The idea of a backlash (Faludi, 2001) seems to be an element that easily adheres to the religious culture of Universal Church, allied to the cultural pedagogy taught by The Love School; it characteristically operates as a cyclic cultural policy. And, cyclically, the culture seems to make us live several moments of intense regression both through certain media products and through the reactions of certain political groups imposing their interests. Hence, I believe the contemporary Brazil is living a religious cycle of backlash regarding life and love relationship issues to say the least.

**Keywords:** Backlash; Marriage; Universal Church of the Kingdom of God; Cultural Pedagogy; Religion.

---

BUENO, Paulo Fernando Zanardini. "**Vida eterna para os casamentos: a pedagogia evangelizadora da escola do amor da Igreja Universal do Reino de Deus**". (Master's dissertation). Postgraduate Program in Education, Faculty of Education, Federal University of Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2017. 171f.

Dedico ao meu filho, Leonardo Melo Bueno, que nasceu em 14 de abril de 2013 na mesma data em que meu pai faleceu em 1974. Gosto de pensar que somos três desde então: pai, filho e avô, além disso, ele nasceu trazendo consigo uma forma de pedagogia: a de me fazer uma pessoa mais feliz.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço, ainda que simbolicamente, ao contribuinte brasileiro que financia o ensino público e gratuito desta Universidade.

Agradeço a UFRGS por mais esta titulação a mim conferida.

Agradeço a direção da Escola de Engenharia da UFRGS que em nenhum momento se opôs de eu realizar esse curso.

Agradeço a minha mãe, Lourdes Zanardini Bueno, pelo constante incentivo e pela pessoa calma e paciente que ela é, e por nunca me deixar desistir.

Agradeço a Silvia Regina Centeno, também servidora da UFRGS e mestra em educação por este mesmo programa de pós-graduação por ser uma ótima pessoa, muito divertida, e minha grande amiga.

Agradeço à Daniele Lemos dos Santos e a Camila Rotert Fritzen, estudantes de design visual da UFRGS, quando bolsistas no mesmo Núcleo de Tecnologias da Informação e Comunicação que trabalho por criarem e configurarem as figuras, quadros e imagens que utilizo nesta pesquisa.

Agradeço ao meu orientador, o professor doutor Luís Henrique Sacchi dos Santos que generosamente orientou este tema de pesquisa.

Agradeço aos membros da banca, ao professor doutor Ari Pedro Oro por ter me recebido generosamente na disciplina “Religião e Sociedade” em 2015, e me aconselhado sobre como o tema religião poderia ser abordado no referencial teórico deste trabalho.

Agradeço à professora doutora Maria Lúcia Castagna Wortmann, de quem fui aluno antes do mestrado na disciplina de “Introdução aos Estudos Culturais”, em 2013, ainda como aluno especial, e por sua contribuição de como melhor formular o conceito de pedagogia cultural.

Agradeço ao professor doutor Ricardo Mariano, da Universidade de São Paulo (USP), por integrar esta banca mesmo depois de eu já ter apresentado o projeto desta pesquisa.

E por fim, agradeço aos colegas de mesmo orientador, Lucimar Alberti, Patrícia Dalarosa, Ana Maria Nogueira, Jonathan Amaral e também a Janaina Kettenhuber pelas conversas qualificadas e pelos poucos, mas agradáveis momentos que convivemos.

## LISTA DE FIGURAS

### FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Mídia cruzada ( <i>crossmídia</i> ) do programa <i>The Love School</i> .....	23
<b>Figura 2</b> - Tipos de planos de enquadramento utilizados no programa <i>The Love School</i> .....	34
<b>Figura 3</b> - Nuvem de palavras (quarenta palavras).....	114

## LISTA DE QUADROS

### QUADROS

<b>Quadro 1</b> - Lista de quadros do programa <i>The Love School</i> .....	31
<b>Quadro 2</b> - Relação do novo quadro do programa <i>The Love School</i> .....	35
<b>Quadro 3</b> - Palavras mais frequentes.....	114
<b>Quadro 4</b> - Listagem das informações do <i>corpus</i> da pesquisa.....	117
<b>Quadro 5</b> - Lista de sinais – Caderno de Transcrições.....	118
<b>Quadro 6</b> - Investigação dos temas discutidos nos programas.....	120
<b>Quadro 7</b> - Distribuição em gráfico das unidades analíticas.....	122

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>2. THE LOVE SCHOOL CONTEXTUALIZADO.....</b>	<b>30</b>
<b>3. A RELIGIÃO COMO DIMENSÃO CULTURAL. ....</b>	<b>37</b>
3.1. Do pentecostalismo norte-americano ao neopentecostalismo no Brasil.....	49
3.2. A trajetória pessoal e religiosa de Edir Macedo .....	58
3.3. Igreja Universal do Reino de Deus: emergência, neopentecostalismo e transnacionalização .....	65
<b>4. GÊNERO COMO OPERADOR ANALÍTICO .....</b>	<b>78</b>
<b>5. O BACKLASH COMO POLÍTICA CULTURAL.....</b>	<b>89</b>
<b>6. O AMOR E O CASAMENTO COMO CONSTRUÇÕES CULTURAIS E HISTÓRICAS.....</b>	<b>97</b>
<b>7. ABORDAGEM METODOLÓGICA: MIX DE TÉCNICAS PARA ANÁLISE.....</b> <b>.....</b>	<b>110</b>
7.1. O <i>corpus</i> da pesquisa .....	116
7.2. Caderno de Transcrições dos programas <i>The Love School</i> .....	119
7.3. Análise prévia do material empírico .....	121
<b>8. O CASAMENTO NA CULTURA RELIGIOSA DA IGREJA UNIVERSAL E NA PEDAGOGIA CULTURAL DO PROGRAMA THE LOVE SCHOOL.....</b>	<b>126</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>148</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>151</b>
<b>APÊNDICE.....</b>	<b>166</b>

## APRESENTAÇÃO

Esta dissertação apresenta a pesquisa que empreendi tendo como material de análise transcrições das falas e os assuntos mais discutidos pelos apresentadores do programa *The Love School*<sup>1</sup> (A Escola do Amor), um artefato cultural circulante em diversas mídias, mas que utiliza como principal veículo de exibição uma emissora de sinal aberto, a Record TV<sup>2</sup>, *lócus* a partir do qual o referido programa será analisado.

Douglas Kellner (2001) considera a cultura da mídia como um espaço que possibilita diferentes pesquisas no campo dos Estudos Culturais. Nesse contexto analisado pelo autor é possível compreender os artefatos da mídia televisiva como importantes *lóci* para estudos com o auxílio de outros campos do conhecimento, os quais “compõem um campo intelectual diverso, sem um corpo fixo de conceitos, com múltiplas inspirações” (Escosteguy, 2012, p. 101).

A Record TV é uma empresa composta por emissoras de rádios e de televisão comerciais com longa história no campo das comunicações do Brasil, sendo a mais antiga em atividade no país. Ela pertenceu “ao grupo empresarial radiofônico de Paulo Machado de Carvalho, detentor das rádios Record, Bandeirantes, Pan-Americana, São Paulo e Cultura, a TV Record (Canal 7), de São Paulo, foi inaugurada em 27 de setembro de 1953” (Amorim, 2008, p. 02).

De acordo com Ricardo Mariano (2014), no final dos anos 80 (oitenta), a atual Record TV passou por um processo de decadência e estava quase falida com uma dívida de 300 (trezentos) milhões de dólares quando foi comprada do empresário Silvio Santos (no mês de novembro de 1989) pelo líder religioso da Igreja Universal do Reino de Deus<sup>3</sup>, bispo Edir Macedo, pelo impressionante valor de 45 (quarenta e cinco) milhões de dólares para aquela época<sup>4</sup>. Segundo Mariano, a astronômica dívida foi quitada logo após a aquisição, quando a Universal “realizou a campanha ‘sacrifício de Isaac’, na qual seus pastores doaram cinco salários mensais, carros, casas e apartamentos [...] fiéis de

---

<sup>1</sup> Uso entre aspas ou itálico ao longo do texto para as expressões que se referem ao programa *The Love School* e à Igreja Universal do Reino de Deus para destacá-las.

<sup>2</sup> Desde novembro de 2016 a Rede Record mudou sua marca para Record TV. Ao longo do texto poderá haver referência a Rede Record, TV Record ou a Record TV, sendo todas essas menções feitas à mesma emissora em períodos diferentes.

<sup>3</sup> Daqui em diante farei menção à Igreja Universal do Reino de Deus como IURD ou Universal.

<sup>4</sup> “Macedo não se contentava em alugar espaços radiofônicos ou televisivos. Sua intenção era ser proprietário de emissoras de rádios e de televisão. Assim, já no começo da década de 1980 iniciou o processo de aquisição de emissoras de rádios de norte a sul do Brasil para veicular programas religiosos” (Oro, 2015b, p. 01).

todo o país foram convocados a participar do sacrifício doando, além dos dízimos e ofertas, joias, poupanças e propriedades” (Mariano, 2014, p. 66).

É possível compreender que naquele momento houve uma grande competição pelo mercado religioso (com a Igreja Católica) e pelo mercado midiático (com a Rede Globo e com a extinta Rede Manchete), pois “a compra da Rede Record de Rádio e Televisão no final de 1989 despertou a atenção de setores não-religiosos e religiosos sobre a Universal” (Op. cit., p. 69). Apesar disso, esses conflitos não impediram o crescimento tanto da Universal quanto do grupo Record. Wendell Rodrigues Silva (2012, pp. 12-13) analisa que,

quando percebeu que poderia usar recursos midiáticos, a partir de experiências americanas, a Igreja Universal obteve crescimento impressionante. Ela (e outras que a seguiram) configurou um novo cenário religioso no país. Surgiu um mercado da fé, abastecido por práticas midiáticas e discursos voltados para uma religião de bem-estar, da prosperidade e de uma ferrenha disputa por fiéis.

A Record TV é um meio de comunicação comercial, com uma característica peculiar, a de ter um editorial jornalístico eclesial devido à sua relação com a Universal. A Record TV opera como extensão desta igreja para quem vende o horário da grade de sua programação para exibição específica de programas religiosos, principalmente durante a madrugada, relação que torna a IURD cliente comercial da Record TV<sup>5</sup>. As duas instituições pertencem à mesma pessoa: ao bispo Edir Macedo. Como proprietário da Record TV e da Universal, “hoje, Macedo é considerado, pela revista Forbes, o pastor mais rico do Brasil com uma fortuna estimada em cerca de 555 milhões de dólares” (Oro, 2015b, p. 01).

A exposição desses programas da Universal durante a madrugada funciona como uma estratégia da Universal porque, segundo o bispo Macedo, é quando as pessoas estão mais aflitas, visto que durante o dia estão envolvidas com seus compromissos pessoais e “as dores de suas almas” as afligem nesse turno do dia<sup>6</sup>. Mariano (2014, pp. 67-68) entende que uma emissora de televisão realizando exclusivamente proselitismo

---

<sup>5</sup> “[...] nas madrugadas de sexta-feira, verificamos o fascínio dos pastores de referida igreja pelos demônios, invariavelmente identificados aos cultos afro-brasileiros. Para publicizar o poder exorcista de Deus e de seus intermediários na terra. Às sextas-feiras a TV do bispo exibe os chamados ‘cultos de libertação’, cujos protagonistas, devidamente incorporados e solícitos, atendem a alcunha de Exu Caveira, Maria Mulambo entre outros” (Mariano, 2014, p. 17).

<sup>6</sup> Para “o uso proselitista que a Universal faz da TV [...] conforme Macedo, apenas os horários do início e do final da programação da Rede Record, cujo principal cliente ainda é a Igreja Universal, são reservados para transmissão de programas evangelísticos” (Op. cit., p. 67).

religioso e com pauta evangélica teria muitas dificuldades de se manter financeiramente. Assim,

desde o início, a adoção de programação comercial fez-se necessária, dada a inviabilidade econômica de manter uma rede de TV aberta apenas ou majoritariamente com programas evangélicos, cujos índices de audiência na Grande São Paulo, segundo o Ibope, não atingem sequer um ponto. Mas esta talvez não seja a razão principal, e sim o fato de que a cúpula da Universal, como toda liderança empresarial, ambiciona possuir uma rede de TV comercial lucrativa, influente e poderosa.

“Hoje a TV Record cobre 98% do território nacional e se consolidou como a emissora de televisão que detêm a segunda maior audiência do país” (Oro, 2015b, p. 02). No Rio Grande do Sul, por exemplo, ela expandiu sua rede ao comprar a televisão do grupo Caldas Junior, assim como as duas rádios Guaíba (apenas a TV Guaíba passou a ser TV Record), as emissoras de rádio<sup>7</sup> mantiveram a marca original (Guaíba). A Rede Pampa de Televisão e o Grupo Bandeirantes de Porto Alegre alugam horários para a Universal apresentar programas religiosos em horários diferentes dos apresentados na Record TV<sup>8</sup>.

Segundo Macedo, “o matrimônio é fundamental no relacionamento humano. Ele simboliza a aliança eterna com Deus” (Macedo, 2014, p. 163). Dentro deste contexto da Universal e seus negócios, o programa *The Love School* reitera, dentro dos princípios dessa igreja, o casamento como seu tema central. O casamento organiza e fundamenta todas as discussões dos demais assuntos articulados que compõem esse programa. A formação de novos pares constituídos por homens e mulheres e a manutenção de casamentos, em especial aqueles que atravessam crises de convivência, compõem a linha do seu editorial. A proposta deste artefato é de ensinar às pessoas como conquistar e manter uma vida amorosa entendida como saudável, tendo como base princípios

---

<sup>7</sup> Em Porto Alegre 5 (cinco) emissoras de rádio transmitem programas da Universal: Rádio Guaíba 720 AM; Rádio Guaíba 101,3 FM; Rádio Aleluia 100,5 FM; Rádio Capital 840 AM; e Rádio Catedral 1210 AM. Canais de transmissão do *The Love School*. Disponível em:

<<https://www.dropbox.com/s/yqva6w6t08sa9rx/Canais%20de%20transmiss%C3%A3o%20-%20Love%20School.pdf>> - Acesso em: 14 abr. 2015.

<sup>8</sup> A Pampa apresenta o programa “Terapia do Amor” de segunda a sexta-feira a partir das 12h. Disponível em: <<http://www.hagah.com.br/tv/canal/tv-pampa-rede-tv-porto-alegre>>; a Bandeirantes apresenta o programa “Ponto de Luz” de segunda a sexta-feira às 14h. - Disponível em: <<http://www.band.uol.com.br/tv/rs/programacao.asp>> - Acessos em: 03 nov. 2015.

religiosos que guiam a Universal de vertente neopentecostal<sup>9</sup>. Para Ari Pedro Oro (2015a, p. 01),

o pentecostalismo ampliou os seus espaços de poder e de representação social inserindo-se no espaço público com o uso das mídias, especialmente da televisão e com a entrada no político institucional, nos países em que isso é possível, além de ingressar na vida cotidiana dos fiéis com as noções de prosperidade terrena e de forças persecutórias do mal.

O culto temático conhecido por “Terapia do Amor<sup>10</sup>” (corrente pela sagrada família) acontece nos principais templos da IURD em todo o Brasil, e na nova sede mundial da Universal em São Paulo, o Templo de Salomão. A ideia desse culto é tratar espiritualmente os traumas e as mágoas do passado das pessoas para torná-las a pessoa certa a fim de ter um relacionamento e uma vida sentimental feliz, além de igualmente resolver problemas familiares prejudiciais para a relação, o casamento e a família. Os apresentadores do *The Love School* utilizam o encontro da “Terapia do Amor”, que acontece às quintas-feiras no Templo de Salomão, em São Paulo, para realizarem suas palestras presenciais (para casados e solteiros) como continuidade do programa da televisão, e é a partir desse ponto, na Igreja, que a pedagogia cultural<sup>11</sup>, que opera esse artefato cultural, parece iniciar sua circulação.

Esta pesquisa, de cunho qualitativo, está inscrita no campo dos Estudos Culturais na área de Educação, e o procedimento metodológico utilizado é composto pela técnica de transcrição dos programas televisivos do *The Love School* para análise de texto oral (utilizei para essa análise um recorte de programas como fonte documental), pela técnica de análise de discurso I, tal como compreendida por Gillian Rose (2007), pela análise cultural que, de acordo, com Maria Lúcia Castagna Wortmann (2007, pp. 84-85), “ao se realizarem análises culturais, atente-se para o modo como o discurso constrói, de forma sistemática, versões do mundo social e natural e para o modo como

---

<sup>9</sup> “Trata-se, especialmente, da ênfase atribuída ao exorcismo – baseada, sobretudo nas teologias da guerra espiritual e da prosperidade, da participação na política institucional, no investimento nas mídias e numa certa liberalização dos costumes” (Oro, 2011. p. 384).

<sup>10</sup> “Homens e mulheres sonham em ter ao seu lado uma pessoa atenciosa, gentil, educada, amorosa, entre outras qualidades. Mas nem sempre esse ‘sonho de amor’ condiz com a realidade. Muitas vezes, nos espelhamos em nós mesmos para idealizar o parceiro adequado. Mas o fato é que as pessoas são diferentes umas das outras, e é preciso investir na vida amorosa, saber construir um bom relacionamento. Parece complicado? Seria mais fácil encontrar alguém que tivesse tudo o que você procura? Mas e você, tem tudo o que o outro procura em alguém? Para entender como é possível ser feliz no amor, superando as diferenças e contratempos comuns numa relação, participe, nesta quinta-feira, da Terapia do Amor, um encontro em que você receberá orientações importantes para a vida amorosa”.

Disponível em: <<http://sites.universal.org/terapiadoamor>> - Acesso em: 10 nov. 2014.

<sup>11</sup> Adiante explorarei esse conceito mais detidamente no capítulo de introdução da pesquisa.

ele posiciona os indivíduos nas relações de poder”. Empreguei ainda o *software* NVivo (versão 2010) para auxiliar na sistematização das informações.

O campo dos Estudos Culturais me permitirá analisar o programa *The Love School* como um artefato cultural e pedagógico utilizando, no conjunto de categorias que comporão o referencial teórico, a religião como primeira ferramenta analítica dessa análise. Marcelo Tadvald (2005, p. 14) destaca que estudar religião na contemporaneidade opera com as seguintes implicações, i.e., é preciso

observarmos como se enraízam e como se movimentam as mudanças; observarmos quais são os aspectos mais gerais que conformam os aspectos mais particulares desse trânsito, que ocorre entre diversas fronteiras, reais ou imaginárias, nacionais ou transnacionais; observarmos em que medida essa nova realidade-mundo transforma os sujeitos e suas relações, reforça ou fragmenta estruturas sociais e códigos culturais.

Os Estudos Culturais também me ajudarão a problematizar as questões de gênero presentes neste programa tomando o conceito de gênero como operador analítico. Outro eixo importante que inclui é o conceito de *backlash* (retrocesso), tal como proposto por Susan Faludi (2001), como política cultural que promove uma reação conservadora às conquistas das mulheres.

Os Estudos Culturais me permitirá igualmente, de forma específica, a partir de outros operadores analíticos como o do amor e o do casamento, articulados com os conceitos de religião e de gênero, que eu realize uma discussão sobre esses temas em um artefato cultural da mídia, e que o programa *The Love School* parece produzir muitos significados nessa direção.

Para Tomaz Tadeu da Silva (1999), os programas de televisão como produtos da cultura, pelo seu potencial pedagógico de ensinarem modos de ser e de viver para as pessoas, podem ser equiparados aos processos escolares, ampliando assim, a possibilidade de interpretarmos o pedagógico para além do que é ensinado nas escolas.

A partir dessa perspectiva analisarei o programa *The Love School* como um sistema extraescolar considerando que o que é posto por este artefato cultural pedagógico se constitui em um sistema de significados que ensina modos de ser e de viver para homens e mulheres.

Esta dissertação está assim organizada: no primeiro capítulo introduzo a pesquisa, o objeto desse estudo e sua aproximação com o conceito de pedagogia cultural. No segundo capítulo, contextualizo o programa *The Love School*. O terceiro,

quarto, quinto, e sexto capítulos ancoram a fundamentação teórica da pesquisa. Apresento a religião como dimensão cultural, o conceito de gênero como operador analítico, o conceito de *backlash* (retrocesso) como política cultural, e os conceitos de amor e de casamento como construções culturais e históricas.

O sétimo capítulo reservo para a composição de metodologias escolhidas a fim de responder aos objetivos. Relaciono também neste capítulo metodológico o *corpus* da pesquisa, descrevo a organização do “*Caderno de Transcrições*” dos programas delimitados como coleta do material empírico, e disponibilizo no apêndice, um exemplo de transcrição.

Por fim, o oitavo capítulo, é propriamente aquele em que se encontra a análise do material empírico da pesquisa, onde analiso o casamento na cultura religiosa da Igreja Universal e a pedagogia cultural do programa *The Love School*, e alguns dos assuntos mais discutidos pelo casal de apresentadores classificados como unidades analíticas.

Tendo situado em breves linhas o referencial teórico e tendo localizado meu objeto de pesquisa de modo inicial, passo, na sequência, a introduzir mais detidamente o objeto proposto para a pesquisa e a aproximação do conceito de pedagogia cultural com esta investigação.

## 1. INTRODUÇÃO DA PESQUISA

*The Love School* é um artefato pedagógico cultural televisivo endereçado ao público jovem e adulto exibido todos os sábados, no horário do meio-dia, pela Record TV, desde o mês de novembro de 2011<sup>12</sup>. Ele é reprisado pela Record News, às 17h também aos sábados, pela Rede Família (transmitida por satélite digital) às 14h30min. e às 17h30min do mesmo dia, e pela Rede CNT, de segunda à sexta, às 21h. Também está na programação da Record Internacional<sup>13</sup> (em *closed caption*) para mais de 150 (cento e cinquenta) países nos cinco continentes, além de contar com um espaço alugado na programação do Canal 21 (UHF) de São Paulo, às 15h e às 20h, que pertence à Rede Bandeirantes de Televisão (R7, 2015).

A “Escola do Amor” é apresentada por Renato Cardoso, bispo da Universal, e por Cristiane Cardoso, que são casados, e reconhecidos como “palestrantes sobre relacionamentos”. Cristiane e Renato se casaram em 1991 e, a partir de então, percorreram vários países, como os Estados Unidos, a África do Sul e a Inglaterra, onde fundaram templos da Universal. Nos Estados Unidos, essa passagem do casal, primeiro por Nova York (depois seguiram para Houston, no Texas onde criaram o curso *Casamento blindado*), foi para que Cristiane “aprendesse a ser esposa” quando conviveu com outros casais na mesma habitação (Cardoso e Cardoso, 2012). Cristiane é a filha primogênita do fundador da Universal, o bispo e empresário Edir Macedo, concessionário dos canais de televisão e de estações de rádios do grupo Record de comunicação (Universal, 2015; R7, 2015).

A pauta da “Escola do Amor”, como dito antes, aborda, a partir de diferentes situações, uma questão recorrente: o casamento. O programa faz uma defesa contínua de um modelo de matrimônio, i.e., o casamento tradicional, cristão e formado por um casal heterossexual. O programa inclui uma constante orientação para casais e para solteiros conquistarem uma vida amorosa plena, e, a partir da ideia de “educação matrimonial” ensinada nos programas, sugere o casamento como a melhor solução para todos os problemas individuais. Para Albuquerque Junior (2010, p. 22), “em nossos dias a mídia,

---

<sup>12</sup> CHAGAS, Tiago. “A escola do amor”: TV Record passou a transmitir programa de autoajuda da IURD para casais. Gnotícias. Disponível em: <<http://noticias.gospelmais.com.br/escola-amor-record-transmitir-programa-casais-27412.html>> - Acesso em: 09 abr. 2015.

<sup>13</sup> Programação de qualidade em mais de 150 (cento e cinquenta) países. Disponível em: <<http://recordinternacional.r7.com/noticias/detales/conheca-a-empresa-20101026.html?print=true>> - Acesso em: 09 abr. 2015.

as novelas de televisão, os meios de comunicação de massa são importantes e onipresentes pedagogos, a distribuir [sic] regras para orientar nossas vidas e até nossas mortes”, observação que cabe também para a pedagogia cultural do *The Love School*. O elenco deste programa, além do casal de apresentadores, é composto por celebridades, artistas, atletas, empresários e por pessoas do cotidiano que são convidadas a relatarem as suas experiências, podendo estar ou não vinculadas à Universal.

Essa educação matrimonial tem continuidade em forma de “aulas extras” e “lições de casa”, como no caso do “Minuto do casamento”. A inserção do “Minuto” ocorre durante a semana, de segunda à sexta-feira, por volta das 12h, na Record TV, numa espécie de *drops* com dicas de como os relacionamentos podem ser conduzidos, com muitas explicações didáticas de ideias presentes no livro de autoajuda “*Casamento blindado*<sup>14</sup>” de autoria dos Cardoso. É reiterado a cada edição do “Minuto” e do *The Love School* o quanto as relações humanas são mal conduzidas pelos casais por privilegiarem a emoção ao invés da razão nas suas escolhas afetivas. Também os costumes e outras produções culturais do entretenimento comercial (como e.g., as músicas populares, os filmes com origem em *Hollywood*, os enredos das novelas brasileiras, e hábitos e costumes da contemporaneidade como o uso das redes sociais digitais) são criticados por influenciarem negativamente a constituição ou o bom andamento dos relacionamentos amorosos. Neste sentido,

a mídia em geral (filmes, novelas, internet, livros etc.), a cultura, a política, as leis, as celebridades, o ensino nas escolas e universidades — enfim, todos os maiores poderes de influência na sociedade — estão se tornando (ou já são) predominantemente anticasamento (Cardoso e Cardoso, 2012, p. 18).

Contraopondo-se a isso, seus apresentadores “ensinam” a audiência a evitar essas influências e a corrigir seus efeitos, e nesses ensinamentos focalizam possíveis contraexemplos que possam decompor esse modelo matrimonial citado acima.

A divulgação do programa se utiliza de uma ampla rede polivalente em termos de uso de tecnologias da comunicação, organizando-se e assumindo a linguagem específica dos diferentes meios de comunicação<sup>15</sup>, i.e., são canais de televisão pelo

---

<sup>14</sup> Em 2015, o livro “*Casamento blindado*” atingiu 3 (três) milhões de cópias vendidas. “*Especial Retrospectiva*”, 1min55s, publicado em 13/01/2016. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=LX1Uqw6Pv-A>> - Acesso em: 12 abr. 2016.

<sup>15</sup> Canais de transmissão. Saiba como acessar o *The Love School* (A Escola do Amor). Disponível em: <<https://www.dropbox.com/s/yqva6w6t08sa9rx/Canais%20de%20transmiss%C3%A3o%20-%20Love%20School.pdf>> - Acesso em: 09 abr. 2015.

sistema de sinal aberto e a cabo (alguns desses canais de sinal aberto são de cobertura regional de empresas afiliadas a Record TV, e à Record Internacional); redes sociais digitais (em contas específicas dos programas, e, por extensão, nas contas individuais dos apresentadores com milhares de seguidores<sup>16</sup>); em uma conta do aplicativo para celular *whatsApp*; e no site “Terapia do Amor” para perguntas sobre relacionamento entre as pessoas.

Os apresentadores utilizam-se ainda de mais uma estratégia, a interação com o público por intermédio de diferentes redes sociais digitais (como *Facebook* e *Twitter*), solicitando conselhos dos seguidores para os problemas tratados nos programas. A interatividade com a audiência é um dos pontos principais, dando-se, por exemplo, por meio de endereço eletrônico (*e-mail*). Tal articulação de diferentes meios de divulgação pode ser mais bem compreendida através da seguinte passagem apresentada por Marisa Vorraber Costa e Paula Andrade (2015, pp. 845-846), ou seja,

a compreensão de que diferentes artefatos da cultura são produtivos na formação dos sujeitos encontrou nos Estudos Culturais e nas discussões e análises sobre *pedagogias culturais* fundamentação teórica e empírica pertinente. Com isso, novas e riquíssimas discussões sobre esta hibridação entre Educação e Comunicação começaram a ser produzidas, uma vez que os artefatos da cultura contemporânea provavelmente mais implicados na formação de sujeitos são textos televisivos, jornalísticos, radiofônicos, publicitários, fotográficos, fílmicos, assim como aqueles das assim chamadas novas mídias, conectadas a *world web wide*, [grifo das autoras].

Outro meio de multiplicação desse programa dá-se através da Rede Aleluia, uma cadeia nacional de estações de rádios. Além disso, o casal assina uma coluna semanal na *Folha Universal*<sup>17</sup> (jornal impresso da IURD), denominada “Escola do Amor Responde” com distribuição em todos os templos daquela Igreja<sup>18</sup>.

O “Escola do Amor Responde”, como programa, tem inserção diária às 20h pelo canal 21 (UHF) do grupo Bandeirantes, é reprisado pela Rede CNT, às 21h, pela Record

---

<sup>16</sup> Redes sociais: Cristiane Cardoso e Renato Cardoso utilizam *blog*, *Facebook*, *Twitter* e *Instagram*; o programa *The Love School* utiliza *Facebook*, *Twitter* e *Instagram*; a divulgação do “Casamento blindado” utiliza *Facebook*; e a da “Terapia do Amor” utiliza *Facebook*. Disponível em: <<http://www.casamentoblindado.com/index.html#redes>> - Acesso em: 09 abr. 2015.

<sup>17</sup> Versão impressa (para consulta *online*). Disponível em: <<http://www.universal.org/folha-universal>> - Acesso em: 09 abr. 2015.

<sup>18</sup> “É também proprietária do Correio do Povo de Porto Alegre, do Jornal Hoje em dia, de Minas Gerais, da Tribuna Universal em Portugal e do *Stop Suffering*, na África do Sul. Publica ainda as revistas ‘Plenitude’ e ‘Obreiro de Fé’, com tiragem de mais de 200 mil exemplares. A Unipro é a editora da própria Universal, que lança a maior parte dos livros inclusive muitos de Edir Macedo” (Oro, 2015a, p. 02).

News, às 17h, e pela R7 TV, reforçando, assim, o aprendizado presente nos demais produtos com a proposta de *tirar dúvidas sobre relacionamento e vida de solteiro* com perguntas enviadas por *e-mail* pela audiência e respondidas pela família Cardoso. O “Escola do Amor Responde” é bastante inusitado porque assume a seguinte dinâmica: é um quadro no programa *The Love School*, é um programa completo e independente em outras emissoras, é um programa de rádio na Rede Aleluia, e uma coluna no jornal Folha Universal. Com essa complexidade, este artefato cultural, é apresentado como extensão do programa *The Love School exclusivo para responder dúvidas dos telespectadores*.

Cristiane Cardoso também escreveu livros com temas específicos para as mulheres, sobressaindo-se o título “*Casamento blindado: seu casamento à prova de divórcios*”<sup>19</sup>, volume escrito em coautoria com o marido, Renato Cardoso (publicação que, no ano de 2012, ficou várias semanas na lista dos mais vendidos do gênero autoajuda). Por fim, o programa ainda disponibiliza uma revista feminina<sup>20</sup> que aborda temas variados, com extensa tiragem nacional (que ensina às mulheres a serem vaidosas sem serem vulgares), e o site oficial do programa<sup>21</sup>. Cada um dos apresentadores assume paralelamente dois outros projetos para homens e mulheres respectivamente, i.e., o Renato coordena o *Intellimen*<sup>22</sup> (voltado para formar homens inteligentes e melhores), e a Cristiane o *Godllywood*<sup>23</sup> (voltado para resgatar valores culturais esquecidos).

Outra plataforma lançada pela Universal é o canal Univer<sup>24</sup> de *streaming* (tecnologia para transmissão de conteúdos multimídias) com uma programação unicamente religiosa semelhante ao *Netflix* norte-americano (maior serviço de *streaming* do mundo). São exibidos documentários, filmes, séries, clipes de músicas *gospel*, desenhos bíblicos, transmissões de cerimônias no Templo de Salomão, e discussões sobre o sucesso financeiro e vida a dois (sobre casamento), e com esse tema

---

<sup>19</sup> “Casamento blindado”. Disponível em: <<http://www.casamentoblindado.com/index.html>> - Acesso em: 29 out. 2015.

<sup>20</sup> Revista *The Love School* (Propõe mostrar caminhos para uma vida conjugal a dois. Estrutura-se em editoriais âncoras por seções fixas ou matérias: beleza/saúde, casa/decoração, culinária, comportamento, cultura, finanças e viagem). Disponível em: <<http://www.arcacenter.com.br/livros/revistas.html>> - Acesso: em 08 jul. 2015.

<sup>21</sup> *The Love School* – A Escola do Amor. Disponível em: <<http://entretenimento.r7.com/love-school-escola-amor>> - Acesso em: 09 abr. 2015.

<sup>22</sup> *Intellimen*. Disponível em: <<http://sites.universal.org/intellimen/>> - Acesso em: 18 de maio 2016.

<sup>23</sup> *Godllywood*. Disponível em: <<http://www.godllywood.com/br/>> - Acesso em: 16 de maio 2016.

<sup>24</sup> UNIVER - Disponível em: <<https://univerparacer.com/>> - Acesso em: 11 de maio 2016.

“programas como ‘The Love School’, de Cristiane e Renato Cardoso, exibidos pela Record TV aos sábados, aparecem como destaque” (Isto É Dinheiro, 2016, p. 01).

O grupo Record, disponibilizando essa rede polivalente de canais para o *The Love School* que conta “com as estações de rádio que explora, jornais, revistas e, especialmente, com a *Record*, compete no mercado midiático brasileiro para ocupar o segundo lugar, somente abaixo da Rede Globo” (Oro, 2011, p. 388). Esse grupo inovou ao receber na grade de programação da emissora um programa da Universal como atração em horário diurno, o *The Love School*, diferenciando-se dos programas exibidos durante as madrugadas.

As múltiplas conexões midiáticas descritas e utilizadas pela produção do programa *The Love School* pode ser mais bem compreendida pela ideia de “cultura da convergência<sup>25</sup>”, de Henry Jenkins (2009). Para o autor, a convergência é “o fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação” (Jenkins, Op. cit., p. 29). Representaria também uma transformação cultural quando quem consome os produtos midiáticos é estimulado a procurar as conexões dos conteúdos em diferentes mídias.

A difusão de conteúdo no modelo *The Love School* é denominado, por Jak Boumans (2004), de *crossmídia* ou mídia cruzada, ligando o público a vários *links* (endereços eletrônicos na internet). Nilda Jacks *et. al.* (2013, p. 182) entendem esse recurso (*crossmídia*) a partir da seguinte compreensão: “se não há autonomia dos conteúdos espalhados em múltiplas plataformas, estamos falando de *crossmídia*, que é o cruzamento de diversos meios com a mesma narrativa, portanto sem autonomia de conteúdo em cada plataforma”. Boumans (2004, p. 04) não definiu o que é o modelo *crossmídia*, mas listou as seguintes especificidades:

- 1) envolve mais de um meio; 2) tem por objetivo uma produção integrada; 3) o conteúdo é distribuído em múltiplos dispositivos – PCs, celulares, TV, ITV, rádio; 4) mais de um meio é necessário para suportar uma mensagem/história/objetivo; 5) a mensagem/história/objetivo comum é distribuída em diferentes plataformas e o suporte para a interação é apoiado nelas.

---

<sup>25</sup> Convergência é uma “palavra que define mudanças tecnológicas, industriais, culturais e sociais, no modo como as mídias circulam em nossa cultura [sic] convergência é entendida aqui como um processo contínuo ou uma série contínua de interstícios entre diferentes sistemas de mídia, não uma relação fixa” (Jenkins, 2009, p. 377).

As novas formas de mídias mudaram tanto a produção quanto a forma de consumir a informação, i.e., o modelo clássico de distribuir a informação em um único canal passou por uma intensa transformação quando incidiu de ser difundido em diferentes plataformas de comunicação com o advento da era da convergência. Boumans (2004) ressalta que o cruzamento das mídias surgiu na Holanda, no fim dos anos 1990, no programa *Big Brother*, gênero de *reality show* licenciado para muitos países pela empresa *Endemol*. O *Big Brother*, versão holandesa, inaugurou esse formato que confina muitas pessoas de diferentes lugares e de diferentes personalidades numa casa sem acesso ao telefone ou à televisão. Contudo, a forma de distribuir esse programa para a audiência, e.g., reunia diversas mídias como a TV analógica de sinal aberto, a TV a cabo (UHF) com participação interativa dos telespectadores, a Internet, os telefones móveis, além de outros suportes como jornais e revistas, pois “é sabido que essas ações também se dão entre os demais veículos tradicionais de mídia, como jornais impressos etc.” (Jacks *et. al.*, 2013, p. 219).

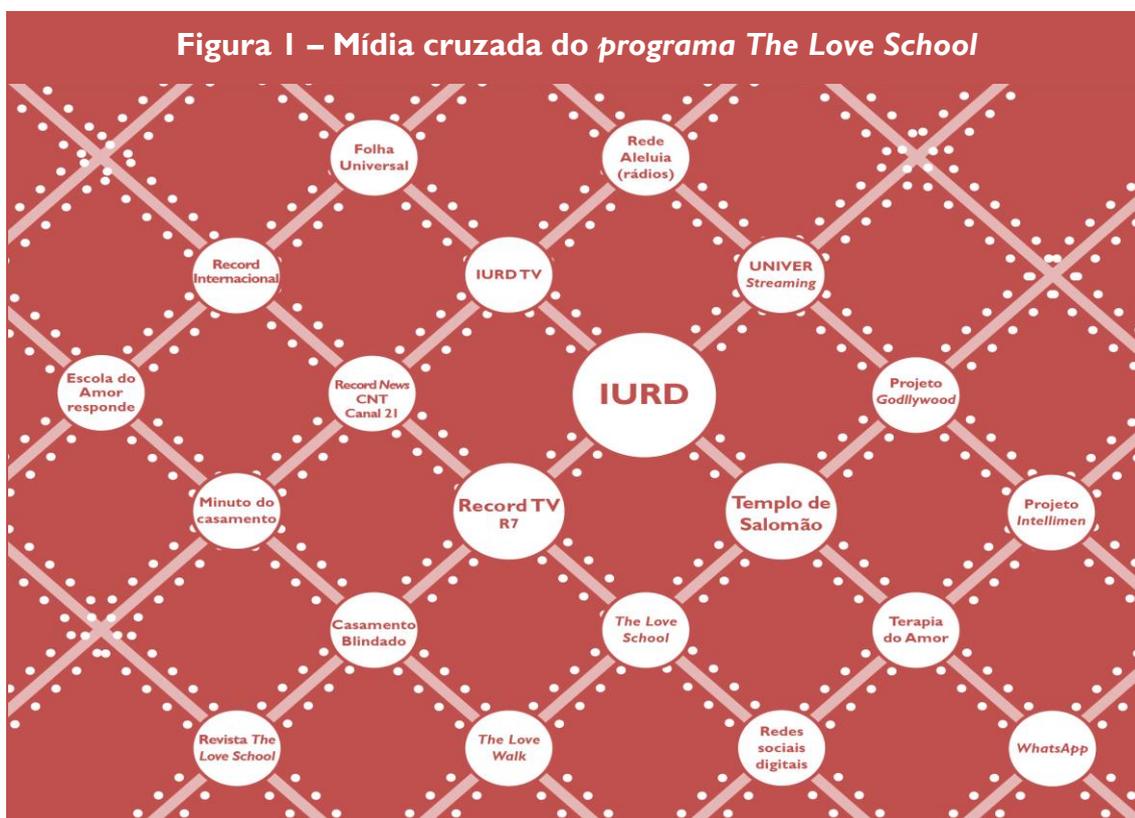
Para Boumans (2004, p. 238), a mídia cruzada necessita de várias plataformas combinadas a partir de um meio para distribuir a mensagem ou o tema objeto da transmissão. Entende-se, assim, que nessa nova realidade “uma das características mais marcantes da *crossmídia* é justamente o cruzamento de informações entre as diversas mídias disponíveis na Internet ou mesmo *off-line*”. Nesse sentido, cada mensagem distribuída por meio do recurso *crossmídia* reúne uma única narrativa circulando num conjunto de meios com o objetivo de comunicar alguma informação ao maior número de pessoas. Deste modo, uma mesma mensagem circulando por diferentes meios de comunicação pode seguir sendo debatida mesmo que o programa principal não esteja em exibição. No caso do programa *The Love School* a televisão<sup>26</sup> - em meio a esse circuito de comunicação da Universal -, parece assumir o protagonismo na distribuição do tema casamento para os demais meios (numa espécie de âncora que centraliza as informações que circulam nas demais mídias). Seguindo a estratégia *crossmídia*, as pautas do programa introduzem os temas, i.e., convidam e estimulam a audiência a

---

<sup>26</sup> “Quando percebeu que poderia usar recursos midiáticos, a partir de experiências americanas, a Igreja Universal obteve crescimento impressionante. Ela (e outras que a seguiram) configurou um novo cenário religioso no país. Surgiu um mercado da fé, abastecido por práticas midiáticas e discursos voltados para uma religião de bem-estar, da prosperidade e de uma ferrenha disputa por fiéis” (Silva, 2012, pp. 12-13).

acessar as demais plataformas de comunicação na *web* para opinar, pois “a ação crossmídia se caracteriza entre a televisão e a Internet, duas plataformas distintas, com características próprias e que possuem ferramentas específicas na construção e divulgação de suas mensagens” (Op. cit., p. 219).

Desdobram-se nesse programa, com o uso do cruzamento de suas mídias, a intersecção de diferentes linguagens agregadas, i.e., uma específica dos audiovisuais e outra específica da agenda religiosa da IURD. O artefato cultural “A Escola do Amor” parece ser bastante multifacetado enquanto produto midiático somado a seu formato de pedagogia cultural singular, caracterizado pelo uso dos mais variados meios de comunicar essa pedagogia misturando formas escritas e visuais. Outro ponto a ser destacado é a resposta da audiência junto às mídias sociais digitais do *The Love School*, o que pode ser visto como um fenômeno de comunicação pelo grande número de seguidores. Há muitos investimentos nas mais diversificadas plataformas de comunicação de propriedade da Universal, pois “as mensagens audiovisuais possuem uma grande capacidade de transmissão de conteúdo” (Wohlgemuth, 2005, p. 11) e alcançam pessoas das mais diferentes classes sociais.



Na figura 1 apresento uma ideia de mídia cruzada do programa *The Love School* tendo ao centro a IURD, diversos canais de comunicação e pequenos pontos simulando o alcance da audiência.

Tadvald (2015, p. 251) observa que “no caso da IURD, de pouco adianta tal investida nos meios de comunicação sem a vivência do cotidiano dos templos e dos cultos, onde a mensagem veiculada pode ser devidamente experienciada, ao encontrar ali o seu universo prático de significação”. Portanto, “o uso dos veículos de comunicação radiofônicos, televisivos e digitais, constitui a forma privilegiada do neopentecostalismo realizar o proselitismo religioso visando atrair pessoas aos templos” (Oro, 2015a, p. 04). Assim, considerando a proliferação de pontos de multiplicação desse programa, é possível recorrer a um dos conceitos que, no âmbito dos Estudos Culturais, tem se mostrado muito produtivo para o entendimento e a problematização dos modos de produção da cultura contemporânea. Trata-se do conceito de pedagogias culturais, tal como expresso por Wortmann *et. al.* (2015, p. 37) como sendo

um dos conceitos-chave [...] largamente utilizado para abordar a multiplicidade de processos educativos em curso, para além daqueles que têm lugar em instituições historicamente vinculadas a ações de educar (como é o caso da escola, da família, da igreja etc.).

Conforme Dagmar Meyer (2003, p. 22) “o conceito de pedagogias culturais é a ampliação das noções de educação e de educativo”. Para a autora, por meio desse conceito há uma aproximação de “forças e processos que incluem a família e a escolarização”. Contudo, essa noção de educação e de educativo não se limitaria a família e a escolarização, e não haveria uma harmonia entre essas duas forças e esses processos. As forças que a autora se refere seriam os artefatos culturais como os da comunicação, i.e., os objetos lúdicos, as artes, o entretenimento, entre outros formatos; os processos seriam as formas de ensino e de apreender essas pedagogias. Meyer inclui ainda as diferentes formas de ser vivido e concebido o gênero e a sexualidade, a forma de nos relacionarmos com as autoridades, à forma de conhecer o “eu e o outro”, redefinido assim, e.g., os modos que são teorizados temas como “o currículo, o ser professor, o ser aluno e os processos de ensino e aprendizagem”. Em vocabulário crítico sobre teoria cultural e educação, organizado por Silva (2000, p. 89), encontramos que pode ser entendido como uma pedagogia cultural “qualquer instituição ou dispositivo cultural que, tal como a escola, esteja envolvido – em conexão com relações de poder – no processo de transmissão de atitudes e valores”. Isso

inclui “áreas pedagógicas” entendidas como “aqueles lugares onde o poder é organizado e difundido, incluindo-se bibliotecas, TV, cinemas, jornais, revistas, brinquedos, propagandas, videogames, livros, esportes etc.”. Com

base nesse entendimento, têm sido investigados tanto variados veículos da mídia jornalística impressa e televisiva, contemplando não só matérias “informativas”, mas também peças publicitárias, quanto produtos de entretenimento, tais como filmes, desenhos animados, seriados de TV; neles se têm buscado esquadrihar seus “ensinamentos”, pertencentes a uma gama também muito variada (Costa *et. al.*, 2003, p. 56).

Viviane Camozzato e Marisa Vorraber Costa (2013, p. 28) referem que, em todas as sociedades, os diferentes interesses competem entre si para dar uma ou mais de uma direção às pessoas, e que esses interesses estariam situados em relações de poder, e “identificamos nessa especificidade uma das condições de possibilidade para a emergência de uma pluralização no conceito de pedagogia”. Nesse sentido, Wortmann *et. al.* (2015, p. 38) observam também que,

há hoje uma proliferação e pluralização das pedagogias, expressão de um refinamento das artes de governar, regular e conduzir sujeitos. Sendo o conceito de pedagogia histórico, mutável, produzido e reproduzido nas contingências de cada tempo-espaço, é visível, na condição cultural contemporânea, que mais e mais pedagogias vão sendo inventadas para tentar dar conta do aleatório num contexto em que a educação enfrenta dificuldades.

Tendo apresentado como situo esse programa, cabe fazer uma breve digressão para que eu possa mostrar como este tema de pesquisa chegou até mim. E devo dizer que tal chegada se deu de uma maneira simples, quando eu assistia a um outro programa de esportes numa manhã de um longínquo sábado do ano de 2011, o “Esporte Fantástico” da Record TV. Não houve intervalo nem inserção de comerciais e o *The Love School* passou a ser exibido imediatamente após o programa de esporte. Consultei um colega jornalista que trabalha numa empresa comercial de comunicação, e também é pós-graduando em comunicação da UFRGS, sobre esta estratégia (de emendar o início de um programa ao outro) e perguntei se havia um conceito acadêmico para descrever essa ação. Ele apenas referiu que há um jargão quando se usa desse expediente na televisão, é a chamada “escada” (quando o programa anterior busca reter a audiência para o programa seguinte e não se abre espaço na programação). Como o meu olhar para produtos da mídia, mesmo em momentos de lazer, está sempre atento ou, no mínimo, curioso, o *The Love School* de imediato chamou a minha atenção. Investigar uma *escola* que se apresentava *do amor* pareceu-me interessante, isso porque já nas primeiras palavras dos apresentadores identifiquei elementos generificados, os quais eu havia trabalhado como temas de pesquisa na conclusão de curso na graduação em *Ciências Sociais* e na especialização em *Educação, Sexualidade e Relações de Gênero*

(ambos na UFRGS). Assim, de imediato, reconheci o potencial desse material para estudo e observei que além de gênero, a pauta do programa também incluía e.g., noções sobre amor e casamento articuladas com a cultura religiosa da Igreja Universal, propondo costumes e valores morais próprios desse seguimento religioso.

Nesta direção, as primeiras observações mais sistemáticas que empreendi acerca do *The Love School* para coleta de material empírico pareceram-me indicar que a pedagogia cultural do programa pretendia posicionar as pessoas de modo que elas buscassem felicidade sentimental para suas vidas através do casamento, representado como um bem sagrado nessa realização. Conforme Tadvald (2015, p. 20) “estas instâncias (mídias e rituais) se encontram sensivelmente relacionadas, conformando, em parte, o universo de atuação e difusão dos discursos e cosmologias próprias da IURD”. Tal compreensão me permitiu articular esse artefato cultural (*The Love School*) com outros que, sob outro formato, dão continuidade (agora na televisão) a uma forma de pedagogia cultural alicerçada em princípios religiosos de um projeto de evangelização mais amplo iniciado pelo próprio bispo Edir Macedo, uma vez que

a televisão é um dispositivo que carrega em si um poder de conferir legitimidade aos assuntos, campos e indivíduos que refere. A TV também é um dispositivo central no processo de reconhecimento do real por parte das pessoas, pois produz e enuncia distintos sentidos (Silva, 2012, p. 21).

Considerando que não se trata apenas de uma pedagogia cultural, mas da articulação ou de um *mix* de estratégias, cujas origens podem ser encontradas em distintos programas e práticas da própria Universal, penso que a **questão central** desse trabalho pode ser assim apresentada: *como o programa The Love School se constitui em uma pedagogia cultural para os relacionamentos amorosos contemporâneos entre homens e mulheres? Assim, considerando o programa The Love School como uma pedagogia cultural, como ele se organiza e se apresenta (a partir de seu roteiro, seus quadros, seus participantes, bem como dos diferentes produtos e ações que o circundam) na direção de se constituir como um modelo a ser seguido em termos de relacionamento amoroso entre homens e mulheres heterossexuais neste momento no Brasil?*

A questão central se desdobra nas seguintes **questões de pesquisa**: *como a pedagogia cultural do The Love School se propõe a conduzir a vida amorosa de homens e mulheres? E como essa pedagogia cultural se articula na fala do casal de*

*apresentadores, ensinando um modo de ser homem e de ser mulher dentro do casamento, e quais os assuntos mais discutidos?*

Na direção de empreender a análise dos materiais que irei apresentar adiante, procurei organizar a articulação das áreas da educação, da história, da comunicação, da sociologia, da antropologia, da filosofia e de alguns de seus autores/as, ao modo de um estudo interdisciplinar, pois “nas metodologias de pesquisas pós-críticas, eliminamos as barreiras entre as diferentes disciplinas” (Paraíso, 2012, p. 33). Considerando isso, devo anunciar de antemão que, com esta pesquisa, não pretendo fazer uma crítica ao casamento, denunciando-o como uma instituição supostamente falida, mas cujo mercado, produtos e especialistas não param de crescer (Fernandes, 2014). Pretendo, outrossim, problematizar o tema central – o casamento – e as ações que envolvem este artefato cultural (o *The Love School*), mostrando-o como uma pedagogia cultural, pois tal programa visa a ensinar um único modo de ser para o casamento, para as relações amorosas e seus conflitos, inserido num amplo projeto da religião evangélica. Nesta direção, pode-se anunciar que tal pedagogia parece excluir e ignorar outras formas de relacionamentos para mulheres e homens, silenciando outros formatos afetivos, bem como outras composições e arranjos familiares que não apenas o da família tradicional, tal como apregoada pelos pressupostos desta matriz religiosa.

A complexidade dessas articulações sugere apresentar, para as pessoas que acompanham o programa *The Love School*, o modelo de família cristã com base nos preceitos bíblicos que orienta para seus membros convertidos, principalmente para as mulheres. O uso de passagens do texto bíblico para guiar o comportamento dos fiéis é uma característica das igrejas protestantes, e também “a Universal estabelece regras tácitas sobre a conduta feminina. Além de discretas, boas mães e amorosas, as mulheres dever ser submissas e obedientes aos maridos” (Mariano, 2014, p. 61).

Assim, justifico a eleição deste programa como objeto de análise porque não o entendo como um artefato pedagógico cultural “comum” – ou seja, apenas como mais um produto midiático. Antes, vejo-o como potente precisamente por ser o produto da articulação de duas amplas bases (igreja e meios de comunicação), mobilizando, portanto, muitas pessoas tanto por se apoiar numa matriz religiosa (de uma igreja

importante no cenário religioso transnacional<sup>27</sup>), quanto por ser apresentado num aparato de comunicação que tem penetração em diferentes espaços. Para Oro (2004, p. 139), a IURD é uma representante do pentecostalismo brasileiro transnacional pelos seguintes elementos,

[suas igrejas] a) surgem no Brasil e foram fundadas por brasileiros; b) incorporam em seus ritos e doutrinas elementos da religiosidade popular, notadamente em forças invisíveis que interferem no cotidiano, entre elas a crença no poder de satanás; c) empreenderam uma inserção internacional afirmando a condição brasileira ao mesmo tempo em que são reconhecidas como tais.

Tadvald (2015) nos diz que “esta Igreja consiste na atualidade a denominação<sup>28</sup> evangélica brasileira mais universal, aquela que se estabeleceu no maior número de países do mundo”. Conforme Lísia Nogueira Negrão (2004, pp. 08-09), a IURD “foi exportada para os EUA, para a África e mesmo países europeus, onde atua junto às massas de migrantes ou de excluídos, sempre com a oferta do milagre, da cura, da riqueza”:

Da Moldávia ao Senegal. Dos Estados Unidos à Indonésia. Da França à Venezuela. Da Rússia a Burkina Faso. De Angola à Nova Zelândia. Do México a Hong Kong. Das Ilhas Fiji à Guatemala. Do Japão a Israel. Dos países mais ricos e desenvolvidos às nações menos favorecidas. Das supermetrópoles às pequenas cidades humildes. O avanço da Universal nunca parou (Macedo, 2014, p. 24).

No segundo capítulo, contextualizo o programa *The Love School*. Este programa pauta o casamento como seu tema principal tendo como modelo o formato de casamento registrado na Bíblia Sagrada. Seus apresentadores justificam a “necessidade” desse programa argumentando que “hoje em dia existem escolas para todo tipo de formação, mas não para casamento” (Cardoso e Cardoso, 2012, p. 10). A estratégia do *The Love School* volta-se tanto para as pessoas casadas, como forma de fortalecimento das relações familiares, quanto para as pessoas solteiras, para formação de novas famílias.

---

<sup>27</sup> “[...] trata-se de agentes religiosos brasileiros, representantes de igrejas e religiões brasileiras, que se instalam no exterior para abrir um mercado religioso, ingressando, assim, num campo de competição com as outras igrejas e religiões locais para lograr atrair fieis à sua oferta religiosa” (Oro, 2004, p. 139).

<sup>28</sup> Utilizo o termo “denominação” como equivalente a Igreja no campo religioso protestante.

## 2. THE LOVE SCHOOL CONTEXTUALIZADO

Para a contextualização do programa *The Love School* citarei informações coletadas do especial “Escola do Amor 2 anos<sup>29</sup>”, do livro “*Casamento blindado*” e do portal R7<sup>30</sup> do grupo Record. O programa *The Love School* iniciou no canal de televisão da Igreja Universal (IURDTV<sup>31</sup>) na Internet, e, em apenas 2 (dois) meses estreou em rede nacional de televisão aberta, na Record TV<sup>32</sup>. Mesmo com essa transferência da IURDTV para a Record TV, o programa continua sendo reprisado diariamente na Web TV da Universal.

Desde o dia 19 (dezenove) de novembro de 2011, data da primeira transmissão do *The Love School* pela Rede Record de Televisão, transmitido ao vivo naquela edição, o programa tornou-se um produto especial na grade da programação da emissora, num misto de programa de variedades (aparece com essa classificação na lista de programas dos canais televisivos da Record TV) e evangelizador, por apresentar o amor em uma dimensão religiosa, ou mais exatamente, em uma versão religiosa, visto que “hoje, as igrejas estão envolvidas numa parafernália de símbolos e apelos midiáticos, cujo sentido é o de aumentar o número de fiéis frequentadores – e respectivos dízimos – de seus templos e/ou serem parte da audiência dos programas televisivos: os telerreligiosos” (Silva, 2012, p. 13).

Os temas que são enfocados abordam o relacionamento conjugal e dicas para solteiros se prepararem para o casamento. A questão do casamento, intensamente reiterada em todos os programas, inclui nesse enfoque a família e variados assuntos sobre a vida a dois. A proposta da pauta do programa é a de ensinar lições que sejam postas em prática no cotidiano dos casais em busca do respeito mútuo, do romantismo e da felicidade conjugal (Cardoso e Cardoso, 2012). Consta na biografia de Renato e de Cristiane Cardoso que os dois viveram por 20 (vinte) anos no exterior após se casarem no Brasil (foram morar no exterior a pedido do bispo Edir Macedo para expandir a

---

<sup>29</sup> “*Escola do amor especial 2 Anos*”, exibido em 16/11/2013, 59min01s - Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DlzCnF0Gb9s>> - Acesso em: 29 abr. 2015.

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DlzCnF0Gb9s>> - Acesso em: 29 abr. 2015.

<sup>30</sup> R7 (Portal do grupo Record ). Disponível em: <<http://www.r7.com/>> - Acesso em: 01 nov. 2015.

<sup>31</sup> TV Universal. Disponível em: <<http://sites.universal.org/tvuniversal/>> - Acesso em: 09 abr. 2015.

<sup>32</sup> “Em 27 de setembro de 2011 o programa foi exibido pela primeira vez na Internet, de sucesso na Internet para ser transmitido em canal de TV aberto não demorou muito. Em menos de 2 (dois) meses, em 19 de novembro de 2011, estreou na Rede Record”. “*Escola do amor especial 2 Anos*”, 2min40s - Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DlzCnF0Gb9s>> - Acesso em: 29 abr. 2015.

Universal), e nessa trajetória de busca pela expansão da Igreja realizaram palestras em outros 30 (trinta) países. Mas foi nos Estados Unidos, na capital do estado do Texas, em Houston, que iniciaram o trabalho de aconselhamento para os casais com o lançamento do livro de autoajuda “*Casamento blindado – seu casamento a prova de divórcios*”<sup>33</sup>. O livro baseado nas experiências pessoais do casal ensina entre muitos temas que outros casais com problemas semelhantes tenham como foco a prioridade na relação como o parceiro/a. Algum tempo depois, trouxeram esse modelo de abordagem para o Brasil (Op. cit., 2012) quando surgiu o *The Love School*.

O bispo Renato Cardoso certificou-se como “educador familiar e matrimonial” pelo Instituto Nacional do Casamento<sup>34</sup> de Nova York (Estados Unidos), instituição que desenvolve o primeiro programa de aconselhamento matrimonial cristão para casais em crises solucionarem os problemas conjugais. Essa formação de Renato parece ser a titulação que o faz apresentar-se como “professor”. Cristiane Cardoso é, por sua vez, autora de uma lista de outros livros de autoajuda que reforçam a questão do casamento trabalhada por eles, livros esses que são constantemente divulgados no *The Love School*.

Entre os inúmeros títulos de livros assinados pela Cristiane e voltado para as mulheres se destacam três obras: “*Mulher V*” [20 (vinte) segredos para as mulheres que mantém valores que o tempo não apaga e, assim, é valorizada pelo homem]; “*Bolsa blindada*” [trata de economia feminina trazendo dicas de como se proteger das tentações das propagandas]; e “*Melhor do que comprar sapatos*” [não trata de compra de sapatos, hábito atribuído a muitas mulheres, mas de como lidar com relacionamentos, profissão, família, aparência e a forma de se vestir, posições consideradas menos superficiais].

Quando fiz a seleção dos vídeos para compor o material empírico, o programa se dividia em 15 (quinze) diferentes quadros<sup>35</sup> (R7, 2015). Cada quadro é tratado como uma disciplina (semelhante a ideia escolar) para aprendizagem de algum tema.

A seguir apresento cada um dos quadros com uma breve descrição (síntese) da pauta de cada um.

---

<sup>33</sup> Renato e Cristiane já ajudavam os casais antes, quando estavam nos Estados Unidos, na cidade de Houston, criaram o curso “Casamento blindado, foi à semente para a Escola do Amor”, “*Escola do amor especial 2 Anos*”, 1min53s - Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=DlzCnF0Gb9s>> - Acesso em: 29 abr. 2015.

<sup>34</sup> *National Marriage Centers*. Disponível em: <<http://www.marriagecenters.com/>> - Acesso em: 09 abr. 2015.

<sup>35</sup> Quadros do programa *The Love School*. Disponível em: <<http://entretenimento.r7.com/love-school-escola-amor/quadros/noticias>> - Acesso em: 16 abr. 2015.

## Quadro I – Lista de quadros do programa *The Love School*

Quadros	Síntese
<b>“Amor na tela”</b>	Dicas de filmes sobre os temas ensinados.
<b>“Escola do Amor Responde”</b>	Para envio de mensagens eletrônicas da audiência relatando dificuldades do casal. Tal situação é dramatizada e após os apresentadores opinam e aconselham sobre o que fazer.
<b>“Laboratório”</b>	Gravado em estúdio, em um tipo de “acareação”, o casal fica frente a frente relatando seus problemas conjugais, recebendo conselhos e orientações de como agir e encaminhar soluções.
<b>“A dois”</b>	Um casal sai junto e ao final é feita uma surpresa para um deles.
<b>“Tire suas dúvidas com os professores”</b>	Uma pergunta entre 10 (dez) segundos e um minuto pode ser gravada em arquivo mp4 e enviada para o endereço eletrônico do programa para ser respondida.
<b>“Celebidades falam”</b>	Repórteres do programa entrevistam celebridades.
<b>“Reprovado no teste”</b>	Com dramatizações mostram para os alunos situações de “contraexemplo” do que não deve ser feito em um relacionamento.
<b>“Resumo da semana”</b>	Traz notícias de tudo que aconteceu naquele período sobre relacionamentos.
<b>“Dicas do Rô”</b>	Rô-mance é o personagem encenado por Renato Cardoso com dicas de boas atitudes para melhorar a relação e trazer o romantismo de volta a vida conjugal.
<b>“Supervirtuosa”</b>	Baseado no livro escrito por Cristiane com o título “ <i>A Mulher V</i> ”, destaca o slogan “moderna, à moda antiga” e o “V” de virtuosa é baseado no provérbio bíblico “o louvor da mulher virtuosa” (Provérbios 28: 10-31), (Bíblia Sagrada <sup>36</sup> , 1993, p. 664), quando a mulher vive para a família, em torno do marido e dos filhos. Esta articulação inspirou este quadro que busca “socorrer” as mulheres em situações domésticas a aumentarem a autoestima.
<b>“Reality do amor”</b>	A produção acompanha um casal enquanto gravam a convivência dos dois e após uma semana os professores do <i>The Love School</i> observam as dificuldades e sugerem soluções.
<b>“Casamento pelo mundo”</b>	Apresenta rituais do casamento em diferentes culturas.
<b>“Papo de homem”</b>	Apenas homens participam. Renato Cardoso e o apresentador substituto do programa, Marcio Carotti, conversam sobre diversas questões a partir do olhar masculino.
<b>“Ninguém é perfeito”</b>	É um tipo de <i>reality show</i> que busca aproximar um casal e ver se ao final escolhem iniciar um relacionamento. A primeira edição aconteceu em dezembro de 2014.
<b>“Aluno do mês”</b>	A audiência pode gravar um vídeo sobre alguma experiência positiva como casal após ler o livro “ <i>Casamento blindado</i> ”, tendo como suposto efeito a melhoria do relacionamento e a prioridade do casamento em relação a outras coisas. O vídeo selecionado é exibido e comentado em uma das edições do programa.

Os quadros “Escola do Amor Responde” e “Laboratório<sup>37</sup>” são cativos nos episódios do programa, aparecendo na maioria das edições que selecionei para analisar. A produção faz uso de técnicas do jornalismo para ilustrar os temas abordados

<sup>36</sup> Das duas versões da Bíblia Sagrada, a católica e a protestante, utilizei para consulta nesta pesquisa a versão traduzida pelo português João Ferreira de Almeida versão utilizada pelos evangélicos (Bíblia Sagrada, 1993).

<sup>37</sup> Segundo a produtora Flávia Nunes, o Laboratório é o quadro que as pessoas mais procuram para participar. “*Escola do amor especial 2 Anos*”, 16min04s - Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DlzCnF0Gb9s>> - Acesso em: 29 abr. 2015.

apresentando reportagens e realizando enquetes com pessoas nas ruas da cidade de São Paulo. Em geral, essas reportagens e essas entrevistas subsidiam a fala dos apresentadores e estão em sintonia com os comentários feitos por eles no estúdio. O casal de apresentadores conduz o programa como se estivesse em uma escola: utilizam de uma linguagem própria dessa instituição, tratando, portanto, a audiência como se alunas/os fossem. O casal utiliza a seguinte locução na abertura dos programas:

**Renato:** *Olá alunos, bem-vindos à Escola do Amor que responde enfrentando os mitos dos relacionamentos...*

**Cristiane:** *...onde os casais e os solteiros aprendem o amor inteligente...*

A partir da forma como o programa é apresentado, pode-se (ou deve-se) depreender que a vida conjugal do casal de apresentadores é tida como modelo de relacionamento e de felicidade a dois. Esse diálogo do casal que transcrevi da edição “Escola do Amor Especial 2 anos” (2013) explicita bem essa compreensão:

**Renato:** *Não existe outra Escola do Amor nem no Brasil nem no mundo – 21 min13s*

**Cristiane:** *Isso porque nosso programa não é só de teorias... ensinamos a prática do amor inteligente – 21min17s*

**Renato:** *Vocês ((audiência)) sabem por que as aulas são tão práticas?... porque nós já vivemos o que ensinamos aqui... Cristiane... quem diria que os problemas do nosso casamento trariam tantos resultados para outros casais... – 21min25s*

**Cristiane:** *Primeiro tivemos nossas próprias experiências... depois surgiu o curso casamento blindado sobre essas experiências no Texas... e nós nem imaginávamos aonde iríamos chegar... nós tínhamos que “passar adiante” para os outros casais que passam pelo mesmo que nós passamos... nunca imaginei que nós estaríamos aqui hoje – 21min44s*

O cenário modificou do período que fiz o recorte do material empírico (entre o mês de novembro de 2014 e abril de 2015), e essa reformulação do cenário passou a ser utilizada no mês de agosto de 2015, ganhando cores novas e mais espaço no estúdio, modificação que, segundo a produção do programa, teve como objetivo o de “*levar lições para você ter um relacionamento feliz ou para que você esteja pronto para viver uma nova relação*”<sup>38</sup>. O cenário anterior, quando o programa iniciava, apresentava uma bancada (onde os apresentadores ficavam próximos), como se fosse uma mesa de

---

<sup>38</sup> “Especial retrospectiva”, 24s. - Disponível em

<<https://www.youtube.com/watch?v=LX1Uqw6Pv-A>> - Acesso em: 12 abr. 2016.

professor ou de um telejornal. Esse cenário compartilhava outro espaço para realizar entrevistas com celebridades em um ambiente tipo *lounge*, i.e., uma sala de bem-estar confortável com sofá e tapete, e bastante iluminada. Com as mudanças, quando o programa inicia no atual cenário, os apresentadores ficam em pé, tendo ao fundo uma parede lilás comportando uma tela de LEDTV que reproduz o logotipo da marca *The Love School*, e, às vezes, serve para ilustrar com imagens algum tema da pauta. No novo *lounge* das entrevistas com os convidados, um painel de cor azul celeste substituiu o antigo painel com o logotipo do programa. À direita de quem assiste a tela da televisão estão duas poltronas brancas para os apresentadores, e, em frente ao painel azul, há uma mesa auxiliar com alguns objetos decorativos, incluindo um vaso com flores brancas. À esquerda fica um sofá para os entrevistados, o que parece tornar o ambiente mais prático e de fácil circulação.

De acordo com Julio Wohlgemuth (2005, p. 30), a televisão, como herdeira da linguagem audiovisual formada pelo cinema, acrescentou elementos do rádio, e essas inclusões qualificaram a conexão entre áudio e vídeo, e “da mesma forma que o cinema, em sua fase inicial, copiou o teatro, a televisão copiou o cinema”. Dessa maneira, o uso da câmera no estúdio (da televisão) para captação das imagens segue os padrões técnicos originários do cinema, i.e., os chamados *planos* como correspondendo a cada tomada de cena (Xavier, 2005). Wohlgemuth observa que os planos estão relacionados com a área da informação ocupada na tela (i.e., com o quadro da imagem). O uso desse recurso engloba o tamanho do objeto a ser apresentado, está ligado ao objetivo de leitura da imagem, e com os efeitos buscados com a mensagem transmitida. Nesses padrões técnicos de enquadramento<sup>39</sup> da câmera para gravação observei quatro modos da lista de escalas de planos usados com frequência no programa *The Love School*. Primeiro é empregado o modelo conhecido de *plano geral* quando, focando “em cenas localizadas em exteriores ou interiores amplos, a câmera toma uma posição de modo a mostrar todo o espaço da ação” (Xavier, Op. cit., p. 27), incluindo as pessoas de corpo inteiro. Esse enquadramento é bastante utilizado no início do programa pesquisado e durante a apresentação dos temas principais. O segundo modelo de enquadramento da

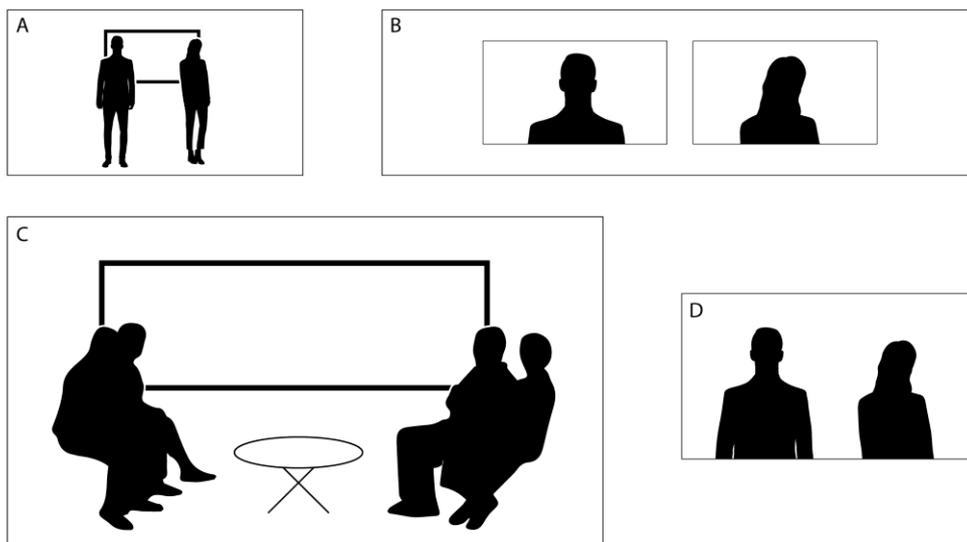
---

<sup>39</sup> “O enquadramento é decidido a partir de três critérios práticos: o primeiro é a reprodução da visão normal do ser humano, para facilitar a percepção; o segundo critério diz respeito que esta *visão normal* só pode ser modificada quando da introdução de algum significado especial, que precisa ser explícito na imagem para evitar dificuldades de percepção; o terceiro critério é a linearidade de ação” (Wohlgemuth, 2005, p. 66), [grifo do autor].

lista de escalas é o recurso de filmagem do *primeiro plano*, “quando é necessária a percepção apenas da cabeça de uma pessoa até um pouco abaixo dos ombros” (Wohlgemuth, 2005, p. 68), e essa outra técnica também aparece na abertura do *The Love School*. O terceiro modelo é o *plano médio ou conjunto* utilizado “principalmente em interiores (uma sala, por exemplo), a câmera mostra o conjunto de elementos envolvidos na ação (figura humana e cenários)” (Xavier, 2005, p. 27).

É nas entrevistas que esse recurso é mais utilizado. Em alguns momentos de entrevistas, também é usado o quarto modelo, o *plano americano*, que “corresponde ao ponto de vista em que as figuras humanas são mostradas até a cintura aproximadamente, em função da maior proximidade da câmera em relação a ela” (Xavier, Op. cit.). Em geral, o quarto plano de filmagem é utilizado durante as respostas dos entrevistados e alterna-se mostrando a imagem do casal de apresentadores. Conforme as pautas apresentadas alternam-se no uso de mais de um dos formatos de enquadramento, i.e., usam um, dois ou mesmo três planos em sequencia numa combinação dessas técnicas distribuídas em diversas ordens a fim de representar o tema discutido, não interferindo (segundo minhas análises) na fluência da fala dos apresentadores e das imagens, mas pode exercer influência nos objetivos do programa sobre os receptores.

**Figura 2 – Tipos de planos de enquadramento utilizados no programa *The Love School***



A) Plano geral. B) Primeiro plano. C) Plano médio ou conjunto. D) Plano americano.

A renovação do cenário incluiu a estreia de um novo quadro.

## Quadro 2 – Relação do novo quadro do programa *The Love School*

Novo quadro	Síntese
“É só um café” <sup>40</sup> ,	Um casal de solteiros encontra-se para tomarem um café e fazer um lanche, mas o objetivo é o de se conhecerem. Após o encontro definem se irão se encontrar novamente ou ficará apenas nesse café.

O programa “Escola do Amor Responde” ainda apresenta, conjuntamente, o “Transformação Total de Pais e Filhos”<sup>41</sup> (que também é uma palestra dominical às 18h no Templo de Salomão) como forma de auxiliar os pais a entenderem a atual geração, e a partir da cultura religiosa da Universal, dispor de um método para educar os filhos, encontrarem soluções inteligentes, e enfrentarem os problemas de criação e os conflitos que se colocam para as famílias no mundo contemporâneo.

Outro detalhe, digno de nota, é que não houve, durante o período selecionado para análise, modificações nem na identidade visual nem no logotipo da marca comercial do *The Love School*, e nem na pauta central do programa, o casamento. Algumas características estéticas dos apresentadores mudaram tais como o corte de cabelo da Cristiane está diferente, mais curto, parece mais magra, e o bispo Renato está ora com ou sem barba, e quando usa a barba aparece sinais de grisalho nos pelos sobre o queixo.

Os próximos quatro capítulos consistem na exposição do referencial teórico. Iniciarei destacando a religião a partir de uma dimensão da cultura.

<sup>40</sup> Quadros do programa *The Love School*. Disponível em: - <<http://entretenimento.r7.com/love-school-escola-amor/quadros/noticias>> - Acesso em: 06 abr. 2016

<sup>41</sup> Transformação Total de Pais e Filhos. Disponível em: - <<http://sites.universal.org/paisefilhos/>> - Acesso em: 07 abr. 2016.

### 3. A RELIGIÃO COMO DIMENSÃO CULTURAL

O objetivo neste capítulo não é o de fazer um estudo ou definir um significado sobre a religião porque esta é uma tarefa não corroborada pelos estudiosos contemporâneos deste tema, mas utilizá-la como um eixo de articulação neste estudo, já que “não pode haver uma definição universal de religião, não apenas porque seus elementos constituintes e suas relações são historicamente específicos, mas porque esta definição é ela mesma o produto histórico de processos discursivos” (Asad, 2010, p. 264). Nessa parte da dissertação, ciente da ideia de não universalidade da religião proposta por Talal Asad (2010), destacarei alguns pontos da forma com que a religião e a religiosidade se desenharam em alguns momentos da história. Para esse fim, elegi autores da sociologia, da antropologia, da história e da filosofia para sustentar teoricamente esta pesquisa no que tange à abordagem religiosa que se faz necessária<sup>42</sup>. Ressalto de antemão que o objetivo também não é o de fazer um estudo teológico do fenômeno pentecostal ou tomar posição em relação a algum seguimento religioso.

Início enfatizando brevemente a figura e a personalidade de Jesus e algumas passagens importantes de sua trajetória por considerar ser em nome de sua mensagem registrada nos evangelhos do texto bíblico, “termo, que vem do grego *evangélion* (“boa nova”), um tipo de narrativa religiosa contando os milagres, os ensinamentos e a vida do Messias” (Botelho, 2008, p. 63), que muitos discursos e enunciados, foram, por mais de dois mil anos, difundidos como, e.g., os discursos que compõem o objeto desta pesquisa vinculado a uma Igreja. “Jesus, o grande motivador desses textos e da nova religião, não teria escrito sequer uma palavra do que pregara” (PUC-Rio, 2016, p. 27), sendo assim, a oralidade foi o meio usado por Jesus para transmitir sua mensagem.

Geoffrey Blainey (2012, p. 10) destaca a figura central de Jesus na religião cristã, e aponta que o nascimento desse profeta marcou o início da cronologia do mundo atual a partir do ano da sua morte, com 33 (trinta e três anos), ano 1 (um) conhecido como o “ano do Senhor” ou *A.D.*<sup>43</sup>. Jesus “era judeu, em raça, cultura e religião. O

---

<sup>42</sup> Segundo Luciana Ferreira da Costa *et. al.* (2010, p. 170) “[...] apenas na segunda metade do século XX pesquisadores das mais diversas áreas convergiram esforços para compreensão/explicação do fenômeno da religião através de um olhar comum dialógico disciplinar. Inter, pluri, multi, trans, o que se for possível realizar para contribuição à construção de uma nova área, denominada de Ciências da Religião ou das Religiões, seguindo a acepção francesa *Sciences Religieuses*, pensando inclusive no pluralismo e diálogo inter-religioso”.

<sup>43</sup> A abreviatura *A.D.* do latim *Anno Domini* designa depois de Cristo, D.C ou d.C.

termo 'judeu' vem de 'Judá', território que ocupava metade da estreita faixa de terra à margem do Mar Mediterrâneo, há muito conhecida como Palestina”.

Blainey (Op. cit., p. 13) descreve que Jesus cresceu absorvendo as crenças judaicas e que reformulou algumas delas mais tarde. Conta-se que desde criança Jesus frequentava a sinagoga e lia os livros que hoje compõem o texto do Antigo Testamento, tendo aprendido a ler e a escrever, habilidades que não eram comuns naquele momento. Jesus começou a fazer menção que Deus era o pai dele aos 12 (doze) anos, e, “por volta dos anos 27 e 28 d. C., a intimidade de Jesus com questões religiosas e políticas – as duas estavam intimamente ligadas - era intensa”.

Jostein Gaarder *et. al.* (2000) nos dizem que após a morte de Jesus – apresentada nos Evangelhos como a primeira vinda do filho de Deus à Terra -, os doze apóstolos comporiam um grupo chamado de nazarenos, os quais formaram a Igreja Cristã Primitiva. O apóstolo Pedro foi uma figura fundamental nesse grupo. O povo de Cristo começou como uma seita judaica, pois o Cristianismo estabelecia uma relação muito próxima com essa religião e “aproveitou sua ligação com o Judaísmo para alcançar terras distantes, por meio da rede de sinagogas” (Blainey, 2012, p. 37).

Tendo feito essa breve apresentação da figura de Jesus, passo agora, a enfatizar a questão da religião. Segundo Luciana Ferreira Costa *et. al.* (2010) há uma relação da religião com o fenômeno da moral, com a ideia de sublimação da morte, do pecado e do sacrifício, com o mito e o símbolo que se constituíram nos diferentes povos e tradições. As autoras mencionam que esse processo instituiu uma memória e uma organização para as práticas das sociedades. Referenciando tal posição Clifford Geertz (2008, pp. 67-68), menciona que

os símbolos sagrados funcionam para sintetizar o *ethos* de um povo - o tom, o caráter e a qualidade da sua vida, seu estilo e disposições morais e estéticos - e sua visão de mundo - o quadro que fazem do que são as coisas na sua simples atualidade, suas ideias mais abrangentes sobre ordem, [grifo do autor].

Gaarder *et. al.* (2000, p. 03) observaram que há várias questões existenciais das pessoas na busca de sentidos para a vida, como saber: *por que estamos vivos? Quem somos? Como o mundo passou a existir? Quais são as forças que governam a história? O que acontece com cada pessoa após a morte?* E a pergunta mais emblemática: *Deus existe?* Essas preocupações humanas, de “detectar e reconhecer algo como sendo

‘sagrado’ é, em primeiro lugar, uma avaliação peculiar que, nesta forma, ocorre somente no campo religioso” (Otto, 2007, p. 30).

Para Gaarder *et. al.* (2000, p. 05) essas questões existenciais citadas antes, por serem gerais, surgem em muitas culturas, e formariam de modo resumido, a base das religiões, sendo mencionado que a partir dessas constatações “não existe nenhuma raça ou tribo de que haja registro que não tenha tido algum tipo de religião”. Apoiando essa afirmação, Geertz (2008, p. 68) refere que

*religião é: (1) um sistema de símbolos que atua para (2) estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da (3) formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e (4) vestindo essas concepções com tal aura de fatalidade que (5) as disposições e motivações parecem singularmente realistas, [grifos do autor].*

Gaarder *et. al.* (2000, p. 09) interrogaram em “*O livro das religiões*” o que a religião é? Os autores a descrevem com uma ideia de multiplicidade cultural, i.e., como sendo várias práticas em diferentes matrizes, quais sejam: “do batismo numa igreja cristã, [...] a adoração num templo budista [...] os judeus com o rolo da Torá diante do Muro das Lamentações em Jerusalém [...] os peregrinos reunindo-se diante da Caaba em Meca”. Gaarder *et. al.* (Op. cit., p. 13) sugerem que um rápido olhar

para o mundo ao redor mostra que a religião desempenha um papel bastante significativo na vida social e política de todas as partes do globo. Ouvimos falar de católicos e protestantes em conflito na Irlanda do Norte, cristãos contra muçulmanos nos Bálcãs, atrito entre muçulmanos e hinduístas na Índia, guerra entre hinduístas e budistas no Sri Lanka. Nos Estados Unidos e no Japão há seitas religiosas extremistas que já praticaram atos de terrorismo. Ao mesmo tempo, representantes de diversas religiões promovem ajuda humanitária aos pobres e destituídos do Terceiro Mundo. É difícil adquirir uma compreensão adequada da política internacional sem que se esteja consciente do fator religião.

Thomas F. O’dea (1969) nos diz, como Gaarder *et. al.*, que a religião é encontrada em todas as sociedades humanas, e, em muitas dessas sociedades, a religião consiste em ser uma importante instituição na/da estrutura social. Para O’dea, o interesse da religião como dimensão cultural marca algo tido como intangível que o autor nomeia de o “além”. Esse interesse gera consequências para as práticas sociais e para a vida humana, pois,

a religião tem sido caracterizada como a corporificação das mais sublimes aspirações humanas; como uma garantia de moralidade, como uma fonte de ordem pública e paz individual interior; como enobrecedora e civilizadora em

seu efeito sobre a humanidade. Tem sido também acusada de persistente obstáculo ao progresso como capaz de incentivar o fanatismo e a intolerância, ignorância, superstição e obscurantismo. Os registros mostram que a religião está entre os mais fortes apoios de uma ordem social estabelecida (O’dea, 1969, p. 10).

A questão da religião já foi estudada e compreendida a partir de duas perspectivas teóricas: a primeira foi a perspectiva funcional, e a segunda a perspectiva substancial. Para Octavio Cunha Botelho (2014, p. 34), “quando queremos saber o que a religião ‘diz’, estamos investigando o lado substancial, já quando pretendo conhecer a ‘influência’ e o ‘papel’ sobre o ‘indivíduo’ e a sociedade estamos pensando o lado funcional”. Detalhando e ampliando essa compreensão e

a fim de organizar a diversidade, a perspectiva externa do estudo da religião foi dividida pelos estudiosos, a partir do século XX, em duas perspectivas fundamentais: a perspectiva substancial e a funcional. Estes são dois modos de se trabalhar o entendimento da religião. A primeira, a perspectiva substancial ou essencial, procura entender a religião, conforme sua natureza, ou seja, investiga o que a religião ‘é’, a essência da religião, procura destacar os traços fundamentais. Enquanto a segunda, a perspectiva funcional, procura definir a religião em sua função no indivíduo ou em seu papel na sociedade, ou seja, investiga o que a religião faz, a influência da religião [...] estuda a religiosidade (comportamento religioso) do indivíduo e da sociedade e não a religiosidade propriamente (Op. cit., p. 34).

Pela perspectiva funcional descrita acima, O’dea (1969, p. 11) argumentava que essa teoria observou a sociedade equilibrando-se em diversas instituições que são aceitas socialmente e legitimadas, instituições que operam por meio de normas amplamente compartilhadas e obrigatórias para os membros da sociedade. Essas muitas instituições formariam o que o autor definiu como “sistema social”, i.e., cada parte (cada instituição) é independente umas das outras nesse sistema. Cada processo de mudança repercute nas condições do sistema como um todo e “nessa perspectiva, a religião é apenas uma forma de comportamento humano institucionalizado”. Gaarder *et. al.* (2000, p. 27) afirmam que

a sociedade precisa ter suas linhas mestras éticas, e algumas delas são preservadas nas leis. Os romanos foram os primeiros a tentar de maneira sistemática criar um arcabouço legal que pudesse ser usado por todos os povos, independentemente da religião. O direito romano se tornou a base para todos os sistemas legais subseqüentes nos Estados seculares modernos.

O’dea (1969, p. 16) descreveu que a teoria funcional, e.g., interpreta a cultura como um conjunto associado de conhecimentos, pseudoconhecimentos, crenças e

valores. Para o autor, “a teoria funcional focaliza nossa atenção na contribuição funcional da religião para o sistema social”. A cultura, a partir dessa definição, formaria um sistema simbólico com muitos significados, quando parte desses significados definiria a realidade e a outra parte seria impositiva de normas para as pessoas.

Botelho (2014) ressalta que existe diferença entre religião enquanto gênero (como espécie) e religião enquanto espécime (como religião particular ou exemplar). O uso no singular da palavra religião remete à ideia de religião como uma classe, como um gênero cultural, como “cultura religiosa”, e o uso no plural, religiões, quanto às religiões particulares e às tradições religiosas. Nesse sentido,

a religião é entendida como uma organização individual, com seus componentes (mitos, escrituras, doutrinas, ritos, ética, clero, etc.) já reconhecidos e consolidados [...] canonizados numa instituição programada para perpetuar sem alterações, e com isso seus membros se esforçam para manter a tradição. Trata-se de uma visão particular. O enfoque está na institucionalização das crenças e práticas (Op. cit., p. 165).

Gaarder *et. al.* (2000) destacam que as religiões não fazem distinção entre o plano religioso e o ético, e que as práticas e os costumes que exemplifica, como, desde uma oração, um sacrifício ou um gesto de generosidade estariam todos implicados numa perspectiva religiosa. Essa ideia dos autores fica clara quando eles fazem referência aos dez mandamentos<sup>44</sup> de Moisés. Num plano religioso, entre esses princípios, o primeiro indica a vontade de Deus de que os homens não tenham outros deuses senão apenas o Deus cristão. Como exemplo do plano ético destacam o desígnio “não matarás”. Assim, “a noção do ser humano como uma criação divina implica que ele é responsável perante Deus por tudo o que faz, i.e., ritual, moral, social e politicamente” (Gaarder *et. al.*, Op. cit., p. 27). O’dea (1969, p. 47) observou que

os homens tenderão a entrar em relações com o sagrado através dos tipos de relações que, em sua sociedade, tornaram-se uma segunda natureza para eles. E a atitude de respeito pelo sagrado será uma intensificação dos tipos de respeito encontrados em outras relações sociais.

---

<sup>44</sup> “1º Amar a Deus sobre todas as coisas (amar a Deus através do nosso irmão, do outro); 2º Não tomar seu santo nome em vão (proíbe o uso impróprio da palavra Deus); 3º Guardar domingos e festas de guardas (assistir e participar de missas); 4º Honrar pai e mãe (obediência e respeito aos genitores); 5º Não matar (só Deus tem o direito de tirar a vida); 6º Não pecar contra a castidade (manter-se puro de corpo e alma); 7º Não roubar (não apropriar-se do que não é seu); 8º Não levantar falso testemunho (ter cuidado com as palavras); 9º Não desejar a mulher do próximo (respeitar o compromisso matrimonial dos outros e a importância da família); e 10º Não cobiçar as coisas alheias (o ser está acima do ter)”, (Catequisar, 2015, pp. 01-02).

A especificidade religiosa desenvolvida por Rudolf Otto (2007) destacou a teoria substancial como um conjunto de crenças e rituais, e de crenças e práticas. Essa vertente enfatizou a experiência e as crenças e rituais a partir de determinado modelo. Por essa perspectiva foi possível entender que “a religião nunca é vinculada apenas ao intelecto. Ela envolve igualmente as emoções, que são tão essenciais na vida humana quanto o intelecto e a capacidade de pensar” (Gaarder *et. al.*, 2000, p. 29).

Otto (2007, p. 32) cunhou a ideia de “numinoso” para descrever a percepção da divindade pela inteligência humana, como percepção de uma qualidade metafísica do divino. Otto enfatizou e.g., que esse “elemento de que estamos falando e que tentaremos evocar no leitor está vivo em todas as religiões, constituindo no seu mais íntimo cerne, sem o qual não seria religião”, mas ao mesmo tempo, “o santo, ou o ‘numinoso’ – é algo que está além das concepções racionais e éticas” (O’dea, 1969, p. 35). Otto destacou que

o sagrado é *das ganz Andere*, o "inteiramente outro", ou seja, aquilo que é totalmente diferente de tudo o mais e que, portanto, não pode ser descrito em termos comuns. Otto fala de uma dimensão especial da existência, a que chama de *mysterium tremendum et fascinans* (em latim, "mistério tremendo e fascinante"). É uma força que por um lado engendra um sentimento de grande espanto, quase de temor, mas por outro lado tem um poder de atração ao qual é difícil resistir (Gaarder *et. al.*, 2000, p. 12).

Emile Durkheim (2000, p. 226), estudando o sistema religioso primitivo e totêmico australiano, entendeu que os primeiros sistemas de representação que os homens fizeram de si e do mundo têm uma origem religiosa. Assim, o autor considera a ideia de que a religião, em crenças primitivas, nasceu da religião como produto de um pensamento religioso anterior à filosofia e às ciências. Durkheim notou que se a religião é, e.g., uma criação coletiva, então seria reflexo da sua dimensão cultural, e representaria a imagem da própria sociedade como algo construído pelo homem. Sendo assim, “apenas o homem tem a faculdade de conceber o ideal e de acrescentar ao real”. Esse ideal religioso concebido pelo homem encontraria na religião tudo o que existe na sociedade. Para Durkheim (Op. cit., p. 212),

a religião é uma coisa iminentemente social. As representações religiosas são representações coletivas que exprimem realidades coletivas; os ritos são maneiras de agir que nascem no seio dos grupos reunidos e que são destinados a suscitar, a manter e a refazer certos estados mentais desses grupos. Mas então, se as categorias são de origem religiosa, elas devem

participar da natureza comum a todos os fatos religiosos: elas devem ser coisas sociais, produtos do pensamento coletivo.

De acordo com Raquel Weiss (2008), Durkheim compreendia a vida religiosa como um elemento estruturante da sociedade e como a base da concepção de sagrado. Para Durkheim, a separação entre o profano e o sagrado seria uma formulação humana e não algo com origem transcendental. Os aspectos sagrados da religião seriam formados conjuntamente pelas crenças, pelos ritos e pelos símbolos religiosos. A vida religiosa como vida coletiva, disporia da qualidade de ser “dinamogênica”, i.e., uma condição que aumentaria o fluxo de energia fazendo os indivíduos se sentirem mais fortalecidos por utilizarem dessa força em comum. A vida religiosa estabeleceria uma ideia de sociedade composta pela união de um grupo em torno de um modo de viver. Assim,

o homem que tem uma verdadeira fé experimenta invencivelmente a necessidade de difundi-la; para isto, ele sai de seu isolamento, aproxima-se dos outros, procura convencê-los e é o ardor das convicções por ele suscitadas que vem reforçar a sua (Durkheim, 2000, p. 228).

O historiador Blainey (2012, p. 04) referindo-se aos sentimentos pessoais dele como pesquisador do Cristianismo como dividido em uma tarefa, ao mesmo tempo, fascinante, frustrante e perigosa. A fascinação se deveu ao fato de que “o Cristianismo moldou a civilização ocidental”. A leitura que Blainey fez sobre frustração é que a religião cristã é marcada por mistérios e envolta, em parábolas e enigmas; e perigosa por ser um tema controverso, que já foi pensado como algo irrefutável, por isso promoveu tantas discussões. O’dea (1969, p. 52) ressaltou que

de acordo com o Cristianismo, Deus revelou-se aos homens, e assim o transcendente surgiu na história humana e desta passou a fazer parte. Dêste ponto de vista, a história da igreja cristã e dos hebreus é entendida como o desdobramento de um diálogo entre Deus e os homens, e no qual Deus chamou os homens e, depois, respondeu à reação dos homens a êsse chamado.

Segundo O’dea (1969, p. 81), quando as pessoas sofressem de extrema privação ou sofressem de anomia social nos termos durkheiminianos (i.e., anomia como forma de colapso da organização social e da cultura estabelecida), apresentariam mais receptividade a religiões que pregam a ideia de salvação, e “o Cristianismo é uma religião dêsse tipo. Oferece ao crente, salvação através da participação na vitória de

Cristo sobre o mal e a morte”, o que confortaria, em certa medida, as pessoas privadas de algo ou que se sentem sofredoras.

Esse Cristianismo que oferece conforto espiritual expandiu-se pelo mundo e pela Europa, e a Igreja Católica Romana foi absoluta no continente europeu até o século XVI. Uma nova configuração religiosa colocou essa hegemonia Católica em questão e promoveu uma grande reforma, originando um movimento de renovação ao mesmo tempo em que surgiram novas igrejas (e todas renunciaram a autoridade do Papa). Ricardo Bitun (2007, pp. 09-10) destaca que “o protestantismo, ao romper com a submissão incondicional à autoridade papal, estabeleceu [sic] a Bíblia com sua única fonte de autoridade, gerando com isso uma propensão muito grande às dissidências<sup>45</sup>”. Suas figuras principais foram Martinho Lutero (*Martin Luther*, 1483-1546) e João Calvino (*Jehan Cauvin*, 1509-1564). Silva (2012, p. 25) pontua que

o movimento das igrejas evangélicas teve início na Europa, no século XVI, com o teólogo cristão Martinho Lutero criticando uma série de práticas e doutrinas da Igreja Católica. Ao romper com o Vaticano, Lutero desencadeia a Reforma Protestante, que resultou na divisão da Igreja entre os “católicos romanos” de um lado e os “reformados” ou “protestantes” de outro, colimando com a fundação de correntes cristãs dissidentes, como a própria Igreja Luterana, a Calvinista, e a Metodista, entre muitas outras, que continuam sendo criadas e recriadas constantemente.

Muitos nobres apoiavam as intenções de reforma propostas por Lutero não tanto pela descrença no catolicismo e mais com o objetivo político de separação da Igreja<sup>46</sup> que detinha muito poder junto aos estados nacionais. Naquele período, a Igreja Católica passava por um processo de decadência e um dos pontos mais criticados era a venda das indulgências (i.e., o perdão das penas temporais do pecado), e como reação àquela prática,

no dia 31 de outubro de 1517, diante da venda das indulgências por João Tetzel, Lutero afixou à porta da igreja de Wittenberg as suas *Noventa e Cinco Teses*, a maneira usual de convidar-se uma comunidade acadêmica para debater algum assunto (Matos, 2011a, p. 03), [grifos da autora].

---

<sup>45</sup> “Os conflitos entre católicos e protestantes continuaram por muitas décadas, atingindo o seu auge na tenebrosa Guerra dos Trinta Anos, que envolveu metade do continente europeu. Essa guerra terminou com a Paz de Westfália (1648), que fixou definitivamente as fronteiras político religiosas da Europa e marcou o final do período da Reforma” (Matos, 2011a, p. 08).

<sup>46</sup> “A palavra ‘Igreja’ vem do grego ‘Ecclesia’, que significa ‘assembléia’. Os fiéis reunidos, na tradição cristã, formam uma coletividade ordenada por mandato divino, que se supõe soberana na condução dos seus assuntos” (Fernandes *et. al.*, 1998, p. 58).

Como para os protestantes a autoridade papal foi substituída pela autoridade da Bíblia<sup>47</sup>, analiso as versões da “Sagrada Escritura” que se diferenciaram. A Bíblia é um agrupamento de livros (chamado de cânon), cuja reunião de textos também gerou divergências, i.e., enquanto a Bíblia católica era composta por 73 (setenta e três) livros, 46 (quarenta e seis) do Antigo Testamento e 27 (vinte e sete) do Novo Testamento, a Bíblia evangélica foi composta por 66 (sessenta e seis) livros, 39 (trinta e nove) do Antigo Testamento e os mesmos 27 (vinte e sete) do Novo Testamento. A diferença de sete livros foi adotada a partir dos judeus da Palestina que não reconheceram esses volumes por não os considerarem como de inspiração do Espírito Santo<sup>48</sup>. Os sete livros reconhecidos pelos católicos são: Tobias, Judite, I Macabeus, II Macabeus, Baruque, Sabedoria e Eclesiástico, além de trechos do livro de Ester e de Daniel. Os protestantes, ao descobrirem que na lista (ou cânon) dos judeus esses sete livros não faziam parte do texto hebraico, concluíram que a Igreja Católica havia incluído essas partes na listagem.

Os apóstolos, seguindo a máxima de Jesus, que dizia: “*Ide pelo mundo e evangelizar*”, usaram uma tradução da Bíblia em grego (que era a língua mais falada na época) traduzida em Alexandria, antes de Cristo, e nessa versão estavam os sete livros conhecidos por *Septuaginta*, e “essa tradução (de hebraico para grego) foi realizada por 72 sábios judeus. Por isso, o texto é conhecido como *Septuaginta*” (Botelho, 2008, p. 63). Com base nessa diferença, cristãos e judeus entraram em conflito porque os apóstolos pregavam de modo diferente, o que fez com que os judeus fechassem a lista e excluíssem definitivamente os sete livros adicionais conhecidos como “deuterocanônicos” pelos católicos. Do mesmo modo, no século XIX, os protestantes aderiram ao modelo bíblico dos judeus e aboliram de vez os sete livros. Contudo, os princípios das duas Bíblias são os mesmos e diferem apenas pelo que não está na Bíblia protestante e pelo que está na Bíblia católica (Evangelização, 2016; O fiel católico, 2016).

A “Vulgata” é a versão da Bíblia reconhecida pela Igreja Católica e traduzida para o latim pelo teólogo Eusebius Hyeronimus num trabalho que perdurou 17 (dezessete) anos. Esse teólogo viria a ser canonizado como São Jerônimo. Ainda, “em

---

<sup>47</sup> “O termo ‘Bíblia’, que usamos no singular, vem do plural grego ta biblia ta hagia – ‘os livros sagrados’” (Botelho, 2008, p. 60).

<sup>48</sup> “Tanach - século 5 a. C. é a Bíblia judaica, e tem 3 livros: Torá (palavra hebraica que significa ‘lei’), Nebiim (‘profetas’) e Ketuvim (‘escritos’). É parecida com a Bíblia atual, pois os católicos copiaram seus escritos. Contém as sementes do monoteísmo e da ética religiosa” (Op. cit., p. 64).

1522, o pastor Martinho Lutero usou a imprensa para divulgar em massa sua tradução da Bíblia, que tinha feito direto do hebraico e do grego para o alemão. Era a primeira vez que o texto sagrado era vertido numa língua moderna” (Botelho, 2008, p. 67), mas muitas palavras traduzidas modificaram o sentido do texto original conforme o interesse de Lutero. Com a alta popularidade que alcançou, Lutero também promoveu mudanças na liturgia religiosa cristã.

Essa nova racionalidade cristianizada, protestante, foi diretamente influenciada pelo movimento Iluminista que propunha, entre outras coisas, que a metafísica dominante no pensamento humano fosse substituída pela racionalidade científica<sup>49</sup>. “A Reforma protestante, além de romper a unidade do Cristianismo no Ocidente, representou radical ruptura com os aspectos eminentemente mágicos do catolicismo medieval” (Mariano, 1996a, p. 122). Os ideais iluministas buscaram desfazer a influência exercida pela religião a partir da ascensão da ciência. Deu-se o processo conhecido como “secularização”, que faz referência à perda da ingerência do campo religioso sobre o mundo<sup>50</sup>. Danièle Hervieu-Léger (2008, p. 31) observa que “a teoria da secularização [...], durante muito tempo, dominou a reflexão sobre o futuro religioso das sociedades ocidentais”. Esse processo de secularização da modernidade foi acompanhado de outro, o de “desencantamento do mundo”. Para Maria Cristina Leite Peixoto (2012), Max Weber tomava esses dois processos como fatos históricos e os descrevia assim:

o desencantamento do mundo, mais estreitamente ligado ao caráter da *religião moderna*, racionalizada, ocorre em sociedades em que as religiões éticas, ascéticas e moralizadoras eliminaram a magia como meio de salvação, enquanto a secularização implicaria a diminuição do *status* religioso na sociedade ou emancipação em relação à religião. O desencantamento trata da antiga luta da religião contra a magia, e a secularização, por sua vez, refere-se à luta da modernidade cultural contra a religião, cujo declínio é a manifestação empírica desse processo, [grifos da autora].

Hervieu-Léger (2008, p. 34) nos diz que as sociedades se emancipam da tradição e da tutela religiosa num processo de laicização, i.e., quando a vida social torna-se menos suscetível das regras operadas pelas instituições religiosas, resultando que “nas

---

<sup>49</sup> “O mundo medieval baseado nos pilares do teocentrismo, da fé e da religião católica, legitimadora do poder político, passou por transformações importantes após 1517, ano marco da Reforma Protestante, e adquiriu novos contornos que mais tarde seriam definidos como modernos” (Toledo *et. al.*, 2010, p. 96).

<sup>50</sup> “No âmbito da explicação do mundo e dos fenômenos naturais, sociais e psíquicos, a racionalidade moderna exige que todas as afirmações explicativas respondam a critérios precisos do pensamento científico” (Hervieu-Léger, 2008, p. 31).

sociedades modernas, a crença e a participação religiosas são ‘assuntos de opção pessoal’: são assuntos particulares que dependem da consciência individual e que nenhuma instituição religiosa ou política podem [sic] impor a quem quer que seja”.

Gilles Kepel (1991) polemizou ao assinalar, considerando o processo civilizatório proposto pela modernidade (que incluía e.g., a secularização e o desencantamento do mundo nos sentidos weberianos), que se aceitasse apenas a razão e o método científico, rejeitando, assim, outras formas de compreender a vida baseadas em superstição, dogmas, ou magias. Kepel pontou que, a despeito dessa proposta moderna, que considerou a religião desnecessária<sup>51</sup>, a religião e a religiosidade voltaram a assumir a mesma importância de antes do processo de secularização. Para o autor, a ciência não afastou a religião do universo humano, emergindo, e.g., todo tipo de seita e de igrejas quando podemos ver um afloramento da recristianização, da reislamização, e da rejudiação das inúmeras sociedades em todo o mundo. Essa ideia de “*Revanche de Deus*” (título do livro de Kepel) seria uma dessecularização da vida e um reencantamento do mundo.

Hervieu-Léger (2008, p. 41) entende como um equívoco a ideia de Kepel, qual seja, a de que vivemos uma “revanche divina”. Para a autora precisamos entender que a “secularização não é [sic] a perda da religião no mundo moderno”, mas

a dispersão das crenças e condutas, de um lado, e a desregulação institucional da religiosidade, de outro. Deixa-se de pensar numa religião histórica. Novas crenças passam a compor o religioso, baseadas na experiência subjetiva dos indivíduos, e, não, na verificação e na experimentação, que caracterizam o mundo racional (Cruz, 2010, p. 185).

Márcia Junges (2009, p. 16), entrevistando o sociólogo das religiões Jean-Louis Schlegel, perguntou a ele sobre as possibilidades e impossibilidades de falarmos sobre Deus nas sociedades do Ocidente, tendo como uma característica a mistura dos mundos profano e divino. Schlegel respondeu primeiro sobre a secularização e disse não haver um recuo ou um fim da religião, mas uma “recomposição do religioso”, uma nova configuração para a religião. Com isso, as religiões mais antigas foram desafiadas em meio ao surgimento de novas religiões, pluralizando o campo religioso, i.e., pondo fim a monopólios religiosos que foram dominantes em muitos países. Não vivemos, assim, um vazio, um deserto religioso, mas, muito pelo contrário, vivemos um “muito pleno”

---

<sup>51</sup> [...] “as sociedades modernas estão longe de realizar perfeitamente esse ideal” (Hervieu-Léger, 2008, p. 31).

religioso em meio a uma multiplicidade de deuses. Nas sociedades pluralistas e midiáticas, e.g., como o são em geral as sociedades ocidentais, todos os discursos sobre Deus e todas as condutas religiosas são possíveis e imagináveis, e mesmo num país “tradicionalmente” laico como a França (considerando que todas as tradições são inventadas), nenhuma pessoa estaria impedida de falar em Deus, pois aquilo que “era considerado religião durante a época cristã medieval eram muito diferentes dos [efeitos, pré-condições e formas] que são considerados religião na sociedade moderna” (Asad, 2010, p. 264).

Gaarder *et. al.* (2000) apresentam o mundo cristão contemporâneo com uma divisão geográfica específica, i.e., com três matrizes: a matriz conduzida pela Igreja Católica Romana majoritária no sul da Europa e na América Latina; a matriz da Igreja Ortodoxa presente na Grécia e na Europa Oriental, como a Rússia; e a matriz da Igreja Protestante no norte da Europa, Estados Unidos, e Austrália. Conforme os autores,

o Cristianismo hoje está dividido em muitas comunidades eclesiais, com diferentes organizações, doutrinas, ordens e atitudes sociais. Podemos dizer que a Igreja permaneceu única e indivisa até 1054, quando se dividiu em duas, *católica romana* e *ortodoxa*. No século XVI ocorreu a Reforma protestante, quando diversas comunidades da Igreja se levantaram em protesto contra certos aspectos da doutrina e da prática da Igreja Católica. Foram elas a Igreja anglicana, a reformada e a luterana. Depois disso surgiram novas igrejas, destacando diferentes aspectos do evangelho cristão. Estas incluíam: os calvinistas, os presbiterianos, os metodistas, os batistas, os *quakers* (ou quacres), os pietistas etc. (Op. cit., p. 194), [grifo dos autores].

Incluo que a significativa representação pentecostal de matriz protestante no Brasil “o maior país protestante da América Latina, com cerca de metade dos 50 milhões de evangélicos estimados atualmente no continente, constitui séria ameaça à hegemonia católica” (Mariano, 1996a, p. 124). Segundo Rubem Fernandes *et. al.* (1998, p. 07), no Brasil, os evangélicos<sup>52</sup> se caracterizam por dois grupos: “o grupo de evangélicos históricos e o grupo de evangélicos pentecostais. Os primeiros surgiram na Europa entre os séculos XVI e XX e os pentecostais nos Estados Unidos do século XX”. Para Fernandes *et. al.*, o protestantismo brasileiro herdou algumas características do protestantismo norte-americano como na ênfase dada aos cultos aos domingos e ao dia de descanso como forma de render glórias ao Senhor.

---

<sup>52</sup> “O termo evangélico recobre o conjunto do campo religioso formado pelas denominações cristãs nascidas na e descendentes da Reforma protestante” (Mariano, 1996a, p. 124).

A seguir, apresento a chegada do pentecostalismo histórico ao Brasil com origem norte-americana, até a passagem para o neopentecostalismo contemporâneo.

### **3.1. Do pentecostalismo norte-americano ao neopentecostalismo no Brasil**

Início esta segunda parte abordando como o pentecostalismo norte-americano surgiu, enfatizando sua influência e expressão no movimento pentecostal brasileiro. Proponho fazer uma breve observação desses dois fenômenos relacionando um processo nacional (norte-americano e brasileiro) ao outro, destacando-os também como exemplo de expansão religiosa internacional. Quanto ao surgimento do pentecostalismo “há divergências onde e quando renasce [...], mas uma unanimidade: ele surge nas igrejas protestantes norte-americanas” (Oliveira Junior, 2000, p. 31).

De acordo com Paul Freston (1993), a genealogia pentecostal estadunidense está associada ao movimento metodista iniciado por John Wesley<sup>53</sup>, metodismo que “surgiu na Inglaterra do século XVIII” (PUC-Rio, 2015, p. 27), no mesmo século do Iluminismo. Na biografia metodista inglesa encontro seu surgimento em meio às convulsões sociais da Revolução Industrial, onde nasceu como uma igreja de trabalhadores. Porém, na América do Norte, o “avivamento espiritual” dessa doutrina circulou inicialmente em meio a um país ainda rural (PUC-Rio, 2015; Campos, 2005). As ideias de Wesley chegaram ao continente norte-americano quando aquela região ainda era colônia inglesa. Conforme Daniel Alves (2011, p. 148), essas ideias, assim como “a obra de Wesley é considerada como uma das principais raízes dos quais derivou o pentecostalismo”.

Geórgia Gomes (2010) destaca que a partir do século XX, por conta de uma intensa perseguição religiosa que acontecia no continente europeu, muitos grupos religiosos que praticavam a fé protestante migraram para os Estados Unidos. Como efeito da chegada desses grupos protestantes originários da Europa, houve uma diversificação do universo religioso norte-americano, que perdeu sua hegemonia, tornando-se um cenário religioso mais fragmentado, e,

embora a origem do movimento seja norte-americana tenha se dado no início do século XX, as influências preponderantes nas raízes do pentecostalismo

---

<sup>53</sup> “Os seguidores de John Wesley receberam o nome de ‘metodistas’, exatamente por causa dos métodos propostos para o aperfeiçoamento da vida espiritual” (Campos, 2005, p. 110).

são de movimentos de santidade originados na Grã-Bretanha há mais de um século (Alves, 2011, p. 147).

A Igreja Metodista teve forte influência e foi protagonista, por um bom período nesse começo, porém, houve um declínio dessa teologia-doutrinária surgindo novos grupos cristãos, composto também por pentecostais. Na América, o metodismo circulou no período colonial, circulou ainda depois da conquista da independência e se estendeu até depois da Guerra Civil Americana de Secessão. Os conflitos internos da Igreja Metodista nos Estados Unidos resolveram-se quando do surgimento de igrejas autônomas que adotaram o nome de “igrejas holiness<sup>54</sup>” (Campos, 2005, p. 106).

Leonildo Campos (2005) entende que essas igrejas *holiness* foram igrejas pré-pentecostais, organizando inúmeros pastorados, até chegar a “era pentecostal”. O pentecostalismo, com suas raízes nos movimento metodista e de protestantes dos Estados Unidos, desenvolveram-se em meio ao fundamentalismo protestante norte-americano, sem que se misturassem (pentecostalismo e fundamentalismo protestante). Entre 1840 e 1900 a doutrina<sup>55</sup> que permitiu o surgimento do pentecostalismo foi alcançada. Nesse sentido, a identidade pentecostal originou-se da prática metodista, “e mais diretamente do movimento *holiness*, desde o princípio o pentecostalismo atraiu, sobretudo, as camadas pobres e marginalizadas e sobre esta base foi difundido” (Mariano, 1996b, p. 26). E, em um cenário de desenvolvimento, de rápida urbanização e de tensões sociais de grupos como, e.g., o de imigrantes pobres, e de muitas ambições materiais frustradas, atingiu um modelo que pode ser pensado como pentecostal, tendo operado nesse ambiente urbano e industrial servindo de lugar de amparo para as pessoas.

Freston (1993) descreve que próximo da passagem para o século XX, com a expectativa de um iminente “fim do mundo”, reavivou-se no pentecostalismo o fenômeno glossolálico, ou seja, falar em outras línguas, falar em línguas diferentes. A glossolalia, ou o “dom de línguas”, tem como base um intenso fervor religioso. A pessoa se manifesta numa língua desconhecida por ela e compreendida como de procedência divina, “os apóstolos falavam em línguas e a multidão que ouvia os

---

<sup>54</sup> “Holiness movement” (movimento de santidade). Esse movimento ensina que a vida pode ser purificada por meio da fé e do poder do Espírito Santo.

<sup>55</sup> “as raízes históricas do pentecostalismo mesclam a influência do *pietismo* alemão e do aprofundamento da vida espiritual proposto pelo *metodismo* original de John Wesley” (Gomes, 2010, p. 52), [grifos da autora].

entendia cada um em sua língua nativa. Ou seja, trata-se de uma Babel invertida, em que não ocorre a confusão das línguas, ao contrário, todos se entendem” (Freire, 2007, p. 15). Em meio ao desenrolar do fenômeno descrito “é curioso notar que a data que marca o ápice da glossolalia espírita – começo dos noventa – seja a mesma do surgimento do pentecostalismo contemporâneo” (Oliveira Junior, 2000, p. 31).

Conforme Campos (2005, p. 104), para compreendermos a expansão pentecostal estadunidense concorrem dois personagens, dois lugares, duas datas e duas situações que marcam o início do que o autor descreve como o do “moderno movimento pentecostal”. Os personagens são Charles Fox Parham<sup>56</sup>, “Parham é considerado o pai da teologia pentecostal” (Alves, 2011, p. 147), e William Joseph Seymour<sup>57</sup>. Os lugares, Topeka (no estado do Kansas) e Los Angeles (no estado da Califórnia); os anos, 1901 e 1906; as situações, o “falar em línguas” em Topeka, e os eventos da “Azusa Street”, em Los Angeles conduzidos por Seymour, um garçom negro, tido como expoente da expansão do moderno pentecostalismo. Para Alves (2011) a partir de *Azusa Street* formou-se um grupo de lideranças evangélicas consideradas, posteriormente, como a representação da primeira onda pentecostal.

Seymour, enquanto estava na cidade de Cincinnati, foi convidado por uma pastora negra para pregar em uma igreja *holiness*. Em seguida, Seymour a sucedeu na igreja quando ela foi trabalhar como governanta na casa de Charles Fox Parham. Parham, pastor branco, transferiu sua escola bíblica para Houston, no Texas. Em Houston, Seymour assistia as pregações de Parham sentado em uma cadeira colocada no corredor da igreja por conta da conduta racista de Parham, “foi neste ambiente que William Seymour aprendeu a mensagem pentecostal, a qual ele levou à cidade de Los Angeles em 1906” (Bledsoe, 2012, p. 27). Seymour tentou assumir o pastorado de uma igreja *holiness* na próspera e movimentada cidade de Los Angeles, mas acabou instalando-se

---

<sup>56</sup> “No entanto, não sem motivos, a historiografia do pentecostalismo tende a ocultar o papel de Parham, talvez por causa de acusações de homossexualidade, de suas notórias inclinações racistas e simpatias com a Ku Klux Klan e também por defender algumas doutrinas consideradas estranhas pelos americanos, entre outras, a crença de que os anglo-saxões seriam descendentes das dez tribos perdidas de Israel após o exílio na Assíria” (Campos, 2005, p. 104).

<sup>57</sup> “Um negro, filho de ex-escravos da Louisiana, então com 36 anos de idade, começou, em abril de 1906, num templo abandonado de uma Igreja Metodista Africana, no bairro negro de Los Angeles, uma caixa-preta, da qual começaram a sair gritos, convulsões, profecias, glossolalias, curas, milagres, prodígios e toda sorte de coisas, que rapidamente chamou a atenção da imprensa e, por meio dela, de todo o país. Em 18 de abril de 1906, o jornal *Los Angeles Times* publicava uma matéria que começava afirmando estarem os seus repórteres diante de ‘uma sobrenatural babel de línguas’ e de uma ‘nova seita de fanáticos’ formada em sua maioria por negros e imigrantes pobres, liderados por um pregador negro, William Seymour” (Op. cit., p. 110).

por conta própria no número 312 da “Azusa Street”. Acusado de fanatismo religioso, sofreu oposição tanto da imprensa quanto das igrejas protestantes tradicionais. A partir de 1906, esse endereço tornou-se a “Jerusalém norte-americana”, quando recebia inúmeras caravanas composta por negros e brancos indistintamente, em busca da “experiência com o Espírito Santo” (Campos, 2005, p. 112). A novidade atraiu, inclusive, outros pastores brancos que acompanharam, por um razoável tempo, as pregações de Seymour, formando um dos marcos do pentecostalismo estadunidense com esse protagonismo de um pastor negro. A novidade era que “os cultos integravam os negros, brancos e minorias étnicas (hispano-americanos, por exemplo, estavam lá desde o início), fato incomum, haja vista a força do racismo vigente na época” (Alves, 2011, pp. 147-148). Mas em pouco tempo, esse destaque e essa integração com os brancos dissolveram-se, e outras congregações religiosas organizaram-se seguindo o formato de segregação racial daquele tempo na sociedade norte-americana.

O pentecostalismo estadunidense chegou ao Brasil na década de 10 (dez) do século XX representado por duas igrejas, *Congregação Cristã do Brasil* (1910), sediadas nos estados de São Paulo, e no Paraná, liderada pelo italiano Louis Francescon, e pela *Missão Fé Apostólica* (1911), sediada na cidade de Belém, capital do Pará, liderada pelos suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren<sup>58</sup>. Essa segunda igreja assumiu um novo nome, Assembleia de Deus<sup>59</sup>, em 1918, tornando-se a maior igreja pentecostal da América do Sul à época (Freston, 1993; Mariano, 2004; Campos, 2005). Havia semelhanças nessas igrejas: “No plano teológico, enfatizaram o dom de línguas (glossolalia), seguindo a ênfase doutrinária primitiva dessa religião” (Mariano, 2004, p. 123). Esse trabalho evangelizador foi produtivo, e quando a participação missionária iniciada nos anos 10 (dez) completou quarenta anos (nos anos 1950) “o Brasil já tinha a terceira comunidade pentecostal do mundo” (Freston, 1993, p. 71).

A chegada ao Brasil das igrejas norte-americanas de matriz pentecostal trouxe traços da cultura dessas denominações do país de origem (Estados Unidos) como as dissidências e o divisionismo (as duas igrejas pioneiras no Brasil, e.g., não se relacionavam). Outro elemento analisado por Campos (2005), por exemplo, com o fato

---

<sup>58</sup> Entre 1889 e 1891 “após a proclamação da República e a Nova Constituição, a liberdade religiosa foi garantida, a separação de Igreja e Estado foi consolidada, inaugurando assim, o pluralismo religioso no Brasil” (Bitun, 2007, p. 23).

<sup>59</sup> “[...] tradicionalmente, a Assembleia de Deus se firma como a maior e mais sólida igreja do protestantismo brasileiro” (Tadvald, 2015, p. 155).

de o pentecostalismo ser tão bem-sucedido em terras brasileiras, pode ser pensado pela aproximação do pentecostalismo com a cultura negra, pois

Seymour foi capaz de fazer a síntese, de catalisar e de descobrir as raízes africanas do movimento pentecostal. Por isso, Azuza Street se tornou o cadinho em que se produziria uma religiosidade que valorizaria alguns traços da tradição negra: oralidade da liturgia; teologia e testemunhos oralmente apresentados; inclusão de êxtase, sonhos e visões nas formas públicas de adoração; holismo quanto às relações corpo-alma; ênfase nos aspectos xamânicos da religião; uso de coreografias e de muita música no culto (Op. cit., p. 112).

O estilo de pregação pastoral dos protestantes, que desde a Reforma de Lutero substituiu a celebração eucarística do catolicismo, trouxe o costume de pregar por horas, intercalada com cânticos e orações, valorizando a mesma oralidade (PUC-Rio, 2016) comum nos tempos de Jesus. Conforme David Bledsoe (2012, p. 27), “os usos e costumes também seguiram esses traços. Seus seguidores deveriam obedecer a tais normas comportamentais prescritas até sua entrada no céu ou o retorno de Cristo, o que viesse primeiro”. Como forma de analisar esse fenômeno, os “pesquisadores passaram a ordenar este campo religioso em três grupos e classificá-los com base em critérios históricos (ou periodização) de implantação de igrejas, em distinções teológicas e comportamentais” (Mariano, 2004, p. 123):

O pentecostalismo brasileiro pode ser compreendido como a história de três ondas de implantação de igrejas. A primeira onde é a década de 1910, com a chegada da Congregação Cristã (1910) e da Assembléia de Deus (1911). Estas duas igrejas têm o campo para si durante 40 anos, pois suas rivais são inexpressivas. A Congregação, após grande êxito inicial, permanece mais acanhada, mas a AD se expande geograficamente como a igreja protestante nacional por excelência, firmando presença nos pontos de *saída* do futuro fluxo migratório. A segunda onda pentecostal é dos anos 50 e início de 60, na qual o campo pentecostal se fragmenta, a relação com a sociedade se dinamiza e três grandes grupos (em meio a dezenas de menores) surgem: a Quadrangular (1951), Brasil para Cristo (1955) e Deus é Amor (1962). O contexto dessa pulverização é *paulista*. A terceira onda começa no final dos anos 70 e ganha força nos anos 80. Suas principais representantes são a Igreja Universal do Reino de Deus (1977) e a Igreja Internacional da Graça de Deus (1980). Novamente, essas igrejas trazem uma atualização inovadora da inserção social e do leque de possibilidades teológicas, litúrgicas, éticas e estéticas do pentecostalismo. O contexto é fundamentalmente *carioca* (Freston, 1993, p. 66), [grifos do autor].

Mariano (2014, p. 23) classifica esses três momentos em “pentecostalismo clássico, deuterpentecostalismo e neopentecostalismo”. Para Oro (2001, p. 73), o primeiro momento, conhecido como protestantismo clássico (ou tradicional) conjuga

como “principais crenças e doutrinas (atualização dos dons do Espírito Santo, inspiração pelo Espírito Santo e ‘batismo de fogo’, conversão e libertação do ‘mal demoníaco’, puritanismo de conduta e distância do ‘mundo’)”, assim,

o pentecostalismo, nascido em pleno século XX, ressuscita práticas religiosas e mentalidades próprias do cristianismo primitivo, ao apregoar, distintamente do protestantismo reformado, que Deus continua a agir hoje tal como no passado bíblico, curando enfermos, expulsando demônios, concedendo bênçãos e dons espirituais, fazendo milagres, intervindo na história e na vida cotidiana de seus servos (Mariano, 1996a, p. 123).

Na década de 1950, emerge o segundo momento, o deuteropentecostalismo<sup>60</sup> “quando dois missionários norte-americanos da *International Church of The Foursquare Gospel* criaram, em São Paulo, a Cruzada Nacional de Evangelização. Por meio dela, iniciaram o evangelismo focado na pregação da cura divina” (Mariano, 2004, p. 123). Mariano destaca, ainda, que a estratégia proselitista desse segundo momento do protestantismo foi o uso intenso do rádio para pregações e de utilização de tendas de lona nas ruas para encontro e atendimento direto dos fiéis.

Mariano (2014, p. 31) pontua que o primeiro momento enfatizou o “dom de línguas” como atributo principal, o segundo momento, “o dom de cura”, não havendo transformações consideráveis, onde “o núcleo doutrinário permanece inalterado em qualquer das ramificações pentecostais”. Igualmente,

as primeiras igrejas pentecostais desenvolvem a ideia de atualidade da ação do Espírito Santo basicamente na manifestação da glossolalia. As igrejas que surgem nos anos 1950 e 1960 aplicam a mesma ideia sublinhando a promessa de curas religiosas (Giumbelli, 2014, p. 190).

Segundo Mariano (2004, p. 123), “a expansão pentecostal não é recente nem episódica. Ocorre de modo constante já há meio século, o que permitiu que o pentecostalismo se tornasse o segundo maior grupo religioso do país”. Eduardo Paegle (2008, p. 88) destaca que

existem cinco ramos que compõem os evangélicos brasileiros: anglicanos (incluindo os episcopais), luteranos, reformados (presbiterianos e congregacionais), paralelos à Reforma (batistas e menonitas) e pentecostais (Assembléia de Deus, Congregação Cristã do Brasil, Deus é Amor, entre outras). Para Gedeon Alencar, ocorre a divisão em quatro grupos, como protestantismo de imigração (luteranos), protestantismo de missão

---

<sup>60</sup> “O radical *deutero* (presente no título do quinto livro do pentateuco) significa *segundo* ou *segunda vez*, sentido que o torna muito apropriado para nomear a segunda vertente pentecostal” (Mariano, 2014, p. 32).

(congregacionais, presbiterianos, metodistas e batistas), protestantismo pentecostal (Congregação Cristã do Brasil e Assembléia de Deus) e protestantismo moderno (Quadrangular, “Brasil para Cristo”, “Deus é amor” e Igreja Universal do Reino de Deus).

Conforme Donizete Rodrigues *et. al.* (2008), o desenvolvimento dessa cultura no Brasil abalou fortemente a hegemonia Católica brasileira. Para os autores, a Igreja Católica assumiu uma relação de poder com os seus fiéis por conta do atraso econômico brasileiro. Nesse contexto, a teologia Católica anuncia uma igreja para os pobres enquanto as teologias protestantes pregam a igreja como sendo dos pobres. Nesse embate religioso, “o protestantismo relaciona o poder histórico da Igreja Católica com o atraso econômico e com o autoritarismo, e esse discurso é bem recebido pelas populações pobres urbanas, excluídas do processo de modernização tardia” (Rodrigues *et. al.*, 2008, p. 10), nos anos 1970.

Há uma simbologia distinta entre as três principais vertentes religiosas no Brasil. Os católicos assumem uma perspectiva de tradição, de “cultura nacional”, e são legitimados como uma “religião natural dos brasileiros” (Giumbelli, 2014, pp. 193-194). Conforme Emerson Giumbelli (2014), as religiões afro-brasileiras apresentam-se como pertencentes a uma “cultura étnica”, como símbolo do que o autor descreve de “celebração das origens multiculturais da nação” (Op. cit., p. 194). Ainda, segundo esse autor, por sua complementariedade com o sincretismo católico, as religiões afro-brasileiras alcançaram uma acomodação social, mas

no caso dos evangélicos, sua presença na sociedade brasileira não assume a forma de uma “cultura nacional”, nem tampouco a de uma “cultura étnica” [sic] os evangélicos não se mostram interessados em apelar à história ou à tradição para fundamentar sua presença. Sua visão está mais orientada para o futuro (Op. cit., p. 194).

O neopentecostalismo trouxe uma distinção em relação aos demais seguimentos pentecostais, incentivou menos sectarismo e menos ascetismo, instituiu um certo liberalismo no usufruto dos costumes do mundo não religioso para seus seguidores, investiu em outras ações, como em empresas, em candidatos a cargos políticos, em meios de comunicação de massa. O neopentecostalismo foi usado principalmente para conceituar a nova igreja que surgiu, a Igreja Universal.

Para Mariano (2014, p. 36), no terceiro momento, i.e., o do neopentecostalismo<sup>61</sup>, há um rompimento radical com as crenças e doutrinas do protestantismo clássico, e marca o momento da emergência da IURD. O autor afirma que “o prefixo *neo* é adequado justamente por implicar continuidade e, ao mesmo tempo, novidade e mudança<sup>62</sup>”. Nessa direção, Mariano (2004, p. 121) nos diz que o avanço da IURD, como representante das igrejas neopentecostais, não se restringiu aos planos religiosos e demográficos e “estende-se pelos campos midiáticos, político partidário, assistencial, editorial e de produtos religiosos<sup>63</sup>”. Nessa terceira onda (Freston, 1993) “algumas igrejas proeminentes também reduziram as expectativas quanto ao comportamento da membresia e abriram paradigmas evangélicos relacionados aos locais de reunião, participação política e estilos de louvor” (Bledsoe, 2012, p. 33). Nesta direção, Tadvold (2015, p. 152) afirma que

esta onda se caracteriza pela centralidade das instituições nas mãos de seus fundadores e o gerenciamento institucional sob bases empresariais ao ponto de se transformarem em uma teologia prática que fundamenta essas igrejas, e a adaptação do discurso pentecostal aos valores mundanos, especialmente aos associados à nova era global de acumulação flexível de capital.

Paegle (2008) propõe outra classificação para a periodização das etapas das igrejas protestantes. O autor entende como primeira fase as igrejas que têm como referência a “cultura letrada”, i.e., as igrejas protestantes dos luteranos, presbiterianos, congregacionais, anglicanos e batistas. As igrejas da fase seguinte, que o autor nomeia como de pentecostais, são a Assembleia de Deus, a Deus é Amor, a Quadrangular, e a Congregação Cristã do Brasil, as quais se caracterizam pelo uso da “cultura oral”, e.g., pelo uso do rádio; e as da terceira fase são as igrejas de “cultura imagética”, como a Igreja Universal do Reino de Deus, a Igreja Internacional da Graça e a Renascer em

---

<sup>61</sup> “[...] há um certo consenso entre os especialistas nesta área, de que a metáfora das ‘ondas marinhas’, inicialmente utilizada no Brasil por Paul Freston seria uma boa ferramenta para a compreensão do movimento pentecostal brasileiro [...] nos Estados Unidos tanto a metáfora marinha quanto o conceito neopentecostal já eram conhecidos” (Moraes, 2010, p. 02).

<sup>62</sup> “O protestantismo brasileiro não é mais o mesmo desde que surgiu o novo movimento” (Matos, 2016b, p. 01).

<sup>63</sup> “Em termos teológicos, o neopentecostalismo caracteriza-se por: 1) enfatizar a guerra espiritual contra o Diabo e seus representantes na terra, identificados principalmente com os cultos afro-brasileiros; 2) pregar e difundir a Teologia da Prosperidade, defensora do polêmico adágio franciscano “ê dando que se recebe” e de crenças de que o cristão está destinado a ser próspero, saudável, feliz e vitorioso em todos os empreendimentos terrenos; 3) refutar bíblicamente os tradicionais e estereotipados usos e costumes de santidade, que até há pouco figuravam como símbolos de conversão e pertencimento ao pentecostalismo” (Mariano, 1996a, p. 125).

Cristo, denominações que têm por base a Teologia da Prosperidade<sup>64</sup>, o uso do espetáculo e da teatralização como recursos, além do uso massivo da televisão.

Não há consenso nos estudos sobre as separações dessas fases do pentecostalismo, principalmente entre a segunda e a terceira onda, visto que muitas práticas são comuns aos dois momentos, já que “os grupos da segunda onda mencionados não apenas precederam o período neopentecostal, mas também cooperaram na adoção das inovações da onda posterior” (Bledsoe, 2012, p. 39). Segundo Alves (2011), as divisões temporais do pentecostalismo é um tema controverso. Contudo, para compreender essas divisões temporais e essa controvérsia, o autor destaca a análise de Vinson Synam. Nessa análise, a primeira onda irrompeu a partir de “Azusa Street” e fez surgir duas grandes denominações, a Igreja de Deus e a Assembleia de Deus.

Muitas igrejas surgiram para além das fronteiras dos Estados Unidos constituídas por líderes religiosos formados pelo fundador da Assembleia de Deus, e são reconhecidos como precursores dessa primeira onda no mundo, como os fundadores das igrejas pentecostais que chegaram ao Brasil na década de 10 (dez).

A segunda onda, que já foi nominada de neopentecostal, é tida como carismática pelos teóricos norte-americanos, nessa onda houve a permanência de seus religiosos nas igrejas nos Estados Unidos<sup>65</sup>. Já a terceira onda aparece denominada de neocarismática e se origina nos religiosos das igrejas das duas primeiras ondas que deixaram suas denominações iniciais. De acordo com Alves, analisando a perspectiva de Synam, havendo manifestação do Espírito Santo, a denominação pode ser incluída na segunda onda, como carismática, inclusive comunidades católicas. Noutra direção, os cientistas sociais incluem o elemento identidade religiosa com a denominação como ponto importante. Para Bledsoe (2012, pp. 25-26), “os grupos de cada onda defendem ensinamentos e práticas semelhantes, embora variem em outras características quando comparados a alguns precursores e contemporâneos”.

---

<sup>64</sup> “Oriunda dos Estados Unidos, a Teologia da Prosperidade, Confissão Positiva ou Movimento da Fé como também é conhecida, surgiu no começo dos anos 40. Mais tarde, encontrou guarida nos grupos evangélicos carismáticos daquele país, sendo reconhecida como movimento doutrinário constituído somente nos anos 70” (Mariano, 1996b, p. 28).

<sup>65</sup> “O termo ‘carismático’ é definido de maneira diferente da usada por alguns pesquisadores fora do Brasil. Para eles, o termo se refere aos evangélicos que aceitam o segundo batismo no Espírito Santo que, geralmente, é acompanhado pelo falar em línguas” (Bledsoe, 2012, p. 40).

Em meio a essas divisões em ondas e controvérsias quanto ao período que cada denominação representa e pode ser descrita, as articulações protagonizadas pela Universal me permitem pensar que desde o final dos anos 1980, houve no campo religioso protestante brasileiro uma “virada pentecostal”, com o estabelecimento da terceira onda classificada por Freston (1993). Nessa “virada pentecostal”, a Universal, orientando-se pelo movimento de fé norte-americano (*faith movement*), priorizou a Teologia da Prosperidade numa ação que aproxima o neopentecostalismo brasileiro ao norte-americano, enfatizando a batalha espiritual e reduzindo as exigências do controle dos usos e costumes de seus adeptos. Apesar disso, o mais expressivo nesse movimento é a eloquência proselitista que ressignificou a discursividade presente na teologia operada pela Igreja Católica, como a naturalidade em lidar com a conquista e o usufruto dos bens materiais em vida. Penso que essa ideia de “virada pentecostal”, encontra na reengenharia desenvolvida por Edir Macedo sobre o texto sagrado, dois interesses, i.e., fundamentar a doutrina religiosa que escreveu para a Universal criando, ao mesmo tempo, o prosélito de atrair e converter as pessoas em prol dessa nova religião. Mesmo assim, “o neopentecostalismo brasileiro não funciona como uma importação direta norte-americana, mas como um remodelamento de alguns ensinamentos” (Bledsoe, 2012, p. 57). É nesse sentido que muitas das práticas neopentecostais quanto à teologia, à liturgia e à maneira de organizarem-se foram apropriadas por igrejas históricas e pentecostais de primeira e de segunda onda, o que pode indicar a transformação operada.

No que segue antes de abordarmos a emergência da Igreja Universal irei descrever brevemente a trajetória pessoal e religiosa do bispo Edir Macedo, com vistas a entendermos as especificidades assumidas pela IURD.

### **3.2. A trajetória pessoal e religiosa de Edir Macedo**

Edir Macedo Bezerra nasceu em 18 de fevereiro de 1945, na cidade de Rio das Flores, no interior do estado do Rio de Janeiro, “numa família pobre de migrantes” (Mariano, 2014, p. 54). Quando criança era chamado pelos familiares e pelos amigos pelo codinome “Didi”. O pai, de origem alagoana, tentou ser comerciante, mas o armazém tipo “secos e molhados” (comércio a varejo de venda de produtos sólidos e

líquidos) que empreendia não deu certo, e, nos anos 1950, a família passou a viver em uma fazenda de produção de café onde o pai trabalhou na contabilidade.

Dona Eugênia, a mãe, fazia bolinhos para Macedo e os irmãos venderem. Ela teve trinta e três gestações, sofreu dezesseis abortos perdendo outros dez filhos prematuramente, e apenas sete sobreviveram. Edir Macedo foi o quinto filho da família Macedo Bezerra, tendo nascido de parto prematuro e com deficiência genética herdada da avó: os dedos indicadores são finos, os polegares um pouco maiores, e pouco se movem. Macedo diz ter sofrido *bullying*<sup>66</sup> na escola, tendo recebido o apelido de “dedinho”. Nasceu em uma família católica, foi batizado, fez o catecismo (forma de expor a fé e a doutrina da Igreja), além da primeira comunhão por imposição da instituição escolar. Mais tarde, a família mudou para a cidade do Rio de Janeiro, na região central da cidade conhecida por Morro do Catumbi.

Na trilogia “*Nada a perder*” (2012), livro 1, Macedo relembra que na adolescência chegou mesmo a ironizar os evangélicos da Igreja Assembleia de Deus. Relembra, que quando aqueles religiosos estavam reunidos no campo da equipe de futebol do São Cristóvão, na capital fluminense, passava propositadamente de bicicleta no entorno daquela aglomeração para gritar zombando (saindo rapidamente): “*Aleluia! Aleluia! Como no prato e bebo na cuia*” (Macedo, 2012, p. 51). Macedo reconheceu que se “divertia com esse tipo de ironia” (Macedo, 2014, p. 147).

Aos 15 (quinze) anos, ele procurou a Igreja Católica em companhia da irmã Elcy para auxiliá-la em busca de uma cura espiritual, já que ela sofria de bronquite asmática. Essa visita coincidiu com o período da Semana Santa, quando o Cristo morto é venerado pelos católicos, i.e., o corpo é velado simbolicamente e as pessoas sofrem com essa encenação. Em meio a esse cenário, Macedo diz ter “se revoltado” e indagou, “*Como que eu poderia estar ali querendo a ajuda de alguém que está morto?*” (Caderno de Transcrições, 2015, p. 155). Macedo deixou de professar a fé Católica naquele dia. Mas foi a irmã Elcy a primeira integrante da família Macedo Bezerra a converter-se à fé evangélica, quando, acompanhando uma pregação radiofônica da

---

<sup>66</sup> Edir Macedo concedeu entrevista exclusiva para o repórter Roberto Cabrini, do SBT (Sistema Brasileiro de Televisão) exibida em 24/04/2015. O termo *bullying* foi utilizado por Macedo nessa entrevista, tal como hoje o conhecemos, mas não existia na época do relato do bispo Macedo. Trata-se de uma emergência recente. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=LViRUp8U0Xc>> - Acesso em: 28 abr. 2015.

Igreja Nova Vida, colocou a mão sobre o rádio, e, em meio a uma oração do pastor, disse ter se curado da asma. Elcy,

ouviu a mensagem de fé de um pastor canadense na antiga rádio carioca Mayrink Veiga, emissora em que estreou a cantora Carmen Miranda. Sem conseguir dormir, ouviu a pregação inteira e orou com o pastor. A melhora foi sentida na hora. Nos dias seguintes, Elcy voltou a acompanhar ativamente o programa na rádio. Quem pregava era Robert McAlister, conhecido apenas como bispo Roberto, que convidava os ouvintes para os cultos de uma Igreja chamada Nova Vida. Elcy aceitou o convite e decidiu conhecer o lugar, que funcionava no prédio da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), no centro do Rio (Macedo, 2012, p. 77).

Após ter testemunhado essa “graça” recebida por Elcy, os dois passaram a frequentar os cultos daquela igreja, “passei a ir sempre às noites de quarta-feira e às manhãs de domingo na sede da ABI, onde se reuniam cerca de 500 pessoas. Eu estava exatamente com 18 anos” (Op. cit., p. 78). Macedo “converteu-se ao pentecostalismo em 1963, aos 18 anos de idade, na Igreja Pentecostal Nova Vida, por meio de sua irmã, curada de bronquite asmática nesta denominação” (Mariano, 2014, p. 54). Depois de muitos autoquestionamentos entendeu a mensagem daquela igreja e diz ter “abraçado o Senhor Jesus”, e que essa escolha o transformou desde aquela época até a atualidade.

Macedo nutria uma paixão por uma antiga namorada que “não aceitava a Deus” e o desvirtuava do compromisso com a fé. A separação daquela namorada o deixou abatido e solitário, e como a Nova Vida recepcionava para os cultos apenas nas quartas-feiras e aos domingos, não havendo cultos aos sábados, lembra ser o sábado o dia que mais se sentia sozinho. Essa duas experiências pessoais de Macedo definiram algumas direções para a IURD, e na atualidade

a Igreja Universal abre suas portas todos os dias da semana e dedica as quintas-feiras aos que, como eu naquela época, buscam uma solução para os anseios no campo afetivo. A Terapia do Amor é considerada por mim uma das correntes mais importantes do nosso trabalho espiritual. Ela tem ajudado milhões de casais e solteiros, ao redor do mundo, a reencontrar, sob a ótica dos preceitos cristãos, a felicidade na vida a dois (Macedo, 2012, p. 108).

Na Nova Vida ele conheceu a esposa Ester, com quem se casou oito meses depois, em 1971, e se mantém casado com ela há 45 (quarenta e cinco) anos. Com Ester teve duas filhas, Cristiane e Viviane, e também Moisés, filho adotivo. O nascimento de Viviane abalou Macedo emocionalmente e espiritualmente. A menina nasceu com fissura labialatal (má formação congênita nos lábios, conhecida como labioleporino).

Esse sofrimento pessoal o fez revoltar-se novamente, e ampliou esse sentimento como forma de compreender o sofrimento do povo, e com base nessa experiência, Macedo afirmou que “ali foi gerada a Igreja Universal do Reino de Deus. Minha revolta não se voltou contra Deus, mas contra o inferno que provoca em milhões de seres humanos o mesmo sofrimento que eu sentia naquele instante” (Op. cit., p. 164). Durante mais de 10 (dez) anos foi funcionário público de carreira da Loterj (Loteria do estado do Rio de Janeiro), chegando a chefiar o setor da tesouraria, e por conta do sofrimento da filha Viviane, decidiu deixar o serviço público e passou a ser pastor em tempo integral.

Como pastor, Macedo teve uma participação reduzida na denominação religiosa que passou a fazer parte, o que freava as pretensões dele de pregar deixando-o sem perspectivas, e, “após doze anos como membro da Nova Vida, em 1975, farto do elitismo desta igreja e sem apoio para suas atividades evangelísticas, consideradas agressivas, decidiu partir para vãos mais altos” (Mariano, 2014, p. 55). Macedo não conseguia ocupar espaço naquela denominação e ansiava “ganhar muitas almas” por toda a cidade do Rio de Janeiro, acreditava e.g., que a igreja estava com Deus e longe do povo. Em outras palavras, que não faziam um trabalho direto com os populares, o que era vontade de Macedo. O bispo Robert McAlister, sabendo da intenção de Macedo de deixar a Nova Vida, o convenceu a ficar, mas ele permaneceu por apenas três meses. Macedo afastou-se da Nova Vida e passou a pregar em diferentes locais - “continuei as missões ao lado de Romildo Soares” (Macedo, 2012, p. 159) - e saiu da Nova Vida alimentando o desejo de iniciar uma igreja do zero.

Nesse percurso, participou de duas denominações religiosas antes de criar a IURD: “A Cruzada do Caminho Eterno” e a “Casa da Bênção”; nessa segunda denominação foi alertado de ainda não estar preparado para ser elevado a pastor. Macedo considerou essa observação como mais um outro “não” nesse decurso pessoal religioso iniciado na Nova Vida. Percebendo não encontrar espaço em outras igrejas resolveu criar seu próprio pastorado, e

pouco a pouco, por direção do Espírito de Deus, comecei a idealizar o modelo considerado ideal para a Igreja dos meus sonhos. Um trabalho espiritual capaz de provocar um terremoto no inferno. Uma fórmula guardada dentro do meu peito e no meu intelecto. Uma inspiração do alto (Op. cit., p. 159).

A primeira reunião do que viria a se tornar a Universal aconteceu ao ar livre, e o coreto da Praça Jardim do Méier, no Rio de Janeiro, serviu de cenário e de marco do começo do projeto evangelizador de Macedo. Aos 30 (trinta) anos, carregando uma Bíblia, uma caixa de som, um teclado e um microfone, Edir iniciou suas pregações para alguns poucos curiosos que passaram a admirá-lo. Com o tempo, o público aumentou e a necessidade de um espaço maior também (Mariano, 2014) e

mais que um pregador, Edir Macedo é o retrato bem-acabado do que chamamos de líder. Foi assim, rompendo desde cedo com a perspectiva de uma vida decente, mas comum, que ele se firmou como alguém que não estava aqui para ser coadjuvante. Alguém que não se acomoda. O bispo, como hoje é reconhecido, fez dessa inquietude um modo de vida. Ainda pastor, surpreendia pela vasta cabeleira e pelo gestual, a ponto de ser chamado de “pastor bossa-nova” (Lemos e Tavaloro, 2007, p. 02).

Em busca de um local mais bem estruturado encontrou no prédio de uma antiga funerária, prédio que veio a ser alugado pela mãe, dona Eugênia, o primeiro templo da Universal. Por oito anos Macedo pregou na igreja do bairro da Abolição, no Rio, sendo a partir dos anos 1980, impressionante o crescimento da Igreja. Conforme Mariano (2014, p. 54), “qualquer um que a tivesse visto surgir na sala de uma ex-funerária do bairro da Abolição, subúrbio da zona norte do Rio, não sustentaria grandes expectativas a seu respeito”:

A trajetória da Igreja Universal do Reino de Deus pode ser explicada por esse fundamento tão singular. Há 37 anos, quando reuníamos meia dúzia de homens e mulheres no velho Coreto, no subúrbio do Rio de Janeiro, ninguém poderia acreditar nas fronteiras que seriam rompidas pelo crescimento avassalador desta obra evangelística (Macedo, 2014, p. 21).

Com o crescimento da IURD, em 1989, essa denominação já dispunha de quase 400 (quatrocentos) templos em 18 (dezoito) estados no Brasil. Com base na leitura de alguns autores que pesquisaram esse período dessa denominação, Macedo e a Universal podem ser descritos como em conflito com a imprensa da época e com a Igreja Católica, em especial quando iniciou as negociações para a compra da Rede Record de Televisão, circunstância acompanhada pela “perda” maciça de católicos que se convertiam para o novo fenômeno pentecostal. Esse conflito chegou ao extremo no início de uma tarde do mês de maio de 1992, quando após pregar em um culto com a família no templo do bairro paulistano de Santo Amaro (maior templo da IURD na época), já retornando para casa em companhia da esposa, da filha Viviane e de uma amiga da família (a filha

Cristiane e o filho Moysés viviam nos Estados Unidos), Macedo teve o carro (um modelo BMW) cercado pela polícia. Com os policiais de armas em punho, inclusive portando metralhadoras, e por ordem do grupo composto por cinco delegados e treze policiais entre civis e federais, Macedo foi retirado do veículo sob a mira das armas, recebeu voz de prisão, e foi conduzido de forma truculenta para um carro da polícia. Levado para a 91ª (nonagésima primeira) delegacia de polícia da Vila Leopoldina, na capital paulista, uma equipe de reportagem da Rede Globo já estava aguardando para noticiar o caso, o que indica que foram avisados com antecedência. Macedo ficou preso por onze dias (Lemos e Tavaloro, 2007; Macedo, 2012; Mariano, 2014).

A prisão de Macedo teria sido planejada para acontecer em meio à pregação do bispo na igreja na manhã daquele domingo do ano de 1992. Como isso não aconteceu, Macedo interpretou que “Deus protegeu a Universal” ao evitar que isso se realizasse por julgar que a reação dos demais pastores, obreiros (voluntários uniformizados da igreja), e fiéis frente àquela situação poderia provocar uma tragédia. Nos dias que se seguiram, protestos dos seguidores da Universal ameaçavam uma invasão da delegacia, e a pedido de uma delegada de polícia, Macedo pronunciou-se pelo rádio e pediu calma. A prisão de Macedo promoveu a solidariedade das demais igrejas, “mobilizou fiéis, pastores e políticos evangélicos” (Mariano, 2014, p. 76) todos protestando pela libertação do bispo e reivindicando o direito à liberdade religiosa<sup>67</sup>.

Ao ler a trilogia “*Nada a perder*”, bem como outras publicações de Macedo, percebe-se o uso de inúmeras analogias associando a experiência da vida pessoal dele com passagens e figuras bíblicas, passíveis de serem constatadas também nas falas do bispo quando está celebrando cultos religiosos ou apresentando programas no rádio (meio mais comum de Macedo falar). A imagem de Macedo lendo a Bíblia atrás das grades na capa do livro “O bispo” foi associada à imagem de mártir semelhante a Cristo. As posturas de Macedo, enquanto líder religioso, parecem compor o celebre pensamento do padre jesuíta Pierre Teilhard de Chardin de que “*não somos seres humanos vivendo uma experiência espiritual, somos seres espirituais vivendo uma experiência humana*” (Chardin, s.n.t.), quando o plano espiritual tomaria o lugar do plano físico, exemplo potencializado no caso de Macedo.

---

<sup>67</sup> “[...] a IURD sempre atraiu desconfianças entre os próprios evangélicos, como exemplifica o manifesto lançado, em 1995, pela Associação Evangélica Brasileira que recusava a autenticidade protestante da igreja. O mesmo ocorreu em diversos países” (Tadvald, 2015, p. 169).

As acusações de charlatanismo, estelionato e lesão à credence popular (curandeirismo) - que o levou a prisão em 1992 -, foram contrapostas pelo bispo quando ele defendeu a tese de que o governo economizaria muitos recursos financeiros com o trabalho religioso realizado por ele e pela Universal. Suas obras assistenciais e, em especial, seu trabalho espiritual, consegue “curar” muitas pessoas – argumentou ele - medida que não seria possível com a intervenção da medicina tradicional, dos médicos, e do uso de medicamentos. Além disso, segundo ele, muitos criminosos e dependentes químicos são libertados e renascem para a vida, poupando o dinheiro público e deixando de cometer desordens sociais<sup>68</sup> (Macedo, 2012). Nesse cenário,

os próprios fiéis explicam que as pessoas que recorrem à igreja quando “já nada mais faz efeito”, isto é, quando doenças e toda classe de prejuízos e danos continuam mostrando-se imbatíveis frente à ação dos médicos, assistentes sociais ou as autoridades religiosas de outros cultos (Topel, 2009, p. 650).

Sobre esse trabalho de recuperação de dependentes químicos Macedo é mais enfático e questiona: “Qual o preço disso? Quanto isso vale para as nossas autoridades e governantes?” (Macedo, 2014, p. 148). A experiência da prisão o marcou profundamente, tanto que fez Macedo incentivar o trabalho evangelizador dos pastores da IURD nas penitenciárias como meio de ressocialização e de oportunidade de retomada da própria vida pelos detentos. A trilogia “*Nada a perder*” contou com 120 (cento e vinte) lançamentos oficiais em 27 (vinte e sete) diferentes países e, segundo Macedo,

mesmo com toda essa repercussão no mundo, participei somente de uma sessão de lançamento: em um presídio de São Paulo. Fiz questão de entregar os livros, apertar as mãos dos detentos e orar por cada um deles, como sinal de que a Igreja acredita na recuperação dos excluídos (Macedo, 2014, p. 14).

Os processos judiciais contendo as denúncias que motivaram a prisão de Macedo em 1992 foram arquivados, e o bispo inocentado das acusações. Contudo, a relação do dinheiro que circula pela Igreja, o modo com que esses recursos são obtidos, e suas operações no meio financeiro é a maior polêmica da Universal<sup>69</sup>, tanto que seus líderes, incluindo o bispo Macedo, foram, por seguidas vezes, denunciados pelo Ministério

---

<sup>68</sup> Na doutrina da IURD encontro a ideia do “nascido de novo”, nascimento em Cristo que faz das pessoas um novo ser e tudo se refaz na vida dela.

<sup>69</sup> “Conforme a lei vigente, ainda que isentas de pagar impostos, as organizações religiosas são obrigadas a declarar o volume de recursos e bens doados que receberam dos fiéis” (Tadvald, 2015, p. 167).

Público brasileiro e responderam alguns processos na Justiça, tanto no Brasil quanto no exterior:

no campo judicial, desde os anos 1980 a IURD sofre diversas acusações legais, como estelionato, lavagem de dinheiro, apropriação de patrimônio alheio mediante ardil, corrupção passiva entre outras. Embora a igreja tenha quase sempre sido denunciada com base em muitos dispositivos legais, os pedidos de dinheiro que os pastores iurdianos fazem junto aos fiéis acabaram se tornando o ponto central de muitas denúncias (Tadvald, 2015, p. 166).

A Universal transforma as inúmeras acusações que sofre no âmbito institucional, em relação aos seus métodos de ação, como forma de justificar, no discurso que assume para si, o papel de vítima que sofre muitas perseguições e, a partir disso, fortalecer o trabalho evangelizador que realiza (Tadvald, 2015) buscando receber apoio e novas adesões.

Na sequência, concluo este capítulo destacando o surgimento da Igreja Universal do Reino de Deus, sua contribuição para a transformação no campo religioso evangélico e sua transnacionalização.

### **3.3. Igreja Universal do Reino de Deus: emergência, neopentecostalismo e transnacionalização**

Dia 9 (nove) do mês de julho do ano de 1977 registra a data do surgimento da IURD por ser a data do primeiro culto, “nascia no Rio de Janeiro o maior fenômeno religioso brasileiro da atualidade, a Igreja Universal do Reino de Deus, que encabeça o neopentecostalismo” (Mariano, 1996a, p. 124).

Segundo Mariano (2004; 2014), a Igreja foi fundada por Macedo e pelo cunhado casado com a irmã caçula de Macedo, Magdalena, o missionário Romildo Ribeiro Soares (o R. R. Soares), atual líder da Igreja Internacional da Graça. Soares foi o líder da IURD quando a Igreja iniciou as atividades pastorais. Participou também da fundação da Universal o pastor Roberto Lopes, que implantou essa Igreja em São Paulo, tendo tornado-se mais tarde deputado federal a pedido de Edir.

R. R. Soares e Edir Macedo divergiam de como conduzir os negócios da nova igreja, i.e., Soares buscava a expansão da Universal no Brasil, Macedo buscava a expansão nos Estados Unidos. Dois fatos provocaram divergência entre os fundadores da IURD. Soares trouxe para a Universal, pastores de outras denominações, fato que

desagradou Macedo, além de ser criticado por destacar a imagem como “missionário” R. R. Soares. O projeto de expansão para os Estados Unidos foi decidido em uma votação com mais 15 (quinze) pastores, e a proposta de Macedo acabou sendo a escolhida. Soares perdendo a votação desligou-se da IURD, fundando a Igreja Internacional da Graça. Com a saída de Soares, e a eleição de Lopes como deputado federal, a liderança absoluta da Universal coube a Macedo.

As rupturas por divergências parecem marcar o campo protestante. O campo pentecostal brasileiro também tem um histórico de cismas e, como consequência, a criação de novas igrejas. Bitun (2007) historicizou uma série de rompimentos: primeiro foi a criação da Igreja Nova Vida, como dissidência da Igreja Assembleia de Deus. A Igreja Universal do Reino de Deus surge como dissidência da Nova Vida. A Igreja Internacional da Graça e a Igreja Mundial do Poder de Deus surgiram como dissidência da Universal, para citar apenas as denominações com mais fiéis. A Igreja Mundial, com seu carismático e autodenominado apóstolo Waldemiro Santiago<sup>70</sup>, faz uma forte concorrência para a Universal tendo sido formada por muitos dos seguidores da antiga Igreja (IURD). Bitun também destaca que o trânsito religioso tem se intensificado, i.e., em meio a essas rupturas os fiéis que outrora migravam da religião católica e das religiões afrorreligiosas, atualmente, migram entre as próprias igrejas pentecostais. Fernandes *et. al.* (1998, p. 72) identificaram que

um em cada quatro fiéis já mudou ou deve mudar de igreja. É um índice elevado, que indica a abertura das vias de comunicação interdominacional, a despeito das diferenças. Sustenta, ademais, o sentido comum da expressão “evangélico”. As pessoas encontram facilidade para passar de uma igreja para outra porque entendem que elas compartilham de uma mesma fé.

Mariano (2014, p. 51) descreve que a Nova Vida (onde Macedo converteu-se), genealogicamente pode ser inscrita no deuterpentecostalismo, e teve um importante papel de formação de lideranças para outras igrejas como a Internacional da Graça e a Universal. Para o autor, na IURD pode ser encontrado, de modo incipiente, “as principais características do neopentecostalismo: intenso combate ao Diabo; valorização da propriedade material mediante a contribuição financeira; ausência de legalismo em matéria comportamental”. Sendo assim,

---

<sup>70</sup> Em matéria publicada pela Revista Isto É, Ricardo Mariano observou: “O que chama mais a atenção é a emergência de uma autoridade religiosa pentecostal de expressão nacional negra, tal como o restante da cúpula da igreja” Mundial (Cardoso e Loes, 2011).

comparadas às denominações pentecostais precedentes, as neopentecostais apresentam poucos traços de seita (no sentido sociológico do termo), mostram-se mais flexíveis e adaptadas à sociedade de consumo. Eficientes no *marketing*, fazem intenso evangelismo através da mídia eletrônica. Mais liberais, abandonaram vários traços sectários de sua religião e romperam com o ascetismo contracultural, de origem puritana, personalizado no velho estereótipo pelo qual os crentes eram reconhecidos e, muitas vezes, estigmatizados (Mariano, 1996a, p. 124).

A expansão da Universal foi surpreendente, desde as primeiras cerimônias nas tardes de sábado no coreto no bairro do Méier, ao primeiro templo na antiga funerária no bairro da Abolição até a presença, e.g., em quase 200 (duzentos) países com milhares de igrejas. Além disso, destaca-se a construção de suas inúmeras catedrais no Brasil ao longo de 39 (trinta e nove) anos, e a maior construção de todas, o Templo de Salomão<sup>71</sup>, em São Paulo. Macedo (2014, p. 11) considera o Templo de Salomão (atual sede mundial) como “o maior projeto na trajetória da Igreja<sup>72</sup>”. Destacam-se na Universal a

exclusividade nos serviços e meios de salvação com pouca abertura interdenominacional; ênfase na realização de milagres mediatizados pelas igrejas com testemunhos públicos dos mesmos; ênfase em rituais emocionais e, sobretudo, em rituais de cura, associados a uma representação, demoníaca dos males; uso intenso dos meios de comunicação de massa: impressos, radiofônicos, televisivos e informatizados; combinação de religião com marketing, dinheiro e, em alguns casos, política; sensibilidade para captar os desejos dos fiéis oriundos não somente das baixas camadas sociais; projeto de constante expansão, em alguns casos para além das fronteiras nacionais (Oro, 2001, p. 73).

Emerson Giumbelli (2014) compreende que o campo pentecostal articula o que ele nomeia de “cultura pública”. A IURD ilustra bem a análise proposta por Giumbelli, em uma ideia de busca constante por visibilidade, promove grandes eventos, como o foi o Maracanã lotado nos anos 1980 para compra de uma rádio de frequência AM, a rádio Copacabana. Somam-se a isso muitas passeatas nas ruas e os programas televangelizadores, mesmo antes da aquisição da Rede Record de Televisão, a construção do Templo de Salomão, entre muitos outros exemplos. Nenhum espaço social é excluído dessa articulação como meio de construir uma cultura própria para a

---

<sup>71</sup> “O templo original, descrito na Bíblia, foi erguido em Jerusalém no reino de Salomão, quase mil anos antes de Cristo, como a primeira construção permanente de louvor a Jeová, Deus de Israel. Foi destruído por Nabucodonosor, rei da Babilônia, e reconstruído em 516 a.C., sob a designação conhecida como Segundo Templo. Na catástrofe seguinte, foram as tropas do Império Romano que puniram uma rebelião não só arrasando o templo como levando o povo judeu à diáspora. Um Terceiro Templo, místico ou real, é esperado por judeus e cristãos que acreditam nas profecias sobre o fim dos tempos” (Eclésia, 2014, p. 02).

<sup>72</sup> A primeira sede foi a Catedral Mundial da Fé, na zona norte do Rio.

religião neopentecostal em meio a outras culturas religiosas já existentes (incluindo os campos políticos e da mídia), mas a religião se mantém sempre como a base e a referência. Com essas estratégias “é fácil de notar que se trata sempre de *exibições*, que cumprem o duplo papel de ocupar posições e fazer proliferar referências” (Giumbelli, pp. 194-195). A prática mais importante da Universal é “a ‘teologia da prosperidade’, pregada por Macedo, [...] um ‘divisor de águas’ na história recente dos movimentos neopentecostais no país” (Lemos e Tavaloro, 2007, p. 02), desse modo

a origem das doutrinas sobre prosperidade manteve íntima conexão com a expansão do televangelismo norte-americano [...] em razão da competição entre os televangelistas, o tempo na TV tornou-se muito caro para eles. O custo dos programas subiu mais que a audiência. Pressionados pelas despesas crescentes de seus projetos, que foram se tornando cada vez mais ambiciosos, os televangelistas refinaram as formas de levantar fundos, integrando os apelos financeiros à teologia [...] Não é à toa que a Teologia da Prosperidade ingressou no Brasil e se espalhou em diversos segmentos evangélicos por meio do neopentecostalismo, justamente os mais ativos difusores do televangelismo entre nós (Mariano, 2014, p. 152).

Essa prática neopentecostal (Teologia da Prosperidade) é um sistema que consiste na entrega de dízimos pelos seguidores da igreja durante as cerimônias da IURD, quando são feitos pedidos insistentes de ofertas financeiras, o dízimo é a décima parte da riqueza das pessoas e que, segundo essa interpretação, pertence a Deus. Na Universal (assim como nas demais denominações) “as bênçãos prometidas, desejadas e reivindicadas estão sempre atreladas à oferta financeira” (Mariano, 1996a, p. 37). Nesse cenário, a IURD “responde melhor aos desafios modernos de inclusão social e ascensão material dentro da nova lógica do capitalismo global, nem que essa ascensão se restrinja ao campo simbólico dos fiéis” (Tadvald, 2015, p. 155). Essa entrega financeira funciona como um sacrifício do fiel que será reconhecido por Deus (substituindo o sacrifício animal pelo equivalente monetário) e promove a aliança com Deus, cria uma relação societária com esta entidade, e torna o ofertante privilegiado nas graças divinas “partindo da premissa weberiana de que há relação entre ética religiosa e *ethos* econômico” (Oliveira Lima, 2007, p. 135). Com isso, há uma reinvenção da promessa de recompensa divina após a morte como compreendida pelos católicos e trazida pelo pentecostalismo para o plano mundano.

Segundo Mariano (2014, p. 152), “a Teologia da Prosperidade teria resultado da combinação sincrética de distintas tradições religiosas (ocidentais e orientais), práticas esotéricas e paramédicas, que deixaram marcas indelévelis neste movimento religioso”.

Esse “contrato espiritual” com Deus tem por base a oferta regular e o aporte da oferta, i.e., quanto mais é ofertado, além da décima parte, maior é a fé e maiores serão as bênçãos de Deus<sup>73</sup>. Assim, “os fiéis firmam um ‘compromisso com Deus’ e têm, portanto, o direito de se sentirem ‘sócios de Deus’” (Oliveira Lima, 2007, p. 136).

A seguir, apresento alguns excertos da entrevista exclusiva do bispo Macedo concedida ao repórter Roberto Cabrini, do SBT (Sistema Brasileiro de Televisão) em 2015, argumentando sobre o significado dessa teologia. Macedo avalia a Teologia da Prosperidade com base numa racionalidade metafísica e se opõe à teologia da Igreja Católica com a seguinte descrição:

**Macedo:** *Eu defino a Teologia da prosperidade assim... a teologia da miséria é a teologia do Diabo... a teologia da prosperidade é a teologia de Deus - 7min46s - (Caderno de Transcrições, 2015, p. 151).*

**Cabrini:** *Bispo Edir Macedo... como é que o senhor responde à crítica de que o senhor prioriza a arrecadação em detrimento da espiritualidade?... fazem essa crítica... o senhor sabe disso?... - 47min40s*

**Macedo:** *Olha... eu “dô graças a Deus” porque fazem essa crítica... porque nós pregamos a Teologia da Prosperidade... por quê?... porque só os estúpidos pensam em “teologia da miséria”... eu pergunto aos seus telespectadores... você ((audiência)) gosta de miséria?... você queria viver na miséria?... quem é que quer miséria?... você teria prazer em ver seu filho com fome sendo você uma pessoa de posse?... essa é a pergunta que faço aos pais... como nós cremos num “Deus criador dos céus e da terra”... vamos admitir que haja um consenso... uma combinação dessa grandeza... dessa magnitude com a miséria?... - 47min52s - (Caderno de Transcrições, 2015, p. 161).*

A mediação dessa troca, dinheiro para Deus, é realizada e recebida pela Universal e pelas demais igrejas neopentecostais, como a Renascer em Cristo e a Internacional da Graça, entre outras, assim, “o fiel paga primeiro. Coloca-se na posição de credor de Deus, coagindo-o a retribuir na mesma medida” (Mariano, 1996a, p. 38).

Os pastores da Universal utilizam muito de outra passagem de João (10: 10) na Bíblia, que cita “[...] *Eu vim aqui para que tenham vida e a tenham em abundância*” (Bíblia Sagrada, 1993, p. 1049), sempre que o tema envolve a Teologia da

---

<sup>73</sup> “O campo religioso brasileiro é marcado pelas disputas entre diferentes grupos religiosos - católicos, evangélicos, judeus, muçulmanos, religiões afro, etc., a partir das práticas dos fiéis numa situação pluralista de mercado” (Paegle, 2008, p. 87).

Prosperidade, em uma clara interpretação de abundância material. Noutro excerto Macedo detalha a compreensão dele sobre a recompensa (numa ideia divina):

**Macedo:** *“Jesus é quem nos ensina a prosperidade... Jesus é quem nos estimula para a prosperidade... Jesus é quem os estimula a uma vida justa... digna abundante...” e esse é um direito de todos... não de apenas um percentual pequeno da humanidade - 1h04min16s*

**Cabrini:** *O senhor defende recompensa ainda em vida e não a promessa apenas do Paraíso ((celestial))? - 1h04min36s*

**Macedo:** *Recompensa... a nossa é em vida - 1h04min42s*

**Cabrini:** *Em vida? - 1h04min44s*

**Macedo:** *Recompensa mesmo é “após a morte”... porque aqui nós temos um direito... não é uma “recompensa”... é um direito a vida... é um direito que você tem ((pessoas))... é o seu direito... então quem pensa há de convir que não é uma recompensa... que estar nesse mundo pra uma vida melhor... de qualidade... se eu creio no Deus todo poderoso... eu tenho direito a isso... é uma questão de fé... não é uma questão de filosofia... é uma questão de fé... como eu posso crer num “Deus tão grande” e viver uma vida tão desgraçada?... isso é inadmissível... qual ser humano que pensa o mínimo que vá acreditar num Deus tão grande e que esse Deus vá viver uma vida tão desgraçada?... - 1h04min46s – (Caderno de Transcrições, 2015, p. 166).*

Segundo Mariano (2014, p. 159),

a teologia da prosperidade subverte radicalmente o velho ascetismo pentecostal. Promete prosperidade material, poder terreno, redenção da pobreza nesta vida. Ademais, segundo ela, a pobreza significa falta de fé, algo que desqualifica qualquer postulante à salvação. Seus defensores dizem que Jesus veio ao mundo pregar o Evangelho justamente para que eles deixassem de ser pobres.

A Universal enfatiza fortemente a luta contra o mal representado pelo Diabo, e fundamenta-se no trinômio exorcismo, cura e prosperidade. A prática que a aproxima da clássica doutrina do Espírito Santo que a Igreja opera é a prática do exorcismo, pois o fenômeno do falar em línguas já não é tão mais importante como uma prática neopentecostal. Os exorcismos são realizados em meio a cultos, transmitidos pela televisão muitas vezes, situação em que o demônio é entrevistado pelo pastor até ser expulso do corpo da pessoa. Chama a atenção que muitas desses possessos exorcizados sejam justamente mulheres (Matos, 2011b). Tadvald (2015, p. 20) destaca que “dentro de seus aspectos mais relevantes se encontra sua polêmica relação com o campo afrorreligiosos, que anima, dentre outros aspectos, a chamada ‘guerra santa’ entre evangélicos e afrorreligiosos”. De acordo com Oro (2004, pp. 141-142) “no Brasil, a satanização ganha cara das religiões afro-brasileiras”.

Como fato real dessas análises, ainda nos anos 1980, Macedo, em companhia de R. R. Soares, percorria e pentecostalizava a cidade do Rio de Janeiro realizando uma ofensiva intensa de ataques à macumba (Freston, 1993), e esse “combate ao Diabo” é uma ação constate e um ponto chave da doutrina da Igreja. Na chamada “batalha espiritual” Deus participa como se um gladiador fosse, combatendo o Diabo a todo tempo, e a arena dessa batalha é o mundo e a existência humana. Os demônios passam a conviver com a vida das pessoas comuns e toda sorte de comportamentos negativos são atribuídos a um demônio que precisa ser exorcizado. Com essa racionalidade, as pessoas não são responsáveis por seus atos e podem ser curadas pela ação dos pastores que as exorcizam. Esse problema espiritual inclui a ideia de “maldição hereditária”, i.e., a maldição que é recebida de outra geração, de alguém que viveu no passado atitudes não cristãs. Desse modo, a pessoa precisa da intervenção da igreja para superar essa maldição (Matos, 2011b).

Outro postulado da doutrina envolve saúde e prosperidade (*health and wealth*), movimento originário nos Estados Unidos, e que atende mais a cultura daquele país que propriamente o que está escrito nos Evangelhos. Tanto a ideia de saúde quanto de prosperidade está presente na mensagem de Jesus e dos apóstolos, mas sem ocupar a centralidade conferida pela Universal e outras denominações neopentecostais. Nesse ponto, tornam-se importante as “bênçãos materiais” e físicas, características que atenderiam à cultura de uma sociedade de consumo (Matos, 2011b). Nas igrejas neopentecostais é comum a ideia de profecia, que, em geral, não se realiza, como as “revelações” do fim do mundo. Essa prática pode ser compreendida mais como a vontade do religioso em relação a algo que queira expressar do que um anúncio de que Deus esteja falando (Matos, 2011b).

Um conceito chave nos princípios da Universal é a ideia de “fé inteligente” que, para Macedo (2014), é a crença que faz as pessoas pensarem. Desse modo, se respondêssemos um “sim” para a pergunta mais emblemática de Gaarder *et. al.*, registrada no início deste capítulo, se *Deus existe?*, acreditando na existência de Deus, o fiel pode questionar o porquê de Deus não transformar a sua existência. Essa ideia de “fé inteligente ignora as emoções porque se fundamenta nos ensinamentos de Deus. Na prática, é usar o raciocínio para ler a Bíblia, absorver o Espírito dela e colocar essa crença em exercício” (Op. cit., p. 59). Essa forma de fé faz o fiel perguntar diariamente:

*“Como é possível alguém servir a um Deus tão grande e poderoso e viver uma vida de fracassos?”.*

A ideia de fé na doutrina iurdiana é um sinônimo do uso das palavras e, ao mesmo tempo, de despertar de Deus, ou seja, se o fiel dispuser dessa fé e pronunciar as palavras certas, Deus as ouvirá e atenderá de forma mágica e sobrenatural. Assim, a força de Deus é ativada pela pronúncia das palavras. O que a Universal sugere também é que as pessoas têm direitos junto a Deus e devem exigí-los (Matos, 2011b). Os argumentos que constituem alguns fundamentos da doutrina da Universal descritos me faz pensar que a composição dessas ideias foi formada a partir de uma pedagogia reversa da teologia Católica, somada a princípios clássicos do pentecostalismo (como a Teologia da Prosperidade) para baseá-la como uma nova concepção religiosa.

O primeiro momento de constituição da IURD coincidiu com a chegada do neoliberalismo<sup>74</sup> ao Brasil, e a leitura do contexto social e econômico realizada por Edir favoreceu os novos princípios propostos quando muitas pessoas estavam à margem do desenvolvimento econômico. Assim, as ideias de prosperidade em vida, de recompensa antes da morte, presentes na doutrina da Universal, despertaram a ambição em parcela significativa da população, o que pode ser entendido como um dos elementos do êxito desse projeto evangelizador. Perguntado sobre a constituição da Universal, Macedo a definiu assim:

**Cabrini:** *O senhor fundou uma das maiores igrejas do planeta - 13min12s*

**Macedo:** *Não... eu não fundei uma igreja... eu fundei uma “escola”... eu fundei uma “universidade” que “ensina a vida... que ensina os caminhos da vida... os caminhos da salvação... os caminhos da eternidade” - 13min17s - (Caderno de Transcrições, 2015, p. 153).*

O bispo Macedo residiu na cidade de Nova Iorque, nos Estados Unidos, nos anos dois mil, executando seu projeto de expansão internacional, porque entendeu que aquela cidade, como centro do mundo contemporâneo, serviria de partida para a transnacionalização da IURD:

A trajetória de expansão da Universal por dezenas e dezenas de nações começou pelos Estados Unidos, o país mais poderoso do planeta. Eram

---

<sup>74</sup> “Em síntese, a utopia neoliberal exalta as virtudes abstratas dos mercados, dos prêmios aos mais aptos, da competitividade, da eficiência, das ganâncias, dos direitos de propriedade, e da liberdade de contratação. Critica, em contrapartida, a intervenção estatal e a própria política, taxando-as de perniciosas e ineficientes” (Ibarra, 2011, pp. 239-240).

meados de 1986, a Igreja tinha apenas nove anos de vida, quando decidi partir para Nova York com o objetivo de ampliar nosso trabalho de evangelização. Sabia que ali era o centro do mundo, o caminho certo para o avanço internacional da pregação do Evangelho (Macedo, 2014, p. 25).

O pentecostalismo que chegou ao Brasil nos anos 10 (dez) transformou-se inspirado por práticas do país de origem (os Estados Unidos) e retomou o caminho de volta para aquele país representado pela Universal que atualmente forma uma rede de mais de 200 (duzentos) templos<sup>75</sup> em território norte-americano. A Universal encontrou naquela região do mundo um cenário propício para a difusão da doutrina da Igreja (como uma tradição religiosa protestante e uma cultura que incentiva o intenso consumo). Tadvald (2015, p. 162) pontua que a mudança de Macedo para os Estados Unidos constitui-se “para que ele se aprofundasse nas técnicas de televangelismo daquele país e na *expertise* empresarial que marcariam profundamente o modelo organizacional e de difusão da Universal e, conseqüentemente, do próprio neopentecostalismo brasileiro”. Macedo recebeu, em 2014, o título de “capelão” nos Estados Unidos (pelo trabalho realizado junto aos desamparados) o que confere ao bispo o direito constitucional (nos Estados Unidos) de realizar, e.g., assistência espiritual em penitenciárias, hospitais, universidades e escolas<sup>76</sup>. Conforme Oro (2004, p. 139), a IURD pertence ao que o autor denomina de “pentecostalismo brasileiro transnacional” composto por

igrejas do segmento pentecostal que a) surgiram no Brasil e foram fundadas por brasileiros; b) incorporaram em seus ritos e doutrina elementos da religiosidade popular, notadamente a crença em forças invisíveis que interferem no cotidiano entre elas a crença no poder de satanás; c) empreenderam uma inserção internacional afirmando a condição brasileira ao mesmo tempo em que são reconhecidas como tais.

De acordo com Paegle (2008), por seguir o modelo de “igreja-negócio, igreja-empresa”, a transnacionalidade da Universal se assemelha a transnacionalidade da rede de *fast food* (comida rápida) norte-americana “Macdonald”. Esse autor utiliza da metáfora “Macdonaldização” da fé para simbolizar o sentido da inserção internacional

---

<sup>75</sup> UNITED STATES – Universal. Disponível em: <<https://iurdenderecos.wordpress.com/about/estados-unidos/>> - Acesso em: 03 set. 2015.

<sup>76</sup> Bispo Macedo recebe título de capelão nos Estados Unidos. Disponível em: <<http://www.universal.org/noticia/2014/10/07/bispo-macedo-recebe-titulo-de-capelao-nos-estados-unidos-31156.html>> - Acesso em: 03 set. 2015.

da IURD. Essa denominação religiosa brasileira se instalou e está representada em muitos mais países em que aquela rede de lanchonetes<sup>77</sup> está. Dito por Macedo,

a Universal está hoje espalhada em mais de cem países pelos cinco continentes. Não há limites de etnias, cultura ou idioma. No mais distante vilarejo com o dialeto mais incompreensível, a Palavra de Deus produz frutos. A formação de discípulos, homens e mulheres dedicados cem por cento ao trabalho evangelístico não parou sequer um dia desde a fundação da Igreja. Hoje, somos mais de 25 mil pastores distribuídos nas mais diferentes frentes de atuação em todo o mundo. Somente no Brasil, somamos 12 mil pregadores. Somos centenas de milhares de obreiros voluntários e milhões de membros fiéis nas mais distintas nações. Executamos a risca o “ide” ensinado pelo Senhor Jesus: “*Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda criatura. Quem crer e for batizado, será salvo*” (Mateus 28.19,20), (Macedo, 2014, pp. 22-23), [grifos do autor].

Um elemento que chama atenção na Universal é a aproximação dos protocolos ritualísticos dessa denominação com rituais judaicos. Para Marta Topel (2011, p. 36), “no que diz respeito às igrejas neopentecostais, é cada vez mais comum a apropriação de símbolos, rituais e trechos da liturgia judaica”. A Universal apresenta cerimônias inspiradas na tradição judaica e

entre as várias razões que explicariam a aproximação das denominações neopentecostais ao judaísmo podemos assinalar o “retorno” dos protestantes como um todo ao denominado Antigo Testamento, em marcada oposição às diretrizes da Igreja Católica Apostólica Romana. Dizendo de outro modo, a leitura de versículos da Bíblia hebraica levaria quase que naturalmente à incorporação de trechos da liturgia judaica nos cultos dessas igrejas, bem como à utilização dos símbolos judaicos (Op. cit., p. 38).

O pastor que assina apenas como Paulo Cezar (2014, p. 02) respondendo no site da Universal a pergunta de um “internauta” (do *por que a Universal ter utilizado símbolos da cultura judaica na construção do Templo de Salomão?*), sim, destacou que a inspiração não se deveu à cultura judaica, mas na palavra que se origina em Deus e que está na Bíblia Sagrada<sup>78</sup>. E seguiu com a resposta:

não utilizamos símbolos da cultura judaica em si, mas símbolos bíblicos que nos remetem a reviver a fé e o temor dos grandes homens de Deus do

---

<sup>77</sup> “A organização da igreja lembra em muito a lógica administrativa de multinacionais, como as do setor financeiro (bancos, seguradoras, etc.), onde cada unidade (templo) deve ser autossuficiente, além de promover a expansão da igreja (abertura de novos templos, aquisição de rádios e outros veículos de comunicação etc.) e cumprir outras metas determinadas pela matriz, dentro de um modelo organizado e técnico-racional” (Tadvald, 2015, p. 164).

<sup>78</sup> Mundo Cristão – Universal.org. - Disponível em <http://www.universal.org/noticia/2014/07/23/porqueauniversalutilizousimbolosedaculturajudaicanaconstrucaodotemplodesalomao30539.html> - Acesso em: 20 abr. 2016.

passado, que creram e obedeceram ao Deus de Israel, o Deus da Bíblia. Além disso, toda a simbologia dos Tabernáculos (Moisés e Davi), bem como do Templo de Salomão, remetem para Yeshua, o Messias que veio para os judeus, mas que eles não o reconheceram. Yeshua é o Senhor Jesus Cristo.

Sobre a inauguração do Templo, Macedo destaca ser um marco para a Universal “pela importância espiritual de abrir as portas do maior Santuário do país e um dos maiores do mundo” (Macedo, 2014, p. 234). Sobre o uso dos rituais judaicos, Topel (2011) ressalta que há um desinteresse da comunidade judaica pelo uso de seus rituais pela Universal, mesmo com algumas críticas de alguns judeus mais ortodoxos. Ao mesmo tempo, não há registro de perda de membros judaicos para a denominação protestante, nem que o uso das práticas do judaísmo pelo neopentecostais faça com que no futuro haja transgressão das fronteiras étnico-religiosas controladas por essa comunidade.

A autora observa ainda que “os judeus são vistos como uma minoria que ‘deu certo’, isto é, como um grupo que conseguiu inserir-se com sucesso na estrutura de classes e na distribuição de prestígio da sociedade maior” (Topel, 2011, p. 44), atributos que interessam para a cultura de prosperidade comunicada pela Universal. Topel (2011) descreve um fenômeno de “pentecostalização” de símbolos, rituais e liturgias judaicas, e cita e.g., o uso de amuletos e trechos bíblicos pelos pastores como forma de alcançar prosperidade econômica e a cura física de problemas de saúde. Mais “outro traço comum a ambas as religiões se relaciona com o *status* especial que recebe o novo adepto, no que se refere à sua relação com o Deus monoteísta, fenômeno expressado na certeza dos fiéis de estarem seguindo a religião ‘verdadeira’” (Topel, 2009, p. 657).

Quanto à construção do Templo de Salomão em São Paulo, construído com matérias-primas (como pedras) e com árvores (oliveiras) trazidas de Israel, é apresentado como a terceira versão (espiritual) dessa histórica edificação, servindo como referência da ideia de *bricolage*<sup>79</sup>, característica das igrejas neopentecostais. Essa *bricolage* pode ser vista também na caracterização do bispo Macedo representando um rabino judeu de barba branca usando acessórios de rituais judaicos, comum aos judeus praticantes como o *kipá*<sup>80</sup> sobre a cabeça (usado para lembrar-se da existência de um ser

---

<sup>79</sup> *Bricolage* nos termos de Lévi-Strauss (1989) faz uma espécie de “colagem”, de “remendo” a partir de materiais recuperados que podem ser emprestados de diferentes culturas.

<sup>80</sup> É uma peça utilizada pelos judeus sobre a cabeça como símbolo da religião e de temor a Deus.

superior) e o *talit*<sup>81</sup> sobre os ombros (manto usado em orações), apetrechos que o bispo utilizou na cerimônia de inauguração do Templo no ano de 2014, em “uma inesquecível cerimônia de inauguração na presença das mais renomadas e ilustres autoridades e personalidades brasileiras e de outros países” (Macedo, 2014, p. 223).

Muitos símbolos considerados sagrados pelos judeus compõem o cenário, como o menorá (candelabro de setes braços), as tábuas dos dez mandamentos, e a arca da aliança com Deus feita em ouro. A recepção no Templo é feito por um grupo vestido a caráter, semelhante aos que “eram chamados de levitas por serem integrantes das doze tribos de Israel e descendentes de Levi” (Op. cit., p. 222). (Detalhei mais sobre o Templo porque o auditório, de dez mil lugares, serve de local das palestras presenciais da “Terapia do Amor” ministradas pelos apresentadores do programa *The Love School*).

Comentando as intenções do bispo com esse megaprojeto, Ricardo Mariano destaca que “o que Macedo quer é superar a Igreja Católica. Esse templo tem quatro vezes o tamanho do Santuário de Aparecida e é, agora, a maior construção religiosa do país” (Eclésia, 2014, p. 02). Mariano destaca, assim como Topel (2011), que as igrejas pentecostais firmam uma “conexão teológica” com o judaísmo por enfatizarem igualmente o Antigo Testamento. Macedo descobriu ter ascendência judaica durante a construção do Templo, quando “autoridades do centro de cultura do judaísmo explicaram que Bezerra é um nome de origem cristã-nova” (Macedo, 2014, p. 222), e tanto o pai quanto a mãe têm raízes judaicas, sendo que “a família Macedo foi reconhecida pelo governo espanhol como judeu sefardita, ou seja, originários de certas regiões da Europa” (Op. cit.). Com essa realização, a IURD acredita ter formado uma aliança com o Deus da Bíblia, no dizer de Macedo (2014). Conforme Topel (2011, p. 48),

a inclusão de símbolos e rituais judaicos nas igrejas neopentecostais, bem como a adesão ao dispensacionalismo não são escolhas inocentes, já que por detrás dessas ações se esconde a crença milenar cristã de que fora de Jesus não há salvação, e que em algum momento histórico próximo ao “final dos dias”, os judeus se converterão massivamente ao cristianismo.

---

<sup>81</sup> Xale nas cores azul, branco e com fios dourados feito de seda usado como uma cobertura durante as preces judaicas.

A Universal segue a doutrina da “escatologia<sup>82</sup> dispensacionista<sup>83</sup>” que, entre vários preceitos, sugere que a construção do terceiro Templo de Salomão é um sinal da segunda vinda de Jesus<sup>84</sup>. Macedo prega que Jesus voltará e arrebatará a Igreja Universal.

No próximo capítulo apresento o conceito de gênero, procurando demonstrar essa categoria como um dos operadores analíticos desta pesquisa. Conjuntamente ao conceito de gênero, apresento os desdobramentos do movimento feminista a partir dos Estados Unidos onde, iniciou, e aspectos do feminismo no Brasil.

---

<sup>82</sup> Escatologia como teologia trata dos últimos eventos do mundo, ou o “fim do mundo”.

<sup>83</sup> “[...] baseia-se numa hermenêutica bíblica particular que divide o tempo em diferentes eras (ou dispensações) nas quais Deus se relaciona com os humanos através de alianças singulares, a exemplo da aliança feita com Abraão, com Moisés, com a Igreja e, por último, com o sionismo” (Topel, 2011, p. 40).

<sup>84</sup> Esta segunda vinda de Jesus aparece como promessa aos apóstolos no Evangelho de João (14: 1-3) quando Jesus disse: “*Não se turbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em mim. Na casa de meu Pai há muitas moradas; se assim não fora, eu volo teria dito; vou preparar-vos lugar. E, quando eu for e vos preparar lugar, voltarei e vos receberei para mim mesmo, para que, onde eu estou, estejais vós também*” (Bíblia Sagrada, 1993, p. 1.055).

#### 4. GÊNERO COMO OPERADOR ANALÍTICO

Para analisar um artefato cultural televisivo como o programa *The Love School*, que produz ensinamentos para homens e mulheres com base em princípios religiosos (i.e., princípios esses que parecem influenciar as relações que envolvem questões individuais como o amor e o casamento), torna-se importante um operador analítico potente, tal como o do conceito de gênero. Para Dagmar Meyer (2003, pp. 10-11),

gênero continua sendo uma ferramenta conceitual, política e pedagógica central quando se pretende elaborar ou implementar projetos que coloquem em xeque tanto algumas das formas de organização social vigentes quanto as hierarquias e desigualdades delas decorrentes.

Essa análise de Meyer corrobora como a observação de Guacira Louro (2007, p. 21) de que “o conceito serve, assim, como uma ferramenta analítica que é, ao mesmo tempo, uma ferramenta política”. Nessa pesquisa pretendo observar como gênero se articula com religião (com a variável da religião pentecostal) e com outros operadores analíticos em intersecção com a cultura. Começo fazendo uma revisão a cerca do conceito de gênero, “ligado diretamente à história do movimento feminista contemporâneo” (Louro, 2007, p. 14), e uma concisa revisão do feminismo.

Tomaz Tadeu da Silva (1999, p. 95) descreve que a teorização crítica em educação concedeu importância ao estudo das relações de gênero dada à visibilidade do movimento feminista e à relevância da produção teórica de suas representantes intelectuais. Para o autor, “a introdução do conceito de gênero na teoria feminista teve o mérito de chamar a atenção para o caráter relacional das relações entre os sexos”. A partir desse ingresso conceitual, a percepção da importância do papel de gênero para a compreensão da produção das desigualdades sociais entre mulheres e homens foi o fio condutor para esse reconhecimento. Cynthia Sarti (2004, p. 35), observa que,

quando Simone de Beauvoir, em 1949, em *O segundo sexo*, disse que “não se nasce mulher, torna-se mulher”, expressou a idéia básica do feminismo: a desnaturalização do ser mulher. O feminismo fundou-se na tensão de uma identidade sexual compartilhada (nós mulheres), evidenciada na anatomia, mas recortada pela diversidade de mundos sociais e culturais nos quais a mulher se torna mulher, diversidade essa que, depois, se formulou como identidade de gênero, inscrita na cultura, [grifo da autora].

Silva (1999) faz menção à utilização da palavra gênero pelo biólogo norte-americano John Money, já em 1955, expressão usada com um sentido semelhante ao uso atual do termo fazendo referência aos aspectos sociais do sexo. Posteriormente, gênero passou a fazer uma oposição a sexo. Como destaca Silva, ao sexo reserva-se o aspecto biológico da identidade sexual, enquanto ao gênero reservam-se os aspectos socialmente construídos no processo de identificação social. Louro (2007, p. 21) concorda com Silva ao dizer que,

não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico.

O conceito de gênero questiona as ideias de essência e de natureza para a definição das identidades masculinas e femininas, e enfatiza a importância da construção social, cultural e linguística na constituição dos gêneros (i.e., das masculinidades e das feminilidades). Para Louro (2007), o foco passa a ser dirigido para o aspecto social, sem pretender negar que o gênero se constitui sobre corpos sexuados e sem negar importância à biologia. A autora enfatiza a construção social e histórica sobre características biológicas, bem como a pretensão em recolocar o debate no campo do social, espaço onde são construídas e reproduzidas desigualdades entre os sujeitos.

Alguns dos pressupostos básicos das diferenças e desigualdades entre mulheres e homens são social e culturalmente construídos e não biologicamente determinados. Não são características anatômicas e fisiológicas dos corpos de homens e mulheres, nem desvantagens socioeconômicas no âmbito social que podem conferir sentido para a definição de diferenças apresentadas como justificativas para desigualdades entre mulheres e homens. Conforme Meyer (2003, p. 11), “nada é ‘natural’, nada está dado de antemão, toda verdade – mesmo aquela rotulada de científica – é parcial e provisória e resulta de disputas travadas em diversos âmbitos do social e da cultura e pode, por isso, ser questionada”. O movimento feminista<sup>85</sup> articulado nos anos 1960 questionou as estruturas de poder não apenas a partir do capitalismo, mas também a partir do

---

<sup>85</sup> “[...] o sentido da palavra ‘feminista’ nada mudou desde que apareceu pela primeira vez numa resenha literária publicada na *Athenaeum*, em 27 de abril de 1895, descrevendo uma mulher que ‘tem a capacidade de lutar para chegar à sua própria independência’” (Faludi, 2001, p. 22), [grifo da autora].

patriarcado<sup>86</sup>. As desigualdades sociais entre homens e mulheres concedia aos homens a apropriação de forma desproporcional dos recursos materiais e simbólicos da sociedade. Betty Friedan (1971, p. 19) exemplificou essa relação ao tomar por base a condição da,

dona de casa americana, libertada pela ciência dos perigos do parto, das doenças de suas avós e das tarefas domésticas, era sadia, bonita, educada e dedicava-se exclusivamente ao marido, aos filhos e ao lar, encontrando assim sua verdadeira realização feminina. Dona de casa e mãe era respeitada como companheira no mesmo plano que o marido. Tinha liberdade de escolher automóveis, roupas, utensílios, supermercados e possuía tudo o que a mulher jamais sonhou.

A primeira onda do movimento feminista “como movimento social organizado, [...] é usualmente remetido, no Ocidente, ao século XIX” (Louro, 2007, p. 14), e articulou-se em busca de um objetivo comum, o direito ao voto. Para Meyer (2003, p. 11), “a primeira onda aglutina-se, fundamentalmente, em torno do movimento sufragista<sup>87</sup>, com o qual se buscou estender o direito de votar às mulheres”. Foi um movimento social e reivindicativo e “o sufrágismo passou a ser reconhecido, posteriormente, como a primeira onda” (Louro, 2007, p. 15). Susan Faludi (2001, p. 67) observa que,

o “movimento feminista” de meados do século XIX, lançado na convenção dos direitos da mulher de Seneca Falls em 1848 [...] exigia o direito de voto e um leque de liberdades – educação, trabalho, direitos conjugais e patrimoniais, “maternidade voluntária”, reformas na saúde e na vestimenta. Perto do fim do século, entretanto, uma contra-reação cultural esmagou os apelos femininos por justiça. As mulheres tiveram que se curvar diante de uma barragem de advertências praticamente iguais às de hoje, proferidas pelos mentores culturais da época, os acadêmicos das grandes universidades, os líderes religiosos, os especialistas médicos e os papas da imprensa.

A publicação em 1963 de “A mística feminina” por Friedan inaugurou o feminismo norte-americano na década de 1960 (Sarti, 2004). Esse livro apresenta a ideia de que as mulheres nos anos 1940 e 1950 foram condicionadas culturalmente a representarem os papéis de mãe e de esposa, a casarem e cuidarem do marido e da família. Esse processo iniciava na infância das meninas que eram criadas para viverem em função dos outros e serem dependentes dos homens. Nesse modelo de criação “havia uma estranha discrepância entre a realidade de nossa vida de mulher e a imagem à qual

---

<sup>86</sup> “O conceito de patriarcado tem sido usado na literatura feminista internacional para significar as relações de poder entre homens e mulheres. As mulheres são subordinadas aos homens no sistema patriarcal” (Aguiar, 2000, p. 322).

<sup>87</sup> “Movimento voltado para estender o direito de voto às mulheres” (Louro, 2007, p. 15).

nos procurávamos moldar, imagem que apelidei de mística feminina” (Friedan, 1971, p. 11).

Outro viés abordado pela autora é a manipulação da mulher na sociedade de consumo dos Estados Unidos, que ela nomeia “Grande Sociedade”. A mulher dos anos 1940 e 1950 é a grande consumidora, ou seja, o marido recebia e a esposa consumia, assim, quase toda publicidade era produzida com discursos generificados voltado para as mulheres. A atuação da mulher fora de casa passou a ser desvalorizada e a ser revalorizado a feminilidade e a maternidade com atributos naturais, “o que queria a grande indústria era que, mantida isolada, sem participação ativa, a mulher dedicasse mais atenção ao consumo” (Muraro, 1971, p. 09). E foi o que aconteceu, pois elas,

não pensavam nos problemas do mundo para além das paredes do lar e, felizes em seu papel de mulher, desejavam que os homens tomassem as decisões mais importantes, e escreviam, orgulhosas, na ficha do recenseamento: «Ocupação: dona de casa», (Friedan, 1971, p. 20).

Friedan (1971) denunciou na publicação de “A mística feminina” essa condição das mulheres, e o livro colaborou para a percepção da importância das mulheres na construção da sociedade. Conforme Rose Marie Muraro (1971, p. 09), chegou-se a uma quarta fase dessa sociedade de consumo, que ele descreve como de revolta, pois

não só a mulher, como também a juventude em peso começaram a contestar a sociedade de consumo, seja violentamente, como as revoltas estudantis e negras, seja aparentemente com não-violência (*hippies*). Instala-se, pois, no fim da década de sessenta, o caos dentro da Grande Sociedade. Ela explode sob o peso do seu próprio consumo. Da sua própria opulência.

A segunda onda do feminismo, no final dos anos 1960 foi influenciada pelo movimento de maio de 1968 na França, pelos protestos da guerra do Vietnã nos Estados Unidos, e pela construção teórica (no mundo acadêmico) das estudiosas da questão feminina, entre outros (Meyer, 2003). O feminismo, com seu histórico *slogan*: “O pessoal é político!” (Hall, 2001, p. 45) é tanto uma teoria crítica quanto política, e trouxe para o âmbito da contestação política novas arenas da vida social, as quais incluíam questões como a família, a sexualidade, o trabalho das mulheres em casa no cuidado da família e a divisão desse trabalho doméstico entre homens e mulheres. A ênfase dada à questão política e social destacou a forma como somos produzidos enquanto sujeitos generificados, ou, em outras palavras, politizou a subjetividade, a

identidade e o processo de identificação dos sujeitos como homens e mulheres, como mães e pais e como filhos e filhas. Nesse plano, seu surgimento passou pela multiplicação de vários grupos de movimentos comuns, sendo pluralizado:

cada movimento apelava para a identidade social de seus sustentadores [sic] o feminismo apelava às mulheres, a política sexual aos gays e lésbicas, as lutas raciais aos negros, o movimento antibelicista aos pacifistas [sic] constituiu o nascimento histórico do que veio a ser conhecido como a política de identidade – uma identidade para cada movimento (Hall, 2001, p. 45).

O movimento de 1968, na França, teve forte marca de desencanto com o socialismo e o comunismo. Para Louro (2007, p. 15), maio de 1968 é referência para um processo maior, o do ressurgimento do movimento feminista. A autora destaca que o ingresso de militantes feministas no mundo acadêmico fez surgir os estudos da mulher, e “o feminismo além de preocupações sociais e políticas, irá se voltar para as construções propriamente teóricas”. A compreensão de Faludi (2001, p. 22) sobre o que o programa feminista demanda é “que as mulheres não sejam forçadas a ‘escolher’ entre justiça pública e felicidade privada. Pede que as mulheres sejam livres para definir a si mesmas - em lugar de terem a sua identidade definida pela cultura e pelos homens que as cercam”.

Essas pesquisadoras dos anos 1960-1970 tornaram visível a ausência das mulheres como sujeitos na ciência, nas artes, nas letras, e tornaram claras as questões do âmbito privado aproximando-as de significados políticos como a presença das mulheres no âmbito doméstico. Para Letícia Fernandes (2004, p. 35) “após os movimentos feministas ocorridos especialmente depois da segunda metade do século passado, o casamento foi sendo visibilizado como uma das fontes da dominação masculina”. De acordo com Meyer (2003), houve o reconhecimento da importância de se produzir conhecimento por meio de estudos e de pesquisas com o objetivo para além de apenas denunciar, mas de compreender e explicar a condição histórica de subordinadas socialmente e mesmo sobre a invisibilidade política das mulheres. Esses estudos da mulher foram pioneiros e deixaram uma memória de referência para os estudos de gênero, assumindo um caráter político, transgredindo as ideias de objetividade e neutralidade do universo acadêmico. Louro (2007) analisa que para a compreensão do lugar e mesmo das relações entre homens e mulheres numa sociedade importaria

compreender tudo o que socialmente foi produzido sobre os sexos. Assim, o debate teria o conceito de gênero como fundamental.

Nessa segunda onda, houve multiplicidade e fragmentação em termos de grupos, de objetivos, de perspectivas teóricas que, ainda na contemporaneidade, englobam os estudos feministas e os estudos de gênero, pois “o movimento é [sic] desde essas origens, multifacetado: de muitos e diferentes grupos de mulheres e de muitas e diferentes necessidades” (Meyer, 2003, p. 12). É difícil falar de movimento feminista no singular, pois as mulheres feministas se articularam em vários temas. Para Meyer, as vertentes feministas contam histórias únicas de emancipação da mulher e posicionam-se de modos divergentes.

Um marco no Brasil foi a luta política pelo direito de as mulheres votarem, “começou, praticamente na proclamação da República, em 1890, e acabou quando o direito ao voto foi estendido às mulheres brasileiras, na constituição de 1934, mais de quarenta anos depois” (Op. cit., p. 11). O movimento que conquistou o voto em 1934 foi encabeçado por mulheres de classe média, mulheres escolarizadas que reivindicaram outro lugar como sujeitos sociais e políticos na mesma ordem social estabelecida. Esse movimento de mulheres, articulando mulheres de classes sociais distintas conferiu ao feminismo brasileiro daquela fase um movimento, como dito por Sarti (2004), de interclasses. Suely Costa (2004, p. 28) enfatiza que os inícios dos movimentos feministas no Brasil surgiram pela iniciativa de mulheres de classes médias e ricas. A pauta dessa articulação destacava “igualdade em relação aos homens, contidas nos marcos de uma dada igualdade: a das mulheres para com os homens de mesma posição social”. Para Sarti (2004), o início do feminismo brasileiro data dos anos 1970 como contestação à ditadura militar no Brasil, iniciada em 1964. Os grupos feministas de então estavam articulados a outros movimentos sociais de esquerda por uma questão contingencial de luta política e trouxeram para o debate das relações de gênero o debate da estrutura de classe nos moldes marxistas. Segundo Meyer (2003), a análise economicista inspirada na corrente marxista dificultava a visibilidade de outras dimensões, presentes na vida privada, que implicariam a subordinação feminina. Dessa forma, Costa (2004) nos diz que os estudos feministas avançaram quanto a abordagem economicista da dominação criticando a noção universal do patriarcalismo.

Sarti observa que o movimento feminista formou uma aliança com as esquerdas ligadas à Teologia da Libertação<sup>88</sup> entrando em conflito com o movimento por questões como a do aborto e a do sexo antes do casamento. Foi uma convivência necessária, porém, não tranquila. Para a autora, é uma marca latina a aliança entre Igreja Católica, a esquerda política e os movimentos feministas. Para Sarti, houve uma política de alianças composta pelo movimento feminista (tendo as questões de gênero como pauta principal), os grupos políticos de esquerda e a Igreja Católica como forma de se oporem ao regime autoritário. As divergências desses diferentes grupos, naquele momento (regime militar) eram evitadas, ao menos publicamente. Temas como “o aborto, a sexualidade, o planejamento familiar e outras questões permaneceram no âmbito das discussões privadas, feitas em pequenos ‘grupos de reflexão’, sem ressonância pública” (Sarti, 2004, p. 39).

No fim da década de 1970, em meio ao processo de abertura política no Brasil, as filiações feministas dos diferentes grupos tornaram-se públicas. Houve espaço político para discussões em prol de reivindicações por políticas públicas voltadas para as mulheres, para o aprofundamento e a desnaturalização do lugar social da mulher a partir da noção de gênero como referência para análise (Sarti, 2004). Foi no início dos anos 1970, por intermédio de estudiosas e feministas anglo-saxãs, que o termo *gender* passou a ser utilizado como distinto de sexo (Meyer, 2003; Louro, 2007). De acordo com Verena Stolke (2004, pp. 78-79),

el término *género* ha sido clave en la teoría y política feministas desde los años 1970s en su combate contra el sentido común sexista y androcéntrico que prevalece en la sociedad y en la academia occidentales. Se trataba de demostrar que “la biología no es destino” sino que las identidades socio-simbólicas que se asignan a las mujeres en sus relaciones con los hombres en la organización de la vida en sociedad, al ser culturales, son variables y, por lo tanto, aptas de ser transformadas.

A categoria gênero ingressa no campo dos estudos feministas para dar conta das diferentes perspectivas, uma vez que a biologia não explicaria sozinha, a não ser em intersecção com a cultura. O gênero também tensionou os significados de noções como corpo, sexo e sexualidade. Marlise Matos (2008, p. 337) pontua

---

<sup>88</sup> “[...] movimento religioso muito vinculado às lutas populares e que buscou, nas análises socialistas, especialmente no marxismo, o escopo material para as suas análises sociais e econômicas” (Neto, 2007, p. 331).

que o pensamento feminista não se constitui em um *corpus* unificado de conhecimento, e sabemos igualmente que o construto gênero foi apropriado das formas as mais distintas pelas inúmeras áreas disciplinares e suas teorias, mas é fundamental salientar que, sendo essa aproximação mais superficial ou mais substantiva, todos deveriam partir de um ponto comum que seria o da subordinação da mulher ao homem, para entender e explicitar, relacionalmente, as muitas vicissitudes de como tais relações de dominação e opressão são elaboradas socialmente, [grifo da autora].

Meyer (2003) descreve que gênero tem sido utilizado de duas maneiras conflitantes: a) como oposição ou complementar à noção de sexo biológico se referindo aos comportamentos, atitudes ou traços de personalidades que as culturas inscrevem sobre corpos sexuados; b) e como referência a todas às formas de construção social, cultural e linguística que diferenciam homens de mulheres produzindo seus corpos como corpos dotados de sexo, gênero e sexualidade. Linda Nicholson (2002, p. 11) observa que:

o conceito de “gênero” foi introduzido para suplementar o de “sexo”, não para substituí-lo. Mais do que isso, não só o “gênero” não era visto como substituto de “sexo” como também “sexo” parecia essencial à elaboração do próprio conceito de “gênero”.

O conceito de gênero a partir da perspectiva teórica pós-estruturalista encontra em Joan W. Scott (1995) menção a todas as formas de construção social, cultural e linguística que diferenciam mulheres de homens e produzem os corpos como corpos dotados de sexo, gênero e sexualidade, e se divide em duas partes: a primeira como elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos; e a segunda, como uma forma de dar significado (representação) às relações de poder. Para Scott, gênero é um conjunto de marcas que identificam sujeitos como femininos ou masculinos. O termo gênero é um indicativo das construções culturais de homens e mulheres e “com a proliferação dos estudos sobre sexo e sexualidade, ‘gênero’ tornou-se palavra particularmente útil, pois oferece um meio de distinguir a prática dos papéis sexuais atribuídos às mulheres e aos homens” (Op. cit., p. 75). Silvana Mariano (2005, p. 486) analisa que

a construção do “gênero” como categoria de análise desde cedo se deparou com esses problemas. Sendo um conceito, Joan Scott entende que “gênero” necessita de uma teoria que lhe dê suporte. Essa teoria para a autora é o pós-estruturalismo, na medida em que permite questionar as categorias unitárias e universais e torna históricos conceitos que são normalmente tratados como naturais, como, por exemplo, “homem” e “mulher”.

Scott divide a proposição de gênero em duas partes, i.e., gênero como um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos, e como uma forma primária de dar significado às relações de poder. Meyer (2004, p. 15), ressalta que

o feminismo pós-estruturalista, alimentando-se especialmente de teorizações desenvolvidas por Michel Foucault e Jaques Derrida, assume que a linguagem (entendida, aqui, em sentido amplo) é o lócus central de produção dos nexos que a cultura estabelece entre corpo, sujeito, conhecimento e poder. Os estudos que se ancoram nesse pressuposto, se afastam de perspectivas que tratam o corpo como uma entidade biológica universal (apresentada como origem das diferenças entre homens e mulheres, ou como superfície sobre a qual a cultura opera para inscrever diferenças traduzidas em desigualdades) para teorizá-lo como um construto sócio-cultural e lingüístico, produto e efeito de relações de poder.

Meyer (2003) ainda detalha o modo de se teorizar o gênero como ferramenta teórica e política, i.e., como operar com uma ferramenta analítica como a do gênero torna as posições binárias problemáticas, posições estas ancoradas em diferenças históricas. Desconstruir uma posição binária, não é destruí-la, mas torná-la histórica. No pensamento binário cada polo (masculino e feminino se apresenta com sua identidade), e a ideia de desconstrução busca implodir a fixidez desses polos.

Para a autora, o gênero teria quatro dimensões que se inter-relacionariam e uma influenciaria à outra. Na primeira, o gênero é aprendido, i.e., as culturas ensinam modos de ser feminino e masculino através de diferentes instituições e práticas sociais para além do âmbito familiar, numa ampliação da noção de educativo. Envolveria instâncias culturais como e.g., os meios de comunicação de massa, a literatura, a música, o cinema, e uma série de outros artefatos culturais, a partir dos quais homens e mulheres se transformam, aprendem e se reconhecem. Esse processo de formação cultural não seria nem linear e nem se finalizaria por completo ao longo da vida de homens e mulheres. Na segunda dimensão, o conceito acentuaria a existência de diferentes formas de definir e viver a feminilidade e a masculinidade. A cultura seria um campo de luta e de contestação que produziria tanto os sentidos quanto os sujeitos que constituiriam os diferentes grupos sociais. Admite-se a existência de formas plurais, conflitantes e instáveis de feminilidade e masculinidade. Assim, o gênero se articularia com outros marcadores sociais, como classe, raça, etnia, sexualidade, geração, religião, e nacionalidade. Cada articulação produz modificações na forma que as feminilidades e masculinidades podem ser vividas, em grupos diferentes ou nos mesmos grupos sociais.

Na terceira dimensão, o conceito não sinalizaria apenas para as mulheres, mas também para os homens - motivo de grande polêmica no campo feminista -, a partir de uma crítica relacional. Nessa última dimensão, o masculino entrou na agenda do feminismo e o feminino perdeu sua agenda política. Ainda as intervenções analíticas operariam de modo a considerar as relações de poder entre homens e mulheres, além das formas sociais e culturais que constituiriam esse par como sujeitos de gênero. Seria a compreensão das estratégias e das práticas sociais e culturais na produção e educação de homens e mulheres como meio de intervir nas relações de poder entre os gêneros que vivemos. A quarta dimensão faz uma proposta de afastamento dos formatos de análises que se voltam para a ideia de papéis de homens e mulheres, quando se abordaria os conceitos normativos expressos e.g., em doutrinas religiosas, científicas, políticas, educativas, jurídicas e médicas da sociedade. O enfoque se daria sobre os diferentes modos pelos quais os gêneros operariam nessas estruturas sociais. O gênero não se restringe a papéis e funções de homens e mulheres, mas atravessa e organiza o próprio social como as instituições sociais, os símbolos, as marcas, os conhecimentos, as leis, as doutrinas e as políticas de uma sociedade.

Linda Nicholson (2002) descreveu o “sistema sexo-gênero”, estudado por Gayle Rubin, e analisou que o determinismo biológico - desafiado pelo feminismo dos anos 1960 -, seria uma negação da força da cultura sobre o corpo, e o fundacionalismo biológico, que, assim como a cultura, agiria para construir masculinidades e feminilidades. Nesse sistema, “‘gênero’ tem sido cada vez mais usado como referência a qualquer construção social que tenha a ver com a distinção masculino/feminino, incluindo as construções que separam corpos femininos de corpos masculinos” (Nicholson, 2002, p. 09). Nicholson faz menção ao uso feito com a categoria gênero como se referindo às formas que o corpo aparece e não apenas para se referir à personalidade e ao comportamento de mulheres e homens.

O campo feminista enquanto dimensão política perdeu força a partir dos anos 1980 e 1990 e, de acordo com Matos (2008), essas décadas são marcadas por manifestações de pós-feminismo como ideia de recuo das lutas do feminismo. Faludi (2001, p. 19) corrobora com Matos ao ter analisado igualmente que “quando a maioria das mulheres se considerava feministas, a mídia anunciava o surgimento de uma ainda mais jovem ‘geração pós-feminista’ que supostamente repudiava o feminismo”.

Esse novo cenário é caracterizado por Matos como de dissociação entre o pensamento e o movimento feminista, ou seja, por uma profissionalização dos movimentos, e pela propagação de ONGs (organizações não governamentais) especializadas no tema que envolve as questões pertinentes às mulheres. Seria uma terceira onda do feminismo que emerge a partir do processo de “onguização” em meio à profissionalização das feministas, as quais, passaram e.g., a receber recursos do estado e de organismos internacionais e, com isso, estariam seguindo a agenda política dessas instâncias sociais. Nesse sentido, Ana Gabriela Macedo (2006) comenta que essa terceira onda feminista estaria identificada com a agenda liberal e mais individualista do que com objetivos mais coletivos e políticos. Para Macedo (2006), com isso compreende-se que as principais exigências do feminismo teriam sido atendidas (igualdade entre os sexos) e se constituiriam numa ideia de “pós-feminismo”, e “esta visão de um feminismo em versão ‘pós’, isto é, conservadora e acomodada, tem, por sua vez, sido identificada com o chamado backlash ideológico do feminismo (a que chamaremos contra-feminismo)” (Macedo, 2006, p. 814).

Penso que até aqui fiz uma apresentação de algumas questões que evidenciam a importância do conceito de gênero e do feminismo para a pesquisa. Entretanto, essa ideia de contra-feminismo será mais bem descrita a seguir quando farei uma apresentação do conceito de *backlash* (retrocesso) como política cultural antifeminista.

Segundo Faludi (2001), o *backlash* (retrocesso) parece ter surgido nos Estados Unidos antes mesmo dos movimentos feministas chegando a seu auge na década de 1980. Parece haver alguns indicativos de que continua a operar culturalmente com estratégias semelhantes àsquelas do período pré-feminista, evidenciando um forte conservadorismo moral de cunho religioso.

## 5. O BACKLASH COMO POLÍTICA CULTURAL

Articulo o conceito de gênero, escolhido para ser um dos operadores analíticos desta pesquisa, com o conceito de *backlash* (retrocesso), conceito este que será um dos eixos importantes da análise do material empírico catalogado neste estudo. *Backlash* é uma palavra da língua inglesa com alguns significados diferentes, podendo ser traduzido como “reação ou revolta” ou como “retrocesso ou movimento ao oposto”<sup>89</sup>.

A publicação “*Backlash: o contra-ataque na guerra não declarada contra as mulheres*”, de Faludi<sup>90</sup> (2001), serve de referência nessa articulação com o conceito de gênero. Faludi centrou essa análise nos Estados Unidos e descreveu o *backlash* (retrocesso) como uma reação machista às reivindicações e às conquistas das mulheres desde as primeiras origens do feminismo ainda no século XIX. O *backlash* (retrocesso) foi articulado pela imprensa, por religiosos evangélicos e por políticos conservadores, grupo este que ela nomeia de Nova Direita, e seus líderes “eram pastores fundamentalistas de origem rural cujas congregações estavam diminuindo e pastores eletrônicos”<sup>91</sup> cuja audiência estava declinando” (Faludi, 2001, p. 238).

Se seguirmos a análise da autora, devemos entender que não existe uma coordenação, i.e., uma sala de controle para cuidar organizadamente das ações do *backlash* (retrocesso), mas a falta de uma liderança centralizada não o torna menos destrutivo. O *backlash* (retrocesso) age de uma forma quase imperceptível e não menos eficiente. Conforme Patrícia Santana (2008, p. 02), o *backlash* (retrocesso) é um discurso sincronizado e destaca em especial que a destruição da família “se dá no momento em que as mulheres começam a conquistar espaço no mercado de trabalho”. Ainda segundo Faludi (2001, p. 21),

um *backlash* contra os direitos da mulher tem sucesso na medida em que parece não ter conotações políticas, na medida em que se mostra como tudo, menos uma luta. Ele é tanto mais poderoso, quanto mais consegue transformar-se numa questão privada, penetrando na mente da mulher e torcendo a sua visão para dentro, até ela imaginar que a pressão está toda na cabeça dela, até ela começar a impor as regras do *backlash* a si mesma, [grifo da autora].

---

<sup>89</sup> Dicionário Web. Disponível em: <<http://www.dicionarioweb.com.br/ingles/backlash/>> e em *Dictionarist*: <<http://oque.dictionarist.com/backlash>> - Acessos em: 07 out. 2015

<sup>90</sup> Susan Faludi é uma jornalista norte-americana e vencedora do prêmio Pulitzer de jornalismo em 1991, mais importante prêmio do jornalismo nos Estados Unidos.

<sup>91</sup> “O termo ‘pastor eletrônico’ se refere aos pastores de diferentes denominações religiosas que se apresentam como líderes espirituais pregando o Evangelho através de programas de televisão estimulando a doação em dinheiro por parte dos fieis para as Igrejas protestantes” (Faludi, 2001, p. 238).

Para Faludi (2001), o *backlash* (retrocesso) consiste numa política cultural conservadora que circula no âmbito da cultura (em todas as mídias) enfatizando, e.g., que a família tradicional foi “destruída”, o casamento deixou de ser uma relação harmônica, e ainda promoveria a idealização de um modelo feminino tradicional, destacando o lar como uma espécie de “reino” e de “trono” para as mulheres, e ainda

seria um contra-ataque para impedir o progresso das mulheres, em grande parte, advinda dos fundamentalistas evangélicos, em suas conexões com a Casa Branca, mas se desenvolve num quadro de desgaste de ideários feministas, daí seu interesse, para esse debate no Brasil (Costa, 2004, p. 24).

A imprensa dos Estados Unidos encarregou-se de anunciar que as mudanças ocorridas no comportamento das mulheres (a partir do feminismo) foram extremamente negativas e desarticuladoras da organização da família e dos costumes. Ângela McRobbie (2006, p. 09) pontua que o *backlash* (retrocesso) passou a significar “uma resposta conservadora às conquistas do feminino”. Faludi (2001, primeira orelha) desafia com a análise deste tema o que ela entende como sendo “a tese central do contra-ataque, de que o feminismo seria o pior inimigo da mulher e todas as conquistas alcançadas na verdade a prejudicaram em vez de fortalecê-la”. Costa (2004) aponta que nos Estados Unidos o contra-feminismo, ou o *backlash* (retrocesso), proclama que as iniciativas das mulheres em busca de autonomia foram causa de melhores posições em alguns espaços, e ao mesmo tempo, “ruína” em outros, como na constituição do matrimônio.

As ações do movimento feminista nos anos 1960, 1970 passaram a sofrer as consequências dessa política cultural. De acordo com Faludi (2001), o intenso contra-ataque deflagrado ao feminismo se deu em todas as arenas públicas nos Estados Unidos, nas arenas econômicas e políticas, até alcançar a arena da cultura popular. Para Kellner (2001, p. 25), os anos 1960 foram uma época de surgimento, a todo instante, de diferentes movimentos sociais como forma de desafiar os valores estabelecidos na organização da sociedade e da cultura daquela época, gerando, assim, “intensas ‘guerras culturais’ entre liberais, conservadores e radicais no sentido de reconstrução da cultura e da sociedade segundo seus próprios programas, guerras que continuam sendo travadas na atualidade”.

Faludi (2001) comenta que o *backlash* (retrocesso) opera em dois níveis: primeiro pelo convencimento de que os sentimentos de angústia e insatisfação das

mulheres seriam resultantes do excesso de independência; e, em segundo, destruiria de forma gradativa os mínimos avanços que as mulheres conquistaram no campo político e no mundo do trabalho, e, ocasionalmente, no modo de pensar das mulheres. Para Renata Pinheiro (2013, p. 113), ele seria “uma tentativa de reduzir as pequenas vitórias que o movimento feminista havia a muito custo conseguido, levando a um retrocesso”.

Uma produção fílmica de 1947 com o título homônimo do livro, “Backlash”, apresenta como trama um marido que comete um crime e transfere a culpa desse delito para a esposa. A trama desse filme serve de compreensão do que os discursos dos *backlashes* imprimem: a cultura oprimiu as mulheres; o feminismo contestou e politizou essa condição; e os grupos conservadores transferiram para as mulheres a culpa pelos problemas que os próprios conservadores criaram. Assim, “o atentado contra os direitos da mulher usa a sua retórica para acusar as feministas de todos os atos que ele pratica” (Faludi, 2001, p. 22).

A presença dos *backlashes* nas mídias (como reações conservadoras), “*backlashes* - perceptíveis de forma mais clara ou mais disfarçada -,” (Pinheiro, 2013, p. 115), de modo a tornar invisíveis as lutas das mulheres por direitos, surgiu em meio ao auge do feminismo. Faludi (2001) lembra que entre o final dos anos 1960 e início dos anos 1970, as principais publicações passaram a ignorar qualquer coisa ligada ao feminismo, a não ser se fosse para criticá-lo, censurá-lo e manipular informações como a da probabilidade de uma mulher que trabalha fora se casar e ter uma família. O *backlash* (retrocesso) fomentou com isso uma baixa estima das mulheres como forma de enfraquecer a luta pela igualdade de direitos.

Tomando o que diz Kellner (2001), a cultura da mídia opera como o lugar onde se travam disputas pelo controle da sociedade, i.e., grupos feministas, antifeministas, liberais e conservadores, radicais e aqueles que defendem o *status quo*, todos lutam pelo poder cultural não apenas o poder da informação como o domínio do entretenimento. Kellner observa que nos anos 1980 (em meio à conservadora era Reagan<sup>92</sup>) a expressão “backlash” (retrocesso) assumiu um sentido prático tendo, promovido uma grande reviravolta cultural nos Estados Unidos quando pensamos em valores morais, sociais e religiosos.

---

<sup>92</sup> Assim ficou conhecido o período de governo conservador do ex-ator de Hollywood, Ronald Reagan, que presidiu os Estados Unidos de 1980 a 1989.

Essa disputa de poder entre movimento feminista e o *backlash* (retrocesso) transformaram-se em fenômeno social alcançando âmbitos da indústria cultural como o do cinema, o da televisão, das indústrias da moda e da beleza, os discursos presidenciais, e a política antiaborto<sup>93</sup> norte-americana. Faludi (2001, p. 391) lembra que

o direito de abortar – praticado de uma forma ou de outra desde os tempos coloniais – nunca havia sido limitado até a segunda metade do século XIX. E nunca, até então, abortar chegara a ter qualquer conotação moral (mesmo depois de vários meses de gestação). Só em meados do século XIX, com o surgimento dos grupos de defesa dos direitos da mulher, foi que o aborto se transformou num campo de batalha.

Faludi destacou uma série de artigos que circularam em jornais e revistas dos Estados Unidos discutindo as mudanças no comportamento das mulheres. O primeiro artigo não data dos anos 1980, mas de uma publicação da virada do século XIX para o XX. A autora descreve um artigo publicado por uma corrente da imprensa descrita por ela como “vitoriana” (menção que faz ao conservadorismo da época<sup>94</sup>), artigo que criticou severamente as feministas por reivindicarem direitos. As feministas seriam para o editorial daquela publicação “um rebanho de histéricas e irracionais revolucionárias”, “barulhentas, intrometidas, fanáticas e maníacas” e “imperdoavelmente ridículas”.

No fim do século XIX a imprensa imprimiu constantes ataques à ideia de direitos das mulheres, pois, os jornalistas argumentavam que alcançando igualdades (e.g. na educação, no emprego, e direitos iguais aos homens) tornaria as mulheres solteironas, estéreis e péssimas mães. O *backlash* (retrocesso) renova seu ciclo a cada novo período histórico se utilizando de novos especialistas, sendo assim, “a imprensa vitoriana recorreu ao clero para sustentar seus artigos contra o feminismo; nos anos 80, a imprensa foi buscar os terapeutas” (Faludi, 2001, p. 96).

---

<sup>93</sup> “Durante o governo Reagan, os demógrafos do Censo sofreram uma pressão cada vez maior para gerar dados propícios à guerra contra a independência das mulheres, para apresentar estatísticas ‘provando’ a crescente ameaça da infertilidade, os riscos físicos e psíquicos inerentes ao aborto, o lado tenebroso da maternidade fora do casamento, os lastimáveis efeitos da ausência diária da mãe que trabalha fora” (Faludi, 2001, p. 30).

<sup>94</sup> Segundo Maria Conceição Monteiro (1998, p. 61), “a era vitoriana é o período que a rainha Vitória governou a Inglaterra (de 1837 a 1901). A rainha [...] atribuía o sucesso do seu reinado à moralidade da corte e à harmonia da vida doméstica [sic] olhava o movimento em defesa dos Direitos da Mulher como ameaça à virtude do sexo ‘frágil’”.

Mona Charen, uma jovem estudante de Direito, escreveu um artigo nos anos 1980 para a conservadora publicação norte-americana *National Review* com o título de “O erro feminista” criticando as conquistas do feminismo com a seguinte redação:

*Ao distribuir seus despojos, o movimento feminista deu à minha geração altos rendimentos, os nossos próprios cigarros, a opção de ser mãe solteira, delegacias para cuidar de mulheres violentadas, linhas de crédito pessoal, amor livre e mulheres ginecologistas [...] em compensação tirou de nós aquilo sobre o qual repousa a felicidade da maioria das mulheres – os homens. [(Mona Charen, "The Feminist Mistake", *National Review*, 23/3/1984, p. 24), (Faludi, 2001, p. 10).*

No ano de 1986, em outro artigo publicado na revista *Newsweek*, intitulado “A crise da identidade do feminismo”, vários especialistas em assuntos femininos deram seus pareceres, entre aqueles especialistas estavam sociólogos, cientistas políticos, e psicólogos. Contudo, nenhuma das muitas mulheres que estariam supostamente passando pela tal crise foi consultada, e “a ausência de mulheres de verdade em matérias jornalísticas supostamente envolvendo mulheres de verdade é um marco do *backlash* dos anos 80” (Op. cit., p. 96).

As ações conjuntas dos diretores das empresas de comunicação norte-americanas questionaram as ações do feminismo apresentando para as audiências (de rádios e TVs) e aos leitores (de jornais e revistas) um discurso sincronizado em prol do retrocesso social, criticando os avanços culturais das conquistas femininas. Foi nesta direção que Faludi questionou o teor das produções culturais estadunidenses desde quando promoveram uma espécie de contra-ataque depreciativo e organizado em rede em todas as plataformas da mídia dos anos 1960, 1970 e 1980 como reação aos avanços do movimento feminista.

O enfoque desse contra-ataque iniciou pela ideia de que a “igualdade” (com os homens) conquistada pelas mulheres teria sido a causadora de uma infelicidade coletiva (entre as mulheres), e de que igualdade não combinaria com casamento e nem com maternidade. Esses grupos conservadores “acusam o movimento feminista da criação de uma geração de infelizes mulheres solteiras e sem filhos” (Op. cit., p. 22).

Faludi observou que *Hollywood* tardou, mas também aderiu à política cultural do *backlash* (retrocesso) alguns anos depois da mídia, e reforçou a mesma tese dos meios de comunicação, ou seja, que “as profissionais independentes, celebradas por certas versões do feminismo, ou as mulheres simplesmente sozinhas, são retratadas como carentes e capazes de comportamento vil e destrutivo” (Kellner, 2001, p. 152).

A produção de um filme é bem mais demorada, mas permitia que as tendências da opinião pública e da mídia sobre as mulheres fossem mais bem analisadas para moldar as personagens femininas, e apresentá-las ao público muito mais idealizadas. Faludi (2001, p. 128) percebeu que,

a indústria cinematográfica também estava mais capacitada do que a mídia para levar esta lição para dentro dos lares. Os produtores de cinema não eram limitados pelas obrigações do jornalismo. Podiam moldar as suas mulheres fictícias como bem entendiam: podiam forçá-las à obediência.

Faludi (Op. cit., p. 127) destacou o filme “Atração Fatal<sup>95</sup>” como um marcante artefato cultural da política antifeminista daquele período que valorizou o modelo de matrimônio tradicional, sendo apontada como “a manifestação psicótica do estudo sobre o casamento feito pela *Newsweek*; no final, a atração só é fatal para a mulher solteira”. A personagem de Glenn Close (Alex Forrest) é morta pela esposa do personagem de Michael Douglas (Dan Gallagher), cena assim descrita:

munida de um facão, a demoníaca Alex invade o lar e Dan, agarrando-a pelo pescoço, tenta afogá-la na banheira. Mas cabe à obediente esposa disparar o tiro fatal, no coração. O filme termina com um close em um retrato de família, da família restaurada - a família Gallagher (Op. cit., p. 137).

Inúmeras outras personagens femininas que se seguiram nas produções de *Hollywood*, ou adoeciam nos filmes ou eram emudecidas, sem atitudes ou fala, foram essas algumas das formas do *backlash* (retrocesso) hollywoodiano representar as mulheres.

Macedo (2006, p. 815) apresenta o *backlash* (retrocesso) pensando em uma versão pós-feminista como parte de vários discursos conservadores caracterizando-o de contra-feminismo, i.e., como “profundamente estribados num conservadorismo ideológico e político e num feroz individualismo, habilmente disseminados pelos *media*, que incansavelmente os sustenta”.

---

<sup>95</sup> “A vilã de *Atração Fatal* (1986), uma editora solteira e bem-sucedida chamada Alex [...] seduz um homem casado [...] (representado por Michael Douglas), e passa a persegui-lo obsessivamente, procurando destruir seu casamento e apoderar-se dele [...]. O outro lado [...] é a moral da história para os homens, pois os adverte de que, caso se desviem da monogamia matrimonial – nem que por uma só vez –, o resultado são a desgraça e a destruição daquilo que é apresentado como a coisa mais importante da vida” (Kellner, 2001, pp. 151-152).

McRobbie (2006, p. 60) argumenta que esse pós-feminismo como nova categorização faz uso do caráter prático do feminismo evocando-o quando sugere que a igualdade entre homens e mulheres foi alcançada, instalando todo um repertório de novas significações enfatizando que o feminismo não seria mais necessário. Assim, o feminismo seria uma força submergida, o que “implica a coexistência de valores neoconservadores em relação a gênero, sexualidade e vida familiar com processos de liberação em relação à escolha e à diversidade nas relações domésticas, sexuais e de parentesco”, e que passou a compor um campo

de lutas da teoria, somando-se as guerras culturais entre conservadores, liberais e progressistas, em que os conservadores tentam zerar os avanços dos anos 1960 e impor valores e formas de cultura mais tradicionais. Em todo o mundo Ocidental, os conservadores têm tentado obter hegemonia assumindo o poder político e usando-o para concretizar seus programas econômicos, políticos, sociais e culturais. Têm empregado o poder político e econômico para pôr em prática um programa de transformação cultural, tentando fazer o relógio voltar para uma era anterior de governo conservador (Kellner, 2001, p. 29).

O *backlash* (retrocesso) nas produções culturais se atualiza nas mídias e nos produtos do entretenimento cultural a cada época, retomando sua posição em “ciclos de retrocesso” como nos diz Jules Falquet (2004, p. 66): “tal como lo describe Susan Faludi, el *backlash* ha empezado: el retrocesso social, ideológico y político se hace sentir con más fuerza a medida que avanza el decênio”. Conforme Renata Pinheiro (2013), passado os anos 1980, e com as mulheres retomando a luta por direitos, os efeitos das campanhas do *backlash* (retrocesso) daquele período ainda se fazem presentes, pois as ideias que foram disseminadas podem ser percebidas na atualidade nas mais diferentes instâncias e situações.

O objeto de análise de minha pesquisa, o programa *The Love School*, é sugestivo de ser um artefato cultural pedagógico que apresenta como componente central uma relação muito próxima com uma religião de matriz protestante, uma das instâncias fundantes da política cultural do *backlash* (retrocesso). Sob o meu ponto de vista, alicerçado pelas teorias de gênero, o programa pode sinalizar um sentido de retrocesso para os relacionamentos amorosos entre homens e mulheres sugerindo que as mulheres priorizem em suas vidas, o casamento, o cuidado da casa e a figura clássica do marido provedor da família, assumindo uma posição de auxiliadora na relação com o cônjuge.

Muitos elementos generificados presentes na fala dos apresentadores do *The Love School* e nos diferentes temas discutidos por eles, podem estar representando contemporaneamente mais uma propagação das ideias do *backlash* (retrocesso) difundindo uma cultura antifeminista.

A seguir, apresento o amor e o casamento como operadores analíticos em que me embasarei quando descrevo essas duas categorias como construções culturais e históricas e articularei com os demais operadores e eixos de análise como a pedagogia cultural, a religião, o gênero e o *backlash* (retrocesso) até aqui desenvolvidos para prosseguir com a análise empírica da pesquisa.

## 6. O AMOR E O CASAMENTO COMO CONSTRUÇÕES CULTURAIS E HISTÓRICAS

Segundo Ana Sofia Antunes das Neves (2007), o estudo sistemático do amor foi desconsiderado até os anos 1970, pois se julgava até aquele momento que este tema não carregava uma cientificidade, tendo tardiamente passado a ser considerado como objeto científico<sup>96</sup>. Neves (Op. cit., p. 610) destaca o surgimento de novas áreas no âmbito das pesquisas sobre o amor procurando “avaliar qual a influência que variáveis como o gênero, a classe social, a etnia ou a orientação sexual [...] têm na emergência de diferentes tipologias de amor”. Para Fernandes (2014, p. 37),

no momento em que a questão do amor passa a entrar na agenda política das pesquisas, cada vez mais estudiosas feministas se apropriaram da temática, especialmente para entender mecanismos de hierarquização entre homens e mulheres.

O tema desta pesquisa envolve questões que alcançam supostamente todas as pessoas, tal como o amor e o casamento, conceitos que serão analisados neste capítulo. Começo apresentando o significado linguístico da palavra amor como produto discursivo da cultura. Assim, o amor é codificado como uma “afeição baseada na admiração, benevolência ou interesses comuns; forte amizade; a pessoa ou a coisa amada; divindade que personaliza o amor, como o Cupido (Eros para os gregos); aquele que procura satisfação sexual; amor físico” (Houaiss, 2009, p. 119).

Scott (1995, p. 71) nos diz que “o uso gramatical das palavras não é suficiente para fixar significado, porque as palavras como as ideias e as coisas que elas pretendem significar, têm uma história”. Para Neves (2007, p. 612), entretanto,

o amor não pode deixar de ser entendido no quadro das suas significações históricas e culturais, sabendo nós que aquilo que é percebido como uma manifestação de intimidade ou de amor pode variar em função do espaço e do tempo onde tal fenômeno está situado. Nesse sentido, para além de ser um conceito multidimensional, o amor é também um produto social e discursivo.

---

<sup>96</sup> “[...] a preocupação com a racionalidade e a ordem - que predominou nas ciências sociais do pós-guerra relegou o tema das emoções e do amor a segundo plano” (Costa, 2005, p. 113).

Desse modo, podemos compreender que “o amor faz parte de uma discursividade que nos constitui enquanto sujeitos de determinados tipos” (Fernandes, 2014, p. 38). A representação mais conhecida do amor na cultura Ocidental apresenta esse sentimento estilizando o coração de alguém supostamente apaixonado por outra pessoa com o formato de duas asas unidas (cada parte do coração representando o par apaixonado), como se asas de anjos fossem, e tem na cor vermelha a tonalidade. O “deus do amor” é oriundo da mitologia romana, e esse deus é Cupido com feições infantis, que ao disparar suas flechas na direção de alguém, faz despertar a paixão em qualquer pessoa, inesperadamente. Para Regina Lins (2012a, p. 38), a divindade de Cupido “aparece então como o Amor, a força poderosa que faz com que todos os seres sejam atraídos uns pelos outros, assegurando a continuidade da espécie”.

Por mais abstrato que o amor possa ser, essa categoria encontra no “apaixonar-se por alguém” a descrição mais visível de como compreendê-lo como algo real e “palpável”. Lins (Op. cit., p. 06), refletindo acerca do que ocorreu com o amor no passado, responde que “o amor foi normatizado, reprimido, violentado. A ordem moral reinou, exercendo nociva tirania sobre a vida privada”. Para a autora, o amor, a forma como amamos e a forma como praticamos sexo são construções culturais, e em “cada época tem sua modalidade de amor e de relacionamento, e o modo como os costumes e hábitos são produzidos na e pela cultura perpassam décadas e até séculos, naturalizando o que é uma construção histórica” (Pires, 2009, p. 85).

À essa construção cultural e histórica do amor também se atribui a dois clássicos da literatura universal que marcaram o início do romantismo Ocidental: o primeiro clássico foi “*Tristão e Isolda: lenda medieval celta de amor*”, de autoria desconhecida. Eduardo Marcondes (2010, p. 02) ressalta que Tristão e Isolda “foi à primeira história da literatura Ocidental a lidar com o amor romântico, e é a fonte da qual se originou toda a nossa literatura romântica, desde Romeu e Julieta até a história de amor em cartaz nos cinemas” na contemporaneidade. Com essa influência histórica e romanesca “não é preciso ter lido o Tristão de Bérroul ou o de Bédier, nem ter ouvido a ópera de Wagner para sentir na vida cotidiana a força nostálgica de tal mito. Ele se manifesta na maioria de nossos romances e filmes” (Rougemont, 1988, p. 12). Anthony Giddens (1993, p. 52) refere que alguns dizem que

o amor romântico foi um enredo engendrado pelos homens contra as mulheres, para encher suas cabeças com sonhos fúteis e impossíveis. Mas tal opinião não pode explicar o apelo da literatura romântica, ou o fato de as mulheres terem desempenhado um papel importante na sua difusão.

O segundo clássico foi a obra “*Os sofrimentos do jovem Werther*”, de Johann Wolfgang Von Goethe. Para Lins (2012b), a obra de Goethe historiciza uma paixão autobiográfica do escritor. Esse romance fez tanto sucesso que promoveu uma “febre Werther” no século XVII, com forte influência real sobre os jovens adultos da época (alemães, ingleses e franceses) os quais se vestiram e se comportaram de modo semelhante à personagem do romance, tamanho o efeito que essa história originou.

Napoleão Bonaparte confessou a Goethe que leu a obra sete vezes. Esse livro é considerado a primeira obra romântica da literatura alemã e como a “primeira produção literária do Romantismo, é considerado o marco inicial deste movimento cultural” (Op. cit., p. 79). A trama de amor não correspondido é baseada em fatos reais da vida de Goethe que moldou na personagem de Werther um imenso sofrimento por amor a ponto de tirar a própria vida, suicidando-se. Esse desfecho literário influenciou muitos daqueles jovens que cometeram suicídios por toda a Europa, e “menos inofensivo do que copiar os seus sentimentos, era o fato de alguns leitores acharem que tinham de seguir o infeliz herói até o final amargo, suicidando-se após a leitura” (Op. cit., p. 81).

Segundo Dennis de Rougemont (1988, p. 06) nesse gênero literário “o amor feliz não tem história. Só existem romances do amor mortal, ou seja, do amor ameaçado e condenado pela própria vida”. Para Lins (2012b, p. 87),

o tema do amor romântico tornou-se onipresente nos romances e nos manuais de *savoir-vivre*<sup>97</sup>. Repentinamente, revelou-se nas pessoas uma intensa necessidade de invocar os ardores do sentimento; elas fugiam para longe do corpo, como se fossem anjos diáfanos, e se entregavam a sonhos com amores etéreos. O discurso romântico era recheado de metáforas religiosas: o amante era uma criatura celeste; a moça, um anjo de pureza e de virgindade; o amor, uma experiência mística.

Ao longo do tempo o amor passou por alguns desdobramentos culturais em seu significado com diferentes tipologias como e.g., a de amor cortês, de amor apaixonado,

---

<sup>97</sup> “[...] os costumes que devem ser observados por quem deseja tornar-se um *gentleman* (Rougemont, 1988, p. 11)”, [grifo do autor].

de amor romântico, de amor verdadeiro, de amor materno, de amor confluyente e de amor líquido entre as que escolhermos considerar.

Rougemont ressalta que o amor cortês é fruto de uma reação à moral e aos costumes feudais. No século XII, o casamento era tomado pelos senhores dos feudos como uma forma prática de enriquecimento e de expansão de terras, pois o casamento era ligado ao dote que acompanhava a esposa ou a herança que seria mais tarde entregue ao senhor. Contudo, se esse negócio não fosse bem-sucedido, os senhores feudais podiam repudiar a mulher. Nesse cenário, o autor descreve o surgimento do cortesão, um tipo de poeta e trovador, como uma personagem que contribuiu para a transformação nas tradições de trato com as mulheres e o

nascimento de uma visão da mulher inteiramente contrária aos costumes tradicionais - a mulher se vê elevada acima do homem, tornando-se seu ideal nostálgico - e nascimento de uma poesia de formas fixas, bastante complexas e requintadas, sem precedentes em toda a Antiguidade (Rougemont, 1988, p. 54).

Para Renato Mezan (2008), o mito do “amor cortês” ocidentalizado remonta a uma mais antiga tradição moura transmitida para a Europa pelos árabes. Rougemont (1988) corrobora com a descrição de Mezan destacando que sempre que um historiador tenta supor a origem da eloquência cortês, encontra, principalmente na França, uma retomada da tradição árabe de falar dos sentimentos amorosos, costume que influenciou fortemente a cultura do amor afável, comportamento tido como mais acolhedor com o feminino. “A poesia cortês nasceu desse encontro” (Op. cit., p. 83), assim,

costuma-se pensar que foram os trovadores provençais os inventores da forma de amar que depois se chamaria romântica [...] situa o nascimento dele na história de Tristão e Isolda, célula-mãe que se originaria todo o “erotismo ocidental” [...] o autor bebeu em fontes árabes, por sua vez influenciadas por poetas e músicos da Pérsia [...] a concepção do amor como “anseio pelo inatingível” é elaborada por Al-Abbasinb Al-Ahnef, poeta que viveu na corte do califa Harun al-Rachid (Bagdá, século IX) [...] todos os componentes do amor cortês já estão presentes na literatura árabe como [...] se pode comprovar abrindo qualquer página das *Mil e Uma Noites*. A proximidade geográfica entre a Espanha muçulmana e o sul da França facilitou a transmissão destas ideias para além dos Pirineus, (Mezan, 2008, p. 06), [grifo do autor].

Para Giddens (1993, p. 54), a palavra “paixão” inicialmente teve um significado religioso que a transformou modernamente para “amor apaixonado”, entendido a partir de então, como a conexão entre o amor e a ligação sexual dos casais. Essa ideia de amor

apaixonado seria um fenômeno universal, mas diferente do ideal de amor romântico que seria mais culturalmente especificado. Partindo dessa vinculação descrita “para os homens, as tensões entre o amor romântico e o *amour-passion* eram tratadas separando-se os confrontos do ambiente doméstico da sexualidade da amante e da prostituta”. Sobre o sexo, Lins (2012a, p. 11) complementa que,

na Antiguidade Tardia, entre os séculos III e V, o sexo era algo tão abominado pela Igreja que o casamento continente - totalmente sem sexo - tornou-se o ideal cristão. Isso enquanto milhares fugiam para o deserto em busca de pureza. Acreditavam que, ao martirizar os corpos contra os desejos sexuais, livrariam-se da danação eterna. Durante a Idade Média deu-se um grande passo, do amor unilateral para o amor recíproco. A Igreja ordenava amar unicamente a Deus. Até o século XII o amor por outra pessoa era impensável. Amava-se a Deus sem exigir nada em troca.

Conforme Giddens, por muito tempo, os ideais do “amor romântico” estiveram mais próximos dos desejos afetivos das mulheres do que dos homens, embora os homens também tenham sido influenciados por esses ideais. O impacto dessa relação das mulheres com esse formato de amor, romântico, foi duplo, i.e., fez do lar o espaço do feminino e também do machismo como um componente da cultura das sociedades modernas. Mezan (2008) destaca que o amor romântico como estatuto foi influenciado pela religião quando São Paulo marcou a cultura cristã condenando o sexo, o que conduziu à separação entre amor espiritual e amor físico. Essa condenação religiosa foi dominante por muito tempo e “o casamento por amor é uma criação cultural recente, porque o amor e a sexualidade eram banidos da união conjugal. A Igreja proibia que se manifestasse a concupiscência pela esposa” (Bruckner, 2014, p. 02). Marcia Siqueira (2002) também refere, sobre as ligações do amor romântico, que o elemento do amor sublime prevalecia sobre o ardor sexual quando as qualidades de caráter distinguiam uma pessoa como especial, assim, o homem que amasse verdadeiramente uma mulher a desligaria de qualquer ideia de relação sexual. Nesse sentido, “o amor assumiria formas poéticas e imaginativas” (Op. cit., p. 08).

A Europa do século XVIII fez emergir os ideais do amor romântico vinculados aos valores morais da Cristandade (Giddens, 1993; Luhmann, 1991). Como preceito para conhecer o amor romântico entendia-se a necessidade de homens e mulheres devotarem-se a Deus, momento em que formariam uma unidade mística com o divino. Giddens descreve que na Europa pré-moderna a maioria dos casamentos era contraída não pelo afeto correspondido entre duas pessoas, mas pelo interesse e pela situação

econômica das famílias, assim, a relação do casamento não era originária da atração sexual recíproca, mas alicerçada na razão econômica. E por essa razão “ao longo da história, o casamento teve motivações predominantemente alheias ao amor” (Rüdiger, 2012, p. 149). Confirmando a observação de Francisco Rüdiger, Bruckner destaca (2014, p. 01) que

a sociedade também coibia o casamento por amor, pois havia interesses familiares anteriores. As pessoas se casavam por convenção, para associar as famílias, garantir um herdeiro à linhagem e sustentar relações de poder. Uma vez que o amor não era a base das uniões conjugais, homens e mulheres tinham amantes, e isso era, de certa forma, permitido.

Giddens ressalta que a ideia de amor romântico está ligada a um conjunto de várias influências que afetaram diretamente as mulheres, como a configuração do lar em principal espaço do feminino. A relação entre pais e filhos modificou-se também, mas houve certo declínio do domínio masculino sobre a família deslocando o domínio paternal para a afeição maternal. Essa relação de amor na família

teria início na relação dos pais com os filhos. Antes as famílias não tinham uma ligação muito profunda com os filhos. As classes em ascensão, especialmente a burguesia, começavam a esboçar uma relação afetiva mais profunda com as crianças, o que, paulatinamente, se desdobra no modo como é concebido o casamento (Bruckner, 2014, p. 02).

Para Giddens, a mãe idealizada propagou valores em relação ao amor romântico, associando a maternidade como qualidade nata da personalidade da mulher, assim como ser esposa e mãe, nascia à ideia de “amor materno”. Com isso, o amor romântico foi feminizado e as mulheres deveriam promover o amor como tarefa essencial<sup>98</sup>. O ideal romântico associava diretamente à subordinação da mulher ao lar e ao isolamento do mundo da rua. Maria Monteiro (1998, p. 61) refere que na Inglaterra do século XIX, em meio às transformações oriundas do progresso conjugado com o discurso religioso, buscou-se uma base para equilibrar o espaço público com o espaço privado. Para a autora, essa base era o lar, e as mulheres foram as guardiãs escolhidas de qualidades

---

<sup>98</sup> “No início do século XIX é essa tradição que volta a emergir. Um amor doméstico, puritano, casto, controlado e também cauteloso em suas maneiras, sob medida para a classe média, passando a guiar uma fração da sociedade muito maior do que aquela que guiara antes. No que diz respeito à repressão sexual, mas não só neste aspecto, foi marcado pela presença avassaladora de uma pequena mulher: a rainha Vitória. Sua época recebeu seu nome e sua marca” (Lins, 2012b, p. 84).

valorizadas como a moral e a castidade, nascendo daí um tipo conhecido como mulher vitoriana.

Syrleine Penaforte (2009) menciona que a idealização do amor romântico foi, por muito tempo, culturalmente internalizada pelas mulheres, havendo, como apontado por Giddens, um rompimento com a sexualidade. Para Adriana Silva (2010) não havia espaço para o desejo feminino além daquele que era socialmente determinado. Assim, o ideal romântico colou na identidade feminina as tradições do casamento e da maternidade como parte das transformações oriundas das revoluções burguesas. Essas transformações marcaram uma época, e “na era vitoriana, sobretudo depois que a rainha Vitória ficou viúva, em 1861, a repressão sexual se intensificou. O sexo é tabu, vergonhoso, inquietante, difícil de viver” (Lins, 2012b, p. 113). Uma nova forma de pensar sobre o amor e de relacionamento deu-se quando, “após a Revolução Francesa e a industrialização, surgiu à ideia de que casamento deve ser resultado do amor romântico. Surge um tipo social de família que se denomina burguesa, trazendo nova ideologia: o amor materno e o amor romântico” (Siqueira, 2002, pp. 06-08).

Lins (2012b) observa que antes da Revolução Industrial as famílias eram formadas por todos os membros de uma árvore genealógica, i.e., pelo pai, pela mãe, pelos filhos, pelos tios, avós, e primos que compartilhavam todas as questões familiares e viviam nas áreas rurais. No século XIX, muitas pessoas se transferiram para as áreas urbanas com o objetivo de trabalharem nas fábricas e escritórios. Surgia o modelo universal da família nuclear (composta por pai, mãe e filhos). Essa nova composição aproximou afetivamente os casais e tornou o amor romântico possível (ou domesticado) no casamento. Giddens destaca que a ideia de amor romântico foi mantida sob controle pela associação realizada entre amor, casamento e maternidade, unida também a uma ideia de “amor verdadeiro”, que, ao ser encontrado, deveria ser único e para sempre. Ao longo da história, o significado de amor adotou também uma tipologia social, podendo ser manifestado em relação a outros acontecimentos da vida, além de voltar-se para uma pessoa. Assim,

el amor es una preocupación voluntaria por el objeto o ser que se ama. El objeto del amor puede ser un individuo, una meta social (justicia), una finalidad cognitiva (hallazgo o verdad científica), una tradición familiar (hijos, esposa), una causa política, una finalidad moral (Cante, 2013, p. 49).

Giddens (1993, p. 72) apresenta outra tipologia de amor, a do “amor confluyente”. Esse amor seria reflexo das transformações processadas pela cultura Ocidental com efeito nas relações entre homens e mulheres, em especial, as que envolvem as emoções afetivas individuais. O modelo de amor sugerido por Giddens não consente que um casamento seja baseado em outros interesses que não a escolha mútua de uma pessoa desejar ficar com outra pela motivação do amor que sentir por ela. Questões como, e.g., as de cunho econômico, os filhos e os parentes não definiriam a permanência de um casal senão, apenas, pela satisfação pessoal com a relação amorosa. A partir de suas escolhas e de suas motivações próprias “o amor confluyente é um amor ativo em choque com categorias como ‘para sempre’ e ‘único’ da ideia de amor romântico”. Há um forte conflito com o princípio do ideal de amor romântico, uma tipologia de amor tida como exclusiva (i.e., vive-se apenas com uma mesma pessoa por toda a vida) e para sempre (sem possibilidade de dissolução). Para Giddens, o amor confluyente seria mais igualitário no sentido simbólico de trocas emocionais entre os pares. Para o autor, o amor confluyente introduziu a *ars erotica*<sup>99</sup> (ideia de realização sexual) como elemento importante para sustentar um relacionamento ou para dissolvê-lo. Assim, nesse desdobramento do amor, todos têm a oportunidade de serem sexualmente realizados. Giddens chama de “relacionamento puro” esse elo entre os cônjuges que se manteria se ambos estiverem satisfeitos na mesma medida. Outros aspectos dessa perspectiva amorosa é a de não ser uma relação monogâmica e de não ser uma relação de exclusividade sexual dos parceiros, que podem até mesmo estar envolvidos com certa afetividade que não impediria de os vínculos serem precários e contingentes.

A tipologia do “amor líquido”, pelo olhar de Zygmunt Bauman (2004), é um formato de amor muito ligado à ideia de sociedade consumista. Em outras palavras, os afetos estariam no mesmo plano de uma mercadoria, sujeitos ao descarte e reposição conforme a utilidade para cada um. Nessa tipologia de amor, a ideia de desejo que visa consumir se opõe à ideia costumeira de amor que visa à posse. Portanto, diferente do amor que se liga à ideia de eternidade, o desejo na ideia de amor líquido buscaria livrar-se dessa ligação de permanência, e amar seria uma experiência individual multiplicada para além de amar a uma só pessoa. Logo, “as segundas (ou terceiras, quartas...) uniões

---

<sup>99</sup> “Nas culturas não-ocidentais [...] a *ars erotica* era em geral uma especialidade feminina, quase sempre ligada a grupos específicos; as artes eróticas eram cultivadas por concubinas, prostitutas ou pelos membros de comunidades religiosas minoritárias” (Giddens, 1983, p. 73), [grifo do autor].

são cada vez mais comuns e representam uma fatia cada vez maior desse contingente” (Fernandes, 2014, p. 30). Para Bauman (2004, p. 10),

em nossa época cresce rapidamente o número de pessoas que tendem a chamar de amor mais de uma de suas experiências de vida, que não garantiriam que o amor que atualmente vivenciam é o último e que têm a expectativa de viver outras experiências como essa no futuro.

Bauman (Op. cit.) afirma ainda que “a definição romântica do amor como ‘até que a morte nos separe’ está decididamente fora de moda”. Em meio à modernidade líquida<sup>100</sup> descrita por Bauman, há uma fragilização das relações humanas, atingindo tanto as relações amorosas quanto as relações familiares. Essa fragilização repercutiria, sobretudo, na relação com aqueles que são tidos como estranhos, como as pessoas que conhecemos superficialmente e os imigrantes estrangeiros, quando essas convivências ficariam prejudicadas por conta das perdas dos laços humanos.

Passo, agora, a me debruçar mais atentamente sobre o conceito de casamento. Amor e casamento têm uma relação muito íntima e uma estreita ligação cultural e histórica, embora o casamento e amor não tenham estado juntos sempre, “houve um investimento para que isso acontecesse” (Fernandes, 2014, p. 36). Em algum momento ou outro, na continuação deste texto, o amor poderá aparecer novamente auxiliando a compreender a dimensão do casamento.

O casamento pode ser compreendido como um dos mais antigos rituais da atualidade. Fernandes (Op. cit., p. 35) entende “o casamento como um ritual romântico espetacularizado, cujos sentidos e contornos são pertinentes de serem investigados, uma vez que atuam como pedagogias culturais”. Nesse sentido, também busquei a codificação da palavra casamento como produção discursiva da cultura no dicionário de Antônio Houaiss (2009, p. 416), que o descreve como uma

união voluntária de um homem e uma mulher, nas condições sancionadas pelo Direito, de modo que estabeleça uma família legítima; cerimônia civil e/ou religiosa em que se celebra essa união; vínculo conjugal entre homem e mulher; qualquer relação comparável a marido e mulher; religioso o que é celebrado diante de autoridade religiosa.

---

<sup>100</sup> “[...] um mundo repleto de sinais confusos, propenso a mudar com rapidez e de forma imprevisível” (Bauman, 2004, p. 03).

Conforme Eliana Zornan *et. al.* (2009, pp. 57-58), no conceito apresentando pelo dicionário estariam “expressos os pressupostos da formalidade, da união heterossexual, do estado de aptidão e competência dos envolvidos e da necessidade de autorização civil e, ou, religiosa”. Fernandes (2014, p. 16) observa que “a celebração do casamento como rito e contrato não existe desde sempre e foi se desenvolvendo conforme as mudanças e as necessidades impostas pela cultura”.

A primeira menção que faço sobre a união de duas pessoas, semelhante ao casamento enquanto construção cultural associa duas personagens bíblicas presentes na cultura Ocidental como matrizes da civilização humana: refiro-me a Adão e Eva, no livro da Gênese, versículo (2: 18-2). Nessa passagem do texto, em “a formação da mulher<sup>101</sup>”, (Bíblia Sagrada, 1993, p. 04) encontrei essa citação: “<sup>18</sup> Disse mais o SENHOR Deus: Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma auxiliadora que lhe seja idônea...<sup>24</sup> Por isso, deixa o homem pai e mãe e se une à mulher, tornando-se os dois uma só carne”.

Não mostro interesse em criticar a Bíblia ou as naturezas divinas atribuídas a esse agrupamento de livros, mas identificar, a partir de sua linguagem mítico-religiosa, a interpretação conferida à figura da mulher como parte da relação matrimonial narrada no texto bíblico. Para isso encontro em Geertz (2008, p. 66) a interpretação de que “os mitos fornecem os quadros das instituições sociais e as racionalizações dos privilégios sociais, poderá finalmente convencer um grande número de pessoas”.

Antes da presença de Eva, Adão teve outra esposa anterior a ela, “essa mulher primordial teria sido Lilith, figura bastante conhecida na antiga tradição judaica”. (Laraia, 1997, p. 151). Para Roque Laraia (1997), Lilith foi retirada do texto bíblico por seus editores para adequar o livro sagrado a padrões e valores morais. O mito de Lilith descreve o estranhamento dela com a forma de manter relação sexual com Adão com o corpo dele “por cima” do corpo dela. Lilith se recusou a continuar relacionando-se de uma maneira entendida por ela como de inferiorização, dizendo para Adão que ela teria sido feita do “mesmo pó” que ele, e que Deus não teria definido nenhuma diferença para

---

<sup>101</sup> “[...] <sup>20</sup> para o homem, todavia, não se achava uma auxiliadora que lhe fosse idônea. <sup>21</sup> Então o SENHOR Deus fez cair pesado sono sobre o homem, e este adormeceu; tomou uma das costelas e fechou o lugar com carne. <sup>22</sup> E a costela que o SENHOR Deus tomara ao homem, transformou-a numa mulher e lha trouxe. <sup>23</sup> E disse o homem: Esta, afinal, é osso dos meus ossos e carne da minha carne; chamar-se-á varoa, porquanto do varão foi tomada” (Bíblia Sagrada, 1993, p. 04).

os dois. Contrariada, teria fugido para o mar Vermelho e, unindo-se a demônios, gerou muitos filhos com essas entidades. Adão queixou-se ao Senhor que enviou três anjos para convencer Lilith a voltar. Lilith resistiu e foi transformada em um demônio feminino. O desfecho desse mito fez com que “a rebelião de Lilith contra Adão e o Criador levasse à necessidade da criação de Eva, formada a partir da costela de Adão” (Op. cit., p. 152).

Laraia (1997) entende que ao fazer Eva da mesma carne que Adão, seria mais fácil de subjugar-la, pois não sendo feita do mesmo pó que Adão, seriam diferentes e desiguais. Laraia nota, na mensagem atribuída a esse conjunto de mitos (construído por um grupo de pastores nômades que foram identificados mais tarde como hebreus), uma mensagem fortemente patriarcal<sup>102</sup> e patrilinear numa forte ideologia machista, a qual apresenta a mulher como alguém perigoso e que necessita de controle. Eva também viria a se rebelar comendo da “fruta proibida” (a maçã oferecida por uma serpente como representação do demônio), o que provocou a saída do casal do Paraíso. Nessa segunda insurgência, “Eva comeu do fruto proibido e convenceu o seu companheiro a fazer o mesmo. A punição por este ato de desobediência original foi a perda da imortalidade” (Op. cit., pp. 153-160).

A par desses mitos, a Igreja Católica passou a assumir a celebração e a beatificação do casamento no século IX, num modelo monogâmico, e assumiu o regramento cristão das questões matrimoniais. O casamento passou a ter um caráter de indissolúvel, assim, casava-se para sempre, assumia-se esse compromisso com o parceiro, com a Igreja e com Deus como um desígnio divino; e “do lado católico, o casamento é tido como sacramento” (Reugemont, 1988, p. 88). Segundo Reugemont, a doutrina do Cristianismo opera com a ideia de que o casamento é uma comunhão com Deus e semelhante à ideia cristã de amor ao próximo, o que seria suficiente para o Homem ser feliz. Pascal Bruckner (2014, p. 02) destaca que

o casamento moderno aparece na França com o Código Napoleônico em 1904, colocando a família sob a tutela do *pater familias*, o pai, que tinha o direito de vida e morte sobre seus filhos e sua mulher, mas que era também o responsável pela felicidade da família. Era o casamento burguês, que durou, na Europa, até 1950/60, até que fosse levado pela borrasca da revolução dos costumes, [grifo do autor].

---

<sup>102</sup> “O termo patriarcalismo, utilizado em sociedades que possuíam como figura central um chefe de família, foi apropriado pelas feministas para aplicar-se a toda forma de opressão à mulher” (Silva, 2010, p. 01).

Giddens considera que o casamento, nos termos burgueses, teria sido sustentado pela divisão do trabalho entre os sexos, com o homem controlando o trabalho remunerado e a mulher controlando o trabalho doméstico. O confinamento feminino ao lar como esposa, atributo da cultura patriarcal, gerou infelicidade para a mulher, mas, a despeito disso, o desejo de casar ficou intimamente ligado aos objetivos das mulheres. O modelo de amor que compôs as instituições do casamento e da família foi o do amor romântico, que binarizou as relações de gênero no par masculino e feminino. Esse binário foi um dos pilares da sociedade patriarcal que prevaleceu na civilização Ocidental por muito tempo até a explosão nos anos 1960 da revolução feminista, quando “o patriarcado começou a perder suas bases com o avanço tecnológico e com o advento dos anticoncepcionais” (Siqueira, 2002, p. 06).

Para Rüdiger (2012, p. 151), em meio ao século XX, a representação social que prevalecia no Ocidente como modelo de relacionamento bem-sucedido tinha a imagem do homem como provedor da casa e a mulher como um ser domesticado pelo casamento. Para o autor, os princípios culturais que fundamentaram as instituições da sociedade capitalista, como a família se transformou, combinando com uma “crescente flexibilização das relações de mercado, provocou a erosão de relações tradicionais - como o casamento”.

De acordo com Bruckner (2014, p. 01), o mundo Ocidental herdou duas tradições em relação ao amor: a primeira delas, a tradição romântica como uma “comunhão de corações”; e a segunda, a liberação sexual, que ganhou força nos anos 1960, o que o autor aponta como uma “liberação dos corpos”. Eliana Zordan *et. al.* (2009, p. 58) ponderam que

até os anos 70, a constituição da família parecia orientar-se por um modelo único de família nuclear tradicional, esta caracterizada pelo casamento heterossexual indissolúvel e pelos papéis do homem como provedor e da mulher como mãe e dona de casa, atualmente, as pessoas adquiriram autonomia nas relações afetivas, na sexualidade, na reprodução e no trabalho. As mulheres estão optando por casar e ter filhos mais tarde, de modo a garantirem o seu futuro profissional. Nesse sentido, o que caracteriza o casamento no início do século XXI é a pluralidade de modelos de conjugalidade.

Teresinha Féres-Carneiro (1998) aponta que na sociedade contemporânea não se aceita mais que alguém possa se casar sem desejo e sem amor, e que constituir e manter um casamento nesse período da história é muito influenciado por valores como o do

individualismo, além das decisões de cada pessoa. Os ideais contemporâneos das relações conjugais destacam mais a independência e o bem-estar pessoal de cada par do que os vínculos de conexão entre eles. Para Féres-Carneiro, no modelo contemporâneo de casamento, os antigos ideais de amor romântico fragmentaram-se pela pressão da agenda feminista. A relação “amor único e para sempre”, como descrita por Giddens, não opera nessa nova conjugalidade. Assim,

a família contemporânea não é uma vítima de desagregação, mas uma instituição em transformação. Diferentemente do que alguns promulgam, ela não morreu, e está, de maneira oposta, deveras viva. Ela representa o lugar da segurança. Por essa razão, a comunidade gay exigiu o direito ao casamento (Bruckner, 2014, p. 02).

O amor e o casamento são duas questões fundamentais no programa *The Love School*. Os temas contidos nas falas dos apresentadores são indicativos de que há uma relação direta com a religião de vertente pentecostal e que o uso da mensagem dos textos bíblicos opera como forma de orientar as condutas de homens e mulheres em relação ao casamento. À frente busco relacionar esses questionamentos: *qual a ideia de amor enquanto tipologia está sendo ensinada neste artefato cultural? E qual o modelo de casamento é ensinado no programa?*

Na continuidade, faço menção à composição de metodologias definidas para responder os objetivos propostos.

## 7. ABORDAGEM METODOLÓGICA: *MIX* DE TÉCNICAS PARA ANÁLISE

A minha procura pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, especialmente pela linha de pesquisa em Estudos Culturais, não se deu por acaso. Minha participação nesse curso se deve também porque estudos como o proposto por mim, i.e., análise de artefatos culturais da mídia como o *The Love School* recebem atenção especial. Não é apenas o currículo escolar que se propõe a formar determinados tipos de sujeitos, pois “nas complexas sociedades do mundo globalizado, pedagogias são praticadas também por jornais, programas de TV, peças publicitárias, filmes, revistas, sites e inúmeros outros artefatos que atravessam a vida contemporânea” (Costa *et. al.*, 2015, p. 845).

A compreensão do conceito de cultura é estrategicamente importante e, pela perspectiva de Silva (1999, p. 139), há a incidência também do viés pedagógico nessa concepção. Para o autor, se há no conceito de cultura uma equiparação da educação a outras instâncias culturais, o conceito de pedagogia opera de modo inverso, ou seja, “tal como a educação, as outras instâncias culturais também são pedagógicas, também têm uma ‘pedagogia’, também ensinam alguma coisa”. O autor descreve assim essa conexão entre pedagogia e cultura:

agora a equiparação está completa: através dessa perspectiva, ao mesmo tempo que a cultura em geral é vista como uma pedagogia, a pedagogia é vista como uma forma cultural: o cultural torna-se pedagógico e a pedagogia torna-se cultural. É dessa perspectiva que os processos escolares se tornam comparáveis aos processos de sistemas culturais extraescolares, como os *programas de televisão* [grifo meu].

Para Silva, a equiparação da cultura com a pedagogia possibilita que os processos escolares sejam equiparados aos processos de sistemas extraescolares, como o exemplo utilizado por ele, os programas de televisão. Seria uma articulação de campos para ampliação do que pode ser interpretado como pedagógico. A análise de artefatos culturais e suas pedagogias culturais se voltam para produções da cultura, e.g., como a escola e o currículo escolar clássico, incluindo as práticas culturais dos sujeitos e as produções da cultura presentes nas mídias. Kellner (2001, p. 142) observa que nessa projeção “a cultura veiculada pela mídia divulga imagens e cenas poderosas em termos de identificação que podem influenciar diretamente o comportamento, criando modelos de ação, moda e estilo”.

É a partir desse viés que analiso o programa *The Love School* como um sistema extraescolar, considerando que o que é posto por este artefato cultural pedagógico se constitui em um sistema de significados que ensina modos de ser para homens e mulheres. Conforme Kellner (Op. cit., p. 11), “a cultura, em seu sentido mais amplo, é uma forma de atividade que implica alto grau de participação, na qual as pessoas criam sociedades e identidades”. Assim, a cultura revela-se não mais como uma instância epistemologicamente superior a outras instâncias sociais, mas como algo que perpassa a economia, a política, e a educação, e aos fatos que acontecem na vida cotidiana. Essa noção é descrita por Hall (2015), como uma noção de cultura ampliada. Para Hall (Op. cit., p. 13),

o que aqui se argumenta, de fato, *não* é que - tudo é cultura, mas que toda prática social depende e tem relação com o significado: conseqüentemente, que a cultura é uma das condições constitutivas de existência dessa prática, que toda prática social tem uma dimensão cultural. Não que não haja nada além do discurso, mas que toda prática social *tem o seu caráter discursivo*, [grifos do autor].

Eli Fabris (2010) descreve a contemporaneidade como um período de extrema regulação cultural e de intensa imbricação entre mídia, cultura e consumo, assumindo uma condição para a qual Rose Rocha *et. al.* (2009) destacam o capitalismo investindo na subjetividade<sup>103</sup> contemporânea sendo essa associação seu aspecto central:

há uma cultura veiculada pela mídia cujas imagens, sons e espetáculos ajudam a urdir o tecido da vida cotidiana, dominando o tempo de lazer, modelando opiniões políticas e comportamentos sociais, e fornecendo o material com que as pessoas forjam suas identidades. O rádio, a *televisão*, o cinema e os outros produtos da indústria cultural fornecem os modelos daquilo que significa ser homem e mulher, bem-sucedido ou fracassado, poderoso ou impotente. A cultura da mídia também fornece o material com que muitas pessoas constroem o seu senso de classe, de etnia e raça, de nacionalidade, de sexualidade, de “nós” e “eles” (Kellner, 2001, p. 09), [grifo meu].

Tomando o que nos diz Gillian Rose (2007, p. 02), a vida social passou nos últimos vinte ou trinta anos a ser compreendida de outra maneira, i.e., a cultura se transformou num meio decisivo para a compreensão dos processos sociais, das identidades, das mudanças e das disputas de poder. Para Rose, há uma complexidade no

---

<sup>103</sup> “[...] há positividade nesse processo [...] o fato de que [...] se desfaz um mito [...] de uma subjetividade dada, imutável” (Rocha *et. al.*, 2009, p. 49).

conceito de cultura quando cultura passou, por exemplo, a interessar à forma como a vida social é construída pelas representações que as pessoas fazem dela, assim sendo,

esses significados podem ser explícitos ou implícitos, conscientes ou não. Podem ser percebidos como verdades ou fantasias, ciência ou bom-senso; e podem ser transmitidos através de conversas do dia a dia, através de retóricas elaboradas a partir da alta cultura, novelas da TV, sonhos, filmes ou músicas de fundo; e diferentes grupos numa sociedade compreenderão o sentido do mundo de diferentes formas (Op. cit., p. 02).

O programa *The Love School* que analiso é uma pedagogia cultural que, contraposta e.g., a um conjunto de teorizações sobre gênero, direitos sexuais como direitos humanos, direitos dos movimentos LGBTTs<sup>104</sup>, entre outros, pode ser entendida como conservadora para as relações humanas, isso porque, entre seus objetivos se encontra a recomposição/reiteração de um modelo binário para relações de gênero entre homens e mulheres. O estágio do amor simbolizado por sua transformação em casamento o torna parte de um dos espaços onde operam muitas das disputas de poder presentes no âmbito cultural. No exemplo pesquisado, o casamento parece estar servindo de meio para evangelizar e reconstruir determinado tipo de sujeito, com a justificativa de que a destituição social desta relação (casamento nos moldes tradicionais) é a causa de muitos dos problemas das pessoas e das famílias na contemporaneidade.

Já li, algumas vezes, em outros textos de dissertações e de teses, o uso de alguma metáfora mencionando o sentimento do pesquisador, quando da construção dos seus projetos e das suas pesquisas, de se encontrar à deriva, e semelhantemente a um naufrago, procurando terra firme para completar seus percursos investigativos. A simbologia que escolho como metáfora é conhecida como “rosa dos ventos”, um instrumento de orientação cartográfica e geográfica utilizado em navegações desde o século XIV. É dessa maneira, com muitas direções, que me senti durante esta jornada, i.e., como que em uma grande intersecção de direções para definir o quanto precisei refletir sobre o objeto pesquisado para encontrar um caminho a ser seguido. Pesquisar de um modo não cartesiano - como proposto pelos Estudos Culturais -, e ter de encontrar/construir uma metodologia própria é um primeiro desafio, mas, com o passar

---

<sup>104</sup> LGBTTs em termos teológicos é a sigla de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros (o 's' se refere aos simpatizantes).

do tempo, tive a percepção de haver muitas trilhas e trajetórias. Esse meu encontro e construção de uma metodologia passam, tal como mencionado por Paraíso (2012, p. 33) pelo entendimento de que

fazer as articulações de saberes e as bricolagens metodológicas é fundamental nas pesquisas pós-críticas que realizamos. Procedemos em nossas metodologias de modo a cavar/produzir/fabricar a articulação de saberes e a bricolagem de metodologias porque não temos uma única teoria a subsidiar nossos trabalhos e porque não temos um método a adotar.

Louro (2004, p. 04) destaca que ao pesquisarmos de um modo pós-moderno há uma sugestão de que a produtividade de pensar assim é realizada por outra perspectiva “na base do *e/e*, ou seja, admitindo que algo pode ser [sic] isso ou aquilo”. Essa observação da autora me faz pensar novamente na metáfora da rosa dos ventos, pois essa ferramenta náutica dispõe de 32 (trinta e dois) pontos compostos por seus oito ventos principais, seus oito ventos secundários e seus dezesseis ventos complementares, possibilitando uma volta completa no horizonte. São muitos caminhos indicados para eu decidir, para eu ponderar e seguir como melhor escolha. Em outras palavras, eu escolho uma direção para trilhar e poderia estar em qualquer uma das outras demais trilhas possíveis que imaginei para mim, porque posso seguir numa direção, posso voltar, posso retomar outro caminho, não deixo de trilhar e sempre surgirá outra alternativa. É essa ideia de possibilidades que me faz gostar dessa analogia, pois até mesmo se eu retomar o mesmo tema de estudo, saberei de onde partir e de onde começar. A observação de Paraíso (2012, p. 41) traduz bem, mais uma vez, nossa relação com a pesquisa quando a autora nos diz que

necessitamos ser abertos e flexíveis; não podemos ser *rígidos* em nenhum instante desse pesquisar, porque precisamos estar sempre abertos a modificar, (re)fazer, (re)organizar, (re)ver, (re)escrever tudo aquilo que vamos significando ao longo da nossa investigação.

A abordagem metodológica escolhida para organizar esta pesquisa é a perspectiva de método qualitativo. A partir dessa ênfase, preparei um *mix* de técnicas para análise, e os instrumentos de investigação elegidos incluem, como primeiro procedimento, a transcrição para análise de texto oral (usada como fonte documental) e, como segundo procedimento, a análise do discurso I que “tende a dar bem mais atenção à noção de discurso enquanto articulada através de vários tipos de imagem visual e textos verbais” (Rose, 2007, p. 140). De acordo com Rose, esse tipo de análise volta-se

para a linguagem e pode também ser estendida para examinar de que maneira as imagens são construtoras de visões específicas do mundo social, i.e., “é possível pensar-se na visualidade como uma espécie de discurso também” (Op. cit., p. 137). A partir da análise do discurso I, os discursos podem ser percebidos mais como uma produção social do que algo criado individualmente, implicando nessa relação os efeitos desses discursos. Rose ainda destaca que ao escolher uma fonte para analisar um discurso é preciso prever que os discursos se articulem com uma ampla gama de meios, como as imagens, os textos escritos, e as práticas, devendo todos ser reconhecidamente legítimos para qualquer análise. Na técnica de análise do discurso I há uma especial atenção para o uso da linguagem como fonte.

Como posto por Hall, de que houve uma “virada cultural”, possibilitando a análise de outros objetos culturais como os artefatos, também houve uma revolução em relação à linguagem, conhecida como “virada linguística, descoberta da discursividade e da textualidade” (Hall, 2003, p. 211). Assim, a “cultura não é nada mais do que a soma de diferentes sistemas de classificação e diferentes formações discursivas aos quais a língua recorre a fim de dar significado às coisas” (Hall, 2015, p. 10).

O terceiro procedimento utilizado é a análise cultural como indicativo de “que a televisão corresponde a um dos principais domínios na contemporaneidade através dos quais a cultura circula e é produzida” (Rocha, 2011, p. 10). No quarto procedimento, incluí o *software* NVivo (versão 2010) para auxiliar na classificação das palavras mais comumente utilizadas no texto completo do “*Caderno de Transcrições*” dos programas como fonte de informação (material para ser analisado).

No NVivo escolhi a opção “consulta por frequência de palavras<sup>105</sup>” e registrei o algarismo 40 (quarenta). O NVivo gerou uma “nuvem de palavras” como mostra a figura 3 (três), e como surgiram os nomes próprios dos apresentadores (Renato e Cristiane) e a gramática que sustenta o sentido das frases, optei por separar as palavras mais próximas do tema da pesquisa resultando em oito termos, conforme o quadro 3 (três).

---

<sup>105</sup> Esse recurso lista “as palavras com ocorrência mais frequente em suas fontes e dispõe os resultados em uma nuvem de termos, mapa em árvore ou diagrama de análise de *cluster*” (NVIVO, 2010, p. 36).



## 7.1. O *corpus* da pesquisa

O *corpus* definido nesta pesquisa segue a descrição de Martin Bauer e Bas Aarts (2002, p. 44), a partir de Roland Barthes, quando os autores entendem essas informações ou documentos como “uma coleção finita de materiais, determinada de antemão pelo analista, com (inevitável) arbitrariedade, e com a qual ele irá trabalhar”.

Barthes analisando materiais como textos, imagens e música como exemplo de algo que também contém significados da vida social, expandiu a noção de *corpus* para outros materiais. Para Bauer e Aarts (2002), a organização do *corpus* segue uma disposição delineada e cíclica, ou seja, primeiro, procede-se à investigação empírica inicial e à análise teórica; segundo, faz-se o delineamento do *corpus*; terceiro, faz-se a compilação do *corpus*; e em quarto, processa-se a investigação empírica.

O *corpus* que fundamenta a análise dessa investigação (o seu material empírico) fará as ligações entre a questão central e as questões de pesquisa, assim como com o referencial teórico que inclui a religião como eixo de articulação com os conceitos de gênero, amor e casamento como seus operadores analíticos. Com já citado anteriormente, incluí como eixos importantes e auxiliares nesse exame os conceitos de *backlash* (retrocesso) e de pedagogia cultural.

Um conjunto de vídeos constitui o *corpus* deste estudo, e seu recorte está composto por 26 (vinte e seis) programas agrupados com a seguinte ordem: 21 (vinte e um) programas *The Love School* [o corte temporal dos 21 (vinte e um) programas abrange o período de novembro de 2014 a abril de 2015]; 3 (três) programas *The Love School* com temas especiais [os 3 (três) programas foram intencionalmente selecionados por conterem temas especiais capazes de subsidiar a análise, e estão distribuídos em períodos distintos a partir do ano de 2013]; 1 (um) programa “Escola do Amor Responde” (o episódio selecionado promoveu a Caminhada do Amor de 2015); e, por fim, 1 (um) programa “Conexão Repórter” com uma entrevista exclusiva do líder da Universal, bispo Edir Macedo. Esses 2 (dois) programas (Escola do Amor Responde e Conexão Repórter) foram produzidos no ano de 2015.

A extensão do *corpus* foi definida como forma de dispor de uma amostra representativa para os objetivos dessa investigação. Acredito que com a amostra arbitrada será possível dispor de uma representatividade adequada pela relevância dos temas. O material empírico foi posicionado em sincronia num “*Caderno de*

*Transcrições*” e revelam a variedade de argumentos pautados pelo programa *The Love School* enfocando a questão do casamento e de diferentes temas para discussão.

A transcrição desse material foi realizada o mais próximo do que orienta as normas para essa tarefa, tal como descritas por Dino Preti (1999). Os textos que se tornaram o material empírico foram extraídos dos 26 (vinte e seis) programas, e são constituídas por transcrições literais das falas dos apresentadores, já finalizadas, não criando, assim, disparidade entre o tempo de conclusão da pesquisa e o seu aproveitamento, quando estabeleci a conformidade da fundamentação teórica com esse material. Desta maneira, retomando o modo como organizei o *corpus* da pesquisa, devo dizer que os vídeos selecionados foram primeiro assistidos na sua fonte de transmissão principal, a televisão - e como são replicados em um canal específico na rede social digital de compartilhamento de vídeos, o *YouTube* -, esses vídeos foram reassistidos por meio desse canal, o qual forneceu o acesso ao material escolhido para uma segunda leitura mais atenta. A partir dessa segunda leitura, as falas dos apresentadores (Renato e Cristiane), bem como as legendas que apareceram em meio a essas falas (como “reforço” dos ensinamentos) foram detalhadamente registradas e descritas para a composição a ser analisada em ordem cronológica, demonstrando, desse modo, a potencial produtividade analítica do material empírico. Isso porque, como afirma Paraíso (2012, p. 38), “descrever é importante para que possamos mostrar as regras de aparecimento de um discurso, de uma linguagem, de um artefato, e de um objeto”.

Alguns momentos dos programas selecionados foram desconsiderados previamente para a transcrição literal (e.g., a maioria das falas de celebridades), visto que deixei alguns dos trechos nessa parte do vídeo com o aspecto referido na área de análise da fala oral, como que “mutilados”, quando colocamos o sinal (...), (três pontos entre parênteses) significando que a ocorrência da transcrição foi interrompida ou não descrita.

Na representação, a seguir, quadro 4 (quatro), listei as informações sobre cada um dos episódios, contendo o título, a data de exibição, a duração e os *links* de acesso aos programas depositados na *web* (na rede social digital *YouTube*<sup>106</sup> do programa *The Love School*).

---

<sup>106</sup> *The Love School* – Canal de compartilhamento de vídeos no *YouTube*: Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/CanalTheLoveSchool>> - Acesso em: 09 abr. 2015.

## Quadro 4 - Listagem das informações do corpus da pesquisa

### 1. Programas *The Love School* (Período de novembro de 2014 a abril de 2015)

Título	Data de exibição	Duração	Link de acesso	
1.1	“Ajustando a comunicação”	15/11/2014	58min10s	<a href="https://www.youtube.be/2PoRLpemLRE">https://www.youtube.be/2PoRLpemLRE</a>
1.2	“Quando ele é a mulher da relação”	22/11/2014	57min10s	<a href="https://www.youtube.be/4gU_7rIKIEE">https://www.youtube.be/4gU_7rIKIEE</a>
1.3	“O que leva a traição?”	29/11/2014	56min41s	<a href="https://www.youtube.be/6OmFLAKgX_U">https://www.youtube.be/6OmFLAKgX_U</a>
1.4	“Mulher fácil ou difícil?”	06/12/2014	57min27s	<a href="https://www.youtube.be/ACxd6S8gnYw">https://www.youtube.be/ACxd6S8gnYw</a>
1.5	“Namoro a distância”	13/12/2014	57min55s	<a href="https://www.youtube.be/wnpuFxVhMmA">https://www.youtube.be/wnpuFxVhMmA</a>
1.6	“Superação”	20/12/2014	57min25s	<a href="https://www.youtube.be/iZnP_bCiSiE">https://www.youtube.be/iZnP_bCiSiE</a>
1.7	“Especial casamento blindado”	27/12/2014	59min05s	<a href="https://www.youtube.be/zwV26z6J8OY">https://www.youtube.be/zwV26z6J8OY</a>
1.8	“Especial de Ano Novo”	03/01/2015	58min04s	<a href="https://www.youtube.be/W-va-tdlv-0">https://www.youtube.be/W-va-tdlv-0</a>
1.9	“Brigando por bobagens”	10/01/2015	56min09s	<a href="https://youtu.be/Y0bv5_tlBM4">https://youtu.be/Y0bv5_tlBM4</a>
1.10	“Amor de retrovisor”	17/01/2015	57min13s	<a href="https://youtu.be/ICjtIEYgvLs">https://youtu.be/ICjtIEYgvLs</a>
1.11	“Mito da solteirice”	24/01/2015	56min23s	<a href="https://youtu.be/pKxI9f83ck0">https://youtu.be/pKxI9f83ck0</a>
1.12	“Voltar com o ‘ex’”	31/01/2015	56min39s	<a href="https://youtu.be/F9FPuGz6ul8">https://youtu.be/F9FPuGz6ul8</a>
1.13	“Virei mãe e esqueci meu marido”	07/02/2015	56min32s	<a href="https://youtu.be/Llr5sge2kmU">https://youtu.be/Llr5sge2kmU</a>
1.14	“Atração mental”	14/02/2015	59min20s	<a href="https://youtu.be/teXcy-m8UjQ">https://youtu.be/teXcy-m8UjQ</a>
1.15	“Sucesso e solidão”	21/02/2015	58min34s	<a href="https://youtu.be/SH8l-h_-gQ">https://youtu.be/SH8l-h_-gQ</a>
1.16	“Desapimentando a relação”	28/02/2015	57min24s	<a href="https://youtu.be/fxMqPdRfz8w">https://youtu.be/fxMqPdRfz8w</a>
1.17	“Supervirtuosa”	07/03/2015	56min43s	<a href="https://www.youtube.be/NcyvCm_HlzA">https://www.youtube.be/NcyvCm_HlzA</a>
1.18	“Exclusivo ou excluído?”	14/03/2015	56min02s	<a href="https://www.youtube.be/x9_ylb4KgrU">https://www.youtube.be/x9_ylb4KgrU</a>
1.19	“Redes sociais e relacionamentos”	21/03/2015	55min50s	<a href="https://www.youtube.be/Odd93tIKpQ0">https://www.youtube.be/Odd93tIKpQ0</a>
1.20	“Chantagem emocional”	28/03/2015	58min14s	<a href="https://www.youtube.be/CHI44McpW5E">https://www.youtube.be/CHI44McpW5E</a>
1.21	“Hollywood x relacionamento”	04/04/2015	56min13s	<a href="https://www.youtube.be/2rBSVlushml">https://www.youtube.be/2rBSVlushml</a>

### 2. Programas *The Love School* (temas especiais)

Título	Data de exibição	Duração	Link de acesso	
2.1	“Amor inteligente”	16/09/2013	59min58s	<a href="https://www.youtube.be/0dvmmBYVDic">https://www.youtube.be/0dvmmBYVDic</a>
2.2	“Especial 2 anos”	16/11/2013	59min01s	<a href="https://www.youtube.be/DlzCnF0Gb9s">https://www.youtube.be/DlzCnF0Gb9s</a>
2.3	“O cruzeiro da Escola do Amor”	19/04/2014	55min20s	<a href="https://www.youtube.be/rmck0U4xzFc">https://www.youtube.be/rmck0U4xzFc</a>

### 3. Programa Escola do Amor Responde

Título	Data de exibição	Duração	Link de acesso
“Como surgiu a Caminhada do Amor”	27/03/2015	05min45s	<a href="https://www.youtube.be/39IzGnDTZ6l">https://www.youtube.be/39IzGnDTZ6l</a>

### 4. Programa Conexão Repórter

Título	Data de exibição	Duração	Link de acesso
“A trajetória de Edir Macedo”	27/04/2015	1h21min36s	<a href="https://www.youtube.be/LViRUUp8U0Xc">https://www.youtube.be/LViRUUp8U0Xc</a>

## 7.2. Caderno de Transcrições dos programas *The Love School*

Esse trabalho de transcrições registra a fala dos apresentadores do programa *The Love School*, as legendas que surgiram em meio a essas falas, as legendas que apareceram em meio a algumas reportagens, a fala de alguns dos participantes, assim como dos apresentadores substitutos em um dos episódios. Para orientar a busca e análise, utilizei sinais padrões ao longo dos textos das transcrições como forma de orientação das falas, sinais que estão organizados no quadro 5 (cinco) reproduzido abaixo com o significado da ocorrência e o seu respectivo sinal no texto da transcrição. Alguns sinais padrões presentes nas normas de transcrições<sup>107</sup> foram utilizados para orientar a leitura dos registros.

Quadro 5 - Lista de Sinais - Caderno de Transcrições	
Ocorrências	Sinal
<b>Interrupção da fala ou não descrição</b>	(...)
<b>Figuras de linguagens</b>	“ ”
<b>Interrogação nas falas</b>	?
<b>Qualquer pausa (reticências)</b>	...
<b>Comentário do transcritor</b>	(( ))
<b>Início da fala transcrita</b>	maiúscula
<b>Superposição de vozes</b>	[ ]

Em cada fala aparece o apontamento do tempo de início da transcrição, exceto nas primeiras falas que iniciam os programas que aparecem sem marcação de tempo. Ele também registra resumos de simulações de alguns quadros e de mensagens enviadas por *e-mail* pela audiência, assim como as respostas dos apresentadores, que, ao mesmo tempo em que aconselham, descrevem bem a situação relatada por alguém via mensagem eletrônica ou por algum casal quando eles estiveram no estúdio, o que favorece a compreensão do caso quando lemos o Caderno. São descritos os relatos de

---

<sup>107</sup> Esses recursos gráficos são alguns dos códigos padronizados que compõem as normas de transcrição. Servem para ilustrar o texto transcrito e encontra-se em “Análise de textos orais” de Dino Petri (1999, p. 11).

situações pessoais em busca de conselhos dos apresentadores para os seus problemas amorosos. O Caderno registra, por fim, resumos de reportagens apresentadas em meio aos programas para subsidiar os temas das discussões. Apenas algumas partes das entrevistas com casais de celebridades foram transcritas, mas optei por não transcrever a maioria dessas falas, assim como a transcrição da fala dos participantes de um *reality show* com foco na formação de novos casais jovens.

Busquei com tal operação de escolha, destacar a fala dos apresentadores quando estavam ensinando, conforme meus argumentos nesta dissertação, modos de ser e de resolver os problemas amorosos de casais formados por pessoas comuns, sem notoriedade nas mídias, e daquelas que se inscreveram para participar de quadro do programa no estúdio (como o do mais popular, o quadro “Laboratório”), além daquelas pessoas que solicitaram orientação via *e-mail*. Nesses casos, as legendas foram separadas das falas transcritas em caixas com bordas. A transcrição de um dos programas está como apêndice ao final deste trabalho.

A partir da leitura do Caderno fiz uma contagem do número de aparições de temas semelhantes discutidos pelos apresentadores que nomeei de “unidades analíticas”. A seguir, apresento uma análise prévia das dez primeiras unidades analíticas que mais se destacaram e se reiteraram e que podem ser consultadas nos quadros 6 (seis) e 7 (sete) nas páginas 122 e 123.

### 7.3. Análise prévia do material empírico

Dois dos quadros, o 6 (seis) – Investigação dos temas discutidos nos programas, e o 7 (sete) – distribuição em gráfico das unidades analíticas, apresentados a seguir, originaram-se de uma releitura completa do “*Caderno de Transcrições*” com o objetivo de responder ao seguinte questionamento: *quais os temas foram os mais discutidos pelos apresentadores no recorte de programas selecionados?* Essa releitura resultou em 38 (trinta e oito) unidades analíticas classificadas a partir da impressão que tive sobre o que foi discutido pelos apresentadores, quadro 7 (sete).

No quadro 6 (seis) apresento a distribuição em gráfico (modelo coluna) do maior número de aparições dos temas investigados para o menor, momento que revelou os temas que são mais reiterados nos programas. Considerei mais produtivo dividir essas unidades analíticas em quatro grupos: as primeiras se estenderam até o número mínimo de quatro identificações resultando em dez unidades; para as três divisões seguintes, o segundo grupo, até o número de três identificações; para o terceiro grupo, os temas que contam duas identificações; e o quarto com apenas uma identificação. O grupo para exame prévio ficou definido como sendo os dez temas que mais apareceram e estão destacadas em negrito no quadro 7 (sete).

A classificação de cada unidade analítica foi construída a partir da minha compreensão sobre o que o casal de apresentadores discutiu. Uma categoria destacou-se, qual seja, a ideia de “problema de casamento”. Percebi também nessa unidade analítica duas variações: primeiro, o “problema de casamento personalizado ou real” (quando a experiência de uma pessoa ou de um casal orienta a discussão, unidade com mais repetições); e a segunda variação, o “problema de casamento tematizado” (i.e., quando um tema geral serve de modelo ou de mau exemplo para ser discutido).

A segunda unidade analítica com mais repetições foi a “ideia de uso do amor inteligente” (quando a razão deve conduzir os sentimentos para a pessoa fazer uma boa escolha do parceiro ou parceira). A “menção ao livro *Casamento blindado*” foi identificada onze vezes (quando as pessoas que enviaram mensagens por *e-mail* informaram estarem lendo o livro).

Duas unidades analíticas revelaram a aliança religiosa do programa *The Love School*: a primeira foram os “convites para a palestra Terapia do Amor” (encontro presencial com os apresentadores às quintas-feiras no Templo de Salomão), e a segunda,

as inserções de “propagandas da Igreja Universal do Reino de Deus”. A “indicação de leitura do livro *Casamento blindado*” fez parte dos conselhos dos apresentadores para casais que participaram especialmente do quadro “Laboratório” do programa, gravado no estúdio.

A unidade analítica, “ideia de contraexemplo”, surgiu cinco vezes (quando os apresentadores analisaram artefatos culturais específicos do entretenimento comercial, como filmes de *Hollywood*, e alertaram para o fato de neles conter alguma pedagogia contrária a pedagogia proposta pelo programa *The Love School* e a IURD, e igualmente, de afrontarem os princípios bíblicos, além de potencialmente estarem ensinando comportamentos opostos aos ideais religiosos).

Essa unidade revela uma dinâmica distinta do programa *The Love School* em relação às pedagogias culturais de outros artefatos culturais, pois, sendo uma pedagogia cultural, articulada com a religiosidade, discute e critica outras pedagogias culturais, permeadas de arte, por entenderem que a ficção de muitos dos produtos midiáticos podem ser compreendidos, antes, como retratos fiéis da realidade. Wohlgemuth entende esses retratos da realidade como realidades produzidas, e mesmo com essa dinâmica, pelo ponto de vista dos apresentadores, seriam nocivas para a sociedade ainda que esses produtos sejam “imagens da realidade, mas não a própria realidade”. (Wohlgemuth 2005, p. 12). Deste modo, legitimados pela mídia TV, os apresentadores recomendam que sejam evitados o consumo desses produtos, ou, no mínimo, em sendo consumidos, que sejam percebidos como contrários à mensagem da Bíblia, assim como contrários à mensagem da Universal.

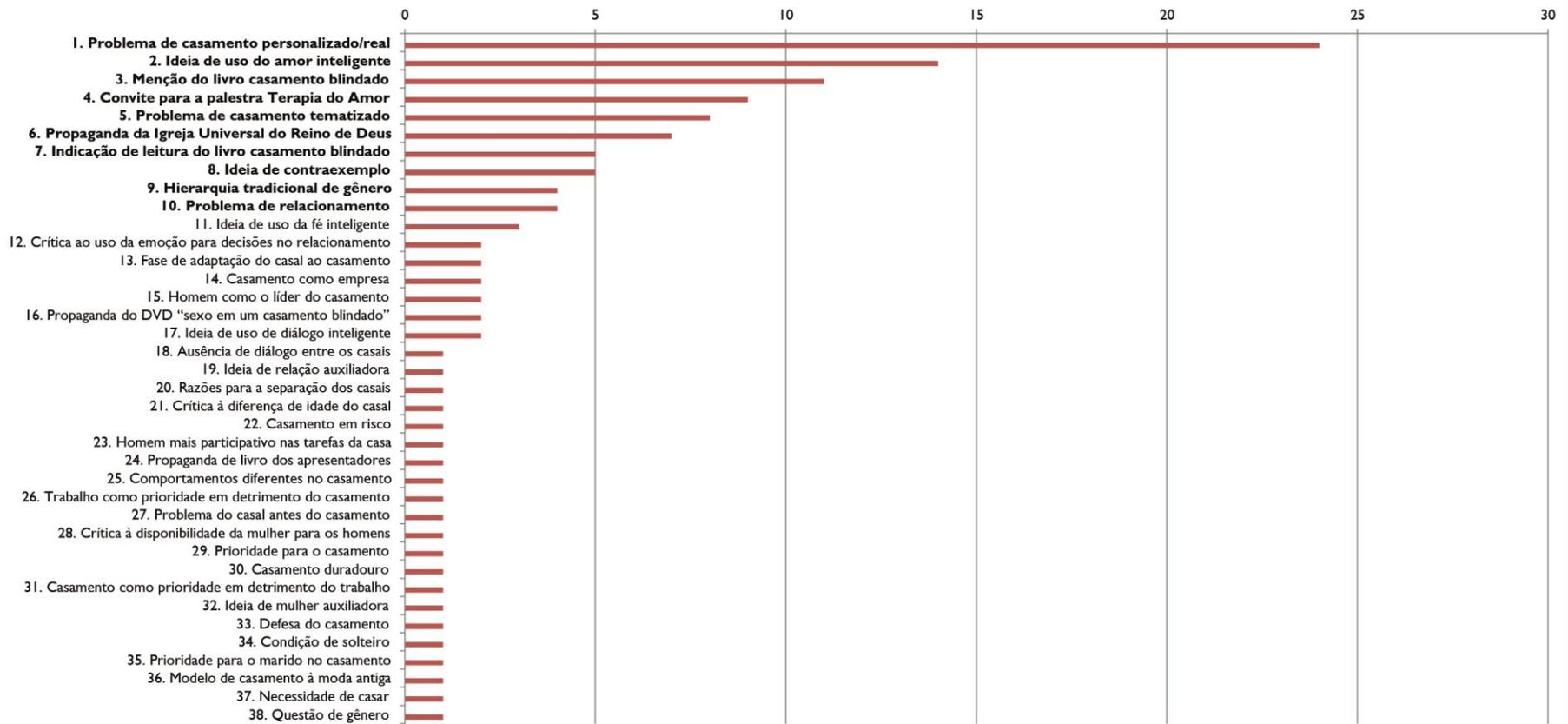
Na nona unidade utilizo a categoria “hierarquia tradicional de gênero” para situações que apresentaram uma posição “clássica” e subordinada para a mulher, i.e., (quando a discussão voltou-se em favor dos interesses do homem e criticou de forma controladora alguma ação da mulher).

E por fim, a décima unidade, “problema de relacionamento”, diz respeito a quando os casais não se entendem e as divergências entre eles colocam em risco a relação ou mesmo o futuro do casamento. As demais unidades com quatro, duas e uma identificação revelam a variedade do repertório que envolve a pauta principal, o casamento.

**Quadro 6 – Investigação dos temas discutidos nos programas**

<b>Temas</b>	<b>Nº de Identificações</b>
<b>Problema de casamento personalizado/real</b>	<b>24</b>
Ideia de uso do amor inteligente	14
<b>Menção do livro casamento blindado</b>	<b>11</b>
Convite para a palestra Terapia do Amor	9
<b>Problema de casamento tematizado</b>	<b>8</b>
Propaganda da Igreja Universal do Reino de Deus	7
<b>Indicação de leitura do livro casamento blindado</b>	<b>5</b>
Ideia de contraexemplo	5
<b>Hierarquia tradicional de gênero</b>	<b>4</b>
Problema de relacionamento	4
<b>Ideia de uso da fé inteligente</b>	<b>3</b>
Fase de adaptação do casal ao casamento	2
<b>Crítica ao uso da emoção para decisões no relacionamento</b>	<b>2</b>
Casamento como empresa	2
<b>Homem como o líder do casamento</b>	<b>2</b>
Propaganda do DVD “sexo em um casamento blindado”	2
<b>Ideia de uso de diálogo inteligente</b>	<b>2</b>
Ausência de diálogo entre os casais	1
<b>Ideia de relação auxiliadora</b>	<b>1</b>
Razões para a separação dos casais	1
<b>Crítica à diferença de idade do casal</b>	<b>1</b>
Casamento em risco	1
<b>Homem mais participativo nas tarefas da casa</b>	<b>1</b>
Propaganda de livro dos apresentadores	1
<b>Comportamentos diferentes no casamento</b>	<b>1</b>
Trabalho como prioridade em detrimento do casamento	1
<b>Problema do casal antes do casamento</b>	<b>1</b>
Crítica à disponibilidade da mulher para os homens	1
<b>Prioridade para o casamento</b>	<b>1</b>
Casamento duradouro	1
<b>Casamento como prioridade em detrimento do trabalho</b>	<b>1</b>
Ideia de mulher auxiliadora	1
<b>Defesa do casamento</b>	<b>1</b>
Condição de solteiro	1
<b>Prioridade para o marido no casamento</b>	<b>1</b>
Modelo de casamento à moda antiga	1
<b>Necessidade de casar</b>	<b>1</b>
Questão de gênero	1

**Quadro 7 - distribuição em gráfico das unidades analíticas**



O próximo capítulo é aquele em que, montada e apresentada toda a arquitetura de análise, pode ser apontada como o de análise da pesquisa propriamente dita. Por conta do volume do material, para essa fase selecionei três das dez unidades analíticas que mais apareceram no “*Caderno de Transcrições*” para analisar mais detidamente. Elas consistem nas unidades “problema de casamento”, “ideia de uso do amor inteligente” e “hierarquia tradicional de gênero”. Como suporte, utilizo a literatura da própria Igreja Universal como os livros “*Casamento blindado*”, de Renato e Cristiane Cardoso, e “*Nada a perder*” (2014), livro 3, de Edir Macedo, por dialogarem entre si como duas pedagogias culturais complementares e fundamentarem a discursividade da IURD e do *The Love School*.

Durante a leitura e seleção do referencial bibliográfico para esta pesquisa li vários trabalhos de outros colegas, dissertações de mestrado e teses de doutorado. Assim, selecionei a tese de doutorado da Claudirene Bandini (2008) para usar neste momento da pesquisa por ser um estudo de campo que na sua metodologia entrevistou mulheres vinculadas à Igreja Universal.

A partir daqui faço uma abordagem do casamento como parte da cultura religiosa da Igreja Universal e da pedagogia cultural do programa *The Love School*.

## 8. O CASAMENTO NA CULTURA RELIGIOSA DA IGREJA UNIVERSAL E NA PEDAGOGIA CULTURAL DO PROGRAMA *THE LOVE SCHOOL*

Quando pensei no título para esse capítulo optei em aproximar três categorias destacadas nessa pesquisa, ou seja, o casamento, a cultura e a religião. Escolhi por discorrer mais sobre o casamento de modo a destacar a forma como essa categoria circula na cultura religiosa e mais especificamente, na cultura circulante sobre essa questão no domínio da Igreja Universal.

Há, por assim dizer, uma simbiose entre a categoria neopentecostal e a IURD desde quando o conceito foi usado por Ricardo Mariano (2014) para ordenar o novo fenômeno religioso que surgiu nos anos 1970 conduzido por Edir Macedo. Usarei essa mesma ideia descrita acima, a partir daqui, adaptando-a pelo mesmo motivo, por entender que há uma conexão entre os assuntos da Igreja Universal com os do programa *The Love School*. A meu ver, os dois objetos são como uma fórmula espelhada, i.e., os dois discursos refletem considerações semelhantes, como se as duas linguagens estivessem articuladas uma a outra.

A partir dessa preferência em falar do significado do casamento como cultura religiosa da Universal, e para melhor me situar com respeito a essa investida, considere prudente fazer algumas indagações utilizando a discursividade que opera em meio à cultura da IURD. Destarte, se sobressaíram as seguintes perguntas retóricas por mim formuladas, quais sejam: *Você casaria com alguém sabendo de antemão que deve ser para sempre? Você ficaria casada/o com alguém enquanto vivesse porque é uma determinação religiosa? Você se relacionaria com alguém com a interdição de não poder fazer sexo antes do casamento? Você sustentaria pacificamente um casamento em que a vontade de fazer sexo do marido não pudesse ser frustrada? Você casaria com alguém que passasse a ser dona do seu corpo e você seria dono do corpo dessa pessoa? Você casaria com alguém para quem não poderia dizer não (em relação à mulher para com o homem)? Você casaria com alguém que teria um papel mais importante no relacionamento (na relação do homem para com a mulher)? E você priorizaria o casamento em detrimento da sua carreira profissional e sua realização pessoal?*

Eu, pessoalmente, respondo *não* para essas indagações formuladas dentre inúmeras outras proposições possíveis de serem enfatizadas e que são recorrentes e fortemente discutidas e defendidas na pedagogia evangelizadora em prol do casamento

realizada pelo *The Love School*. Em outras palavras, o objetivo precípua do programa é o de ensinar as pessoas a conquistarem e manterem uma vida amorosa que, sob a orientação religiosa estudada, a torna moralmente mais conveniente, a partir do pressuposto principal de que seja uma vida amorosa permanente e sem alterações para os pares que se estabelecerem. Nesse sentido, “conquistar um casamento feliz e realizado é o sonho da maioria das pessoas de bem. Sob o aspecto da fé cristã, trata-se do principal investimento possível de ser feito depois da conquista da salvação eterna da alma” (Macedo, 2014, p. 125).

Com base na doutrina da Universal, que aborda os relacionamentos amorosos como uma premissa religiosa e como uma passagem estável para a salvação das almas, é que intitulo de “vida eterna para os casamentos” esta pesquisa, seguindo a mesma proposta explícita e presente na mensagem dessa Igreja para os casamentos. Em outras palavras, trata-se da ideia que pensa unir Deus, homens (e mulheres) através da aliança matrimonial entre as pessoas, como se isso estreitasse o contato espiritual entre o Céu e a Terra para os casais que assumem determinados perfis como mulheres e homens, porque “a legitimidade para ditar modelos femininos e masculinos deriva do discurso de Edir Macedo que se apropria de sua autoridade eclesiástica de porta-voz de Deus” (Bandini, 2008, pp. 124-125).

Ressalto previamente que a Deus é creditado à criação do casamento, “foi Ele quem decidiu que o homem e a mulher seriam ‘uma só carne’” (Cardoso e Cardoso, 2012, p. 13), e a “denominação acaba por construir ‘homens de Deus’ para casarem com ‘mulheres de Deus, e juntos viverem a serviço de Deus’” (Bandini, 2008, p. 128).

Voltando ao conceito de *backlash* (retrocesso), que apresentei anteriormente, devo dizer que é característico do *backlash* (retrocesso) pressionar as mulheres a se casarem e alertar as mulheres casadas a manterem-se casadas (Faludi, 2001). Bandini nos diz que a responsabilidade de manter-se casado, para o homem membro da Universal como pastor, é um compromisso que deve ser cuidado com muito zelo para não pôr a obra de Deus em risco, pois um pastor descasado pode ameaçar o modelo pregado por essa denominação. Nesta direção, como refere o bispo Edir Macedo, “você precisam zelar pela decisão do casamento. A escolha correta de uma esposa é uma decisão extremamente importante para um pastor” (Macedo, 2014, p. 68).

Essa determinação da Universal de zelo pelo casamento não é exclusividade do campo protestante, pois o mesmo juízo é comum ao catolicismo, o qual entende o

matrimônio como um sacramento; esse aspecto comum tem origem na leitura do Antigo e do Novo Testamento da Bíblia que orientam essas duas religiões.

A “Escola do Amor” (programa da Record TV) e a “Terapia do Amor<sup>108</sup>” (culto da Universal) surgiram em épocas e lugares distintos. A Terapia é parte da lista de cultos de combate ao mal espiritual, o qual interfere na boa vida sentimental das pessoas e compõe a doutrina da Igreja desde a sua fundação; Já a “Escola do Amor” com a chamada de ser um *programa dedicado para pessoas que querem aprender como ser feliz no relacionamento*, surgiu após o sucesso do curso de apoio ao casamento focando nos problemas comuns aos casais, o “*Casamento blindado*”, ainda nos Estados Unidos. Este último tinha os problemas do casal de mentores, Renato e Cristiane Cardoso, como referência, os quais retornando ao Brasil mais de vinte anos depois, passaram a difundir o trabalho realizado até então no Texas. Uma das primeiras medidas adotadas foi integrar a “Terapia do Amor” ao *The Love School*, modernizando o culto da Universal e, assim, abrindo espaço para o novo programa da Record TV.

Para realizar essa evangelização, visto que “as pedagogias culturais fazem parte da mídia, da família, da religião, das leis” (Fernandes, 2014, p. 11), eles inovaram com o uso de outra estratégia desenvolvendo uma associação íntima com a Igreja pelo cruzamento da pauta de um programa de televisão comercial com os princípios religiosos neopentecostais que guiam a Universal. Para tanto foi necessário adaptar essa linguagem midiática específica à linguagem religiosa, o que fez essa pedagogia ter uma dinâmica particular: simbolicamente é uma escola, pedagogicamente ensina modos de ser e de viver para as pessoas como tantas outras pedagogias culturais; discursivamente, entendo que a linguagem que resulta dessa união parece conter duas camadas, ou estar entrelaçada, i.e., fala-se de temas variados sobre o casamento, mas o que sustenta, o que está na base desse discurso é o tema da religião.

A analogia que bem descreve essa observação é a ideia de que “a fé é a parte principal da cruz: a haste vertical do relacionamento com Deus, e o casamento é a segunda parte da cruz, a haste horizontal que está associada ao relacionamento com a pessoa amada” (Macedo, 2014, p. 152). A pedagogia desse programa formula mais uma ação, pois parece querer restaurar um modelo de vida tido como melhor para o mundo atual, que já foi vivido e predominante em outra época histórica, além de fazer com que

---

<sup>108</sup> O encontro “Terapia do Amor” acontece nos principais templos da IURD com palestras ministradas por outros pastores da Igreja.

esse modelo seja o mais hegemônico possível e abranja o maior número de pessoas, visto que “o casamento é a base da sociedade. E o que a Igreja Universal faz é provar que existe relacionamento feliz e duradouro, sim” (Op. cit., p. 121).

A ferramenta utilizada para tal intento é posicionar o valor do casamento e o ideal da família cristã no centro dessa proposta de reorganização social moldada por essa cultura religiosa e apostar num “boom de casamentos” (Faludi, 2001, p. 119), indo de encontro à observação de Fernandes (2014, p. 24) de que “a noção de casamento como um destino inevitável para as mulheres foi perdendo força no século XX”. No século XXI, a vontade de casar está em alta independente da religião, e no caso da Universal, de seus seguidores, torna-se o objetivo central de vida para homens e mulheres além de um dos seus principais compromissos.

As percepções a respeito de como os jovens se comportam quando o assunto é casar são de que “a mentalidade das novas gerações sobre a vida a dois é a de que o matrimônio não passa de uma instituição completamente falida e ultrapassada” (Macedo, 2014, p. 149). A partir deste entendimento, uma nova frente se abriu para a ação tanto da Universal quanto do *The Love School* com o lançamento do livro “*Namoro blindado: o seu relacionamento a prova de coração partido*”<sup>109</sup>, publicação que também propõe o aprendizado da “ideia de uso do amor inteligente” porque, “infelizmente, há muitos por aí fazendo burrices no amor” (Cardoso e Cardoso, 2016, p. 08).

O público desse novo livro atinge de adolescentes até adultos em qualquer fase de solteiro que a pessoa esteja vivendo, como noivos, como divorciados, como viúvos ou “enrolados” com alguém (i.e., com o relacionamento indefinido). Os autores destacam ainda que “antigamente, esse ensino vinha dos pais. Quando os casamentos eram mais sólidos e exemplares, os filhos tinham nos pais um modelo natural de como se comportar em um relacionamento” (Op. cit., p. 07).

As representações advindas do *The Love School* sugerem uma disputa com os enunciados da cultura contemporânea, em meio às várias possibilidades de as pessoas se relacionarem afetivamente ou mesmo de se relacionarem sem o compromisso do afeto. Essas representações sugerem uma forma de tensionamento da diversidade social e

---

<sup>109</sup> Namoro Blindado. Disponível em: <<https://www.namoroblindado.com/>> - Acesso em: 25 maio 2016.

cultural que envolve as possíveis formatações das uniões entre as pessoas, as quais culturalmente possam se contrapor ao modelo difundido pela IURD. Há assim, nessa contenda cultural uma forma de concentrar uma representação única para o casamento, permeado por uma discursividade conservadora. Em outras palavras, a pedagogia do programa combate outros modelos de relacionamentos que não aquele ensinado no *The Love School* e na Igreja Universal, tornando os demais sujeitos, como os casais homoafetivos, invisíveis e, ao mesmo tempo, mesmo sem haver uma fala direta sobre o tema, combatidos.

Eventualmente aparece na fala dos apresentadores a menção de que as pessoas podem fazer o que quiserem com suas vidas, mas é possível perceber que essa mensagem dirige-se às pessoas que não seguem a Igreja. Apesar disso, não há uma condenação direta da homossexualidade na doutrina da Universal, podendo pessoas com essa orientação sexual assistir aos cultos. Entretanto, é terminantemente proibido que os pastores sejam homossexuais, pois, “como sempre reforço durante os meus cultos, eu não condeno o homossexual. Nós não condenamos absolutamente nada, nem ninguém. Eu acredito na Bíblia, e ela é contra a prática do homossexualismo” (Macedo, 2014, p. 162).

Edir se dirige ao tema fazendo uso do termo “homossexualismo” que foi incluído no Código Internacional de Doenças em 1977 como uma doença, como um transtorno mental, e que perdurou até os anos 1990 após a revisão da lista pela OMS (Organização Mundial da Saúde). E essa noção continua atual na cultura da Igreja - parecendo mais uma posição política da instituição, o uso da própria palavra “homossexualismo”, em detrimento de homossexualidade, demonstra, em si, um indicativo de como o tema é tratado na IURD. Além do efeito dessa expressão circular no livro “*Nada a perder*” (2014), livro 3, um produto que foi acessado por milhares de pessoas, possivelmente formou opiniões e pode ter reforçado preconceitos, tendo ainda, equivocadamente, Deus como avalista.

Para a pedagogia do *The Love School* ser bem-sucedida nessa empreitada, um tipo de sujeito presente na modernidade precisa ser fortalecido, i.e., um sujeito sólido presente na época descrita por Bauman (1998), na modernidade sólida (como ideia de estabilidade da vida e dos valores morais tanto na cultura quanto na política). Um sujeito que, de modo denso, fixa comportamentos e relacionamentos e se fecha a mudanças, um sujeito que aperta os laços sociais e afetivos no dizer de Bauman (2004),

e que não reconhece a ideia de algo contingente, temporário, provisório. Por conta dessa empreitada é que me lembro da observação de Paraíso (2012, p. 29), de que uma das implicações das pesquisas pós-críticas, a de que o “questionamento do sujeito centrado, homogêneo, coerente, racional, iluminado, unificado e universal ganhou uma dimensão inimaginável nas teorias sociais e culturais contemporâneas”, e se faz extremamente atual para essa análise.

Ao contrário da percepção de Bauman, de que o amor é a expressão marcante da formação de um casal, i.e., a clássica declaração clichê do “até que a morte os separe”, como parte das cerimônias de casamento, esteja, obsoleta, ou seja, ultrapassada, para a pedagogia do *The Love School* o que se sobrepõe à expressão anterior poderia ser um “não deixaremos que as coisas de uma vida profana vos separe”. Isso porque optar pela separação no casamento, fazendo parte da comunidade religiosa da Universal, ou cogitar em não formar um casal não é uma alternativa em um relacionamento e nas disposições das pessoas. A associação do programa da televisão com a doutrina da Igreja permite fazer uso dessa ressalva: “lutamos para gerar maridos de uma só mulher e esposas de um só homem mesmo em tempos de tamanha banalização de princípios como a lealdade, a sinceridade e o caráter” (Macedo, 2014, p. 122).

Esses ensinamentos integram uma pedagogia que moraliza os contratempos comuns aos relacionamentos e incentiva o desejo de casamento nas pessoas, inclusive nos mais jovens, porque defende que a escolha por se casar surge como uma “blindagem” das condutas individuais para presumíveis deslizes morais numa condição de “solteirice” (termo citado em alguns programas com um tom pejorativo, i.e., ser solteira ou solteiro é uma marca social inconveniente nessa Igreja). Recorrendo a Bauman, é possível dizer que a desvalorização do papel da família em “tempos líquidos” (como perda da ideia de durabilidade para as coisas e para os costumes) enfraquece o sentido do amor, e, novamente num sentido oposto ao contemporâneo, a Universal promove o fortalecimento dos laços familiares também por meio do seu culto temático “Terapia do Amor”. Ela (Universal) faz isso como uma forma de revalorizar a importância de amarmos alguém e de criarmos vínculos afetivos que, orientados por esse sentimento (amor), formam-se quando “o discurso tem um forte apelo à valorização da família, de acordo com papéis sociais bem definidos, enraizados numa moral que impõe disciplina corporal e comportamental” (Bandini, 2008, p. 125).

Como refere o casal de apresentadores, “posso garantir a você que há muitas outras coisas envolvidas no casamento” (Cardoso e Cardoso, prefácio, 2012, p. 04). A citação anterior de Bandini pode ser complementada pela observação de Clara Mafra *et. al.* (2012, p. 82) de que “a igreja propõe-se a administrar a liberdade de seus membros, considerando-os capazes apenas parcialmente de uma vida social plena”.

Na cultura da Universal o casamento segue um ciclo que pode ser visto como ancestral: começa pelo namoro, passa pelo noivado chegando até a união permanente porque, “um casamento de acordo com os princípios de Deus é a base de tudo” (Macedo, 2014, p. 183). Alguns casos, como o do próprio bispo Edir Macedo, o tempo entre o namoro e o casamento com Ester - “minha esposa e fiel companheira com quem divido a vida há quase 43 anos” (Op. cit., p. 106) -, foi de apenas oito meses. Cristiane, filha de Edir, não quis a tradicional festa quando completou quinze anos, pois “preferiu guardar dinheiro para a cerimônia de casamento mesmo sem sequer conhecer o marido. Tudo em nome da fé” (Op. cit., p. 175). Ela formou um casal com Renato quando tinha dezesseis anos e ele dezoito, e entre o primeiro beijo e o casamento passaram-se rápidos dez meses. No período em que conviveram como namorados ficaram todo o tempo sob vigilância do irmão adotivo, Moisés, e de Edir, o qual os alertava, quando o casal estava sentado no sofá da sala da casa, “estar de olho neles”.

Quando Renato pediu Cristiane em casamento foi numa situação constrangedora para ele, pois teve de fazer a solicitação na frente de vários bispos da Universal que estavam na casa da família dela. A condição estabelecida pelo pai foi que Cristiane concluísse os estudos antes de casar, de modo que começaram a namorar em setembro de 1990 e casaram em julho de 1991, um mês depois dela se formar no nível médio do colégio. Na cerimônia desse casamento, Edir destacou para a filha que “de agora em diante, meu amor, será apenas você e seu esposo. Não existem mais papai e mamãe. Vocês têm que resolver os seus problemas entre si. Esse é o significado do casamento” (Op. cit., p. 182).

Mafra *et. al.* (2012) entendem que o valor cristão da família para a IURD é um elemento, num primeiro momento, que se sobrepõe ao valor mesmo do dinheiro. Esse entendimento de fortalecer a família, formar casais, e aproximá-los da cultura religiosa neopentecostal, num segundo momento, parece indicar uma forma de fazer com que o valor do dinheiro reassuma sua importância, ou seja, quando as pessoas já estão envolvidas com a discursividade e seguidoras da Igreja, passam a corresponder

naturalmente às expectativas de retribuição material, doação de dinheiro, que o projeto neopentecostal mais bem sabe como alcançar.

O *The Love School* liga-se abertamente ao discurso da IURD quando os apresentadores convidam a audiência a assistir presencialmente às palestras no Templo de Salomão. Em seguida a esses convites de visita às palestras, destacam-se testemunhos dos seguidores da Universal, na entrada ou na saída do culto temático da “Terapia do Amor”. Essas imagens são editadas nos episódios como mostra do bem que o aprendizado do culto realizou na vida de cada informante. Esses testemunhos positivos servem de propaganda para a IURD e para o *The Love School* pelo uso da “ideia de fé inteligente” para a Igreja, e da “ideia de uso do amor inteligente” pelo programa.

Esses encontros na Terapia operam como “aulas presenciais” do programa *The Love School*, e, pode-se dizer, os temas dessas pregações evangelizam, ensinam, e formam uma cultura que objetiva a formação de novos matrimônios. Ele objetiva, ainda, realinhar casais estabelecidos como remontagem do modelo de casal cristão clássico, e temente a Deus; modelo a partir da leitura protestante da entidade divina (modelo de casal, diga-se de passagem, questionado pelo movimento feminista) por “ter o tradicional papel de auxiliadora” (Op. cit. p. 18) para as mulheres, e que é o mesmo modelo educado pelo *The Love School*.

A posição da mulher nesse modelo de casal cristão se assemelha ao modelo de família grandemente questionado pelas feministas, o qual posiciona a mulher num lugar coadjuvante, frequentemente subordinada ao homem que protagonizava a figura provedora e protetora do lar. Em outras palavras, parece que a leitura bíblica quando o assunto é a ideia de mulher-auxiliadora, ideia que preconiza que “quando Deus idealizou a mulher, foi fazê-la uma parceira, mais especificamente uma auxiliadora para o homem, alguém utilmente adequada para ele” (Op. cit., p. 145). Há assim, um contraste com os modelos contemporâneos de casais, pois, segundo essa compreensão, a mulher foi criada por Deus para assessorar ao homem, assim, uniram-se antes e tornaram-se “uma só carne”, como dito por Mateus (19: 3:6), (Bíblia Sagrada, 1993, p. 949).

O casal de apresentadores não discorda que o amor tem seu valor na finalidade do casamento e como forma de unir as pessoas. Para eles, sim, “as pessoas se casam por amor” (Cardoso e Cardoso, 2012, p. 07), mas há uma reelaboração da ideia do amor

romântico como meio de encontro de duas pessoas e de conjunção humana a partir da ideia de amor enquanto tipologia que é ensinada pelo programa. A “ideia de uso do amor inteligente” (conceito trabalhado pelos apresentadores em aliança com a “ideia de fé inteligente” usada por Edir Macedo nas pregações que o bispo realiza na Universal), é uma versão de amor ponderado, aquele em que conseguimos parar e ver todas as facetas do parceiro, em que conseguimos ver o que um e outro fazem. À essa postura é creditado o significado de inteligência, “por isso os ensinamentos que passamos são fundamentados na inteligência de Deus, naquilo que Ele determinou que funciona” (Op. cit., p. 13). Isso porque se as pessoas deixarem a razão de lado e agirem com a emoção acabarão escolhendo a pessoa errada, e essa escolha é acompanhada de muitos problemas tanto para o casamento quanto para o relacionamento, potencializando assim, as tão indesejadas separações dos casais. Para o amor inteligente ser funcional nessa racionalidade a “emoção não deve ser ferramenta para resolver problemas” (Op. cit., p. 48), função que é atribuída somente à razão. O amor inteligente funciona, então, como um elo entre o *The Love School* e a Igreja Universal.

Acredito que não seja apenas por essa tipologia amorosa, de amor inteligente, (que claramente é uma tipologia porta-estandarte dessa religião), a única maneira de encontrar uma parceira para os homens e um parceiro para as mulheres que possam fazê-los felizes, serem bons amigos, que prezem pela fidelidade mútua, e que se respeitem numa relação equilibrada para os dois gêneros.

Como unidade analítica, a “ideia de uso do amor inteligente” que destaquei para análise, é o conceito apontado no *The Love School* como a principal ferramenta para resolver os problemas dos casais. Como unidade analítica surgiu em meio às transcrições dessa pesquisa como o segundo tema mais discutido nas falas dos apresentadores

Renato, e.g., prega para as pessoas não deixarem as emoções dominá-las, pois só assim elas tomarão decisões acertadas, a emoção como componente do amor e que nos faz escolher alguém é, portanto, ensinada como um equívoco, porque “infelizmente, muitos casais nunca aprenderam a se amar. Uniram-se devido a um sentimento, uma paixão ou outra circunstância” (Op. cit., p. 09). Nessa “ideia de amor inteligente”, como observam os apresentadores, as pessoas “se fazem de cegas em relação ao amor” (quando escolhem racionalmente), porque podem decidir com maestria quem será o seu par ideal, i.e., não escolhem seus parceiros/as com base na emoção presente na ideia

mundana de apaixonar-se por outra pessoa. Em outras palavras, por essa perspectiva, a razão assume uma importância soberana na pedagogia cultural do *The Love School*, isso porque nela está o “bom futuro” e a compreensão sobre o que o outro ou outra é, o que fazem, e como poderão ser num relacionamento.

Renato e Cristiane ensinam que estar casado pode não ser um motivo de felicidade também, pois muitas pessoas estão casadas e são infelizes, e tudo por não saber governar o relacionamento. Segundo eles, essa situação, de estar casado e mesmo assim não se sentir feliz, pode ser reflexo e herdeira de um outro amor mal resolvido do passado, de uma má escolha anterior, que não foi devidamente “curado”, desenvolvendo o sofrimento que a pessoas vivenciam. A partir disso, poderá haver uma reiteração do mesmo erro em uma nova escolha.

Ser “inteligente” nessa tipologia do amor sugere que “se estude a personalidade da pessoa” antes de se ter um relacionamento com ela, buscando com isso, saber se ela compactua dos mesmos objetivos, conhecer o que essa pessoa fazia, como se comportava, quantos relacionamentos teve anteriormente e se realmente quer se casar, para então decidir se é possível também direcionar a vida sentimental para ela ou não. Com base nessa racionalidade, escolhe-se uma pessoa para casar como se escolhe alguém para o trabalho buscando saber do histórico de vida pregressa da pessoa.

Para confirmarem a eficácia dessa inteligência, os apresentadores ensinam que o amor não escolhe ninguém, que um amor à primeira vista pode carregar muitos problemas no futuro. Eles também enfatizam que as pessoas é que escolhem a quem amar, sem considerar que, por esse ângulo, a pessoa que será a escolhida precisa querer essa escolha também.

Amar nunca foi uma tarefa das mais fáceis, mas amar do jeito ensinado pelo *The Love School*, pode-se dizer que automatizando os sentimentos, não parece ser uma empreitada menos difícil. Sobretudo se consideramos que a insistência de buscar pela superação de sofrimentos se desdobra na mesma discursividade da Igreja Universal, a qual convida as pessoas com seu pioneiro *slogan* a pararem de sofrer<sup>110</sup>. A pedagogia que é apresentada no programa preconiza que, caso participem da “Terapia do Amor”,

---

<sup>110</sup> “Na esfera estética, que serve para fins simbólicos, religiosos e empresariais, primeiramente a IURD utilizava a imagem de duas mãos juntas em oração. Atualmente, a igreja utiliza diversas imagens (logomarcas) para se representar, como um coração vermelho com uma pomba branca no interior, uma cruz ou até um menorá (candelabro judaico) e tem como principais *slogans*: ‘Jesus Cristo é o Senhor’ e ‘Pare de Sofrer’, este último pelo qual é mais conhecida em alguns países, especialmente os hispanofônicos, como a Argentina (*Pare de Sufrir*)”, (Tadvald, 2015, p. 164), [grifos do autor].

as pessoas saberão que é possível ser feliz no amor e no casamento, bem como e onde encontrar a recuperação para seus males amorosos: na Igreja Universal. Nessa igreja é onde poderão compreender “sobre a necessidade de as pessoas conhecerem a Deus, de elas se libertarem de seus problemas, de seus traumas e de seus fracassos” (Macedo, 2014, pp. 42-43).

É possível depreender que haja três tipos de aluno/a do *The Love School*, i.e., o/a aluno/a telespectador/a da televisão, o/a aluno/a internauta das plataformas digitais, e o/a aluno/a discípulo/a nas palestras da “Terapia do Amor”. Isso sem falar que uma mesma pessoa pode ocupar as três posições ao mesmo tempo. Muitas vezes, o programa se utiliza em suas aulas de uma didática bastante peculiar quando faz analogias com situações, no mínimo estranhas para a vida humana. Consultei uma edição mais recente do programa (do ano de 2016), e com essa consulta descrevi algumas mudanças que a produção promoveu para o programa. Separei desse vídeo algumas narrativas dessa didática, e.g., a de comparar o relacionamento de alguém a uma “sanguessuga”, e literalmente contar com a presença de um professor de biologia e de alguns exemplares dessa espécie (descrita como *ectoparasita*, parasita que fica fora do corpo<sup>111</sup>) para exemplificar as pessoas que mais tiram de um relacionamento do que oferecem. Na continuidade, Renato apareceu visitando um galpão de reciclagem para ensinar como as pessoas devem identificar o que é lixo na vida afetiva delas para ser retirado<sup>112</sup> e ficarem apenas com o que é útil.

Em um dos programas transcritos para essa análise, “*Hollywood x relacionamento*” (apresentando em 4 de abril de 2015), programa que destacou como pauta principal filmes do cinema norte-americano, os atores e atrizes de *Hollywood* foram duramente criticados em razão das personagens que interpretam em muitas produções fílmicas, bem como pela forma como conduzem os aspectos afetivos de suas vidas pessoais. Destaco um excerto da fala do Renato sobre esse tema:

**Renato:** *Não é que você não possa ver esses filmes... mas precisa ter cuidado com as “mensagens subliminares” que eles estão emitindo para as pessoas ali assistindo... filmes e livros e tudo mais... lembrando que eles fazem sucesso porque dentro de nós há um desejo ardente de que o improvável e o impossível aconteçam... muito bem... quer dizer que na vida real nenhuma dessas histórias aconteceu ou poderá acontecer?... não é isso... nós sabemos que há exceções... você pode até apontar para nós e dizer... que conheceram alguém assim mesmo e eles superaram... nós também conhecemos pessoas*

---

<sup>111</sup> “Amor de sanguessuga”, “*Especial retrospectiva*”, 40min16s.

<sup>112</sup> “Reciclagem do amor”, “*Especial retrospectiva*”, 45min54s.

*assim... mas o importante é você sempre lembrar que eles são exceções... e você não deve nunca basear algo tão importante na sua vida amorosa em uma exceção... e se precaver... e usar a sua inteligência para maximizar as suas chances de sucesso no casamento - 20min37s - (Caderno de Transcrições, 2015, p. 124).*

Os artistas do cinema norte-americano são nominados de “evangelistas da poligamia” (matrimônio de um com muitas/os), porque tiveram mais de uma experiência amorosa ou mais de um casamento. Essas críticas reiteradas aos artistas, e que servem de modelo a ser evitado para as pessoas comuns, estendem-se para um outro projeto administrado por Cristiane Cardoso, o *Godllywood*<sup>113</sup>, idealizado justamente para operar uma pedagogia cultural que se oponha aos efeitos nocivos dos produtos com origem em *Hollywood*. Entre outras coisas, os produtos de Hollywood afetam pedagogicamente a cultura com os contraexemplos presentes em muitas de suas tramas, assim como afetam a boa conduta recomendada, em especial, para as mulheres, pois “as forças da sociedade conspiram contra o casamento e a família - e seus ataques estão cada vez mais fortes”<sup>114</sup> (Cardoso e Cardoso, 2012, p. 18).

O *Godllywood* oferece três formas de participação: pelo *Godllywood* autoajuda (para mulheres adultas), pelo *Godllywood girls* (para mulheres adolescentes) ou ainda pelo *Godllywood School* (para meninas). No *Godllywood School*, meninas de 6 (seis) a 14 (quatorze) anos podem participar de um curso de 4 (quatro) meses, no Templo de Salomão, para aprenderem as responsabilidades da vida adulta, os bons modos pessoais, os cuidados com a casa, com a proposta de ser uma “escola para a vida”. Esse curso divide-se em vários módulos, e um deles propõe ensinar para as meninas “*sobre a maturidade para o namoro e o valor de se guardar até o casamento*”<sup>115</sup>.

Foi comum nos filmes de *Hollywood* dos anos oitenta, como exemplo de *backlash* (retrocesso), as mulheres representarem papéis de coadjuvantes no casamento, sem nenhum protagonismo em suas vidas representadas (Faludi, 2001). Retomando as

---

<sup>113</sup> *Godllywood* é um projeto que contesta os valores tidos como errados que a sociedade assume através de *Hollywood*. O objetivo principal é fazer com que as mulheres jovens se tornem mulheres exemplares e se tornem avessas as influências da cultura de Hollywood. Um ponto fundamental é desenvolver novamente os laços familiares compreendidos como perdidos nos últimos anos. Disponível em: <<http://www.godllywood.com/br/como-surgiu-o-godllywood/>> - Acesso em: 16 maio 2016.

<sup>114</sup> Há um código no *Godllywood* para as mulheres praticarem: “*Ser exemplar no falar e no comportamento; discreta na aparência; um exemplo positivo em casa, no trabalho, na escola; corajosa e humilde para aceitar correção e mudar; e construir uma fé sólida em Deus. Prometendo olhar o lado bom das pessoas*”. Disponível em: <<http://www.godllywood.com/br/como-surgiu-o-godllywood/>> - Acesso em: 16 maio 2016.

<sup>115</sup> *Godllywood School*. Disponível em: <<http://www.godllywood.com/school/2015/11/20/godllywood-school-uma-escola-para-vida/>> - Acesso em: 24 nov. 2016.

considerações de Faludi acerca do *backlash* (retrocesso), pode-se dizer que o *Godllywood* objetiva preparar as mulheres para resgatarem os valores morais esquecidos pela cultura e pela sociedade, e também pelos filmes, como forma de “resgatar o casamento tradicional, deixando de questionar o modo como é estruturado” (Op. cit., p. 140), voltando mais ainda no tempo, bem ao estilo dos anos cinquenta.

O modelo de casamento a ser ensinado pelo *The Love School* sugere, em muitos momentos querer, retomar o significado cultural do casamento, retomando padrões históricos da sociedade contestados anteriormente como se no período da primeira onda do feminismo (durante parte do século XIX e início do século XX) vivêssemos, i.e., quando “o casamento era visto [sic] como o momento mais importante da vida de homens e mulheres, tendo em vista que este ainda é um contrato indissolúvel” (Fernandes, 2014, p. 21).

Na cultura das igrejas neopentecostais - e estendo tal compreensão para as pentecostais de primeira e segunda onda, descritas por Freston (1993) -, não existe uma noção de igualdade de gêneros entre homens e mulheres. Mesmo que o gênero feminino seja o gênero predominante nessas igrejas, para a mulher é conferido um papel de auxiliar do marido, e destaque a Universal, pois “o grupo iurdiano é um grupo conservador com forte princípio Paulino<sup>116</sup> que seguindo a tradição judaico-cristã, se utiliza de trechos bíblicos para legitimar o discurso sobre a valorização da mulher” (Bandini, 2008, p. 123).

O primeiro registro da unidade analítica “hierarquia tradicional de gênero” surgiu no “*Caderno de Transcrições*” no primeiro programa *The Love School* selecionado com o título de “Ajustando a comunicação” (apresentando em 15 de novembro de 2014). Naquele episódio, Renato e Cristiane respondiam uma mensagem do quadro “Escola do Amor Responde”. A mulher que pediu o conselho dos apresentadores criticava a conduta do marido que não a ajudava nas tarefas rotineiras da casa compartilhada pelos dois, como lavar a louça, limpar o banheiro e levar o lixo para fora. Ao invés de criticarem o parceiro dela por não ajudá-la nas tarefas, a orientação foi para a mulher mostrar para o homem como ele poderia ajudá-la. A própria Cristiane alertou que essa é uma diferença natural entre os gêneros, e ainda ampliou o alerta para as demais mulheres sobre como lidar com situações semelhantes:

---

<sup>116</sup> “Em *Efesios (5, 21-33)*, o Apóstolo Paulo aponta as diretrizes para o lar cristão. O trecho apresenta o dever da mulher casada para com o marido como para o Senhor, pois o marido ‘é cabeça da mulher, assim como Cristo é cabeça da Igreja’” (Brandini, 2008, p. 124), [grifo da autora].

**Cristiane:** *E cuidado mulheres que querem fazer tudo de uma vez... você quer tudo... quer ter filhos... quer ter uma carreira... quer ter uma casa arrumada... você quer estar linda e maravilhosa... às vezes não dá... acaba que você quer fazer tanta coisa que você estressa o relacionamento... o homem já é mais prático... “não deu não deu”... ele sempre tira o momento de relaxar... para mulher isso é perda de tempo – 50min37s – (Caderno de Transcrições, 2015, p. 10).*

Bandini (2008, p. 115) destaca que “cada instituição religiosa, por meio da sua simbologia, conceitos normativos, tradição e doutrina, constrói uma relação diferenciada entre os gêneros”, pois “a mulher não recebeu autoridade do homem para liderar o lar nem o homem recebeu a capacidade da mulher para edificar a casa. Cada um tem seu papel importante na construção de um casamento perfeito e feliz” (Macedo, 2014, p. 154).

Em outro momento, por conta das falhas na comunicação entre o casal, sugeriram um incoerente “trabalho em equipe”, a partir do qual um dos dois deveria dirigir a relação (depreendi tratar-se do homem) e o outro deveria seguir (depreendi tratar-se da mulher), uma vez que “quando a mulher manda no marido, o casamento padece” (Macedo, 2014, p. 202). Na ocasião também aconselharam a mulher ouvir mais do que falar, principalmente ouvir quando o homem estiver falando, pois “como a igreja está sujeita a Cristo, as mulheres casadas estão sujeitas a seus maridos em tudo” (Bandini, 2008, p. 124).

Em outra passagem, a “hierarquia tradicional de gênero” se destacou quando os apresentadores discutiam que muitos homens preferem se separar a resolver os problemas, desistem e substituem uma mulher facilmente, mas que as razões parecem fugir ao controle masculino, por tratar-se de um comportamento influenciado. Para citar duas causas desse comportamento, a primeira remetia para a ideia de que a cultura fora da Igreja manda nas pessoas, e que nessa cultura trocar de mulher “virou moda”, havendo muita influencia externa nessas decisões; e a segunda, remetia para a ideia de que a oferta de mulheres é muito grande. Apesar disso, os apresentadores fizeram uma ressalva ao se referirem de que se o homem costuma fugir dos problemas afetivos, frequentemente repetirá esses problemas noutra relacionamento.

Outro momento analisado que faz referência à “hierarquia tradicional de gênero” surgiu nas transcrições quando um casal insatisfeito com a visita dos parentes do marido no Natal (visita que se repetia anualmente e tirava toda a privacidade deles em casa). O conselho dos apresentadores foi de que se acaso o marido não falasse nada antes

(respeitando com essa atitude a primazia masculina no casamento) sobre o desejo de ficarem sozinhos naquele ano, a mulher, apenas depois de pedir permissão ao marido, somente após esse pedido, poderia fazer as vezes de líder do casamento e se manifestar, exemplo que acompanha o princípio de que “a IURD tenta flexibilizar a moral e os costumes, porém sem alterar a estrutura de poder patriarcal e hierárquico típico da dominação” (Op. cit., p. 122), e “o homem é que deve se colocar como líder numa relação conjugal. Esse entendimento nasce à luz do Evangelho. O homem é a cabeça, e a mulher o corpo” (Macedo, 2014, p. 202). A partir dessas compreensões colocadas por Bandini e Macedo, pode-se pensar que, no âmbito do programa analisado “o patriarcado não desapareceu; só mudou de forma” (Faludi, 2001, p. 44).

Parece que são as mulheres as que mais procuram pelo apoio das igrejas pentecostais e, especificamente, pelo apoio da Igreja Universal, seja por iniciativa própria, ou mesmo, por sugestão dos apresentadores do *The Love School* quando as relações matrimoniais não funcionam bem. Há um grande esforço por parte das mulheres em converterem alguns homens como forma de mudança no comportamento social e familiar destes, como o de deixar de beber, de ter relações extraconjugais, e ter mais compromisso com os filhos como alguns exemplos. Porém, esse homem que surge após essa conversão segue um modelo tradicional formatado pela Igreja o que promove uma relação conjugal sem equidade de gêneros com a mulher assumindo um papel de subordinação ao homem num cenário composto pela mulher vivendo como auxiliadora em uma típica relação binária. Mesmo que haja uma sugestão nas falas dos apresentadores para que o homem seja mais participativo nas tarefas domésticas, como descrito na transcrição modelo no apêndice deste estudo a partir da página 166, a hierarquia entre o casal, com o homem liderando o casamento, mantém-se constante, com pequenas concessões.

Cristiane destoa da trivial figura da mulher de um pastor que vive à sombra do marido, mesmo para os preceitos da IURD para os quais “as mulheres não têm encontrado muito espaço de negociação para a conquista do espaço eclesial” (Bandini, 2008, p. 120). A condição de filha de Edir Macedo pode tê-la favorecido, e nessa dupla qualidade, de filha do bispo e mulher de bispo, ela se apresenta como “porta-voz das mulheres” em meio a pedagogia evangelizadora do *The Love School*. Contudo, Cristiane reforça em muito o discurso conservador e em retrocesso (*backlash*) que a cultura da Universal professa para as questões de gênero, reforçando as diferenças

construídas social e culturalmente para homens e mulheres com o acréscimo das justificativas religiosas com origem no texto sagrado (Bíblia). Nesta direção, ela parece praticar os conselhos recebidos do pai como o seguinte: “quase sempre ressalto para eles a importância da mulher saber o seu papel em um casamento, de acordo com os ensinamentos bíblicos. A submissão da esposa ao marido é algo natural, não forçado, que nasce do amor e da extrema consideração dela por ele” (Macedo, 2014, p. 202).

Em muitos episódios pode-se perceber Cristiane mais acirrada nas recomendações para os casais com problemas (do que o marido dela, o também bispo Renato), casais com problemas que acionam o programa para tentar solucioná-los. Cristiane frequentemente critica muitas vezes mais as mulheres, mesmo em narrações que sobressaem as atitudes dos homens como responsáveis pelos problemas narrados, “já que as mulheres são consideradas como menos racionais, mais emotivas e propensas a cometer o mal” (Bandini, 2008, p. 131). A apresentadora também parece ser bem mais intransigente do que Renato quando o assunto envolve, e.g., um casamento (sem registro oficial, sem a tradicional certidão de registro civil no cartório, como em uma relação de união livre, em um concubinato ou amasiamento, e mesmo numa situação de união estável, que também é anotada em cartório de registro de notas. A união estável é mais flexível, por não exigir que haja coabitação dos pares, podendo esses viverem em domicílios diferentes, já que essas possibilidades de arranjos familiares atendem a cultura contemporânea), mas tais formas de casamento são vistas como problemáticas na ordem religiosa da Universal.

A questão do aborto, um tema tabu para a cultura brasileira, e que recebe uma forte interferência das demais religiões, como da Igreja Católica, na cultura da Universal recebe o apoio que falta na maioria dos seguimentos da nossa sociedade. Macedo garante: “sou a favor do aborto, sim” (Macedo, 2014, p. 204), e orienta os pastores da Igreja a não terem filhos para dedicarem mais tempo ao trabalho evangelizador.

Os apresentadores do *The Love School* casaram jovens, mas não tiveram filhos biológicos e adotaram um menino que atualmente já está casado. Essa escolha do casal de não gerar filhos seguiu à risca a orientação do bispo Macedo, que narra “aconselho abertamente os membros e pastores a não terem filhos” (Op. cit., p. 203). Renato e Cristiane realizaram a missão de expandir a IURD no exterior por mais de vinte anos, tal como mencionei antes, e realizam desde então o trabalho de evangelizar em prol dos

casamentos, tarefa que toma o tempo integral do casal; assim, o nascimento de um filho poderia ter mudado o rumo da vida do casal.

Essa aparente posição progressista de Macedo, e por extensão da Universal, pode ser compreendida como uma adaptação às necessidades de gestão dos negócios da Igreja, pois os pastores vivem em muitos lugares, mudam de cidade de tempos em tempos, e essas mudanças são como que ascensões no trabalho do pastor. Nesses casos, a presença de uma criança dificultaria essa rotatividade constante, e seria como uma interferência nos interesses do bispo, pois “cada deslocamento geográfico do casal está focado no interesse de expansão da Igreja” (Bandini, 2008, p. 129).

Como o conselho de não ter filhos se estende para a membresia da Igreja, para as obreiras e para as pastoras, entendo também que se um casal não tiver filhos, os recursos financeiros do orçamento familiar ficam menos comprometidos e podem servir mais facilmente como oferta. Assim, a sensação de vida em abundância apregoada pela Teologia da Prosperidade pode se realizar plenamente.

A unidade analítica mais frequente nas transcrições do programa foi a ideia de “problema de casamento”. O “problema de casamento” está relacionado ao fato de ter aparecido em meio aos conselhos para casais presentes no estúdio que, num tipo de acareação das suas diferenças, no quadro mais popular do programa - o “Laboratório” -, expõem as mais variadas dificuldades de convivência e de opiniões entre eles. Tais dificuldades vão desde a do marido não ajudar nas tarefas domésticas até não amparar financeiramente à família. Além disso, o “problema de casamento” também se revelou através de outro quadro do programa, o “Escola do Amor Responde”.

Dividi essa unidade em duas variações: “problema de casamento real” e “problema de casamento tematizado”. No centro do “problema de casamento real” as pessoas são apresentadas como exemplos daqueles que estão fazendo tudo errado, e também de quem precisa da religiosidade para resolver suas incompatibilidades. O segundo formato, o “problema de casamento tematizado”, destaca uma determinada questão que é discutida como lição do que pode acontecer entre o casal e, pela possível afinidade com os demais casais, recebe um ensinamento padronizado para todos de como o problema pode ser evitado.

Não percebi nas transcrições das falas dos apresentadores, no que se refere à essa unidade analítica, a compreensão de uma ideia de diversidade e de heterogeneidade em meio aos vários perfis das pessoas. Mesmo que os problemas tenham dito respeito a

uma multiplicidade de personalidades, percebi uma ideia uniformizada de casal, i.e., a do casal heterossexual, formado por um homem e uma mulher. Nessa configuração, os problemas são aqueles característicos de uma relação binária tradicional quando o homem tem mais voz e espaço no casamento do que a mulher, sendo muitos dos conselhos permeados de posições religiosas e moralizantes, recomendando de modo invariável, a aceitação e compreensão por parte da mulher.

Essa ideia de “problema de casamento”, muitas vezes, entrecruza com outra unidade analítica, também muito frequente, a “ideia de uso do amor inteligente”. Ela é empregada para que as diferenças de opiniões e de comportamentos dos casais sejam resolvidas, para tanto os apresentadores aconselham que as pessoas sejam “inteligentes” valendo-se dessa tipologia de amor própria do *The Love School*. Segundo eles, “há uma maneira eficaz em que homens e mulheres podem resolver os problemas conjugais e evitar que se repitam sem ferir ninguém no processo. Eu chamo essa maneira de ‘tratar seu casamento como uma empresa’” (Cardoso e Cardoso, 2012, p. 45).

Para um problema discutido em um dos episódios Renato usou da analogia com uma empresa, i.e., dois solteiros que priorizaram a carreira e partem do entendimento de que casar poderia ser um empecilho para esse objetivo, por considerarem o casamento um concorrente, uma escolha que pode atrapalhar o crescimento profissional e financeiro individual. A partir deste exemplo, a analogia destacada pelos apresentadores foi de que as empresas são feitas de pessoas assim como o casamento, e se as pessoas se unirem, formando uma empresa, formarão uma equipe e crescerão como casal, sem o risco de empobrecerem ou de fracassarem.

O paralelo feito entre uma relação humana com uma relação empresarial associa a ideia de decisões e de objetivos de longo prazo das empresas com a ideia de constância para o casamento. Tal paralelo é feito também para, novamente, reafirmar a “ideia de uso do amor inteligente”, porque os problemas das empresas não são resolvidos com base nas emoções, os sentimentos são rejeitados para esse tipo de racionalidade. Essa ideia de casamento como empresa é uma marca importante da ideia de casamento na pedagogia cultural do *The Love School* e está presente no livro “*Casamento blindado*”. Como tema contado nas transcrições, a unidade analítica “Casamento como empresa” foi discutida apenas duas vezes, como consta nos quadros 6 (seis) e 7 (sete) nas páginas 122 e 123, em meio a 25 programas analisados, ficando

em décima-quarta posição nesta classificação, e por essa infreqüência, não me ative mais a sua análise.

Já o quadro “Laboratório” do *The Love School* já serviu de referência para fortalecer essa noção (de casamento como empresa), pois no estúdio as pessoas discutem e parece em seus argumentos não ter o foco em algo, pois não destacam o que podem vir a fazer para resolverem os problemas, acusam-se reciprocamente manifestando uma mistura de sentimentos que apenas atrapalha as soluções, já que a “emoção é a ferramenta errada para resolver problemas no trabalho e também no casamento. O que eu sinto sobre um problema não importa. O que importa é o que vou fazer sobre o problema” (Op. cit., p. 47).

Molda-se na pedagogia cultural do *The Love School* uma variante da pedagogia, a partir do modelo clássico que estudamos como conceito, pois entendo haver uma ideia de “pedagogia corretiva” por meio das respostas e conselhos dos apresentadores, bem como na proposta de reeducação de casados e solteiros. Os problemas narrados pelos casais podem ser corrigidos, se acaso, pelo menos um deles tomar a primeira iniciativa de ler o livro “*Casamento blindado*” e de também assistir uma primeira palestra da “Terapia do Amor”, pois “se um tem o Espírito de Deus e o outro não têm, os problemas serão inevitáveis” (Macedo, 2014, p. 154).

É possível de se perceber que a resolução dos problemas por meio de uma separação do casal é o último recurso a ser aconselhado. Para a possibilidade de um casal vir a se divorciar eles usam a ideia de blindagem do casamento. Tal blindagem passa também pela problematização das razões que levam os casais a infelicidade conjugal ou à ameaçadora separação. Eles também destacam que um divórcio provocaria um sentimento de “ódio” em Deus, pois se Deus une um homem e uma mulher, este par se torna uno, e esse uno é como que uma outra (terceira) pessoa pela miscigenação do caráter do par do casal, a partir da orientação bíblica de ser “uma só carne”, quando há o rompimento, representado pelo divórcio, rasga-se a própria carne “unida”, cria-se “feridas” (emocionais) e há uma violência para os que sofrem a separação. Por fim, “o divórcio é uma afronta a Deus, já que foi Ele quem estabeleceu a aliança do casamento; é uma anomalia que nada tem a ver com o que Ele tinha em mente quando uniu a mulher ao homem” (Cardoso e Cardoso, 2012, p. 109).

Em um dos capítulos da tese de doutorado de Bandini (2008) uma entrevistada afirmou que se divorciar na Universal é uma possibilidade remota e que, muitas vezes,

as mulheres vivem numa condição de opressão com seus maridos para não atentarem contra a vontade de Deus, que os Cardoso definem como o Autor do casamento. Deus seria o autor por ter estabelecido a aliança para esse consórcio humano, de modo que, divorciar nessa cultura religiosa é um contrassenso, pois “o casamento foi idealizado para que houvesse uma fusão e o surgimento do terceiro elemento, com a intenção de nunca ser revogado” (Cardoso e Cardoso, 2012, p. 109). O casar-se, é, assim, para o *The Love School*, e assim como para a Universal, um compromisso para sempre, algo para a vida eterna.

Os convites para participação nas palestras no Templo de Salomão são constantes ao final dos conselhos quando os “problemas de casamento reais” são discutidos, porque entendem que assim, enquanto as pessoas ainda estão solteiras, com a visita ao Templo, serão mais bem preparadas para um relacionamento futuro. Do mesmo modo, os casados podem melhorar o relacionamento ou superar uma possível crise conjugal.

O mundo profano é apontado como o responsável pelos problemas, uma vez que é farto de tentações com grande potencial de provocar brigas entre os casais. Como exemplo disso, encontram-se as redes sociais digitais, pois em algumas transcrições apareceu que o parceiro ou a parceira (mas em geral foram os homens) que, ao se utilizarem desse recurso de comunicação em suas contas individuais, desestabilizaram o casamento ou o relacionamento, pois os casais, mesmo ainda, que apenas namorados, são vistos na Universal como selando uma obrigação, esperando-se deles as mesmas atitudes de casados. O *The Love School* e a Universal fazem uso intenso das mais variadas mídias como apresentei no início deste estudo com a ideia de mídia cruzada. Nesse quesito, a discursividade presente na fala dos apresentadores prega que façam uso da tecnologia, um a favor do outro, ao mesmo tempo em que devem evitar situações que possam gerar insegurança para os dois, propondo, por fim, que um entregue a senha de acesso para o outro.

Renato e Cristiane Cardoso são conhecidos como os professores da arte de resolver questões amorosas e usam de dicas em sequencias numéricas, de forma prescritiva, ou seja, uma dica para cada problema, como se essas dicas compusessem os itens de um currículo escolar. O *The Love School* representa, de forma figurativa, uma escola com alunos e alunas, com aulas no programa de sábado, aulas-extras nas redes sociais digitais, lições e ensinamentos nas palestras da Igreja, reprises do programas de

sábado em outras emissoras e em outros formatos de mídia, além de um inusitado toque de sirene escolar ao final do programa “Escola do Amor Responde”. Até a identidade visual desse artefato de apoio já se utilizou de uma sigla *EdA* (para Escola do Amor) como de uma escola de ensino a distância (EAD).

Os apresentadores se exibem como professores sem uma formação tradicional teórica ou acadêmica, para essa função. Antes, a experiência empírica de casados, por mais de duas décadas, de quem conhece o assunto e de quem viveu muitos problemas de casado (e que não teve a Escola do Amor para ajudá-los), somado ao curso de educador matrimonial de Renato, cursado nos Estados Unidos, que lhe auferem as credenciais para sentirem-se como educadores. E com base nisso é que atuam na condição de modernos evangelizadores do casamento, como professores na televisão.

A pedagogia cultural do *The Love School* conduz a vida amorosa das pessoas que o assistem com base numa discursividade que se articula com a cultura religiosa da Universal sob a direção de Deus. Essa mesma discursividade molda um modelo de casal que prioriza o casamento acima de qualquer problema, devendo superar o menor dos desafios para impedir uma separação, e que se inspira no homem e na mulher presentes no texto bíblico, no Antigo Testamento. Tal inspiração no Antigo Testamento, como já se disse, atua como um retrocesso (*backlash*) para a vida real das mulheres, visto que “a IURD reforça a estrutura e a dominação masculina quando utiliza exemplos bíblicos de mulheres, como modelos femininos a serem seguidos, e conseqüentemente reforçam a ordem tradicional de gênero” (Bandini, 2008, p. 122). Além disso, esse modelo de casal (representado apenas por homens e mulheres heterossexuais) deve aceitar viver o casamento como um desígnio de Deus, e a mulher não deve ameaçar nem a Igreja nem a autoridade do marido, devendo ser compreensiva no auxílio do homem.

Este artefato televisivo se articula a uma política cultural em retrocesso (*backlash*), indicando o seu consumo como “verdade” fundamentada na religião neopentecostal representada pela Igreja Universal e pelos seus valores morais. Ele também opera com uma visão peculiar de mundo (olhar a partir da religião) para tratar de questões particulares (de relacionamentos amorosos) em meio a formas plurais de amor e de diferentes arranjos familiares.

Essa pedagogia cultural reúne um misto de psicologia popular, senso comum e muita cultura religiosa, e, além de tudo, parece desfavorecer mais as mulheres, deixando-as mais dependentes em relação aos homens, limitando os papéis que elas

podem viver. Tal pedagogia também promove uma ideia de dependência pessoal para elas, as quais devem se conformar em não poder “ter tudo” (marido, filhos, casa, e emprego), e são aconselhadas a preferencialmente decidir pela família, e tudo isso se difunde bem ao costume do *backlash* (Faludi, 2001), como coisas que naturalmente pertencem à cultura e à tradição.

Os representantes do campo religioso protestante parecem querer reverter muitos dos avanços políticos que a sociedade brasileira alcançou e distribuiu como direitos para a população. Há, ao que parece, uma discursividade que contra-ataca e também forma uma opinião conservadora para diferentes assuntos que deveriam ser geridos secularmente pelo poder público, visto que, desde a “virada pentecostal” introduzida pela chegada da Igreja Universal, os cenários de participação dos protestantes passaram a ser mais extensos que os espaços de seus primeiros prédios e de suas atuais catedrais.

A ideia de retrocesso ou de *backlash* parece ser um elemento que adere facilmente à cultura religiosa da Universal, aliando-se à pedagogia cultural ensinada pelo *The Love School*, e o *backlash* (retrocesso) tem como característica operar como uma política cultural em forma de ciclos. Assim, ciclicamente, a cultura parece nos fazer viver muitos momentos de intenso retrocesso (*backlash*), tanto por meio de determinados produtos da mídia quanto pelas reações de determinados grupos políticos nos impondo seus interesses.

O crescimento da Universal, que deixou de se restringir às classes populares alcançando às classes média e alta, tornou essa Igreja mais visível e acessível, mesmo longe de suas catedrais (através da Record TV e de sua mídia cruzada). Desse modo, pelas análises que aqui empreendi, e por essas características assumidas, e com grande contribuição da Igreja Universal, penso que vivemos no Brasil contemporâneo um ciclo religioso de *backlash* (retrocesso) para as coisas da vida e para as relações amorosas, para dizer o mínimo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Completar esta pesquisa sobre um tema tão apaixonante quanto o deste trabalho, que integrou, num mesmo projeto de estudo, diferentes áreas do conhecimento (como a educação, fazendo as vezes de anfitriã, aproximando-se da antropologia, da sociologia e da comunicação como convidadas bem-vindas, entre outras áreas) e pela necessária transversalidade na análise, aproximando-se de questões como as da religião, de gênero, de amor, de casamento, da pedagogia cultural, e do *backlash* (retrocesso) faz dessa seção do texto reunir para mim um misto de alegria e de tristeza. Alegria por ter vencido os desafios que eu mesmo me impus, e tristeza por me espaçar até a retomada de novos estudos. Não avancei mais na análise como gostaria para que a pesquisa não extrapolasse demais e para que não se esgotasse como possibilidade de uma nova investigação. Contudo, o que analisei aqui foi feito – segundo entendo – em duas partes: primeiro como uma pesquisa filiada ao campo dos Estudos Culturais em Educação, e, em segundo, como uma articulação entre diferentes campos do conhecimento, com os Estudos da Mídia, com a Antropologia e com a Sociologia da Religião. Ademais, cabe ressaltar mais uma vez, que este trabalho não é de um estudo sobre religião. O referencial bibliográfico trouxe alguns autores para tratar da questão da religião destacando alguns aspectos históricos, pois como dito por Peter Berger (1985, p. 41) “pode-se dizer que a religião desempenhou uma parte estratégica no empreendimento humano da construção do mundo”.

Estudar a Igreja Universal do Reino de Deus não é uma tarefa das mais simples no âmbito acadêmico em razão da enormidade de trabalhos concluídos sobre esse objeto. Ciente disso corri o risco de redocumentar o que já foi pesquisado, mas fiz um grande esforço para, com este estudo, contribuir positivamente com as problemáticas sobre essa Igreja. De qualquer modo, apresentei a constituição da IURD e a trajetória do bispo Edir Macedo pela relação direta que esta Igreja e o programa *The Love School* passaram a desempenhar. Pelo meu ponto de vista, o bispo Macedo é o grande estrategista na associação da pedagogia cultural do culto temático da “Terapia do Amor” com a pedagogia cultural do livro *Casamento blindado*.

Com base na associação descrita acima, e quanto ao programa *The Love School*, foi possível entender que a Universal desenvolveu uma nova forma de falar de religião, fazendo para tanto uso de outras linguagens, como a linguagem já consagrada pela

televisão comercial. A relação dessa Igreja com os meios de comunicação já dispõe de um considerado histórico, mas apresentar programas de fundo religioso como se de entretenimento fosse e em horário diurno me faz pensar numa outra virada operada pela Universal.

Tratar-se-ia de uma ideia de “virada midiática” na forma de comunicar a religião frente às denominações concorrentes, pois esse novo produto da grade de programação da Record TV, o *The Love School*, pode ter dado início a uma nova sequência de programas televangelizadores, os quais, nas versões mais tradicionais e “mais religiosas”, parecem monótonos e desinteressantes pelo uso da linguagem comum aos púlpitos das catedrais e pelos horários de exibição cansativos das madrugadas. Como exemplo de sequência de programas televangelizadores, destaca-se o *talk show* “Transformação Total de Pais e Filhos”, exibido pela Record News e também apresentado pelo casal Cardoso.

Ao longo do árduo trabalho de transcrições dos programas e das muitas leituras que fiz desse material, e para sustentar a ideia de “virada midiática” proposta acima, foi possível perceber nas falas do Renato, aconselhando alguém ou narrando algo, dois momentos no mesmo instante, i.e., o Renato como apresentador e educador matrimonial, e o Renato bispo da Universal. Esse segundo Renato, o bispo, não foi anunciado com alarde, mas foi sutilmente percebido nas entrelinhas dos inúmeros conselhos que, resumindo, recomendaram que as pessoas superassem seus problemas de casamento integrando espiritualmente Deus em suas relações afetivas. Talvez o mérito ou caráter inovador disso esteja no fato de ser realizado num programa de televisão em horário nobre, em rede nacional e internacional de captação aberta. Em outras palavras, em um programa que pode ser classificado de variedades e que me faz parafrasear o título da coleção literária intitulada “perfil”, do bispo Edir Macedo, pois Renato encarna o perfil de “um novo homem religioso”.

A ideia desenvolvida por André Corten (2001), de “máquina narrativa”, não utilizada nessa pesquisa, noção que descreve a condição de alguém que está em decadência social e moral, conhece a Igreja Universal por alguma circunstância, e que ao passar por um processo de “cura espiritual”, liberta-se de coisas negativas com origem no passado de suas vidas completando esse percurso ao prosperar e a melhorar de vida, ideia que Corten formula de “máquina narrativa de sucesso”, poderá auxiliar em um estudo futuro como o de inferir o quanto a fala dos apresentadores do *The Love*

*School* carrega esse modelo de narrativa como forma de evangelizar as pessoas que assistem e participam desse programa?

A categoria da pedagogia cultural, como um conceito caro para o campo da educação, pode ser percebida, nesse artefato cultural com uma outra dinâmica, que não apenas a de ensinar modos de ser e de viver. Isso porque a análise demonstrou que, conjuntamente a esse contexto, pode também apontar o contraexemplo de outras pedagogias culturais em outros artefatos culturais, e dessa vez, os do entretenimento comercial. Compreendi essa atuação do conceito nesse objeto pela introdução da cultura religiosa, com origem na Igreja Universal, criticando a cultura profana de outros produtos da mídia.

Dentre as três unidades analíticas que foram analisadas, a “ideia de uso do amor inteligente” surge como mais uma opção de tipologia de amor para ser estudada no âmbito das pesquisas, tanto dos Estudos Culturais, quanto de outros campos do conhecimento.

Na televisão, o casal de apresentadores do *The Love School* representa o televangelismo neopentecostal, moderno, colorido, dinâmico, digital, renovado. Com essa base, o casal assume uma posição de sujeitos centrais (e penso em uma versão de “sujeitos centrais eletrônicos”), representação que assume nova configuração quando eles se corporificam como sujeitos humanos na Igreja Universal (em meio às palestras semanais que oportunizam a aproximação da pedagogia e dos “pedagogos” com as pessoas que constituem a audiência da televisão).

O casal ainda exemplifica um modelo a ser seguido com base na seguinte soma de atributos: são jovens; simpáticos; didáticos; comunicativos; bem resolvidos; com uma longa história de casamento; e, o mais fundamental, religiosos praticantes e realizados como marido e mulher há mais de vinte anos. Por fim, parece que, com muita inteligência, viverão uma vida eterna nesse casamento, o qual, a meu ver, tem muito do melhor estilo de um profano amor romântico.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Neuma. **Patriarcado, sociedade e patrimonialismo**. Sociedade e Estado, vol. 15, nº 2, Brasília, 2000, pp. 303-330.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Pedagogia: a arte de erigir fronteiras**. In: BUJES, Maria Isabel Edelweiss; BONIN, Iara Tatiana (orgs.). Pedagogias sem fronteiras. Canoas: Ed. ULBRA, 2010, pp. 21-31.

ALVES, Daniel. **Conectados pelo espírito santo: redes de contato e de influência entre líderes carismáticos e pentecostais ao Sul da América Latina**. Porto Alegre. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFRGS. 2011. 236 pp.

AMORIM, Edgard Ribeiro do. **A fase áurea da TV Record**. São Paulo: Centro Cultural São Paulo, 2008. 07 pp. - Disponível em: <<http://www.centrocultural.sp.gov.br/livros/pdfs/tvrecord.pdf>> - Acesso em: 16 nov. 2014.

ASAD, Talal. **A construção da religião como uma categoria antropológica**. Cadernos de Campo, São Paulo, nº 19, 2010, pp. 263-284.

BANDINI, Claudirene Aparecida de Paula. **Costurando certo por linhas tortas: um estudo sobre as práticas femininas no interior das igrejas pentecostais**. Tese (Doutorado em Sociologia). Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Universidade Federal de São Carlos. 2008. 317 pp.

BAUER, Martin W.; AARTS, Bas. **A construção do corpus: um princípio para coleta de dados qualitativos. Parte I - Construindo um corpus de pesquisa**. In: Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som. Um manual prático. BAUER, Martin W.; GASKELL, George (editores). Petrópolis: RJ. Editora Vozes, 2002, pp. 39-63.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. (Tradução de Mauro Gama, Cláudia Martinelli Gama; revisão técnica: Luís Carlos Fridman). Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998. 272 pp.

\_\_\_\_\_. **Amores líquidos: sobre a fragilidade dos laços humanos**. (Tradução Carlos Alberto Medeiros). Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed., 2004. 127 pp.

BERGER, Peter Ludwig. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião** (Organização: Luiz Roberto Benedetti; Tradução: José Carlos Barcellos). Coleção sociologia e religião. São Paulo: Ed. Paulinas, 1985. 194 pp.

BÍBLIA SAGRADA. (Traduzida em português por João Ferreira de Almeida). 2ª edição. Barueri: São Paulo. Sociedade Bíblica do Brasil, 1993, pp. 04, 664, 920, 949, 1.049 e 1055.

BITUN, Ricardo. **Igreja Mundial do Poder de Deus: rupturas e continuidades no campo religioso neopentecostal**. São Paulo. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, PUCSP, 2007. 200 pp.

BLAINEY, Geoffrey. **Uma breve história do Cristianismo**. (Tradução de Neuza Capelo). Editora Fundamento, 2012. 212 pp.

BLEDSOE, David Allen. **Desenvolvimento histórico do pentecostalismo no Brasil**. In: Movimento neopentecostal brasileiro: um estudo de caso. São Paulo, Editora Hagnos. 2012, pp. 25-60.

BOTELHO, José Francisco. **Quem escreveu a Bíblia?** Revista Superinteressante, edição 259, dez. 2008, pp. 59-67.

BOTELHO, Octavio da Cunha. **Afinal, o que é religião?** Clube de Autores, Joinville, 2014. 202 pp.

BOUMANS, Jak. **Crossmedia - e-content report 8. ACTeN - Anticipating Content Technology Needs**. 2004. 21 pp. - Disponível em: <[http://acten.net/uploads/images/432/Cross\\_Media.pdf](http://acten.net/uploads/images/432/Cross_Media.pdf)> - Acesso em: 19 abr. 2016.

BRUCKNER, Pascal. **O paradoxo do amor**. DIMARCH, Bruno Fischer. Fronteiras do Pensamento, São Paulo, 2014. 03 pp.  
Disponível em: <<http://www.fronteiras.com/resumos/oparadoxodoamor>> - Acesso em: 30 set. 2015.

CAMOZZATO, Viviane Castro; COSTA, Marisa Vorraber. **Vontade de pedagogia – pluralização de pedagogias e condução de sujeitos**. Cadernos de Educação (UFPel), n.º. 44, (jan./abr.), 2013, pp. 22-44.

CAMPOS, Leonildo Silveira. **As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação ainda pouco avaliada**. Revista USP, São Paulo, n.º 67, (set./nov.) 2005, pp. 100-115.

CANTE, Freddy. **Economía política del amor**. Cuadernos de Economía, 32 (59), 2013, pp. 43-65.

CARDOSO, Renato; CARDOSO, Cristiane. **Casamento blindado - o seu casamento a prova de divórcio**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2012. 220 pp.

\_\_\_\_\_. **Namoro blindado: o seu casamento a prova de coração partido**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2016. 320 pp.

CARDOSO, Rodrigo; LOES, João. **O homem que multiplica fiéis**. Revista Isto É. Seção Comportamento, edição n.º 2151, (28 jan. 2011). Disponível em: <[http://www.istoe.com.br/reportagens/122005\\_O+HOMEM+QUE+MULTIPLICA+FI+EIS](http://www.istoe.com.br/reportagens/122005_O+HOMEM+QUE+MULTIPLICA+FI+EIS)> - Acesso em: 16 abr. 2016.

CATEQUISAR. **Os dez mandamentos**. 03 pp. - Disponível em:  
<<http://www.catequisar.com.br/texto/catequese/crisma/apostila/01/imaculada/pfo/02.htm>> - Acesso em: 23 out. 2015.

CHAGAS, Tiago. “**A Escola do Amor**”: TV Record passou a transmitir programa de autoajuda da IURD para casais. 02 pp. - Gnotícias. Disponível em:  
<<http://noticias.gospelmais.com.br/escola-amor-record-transmitir-programa-casais-27412.html>> - Acesso em: 09 abr. 2015.

CORTEN, André. **O pentecostalismo transnacionalizado no contexto teológico-político**. Revista Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 7, nº 15, (jul./2001), pp. 149-160

COSTA, Luciana Ferreira da; RAMALHO, Francisca Arruda. **Religare**: comportamento informacional à luz do modelo de Ellis. Revista TransInformação, Campinas, 22(2), (maio/ago.), 2010, pp. 169-186.

COSTA, Suely Gomes. **Movimentos feministas, feminismos**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, 12(N:E): 264, (set./dez.), 2004, pp. 23-36.

COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel; SOMMER, Luís Henrique. **Estudos Culturais, educação e pedagogia**. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, nº 23, (maio/jun./jul./ago.), 2003, pp. 36-61.

\_\_\_\_\_; ANDRADE, Paula Deporte. **Na produtiva confluência entre educação e comunicação, as pedagogias culturais contemporâneas**. Revista PERSPECTIVA, Florianópolis, vol. 33, nº 2, (maio/ago.), 2015, pp. 843-862.

CRUZ, João Everton da. **Religião e movimento**. Revista Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, 30(2), 2010, pp. 184-186.

DURKHEIM, Emile. **As formas elementares da vida religiosa** - o sistema totêmico australiano. (Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura). In: Os Pensadores, Editor: Victor Civita, 1983, pp. 205-245.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Estudos Culturais**: uma introdução. In: O que é, afinal, Estudos Culturais? Belo Horizonte: Autêntica, 1998, pp. 133-166.

EVANGELIZAÇÃO. **Bíblia Católica e Bíblia Evangélica**: qual a diferença? Disponível em:  
<<http://www.evangelizacao.blog.br/bibliacaticabibliaevangelicadiferenca.aspx>>  
- Acesso em: 22 abr. 2016. 03 pp.

FABRIS, Eli Terezinha Henn. **A Pedagogia do herói nos filmes hollywoodianos**. Revista Currículo Sem Fronteiras, vol. 10, nº. 1, (jan./jun.) 2010, pp. 232-245.

FALUDI, Susan. **Backlash**: o contra-ataque na guerra não declarada contra as mulheres. (Gênero Plural). Rio de Janeiro: Rocco, 2001. 454 pp.

FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. **Casamento contemporâneo**: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. Revista Psicologia Reflexão e Crítica, vol.11, nº. 2, 1998, pp. 379-394.

FERNANDES, Letícia Prezzi. **Produções de casamentos contemporâneos**: educação, cultura e gênero. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 2014. 137 pp.

FERNANDES, R. C. *et. al.*. **Novo nascimento**: os evangélicos em casa, na igreja e na política. Rio de Janeiro: Mauad, 1998. 264 pp.

FREIRE, Silvana Matias. **Glossolalias**: ficção, semblante, utopia. Tese (Doutorado em Letras). Campinas, 2007, Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP. 107 pp.

FRIEDAN, Betty. **Mística feminina**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes. 1971. 325 pp.

GAARDER, Jostein; HELLERN, Victor; NOTAKER, Henry. **O livro das religiões**. (Tradução de Isa Mara Lando; revisão técnica e apêndice de Antônio Flavio Pierucci). São Paulo: Companhia das Letras, 2000. 326 pp.

GEERTZ, Clifford. **A religião como sistema cultural**. In: A interpretação das culturas. 1ª edição, 13ª impressão LTC, Rio de Janeiro, 2008, pp. 65-91.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. (Tradução da Magda Lopes). São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993, pp. 09-11, pp. 47-75.

GIUMBELLI, Emerson. **Cultura pública**: evangélicos e sua presença na sociedade brasileira. In: Símbolos religiosos em controvérsia. São Paulo: Terceiro Nome, 2014, pp. 189-207.

GOETHE, Johann Wolfgang Von. **Os sofrimentos do Jovem Werther**. Porto Alegre: L&PM, 2010. 208 pp.

GOMES, Geórgia Daphne Sobreira. **O poder da Igreja Universal do Reino de Deus**: um estudo sobre a inserção sociopolítica dos *neopentecostais* no Brasil e suas implicações para a democracia. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), PUCSP. São Paulo, 2010. 285 pp.

HALL, Stuart. **A centralidade da cultura**: notas sobre as revoluções de nosso tempo. Disponível em: <[www.ufrgs.br/neccso/word/texto\\_stuart\\_centralidadecultura.doc](http://www.ufrgs.br/neccso/word/texto_stuart_centralidadecultura.doc)> - Acesso em 20/03/2015. 23 pp. - (Texto digitado).

\_\_\_\_\_. **A identidade cultural na pós-modernidade**. (Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro). 5ª edição. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001, pp. 07-46.

\_\_\_\_\_. **Da diáspora: identidades e mediações culturais.** Organização Liv Sovik. (Tradução Adelaine La Guardia Resende *et. al.*) - Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003. 434 pp.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. **O peregrino e o convertido: a religião em movimento.** (Tradução de João Batista Kreuch). Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. 228 pp.

HOUAISS, Antônio. VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.** RJ: objetiva, 2009, pp. 119 e 416.

IBARRA, David. **O neoliberalismo na América Latina.** Revista de Economia Política, vol. 31, nº 2 (122), (abr./jun.), 2011, pp. 238-248.

ISTO É DINHEIRO. **Edir Macedo lança versão gospel da Netflix.** Disponível em: <<http://www.istoedinheiro.com.br/noticias/economia/20160511/edirmacedolancaversao-gospelnetflix/371843>> - Acesso em: 11 de maio/2016. 02 pp.

JACKS, Nilda *et al.*. **Passione e Avenida Brasil: produção crossmídia e recepção transmidiática?** In: Estratégias de transmidiação na ficção televisiva brasileira. Maria Immacolata Vassallo de Lopes (org.). Porto Alegre: Sulina, 2013, pp. 179-215.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência.** (Tradução Susana Alexandria). 2ª edição, São Paulo, SP: Aleph, 2009. 428 pp.

JUNGES, Márcia. **Todos os discursos sobre Deus são possíveis e imagináveis em nossa sociedade.** Revista do Instituto Humanitas da Unisinos, São Leopoldo, (set.), edição 308, 2009, pp. 14-17.

KELLNER, Douglas. **Cultura da Mídia - Estudos Culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno.** Bauru, São Paulo: EDUSC, 2001. 454 pp.

KEPEL, Gilles. **A revanche de Deus: cristãos, judeus e muçulmanos na reconquista do mundo.** São Paulo: Editora Siciliano. 1991. 243 pp.

LARAIA, Roque de Barros. **Jardim do Éden revisitado.** Revista de Antropologia, São Paulo, USP, vol. 40, nº 1, 1997, pp. 149-164.

LEITE, Sidney Ferreira. **Reflexões sobre comunicação e sociedade: as contribuições de Douglas Kellner.** Revista Eletrônica e-compós, 2004. 18 pp. - Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/5/6>> - Acesso em: 08 out. 2015.

LEMO, Cristina; TAVOLARO, Douglas. **O bispo – A história revelada de Edir Macedo.** São Paulo: Editora Larousse do Brasil, 2007. 276 pp.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem.** (Tradução de Tania Pellegrini) - Campinas, SP: Papirus, 1989. 324 pp.

LINS, Regina Navarro. **O livro do amor: da Pré-história à Renascença**. Vol. 1, Rio de Janeiro: Best Seller, 2012a. 288 pp.

\_\_\_\_\_. **O livro do amor: do Iluminismo a atualidade**. Vol. 2, Rio de Janeiro: Best Seller, 2012b. 286 pp.

LOURO, Guacira Lopes. **A emergência do gênero**. In: *Gênero, sexualidade e educação – uma abordagem pós-estruturalista*. 6ª edição - Petrópolis: Vozes, 2007, pp. 14-36.

LUHMANN, Niklas. **O amor como paixão: para a codificação da intimidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa, Portugal: Difel, 1991. 250 pp.

MACEDO, Ana Gabriela. **Pós-feminismo**. Revista de Estudos Feministas, Florianópolis, vol.14, nº 3, 2006, pp. 813-817.

MACEDO, Edir. **Nada a perder** - Momentos de convicção que mudaram minha vida - (livro 1). 1ª edição, São Paulo: Planeta, 2012. 288 pp.

\_\_\_\_\_. **Nada a perder** - Meus desafios diante do impossível (livro 2). 1ª edição, São Paulo: Planeta, 2013. 288 pp.

\_\_\_\_\_. **Nada a perder** - Do coreto ao Templo de Salomão: a fé que transforma - (livro 3). 1ª edição, São Paulo: Planeta, 2014. 304 pp.

McROBBIE, Ângela. **Pós-feminismo e cultura popular: Bridget Jones e o novo regime de gênero**. In: CURRAN, James; MORLEY, David. *Media and Cultural Theory*. (Tradução de Márcia Rejane Messa). London/New York: Routledge, 2006, pp. 59-69.

MAFRA, Clara; SWATOWISK, Sonia; SAMPAIO, Camila. **O projeto pastoral de Edir Macedo: uma igreja benevolente para indivíduos ambiciosos?** Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 27, nº 78, 2012, pp. 81-96.

MARCONDES, Eduardo. **O mito do amor romântico**. 2010. 03 pp. - Disponível em: <<http://eduardomarcondes.wordpress.com/2010/04/08/o-mito-do-amor-romantico/>> Acesso em: 30 set. 2015.

MARIANO, Ricardo. **A Igreja Universal do Reino de Deus e a magia institucionalizada**. Revista USP, São Paulo (31), (set./nov.), 1996a, pp. 120-131.

\_\_\_\_\_. **Neopentecostais e a teologia da prosperidade**. Revista Novos Estudos - CEBRAP, nº 44 (mar.), 1996b, pp. 24-44.

\_\_\_\_\_. **Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal**. Revista Estudos Avançados, 18 (52), 2004, pp. 121-138.

\_\_\_\_\_. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. São Paulo: Edições Loyola, 2014. 246 pp.

MARIANO, Silvana Aparecida. **O sujeito do feminismo e o pós-estruturalismo**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, 13(3): 320, (set./dez.), 2005, pp. 483-505.

MATOS, Alderi Sousa de. **A reforma protestante do século XVI**. 2011a. Disponível em: <<http://www.mackenzie.br/6962.html>> - Acesso em: 07 abr. 2016. 09 pp.

\_\_\_\_\_. **O desafio do neopentecostalismo e as igrejas reformadas**. 2011b. Disponível em: <<http://www.mackenzie.br/7090.html>> - Acesso em: 28 abr. 2016. 11 pp.

MATOS, Marlise. **Teorias de gênero ou teorias e gênero?** Se e como os estudos de gênero e feministas se transformam em um campo novo para as ciências. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, 16(2): 440, (maio/ago.), 2008, pp. 333-357.

MEYER, Dagmar Estermann. **Gênero e educação: teoria e política**. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Villodre (Org.). Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação. 3ª edição, Petrópolis: Vozes, 2003, pp. 09-27.

\_\_\_\_\_. **Teorias e políticas de gênero: fragmentos históricos e desafios atuais**. Revista Brasileira de Enfermagem, Brasília (DF), 57(1), (jan./fev.), 2004, pp. 13-18.

MEZAN, Renato. **O amor romântico no século XXI**. Instituto Nacional de Altos Estudos, INAE, Rio de Janeiro, 2008. 10 pp.

MONTEIRO, Maria Conceição. **Figuras errantes na época vitoriana: a preceptora, a prostituta e a louca**. Revista Fragmentos, Florianópolis, vol. 8, nº 1, (jul./dez.), 1998, pp. 61-71.

MORAES, Gerson Leite. **Neopentecostalismo - um conceito-obstáculo na compreensão do subcampo religioso pentecostal brasileiro**. Revista de Estudos da Religião, (jun.), 2010, pp. 01-19. Disponível em: <[www.pucsp.br/rever/rv2\\_2010/t\\_moraes.pdf](http://www.pucsp.br/rever/rv2_2010/t_moraes.pdf)> - Acesso em: 20 de maio 2016.

MURARO, Rose Marie. **A mulher brasileira e a sociedade do consumo**. In: Mística feminina. Petrópolis, RJ: Editora Vozes Limitada, 1971, pp. 07-10.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. **Apresentação**. Revista Ciências Sociais e Religião (Asociación de Cientistas Sociales de la Religión del Mercosur). Ano 6, nº 6, 2004, pp. 07-10.

NETO, Antonio Julio Menezes. **A Igreja Católica e os movimentos sociais do campo: a Teologia da Libertação e o movimento dos trabalhadores rurais sem terra**. Caderno CRH, Salvador, vol. 20, nº 50, (maio./ago.), 2007, pp. 331-341.

NEVES, Ana Sofia Antunes das. **As mulheres e os discursos *genderizados* sobre o amor**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis 15(3), (set./dez.) 2007, pp. 609-627.

NICHOLSON, Linda. **Interpretando o gênero**. (Tradução de Luiz Felipe Soares). Revista Estudos Feministas, Florianópolis, vol. 8, nº 2, 2000, pp. 09-42.

NVIVO 10 *for windows*. **Introdução**. Disponível em:  
<<http://download.qsrinternational.com/Document/NVivo10/NVivo10-Getting-Started-Guide-Portuguese.pdf>> - Acesso em 21 jan. 2016. 44 pp.

O'DEA, Thomas F. de. **Sociologia da religião**. (Tradução de Dante Moreira Leite). Editora Pioneira: São Paulo, 1969. 171 pp.

O FIEL CATÓLICO. **Católica e protestante: por que existem Bíblias diferentes?** Revista de teologia, catequese e doutrina. Disponível em:  
<<http://www.ofielcatolico.com.br/2001/05/catolicaeprotestanteporqueexistem.Html>> - Acesso em: 22 abr. 2016. 07 pp.

OLIVEIRA LIMA, Diana Nogueira de. **“Trabalho”, “mudança de vida” e “prosperidade” entre fiéis da Igreja Universal do Reino de Deus**. Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, 27(1), 2007, pp. 132-155.

OLIVEIRA JUNIOR, Antonio Carlos de. **Línguas de anjos: sobre glossolalia de línguas**. São Paulo: Annabrume, 1ª edição, (set.), 2000. 80 pp.

ORO, Ari Pedro. **A presença religiosa brasileira no exterior: o caso da Igreja Universal do Reino de Deus**. Revista Estudos Avançados 18 (52), 2004, pp. 139-155.

\_\_\_\_\_. **Algumas interpelações do Pentecostalismo no Brasil**. (Dossiê: Pentecostalismo no Brasil). Revista Horizonte, Belo Horizonte, vol. 9, nº. 22, (jul./set.), 2011, pp. 383-395.

\_\_\_\_\_. **Neopentecostalismo**. (Texto digitado). 2015a. 07 pp.

\_\_\_\_\_. **Igreja Universal do Reino de Deus**. (Texto digitado). 2015b. 06 pp.

OTTO, Rudolf. **O Sagrado: aspectos irracionais na noção de divino e sua relação com o racional**. (Tradução de Walter O. Schlupp), São Leopoldo; Sinodal, EST, Petrópolis: Vozes, 2007. 224 pp.

PAEGLE, Eduardo Guilherme de Moura. **A “Macdonaldização” da fé - um estudo sobre evangélicos brasileiros**. Protestantismo em Revista. Revista Eletrônica do Núcleo de Estudos e Pesquisa do Protestantismo (NEPP) da Escola Superior de Teologia, vol. 17, (set./dez.), 2008, pp. 86-99.

PARAÍSO, Marlucy Alves. **Contribuições dos Estudos Culturais para a educação**. Revista Presença Pedagógica, Belo Horizonte, vol. 10, nº. 55, (fev.), 2004, pp. 53-61.

PEIXOTO, Maria Cristina Leite. **Religião, secularização e modernidade**. Revista Mediação, Belo Horizonte, vol. 14, nº. 15, (jul./dez.), 2012, pp. 111-128.

PENAFORTE, Syrleine. **O casamento e o mito do amor romântico**. 2009. 02 pp. Disponível em:

<[http://www.vivaviver.com.br/plano\\_geral/o\\_casamento\\_e\\_o\\_mito\\_do\\_amor\\_romantic\\_o/453/](http://www.vivaviver.com.br/plano_geral/o_casamento_e_o_mito_do_amor_romantic_o/453/)> - Acesso em: 22 fev. 2011.

PINHEIRO, Renata Kabke. **Literatura, discurso e questões de gênero**: considerações sobre dois *best-sellers* do século XXI, suas protagonistas e seus reflexos sobre as leitoras. Revista Língua & Literatura, vol. 15, n.º 25, (dez.), 2013, pp. 101-126.

PIRES, Suyan Maria Ferreira. **Amor romântico na literatura infantil**: uma questão de gênero. Revista Educar, Curitiba, n.º 35, 2009, pp. 81-94.

PRETI, Dino. **Análise de textos orais**. PRETI, Dino (Org.). (Projetos paralelos: vol. 1). 4ª edição, São Paulo: Humanitas publicações FFLCH/USP, 1999. 237 pp.

PUC-Rio. **Pressupostos históricos do metodismo**: origem e práxis social.

Disponível em: <[http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/19661/19661\\_3.PDF](http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/19661/19661_3.PDF)> - Acesso em 24 ago. 2015, pp. 27-72.

PUC-Rio. **A história da Bíblia como história do livro**. Disponível em:

<[http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/10438/10438\\_3.PDF](http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/10438/10438_3.PDF)> - Acesso em: 25 abr. 2016, pp. 18-78.

ROCHA, Rose de Melo; CASTRO, Gisela G. S.. **Cultura da mídia, cultura do consumo**: imagem e espetáculo no discurso pós-moderno. Revista Logos 30 – Tecnologias de Comunicação e Subjetividade, ano 16, (1º semestre), 2009, pp. 48-59.

ROCHA, Simone Maria. **Os Estudos Culturais e a análise cultural da televisão**: considerações metodológicas. Revista Interamericana de Comunicação Midiática, Santa Maria, vol. 10, n.º. 19, 2011. 20 pp. - Disponível em:

<<http://periodicos.ufsm.br/animus/article/view/3000/2470>> - Acesso em: 16 de maio/2016.

RODRIGUES, Donizete; CAMPOS, Roberta Bivar C.. **Os estudos socioantropológicos da religião no Brasil**: o caso da IURD. In Revista ANTHROPOLOGICAS, ano 12, volume 19 (1), 2008, pp. 07-15.

ROSE, Gillian. **Visual methodologies - An introduction to the interpretation of visual**. Second edition. Sage productions. 2007. 385 pp.

ROUGEMONT, Dennis de. **O amor e o Ocidente**. (Tradução de Paulo Brandi e de Ethel Brandi Cachapuz). Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1988. 340 pp.

RÜDIGER, Francisco. **O amor no século XX**: romantismo democrático versus intimismo terapêutico. Revista Tempo Social - (Revista de sociologia da USP), vol. 24, n.º. 2, 2012, pp. 149-168.

SANTANA, Patrícia Nardelli P.. **Eu não sou de Vênus**: uma análise do sexismo em livros de autoajuda. Fazendo Gênero 8, Florianópolis, 2008. 07 pp. - Disponível em: <[www.fazendogenero8.ufsc.br/sts/.../Patricia\\_Nardelli\\_Santana\\_47.pdf](http://www.fazendogenero8.ufsc.br/sts/.../Patricia_Nardelli_Santana_47.pdf)> - Acesso em: 26 de maio/2015.

SARTI, Cynthia Andersen. **O feminismo brasileiro desde os anos 1970**: revisitando uma trajetória. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, 12(2): 264, (maio/ago.), 2004, pp. 35-50.

SCOTT, Joan W.. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. Revista Educação e Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2 (jul./dez.),1995, pp. 71-99.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. 158 pp.

\_\_\_\_\_. **Teoria cultural e educação** - Um vocabulário crítico. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. 128 pp.

SILVA, Adriana Gonçalves da. **O Pessoal é político**: gênero e opressão no quarto fechado de Lya Luft. 1º Colóquio Internacional e /4º Colóquio Nacional de Estudos Linguísticos e Literários, Maringá, 2010. 12 pp. - Disponível em: <<http://www.cielli.com.br/downloads/11.pdf>> - Acesso em: 30 set. 2015.

SILVA, Wendell Rodrigues. **Religião e mídia**: o evangelho segundo a TV. Dissertação (Mestrado em Ciência das Religiões) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. Centro de Educação – Universidade Federal da Paraíba. 2012, 127 pp.

SIQUEIRA, Márcia Conceição Bottari. **Mulher** - um papel em construção. Florianópolis, 2002. 33 pp. (Texto digitado).

STOLKE, Verena. *La mujer es puro cuento: la cultura del género*. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, 12(2): 264, (maio-ago.), 2004, pp. 77-105.

TADVALD, Marcelo. **Veredas do sagrado**: Brasil e Argentina no contexto das transnacionalização religiosa. Porto Alegre: Cirkula, 2015. 367 pp.

TOLEDO, César de Alencar Arnaut; VIEIRA, Paulo Henrique. **A reforma protestante nos manuais de história da educação da Escócia**. Revista Fides Reformata XV, nº 1, 2010, pp. 95-109.

TOPEL, Marta Francisca. **A inusitada incorporação do Judaísmo em vertentes cristãs brasileiras**: algumas reflexões. Revista brasileira de História das Religiões, ANPUH, ano IV, nº 10, (maio), 2011, pp. 35-50.

TOPEL, Matha. **Neopentecostais e neo-ortodoxos em São Paulo**: diferenças e semelhanças nas estratégias de recrutamento de novos membros. In: Identidade e cidadania: como se expressa o judaísmo brasileiro. LEWIN, H.. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009, pp. 647-661.

VEYNE, Paul. **Quando nosso mundo se tornou cristão**: [312-394]. (Tradução de Marcos de Castro). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. 288 pp.

XAVIER, Ismail. **A decupagem clássica**. In: O discurso cinematográfico: a opacidade e a transparência. 3ª edição, São Paulo: Paz e Terra. 2005, pp. 27-39.

ZORDAN, Eliana Piccoli; FALCKE, Denise; WAGNER, Adriana. **Casar ou não casar?** Motivos e expectativas com relação ao casamento. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, vol. 15, nº. 2, (ago.), 2009, pp. 56-76.

WOHLGEMUTH, Júlio. **Vídeo educativo**: uma pedagogia audiovisual. Brasília: Senac-DF, 2005, pp. 10-78.

WORTMANN, Maria Lúcia C.. **Análises culturais** – um modo de lidar com histórias que interessam à educação. In: Costa, Marisa Vorraber (org.); Alfredo Veiga-Neto...[*et. al.*]. Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2007, pp. 71-92.

\_\_\_\_\_; COSTA, Marisa Vorraber; SILVIERA, Rosa Hessel. **Sobre a emergência e a expansão dos Estudos Culturais em educação no Brasil**. *Revista Educação PUCRS*, Porto Alegre, vol. 38, nº. 1, (jan./abr.). 2015, pp. 32-48.

#### **AUDIOVISUAIS – Programas de Televisão**

Programa *The Love School* (A Escola do Amor). **“Amor inteligente”**, exibido em 16/09/2013, 59min58s - Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=0dvmnBYVDic>> - Acesso em: 29 abr. 2015.

Programa *The Love School* (A Escola do Amor). **“Escola do amor especial 2 Anos”**, exibido em 16/11/2013, 59min01s - Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=DlzCnF0Gb9s>> - Acesso em: 29 abr. 2015.

Programa *The Love School* (A Escola do Amor). **“O cruzeiro da Escola do Amor”**, exibido em 19/04/2014, 55min20s - Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=rmck0U4xzFc>> - Acesso em: 29 abr. 2015.

Programa *The Love School* (A Escola do Amor). **“Ajustando a comunicação”**, exibido em 15/11/2014, 58min10s - Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=2PoRLpemLRE>> - Acesso em: 24 abr. 2015.

Programa *The Love School* (A Escola do Amor). **“Quando ele é a mulher na relação”**, exibido em 22/11/2014, 57min10s - Disponível em:

<[https://www.youtube.com/watch?v=4gU\\_7rIK1EE](https://www.youtube.com/watch?v=4gU_7rIK1EE)> - Acesso em: 24 abr. 2015.

Programa *The Love School* (A Escola do Amor). **“O que leva a traição?”**, exibido em 29/11/2014, 56min41s - Disponível em:

<[https://www.youtube.com/watch?v=6OmFLAKgX\\_U](https://www.youtube.com/watch?v=6OmFLAKgX_U)> - Acesso em: 09 mar. 2015.

Programa *The Love School* (A Escola do Amor). “**Mulher fácil ou difícil?**”, exibido em 06/12/2014, 57min27s - Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=ACxd6S8gnYw>> - Acesso em: 06 abr. 2015.

Programa *The Love School* (A Escola do Amor). “**Namoro a distância**”, exibido em 13/12/2014, 57min55s - Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=wnpuFxWhMmA>> - Acesso em: 24 abr. 2015.

Programa *The Love School* (A Escola do Amor). “**Superação**”, exibido em 20/12/2014, 57min25s - Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=iZnP\\_bCiSiE](https://www.youtube.com/watch?v=iZnP_bCiSiE)> - Acesso em: 24 abr. 2015.

Programa *The Love School* (A Escola do Amor). “**Especial casamento blindado**”, exibido em 27/12/2014, 59min05s -

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zwV26z6J8OY>> - Acesso em: 24 abr. 2015.

Programa *The Love School* (A Escola do Amor). “**Especial de Ano Novo**”, exibido em 03/01/2015, 58min04s - Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=W-ta-tIv-0>> - Acesso em: 24 abr. 2015.

Programa *The Love School* (A Escola do Amor). “**Brigando por bobagens**”, exibido em 10/01/2015, 56min09s - Disponível em:

<[https://www.youtube.com/watch?v=Y0bv5\\_tlBM4](https://www.youtube.com/watch?v=Y0bv5_tlBM4)> - Acesso em: 24 abr. 2015.

Programa *The Love School* (A Escola do Amor). “**Amor de retrovisor**”, exibido em 17/01/2015, 57min13s - Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=ICjtJEYgvLs>> - Acesso em: 24 abr. 2015.

Programa *The Love School* (A Escola do Amor). “**Mito da solteirice**”, exibido em 24/01/2015, 53min23s - Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=pKxl9f83ck0>> - Acesso em: 24 abr. 2015.

Programa *The Love School* (A Escola do Amor). “**Voltar com o ex**”, exibido em 31/01/2015, 56min39s - Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=F9FPuGz6uL8>> - Acesso em: 24 abr. 2015.

Programa *The Love School* (A Escola do Amor). “**Virei mãe e esqueci meu marido**”, exibido em 07/02/2015, 56min32s - Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=Llr5sge2kmU>> - Acesso em: 24 abr. 2015.

Programa *The Love School* (A Escola do Amor). “**Atração mental**”, exibido em 14/02/2015, 59min20s - Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=teXcy-m8UjQ>> - Acesso em: 24 abr. 2015.

Programa *The Love School* (A Escola do Amor). “**Sucesso e solidão**”, exibido em 21/02/2015, 58min34s - Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=SH8l-h--gQ>> - Acesso em: 29 abr. 2015.

Programa *The Love School* (A Escola do Amor). “**Desapimentando a relação**”, exibido em 28/02/2015, 57min24s - Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=fxMqPdRfz8w>> - Acesso em: 24 abr. 2015.

Programa *The Love School* (A Escola do Amor). “**Supervirtuosa**”, exibido em 07/03/2015, 56 min12s - Disponível em:

<[https://www.youtube.com/watch?v=NcyvCm\\_HlzA](https://www.youtube.com/watch?v=NcyvCm_HlzA)> - Acesso em: 24 abr. 2015.

Programa *The Love School* (A Escola do Amor). “**Exclusivo ou excluído?**”, exibido em 14/03/2015, 56 min02s - Disponível em:

<[https://www.youtube.com/watch?v=x9\\_yIb4KgrU](https://www.youtube.com/watch?v=x9_yIb4KgrU)> - Acesso em: 24 abr. 2015.

Programa *The Love School* (A Escola do Amor). “**Redes sociais e relacionamentos**”, exibido em 21/03/2015, 55 min50s - Disponível em:

<<https://www...youtube...com/watch?v=Odd93t1KpQ0>> - Acesso em: 24 abr. 2015.

Programa Escola do Amor Responde. “**Como surgiu a Caminhada do Amor?**”, publicado em 27/03/2015, 05min45s -

Disponível em: <<https://www...youtube...com/watch?v=39IzGnDTZ6I>> - Acesso em: 24 abr. 2015.

Programa *The Love School* (A Escola do Amor). “**Chantagem emocional**”, exibido em 28/03/2015, 58 min14s - Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=CH144McpW5E>> - Acesso em: 29 abr. 2015.

Programa *The Love School* (A Escola do Amor). “**Hollywood x relacionamento**”, exibido em 04/04/2015, 56min03s - Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=2rBSVlushmI>> - Acesso em: 24 abr. 2015.

Programa Conexão Repórter – “**A trajetória de Edir Macedo**” por Roberto Cabrini, exibido em 27/04/2015 pela TV SBT, 1h22min53s -

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=LViRUp8U0Xc>> - Acesso em: 28 abr. 2015.

Programa *The Love School* (A Escola do Amor). “**Especial retrospectiva**” - Publicado em 13/01/2016, 58min18s - Disponível em

<<https://www.youtube.com/watch?v=LX1Uqw6Pv-A>> - Acesso em: 12 abr. 2016.

## SITES CONSULTADOS

**Canais de transmissão *The Love School***. Disponível em:

<<https://www.dropbox.com/s/yqva6w6t08sa9rx/Canais%20de%20transmiss%C3%A3o%20-%20Love%20School.pdf>> - Acesso em: 14 abr. 2015.

**Casamento Blindado**. Disponível em:

<<http://www.casamentoblindado.com/index.html>> - Acesso em: 29 out. 2015.

CEZAR, Paulo. **Mundo Cristão** – Universal.org. - Disponível em:  
<[http://www.universal.org/noticia/2014/07/23/porqueauniversalutilizousimbolosdacultu  
rajudaicanaconstrucaodotemplodesalomao30539.html](http://www.universal.org/noticia/2014/07/23/porqueauniversalutilizousimbolosdacultu<br/>rajudaicanaconstrucaodotemplodesalomao30539.html)> - Acesso em: 20 abr. 2016.

**Cinco Emissoras em Porto Alegre.** Rádio Guaíba 720 AM; rádio Guaíba 101, 3 FM; rádio Aleluia 100,5 FM; rádio Capital 840 AM; e rádio Catedral 1210 AM. Canais de transmissão do *The Love School*. Disponível em:  
<<https://www.dropbox.com/s/yqva6w6t08sa9rx/Canais%20de%20transmiss%C3%A3o%20-%20Love%20School.pdf>> - Acesso em: 14 abr. 2015.

**Curso Casamento Blindado com Renato e Cristiane Cardoso.** Disponível em:  
<<http://www.casamentoblindado.com/curso/sobre.php>> - Acesso em: 09 abr. 2015.

**Dicionário Web. Backlash.** Disponível em:  
<<http://www.dicionarioweb.com.br/ingles/backlash/>> - Acesso em: 07 out. 2015.

**Dictionarist. Backlash.** Disponível em: <<http://oque.dictionarist.com/backlash>> - Acesso em 07 out. 2015.

Eclésia – Portal Evangélico de Notícias. **Edir Macedo se apropria cada vez mais de símbolos do Judaísmo.** 2014. 02 pp. - Disponível em:  
<<http://eclesia.com.br/portal/edirmacedoseapropriacadavezmaisdesimbolosdojudaismo/>> - Acesso em 20 abr. 2016.

**Folha Universal.** Versão impressa (para consulta *online*). Disponível em:  
<<http://www.universal.org/folha-universal>> - Acesso em: 09 abr. 2015.

**Godllywood.** Disponível em: <<http://www.godllywood.com/br/>> - Acesso em: 16 de maio 2016.

**Goodllywood School.** Disponível em:  
<<http://www.godllywood.com/school/2015/11/20/godllywood-school-uma-escola-para-vida/>> - Acesso em: 24 nov. 2016.

**Intellimen.** Disponível em: <<http://sites.universal.org/intellimen/>> - Acesso em: 18 de maio 2016.

**National Marriage Centers.** Disponível em: <<http://www.marriagecenters.com/>> - Acesso em: 09 abr. 2015.

**Namoro Blindado.** Disponível em: <<https://www.namoroblindado.com/>> - Acesso em: 25 de maio 2016.

Record Internacional. **Programação de qualidade em mais de 150 países.** Disponível em: <<http://recordinternacional.r7.com/noticias/detales/conheca-a-empresa-20101026.html?print=true>> - Acesso em: 09 abr. 2015.

**Redes Sociais Digitais do programa The Love School.** Disponível em:  
<<http://www.casamentoblindado.com/index.html#redes>> - Acesso em: 09 abr. 2015.

**R7. Portal do grupo Record.** Disponível em: <<http://www.r7.com/>> - Acesso em: 01 nov. 2015.

Programação Rede Pampa de Televisão. **Programação.** Disponível em: <<http://www.hagah.com.br/tv/canal/tv-pampa-rede-tv-porto-alegre>> - Acesso em: 03 nov. 2015.

Programação Rede Bandeirantes de Televisão. **Programação.** Disponível em: <<http://www.band.uol.com.br/tv/rs/programacao.asp>> - Acesso em: 03 nov. 2015.

**Quadros do Programa *The Love School*.** Disponível em: <<http://entretenimento.r7.com/love-school-escola-amor/quadros/noticias>> - Acessos em: 16 abr. 2015 e 06 abr. 2016.

**Revista *The Love School*.** Disponível em: <<http://www.arcacenter.com.br/livros/revistas.html>> - Acesso em: 08 jul. 2015.

**Terapia do Amor.** Culto temático da Igreja Universal. Disponível em: <<http://sites.universal.org/terapiadoamor>> - Acesso em: 10 nov. 2014.

***The Love School – A Escola do Amor.*** Disponível em: <<http://entretenimento.r7.com/love-school-escola-amor>> - Acesso em: 09 abr. 2015.

***The Love School – Canal de compartilhamento de vídeos no YouTube.*** Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/CanalTheLoveSchool>> - Acesso em: 09 abr. 2015.

**TV Universal.** Disponível em: <<http://sites.universal.org/tvuniversal/>> - Acesso em: 09 abr. 2015.

**Transformação Total de Pais e Filhos.** Disponível em: <<http://sites.universal.org/paisefilhos/>> - Acesso em 07 abr. 2016.

Universal. **O portal da Igreja Universal do Reino de Deus.** Disponível em: <<http://www.universal.org/>> - Acesso em: 01 nov. 2015.

\_\_\_\_\_. **Bispo Macedo recebe título de capelão nos Estados Unidos.** Disponível em: <<http://www.universal.org/noticia/2014/10/07/bispo-macedo-recebe-titulo-de-capelao-nos-estados-unidos-31156.html>> - Acesso em: 03 set. 2015.

UNIVER. **Plataforma de vídeos cristãos.** Disponível em: <<https://univerparacer.com/>> - Acesso em: 11 de maio 2016.

## APÊNDICE

### Exemplo de transcrição do programa *The Love School*

1.1. Quando ele é a mulher da relação (Tema principal) – exibido em 22/11/2014 –  
Duração: 57min10s

**Renato:** *Um casamento de diferenças...*

**Cristiane:** *Ela é a “repórter simpatia”... - 08s*

**Renato:** *Ele é o sério... - 11s*

**Renato:** *Eles vão contar como equilibram essas diferenças aqui no programa - 22s*

**Cristiane:** *E ainda... por que os homens acham mais fácil substituir as esposas e acabar com o casamento?... - 26s*

#### Quadro “Escola do Amor Responde”

**Cristiane:** *Quando é que um casal começa a separar?... muita gente pensa que é por que o marido ou a esposa “preparam a mala”... e saem de casa ou quando na frente do juiz assinam o divórcio... mas na verdade pra chegar em qualquer um desses dois pontos... muita coisa aconteceu antes... - 45s*

**Legenda –** Meu casamento está desmoronando e eu não sei o por quê!

**Renato:** *E quando essas coisas estão acontecendo fica difícil se distanciar e encontrar a melhor saída... e é exatamente o que está acontecendo com essa nossa aluna que pediu a nossa ajuda... vejam a situação que ela está passando - 1min02s*

#### Simulação

Casal vivia bem sem brigas e agora vive em conflito. Casaram muito cedo, em menos de um ano. O marido não dá atenção para a esposa e a deixa de lado. Ela pensa que está forçando o relacionamento e “se sente a errada”.

**Legenda –** Sou casada há cinco anos e ele me manda embora a cada briga. E agora?

**Renato:** *Bom... não se desespere... vamos então “usar a cabeça” para resolver essa situação que vocês estão vivendo - 3min31s*

**Cristiane:** *A primeira pergunta é... por que vocês brigam? porque você não foi muito específica nisso... nós não sabemos por que vocês brigam... a outra questão também é... será que você ((ela)) está sendo um pouco carente demais?... porque não tem coisa que afasta ainda mais o marido e o namorado que uma “mulher carente” - 3min36s*

**Renato:** *O que a gente nota é que ele já “se desligou” do casamento por alguma razão... e essa razão é provavelmente um problema mal resolvido entre os dois... então isso faz com que ele se feche... há um problema aí “na raiz” que está mal resolvido... o problema não é a falta de atenção... o problema é o que causa ele ser assim... não ter vontade de dar atenção a você... tem que chegar “na raiz do problema”... como fazer isso?... procure lembrar quando que as coisas estavam bem e quando elas começaram a ir mal... o que aconteceu?... você tem que procurar saber o que “gerou essa frieza” em primeiro lugar... essa é a primeira parte... e essa questão da emoção que ela está mostrando muita carência... a gente vê que ele está “desligado do relacionamento”... mas ao contrário... ela está extremamente “ligada nele”... então ela acaba o sobrecarregando... de pressão... de atenção... de carência... e isso é “um tiro no pé”... porque quanto ela mais faz isso menos ele quer ela por perto - 4min*

**Legenda** – Não coloque emoção demais no relacionamento. Use a inteligência

**Cristiane:** *E outra coisa que afasta muito o seu cônjuge é você “se fazer de vítima”... isso mostra uma fraqueza... você “tá” sempre chorando... sempre reclamando... triste... isso tira toda a sua beleza... toda a atração... isso acaba fazendo o seu marido nem querer conversar com você... porque se ele começar a conversar com você e falar “algumas verdades”... pode ser que você vá começar a chorar - 5min03s*

**Renato:** *Ele não sabe o que fazer com a esposa chorando... a não ser “ficar frio” e fazer você “ser ferida” mais ainda... então você tem de ser racional com o seu marido... parar de chorar... tratar da situação no nível dele... no nível racional... ou seja... sem cobrar... mas perguntar a ele o que ele quer dessa relação... você ((ele)) está disposto a alguma coisa entre nós que você quer salvar?... o quê que eu ((ela)) posso ajudar a você para trabalhar mais nesse relacionamento?... focar da maneira racional que é a maneira que ele está “olhando” agora - 5min34s*

**Legenda** – Controle as suas emoções. Use a razão para resolver os problemas da relação

**Cristiane:** *E caso ele não queria mais realmente esse casamento... “não quero... não quero mais esse casamento”... você tem de “dar esse tempo” pra ele... não pode ficar implorando que ele queira o casamento - 6min11s*

**Renato:** *Isso... enquanto “dá esse tempo” você começará a cuidar de você... você tem de “dar o tempo dele” e fazer “ele enxergar” o quanto ele está perdendo por não estar dando atenção a você... então foque em você... assim você vai dar chance dele despertar... “poxa... eu tenho de cuidar do meu casamento... a minha esposa está lá na frente e eu ainda estou aqui atrás... eu preciso cuidar do que está acontecendo entre nós”... - 6min29s*

**Legenda** - Cuide de você primeiro. Assim, ele perceberá que você é importante na vida dele

**Legenda** – Saiba por que os homens trocam de parceira ao invés de investir no casamento

**Cristiane:** *Casar é fácil e se manter “bem casada” é parte que precisa ser aprendida todos os dias - 6min53s*

**Renato:** *E a pergunta continua... afinal... quando que um casal começa a separar?... Porque assim como as pessoas se casam “movidas só pela emoção”... muitos também “se separam pela emoção”... - 7min01s*

**Cristiane:** *E quando falta razão muitos homens acham que é mais fácil substituir a esposa por outra mulher ao invés de tentar resolver os problemas do casamento - 7min14s*

**Renato:** *E quando os problemas não são resolvidos não adianta mudar de esposa porque os problemas voltarão a se repetir... nós reunimos alguns homens que já passaram por algumas separações para entender melhor por que eles desistiram ao invés de investir no relacionamento e resolver os conflitos? - 7min24s*

## Reportagem

Depoimentos de homens sobre os problemas que levaram a separação (...)

**Legenda** - Substituir ou investir? Saiba agora porque os homens vivem esse dilema

**Cristiane:** *Então vamos agora falar sobre as cinco razões que os homens desistem facilmente e substituem a mulher - 9min32s*

**1.** O homem é mais prático... prefere fugir do problema em vez de enfrentá-lo... desse jeito os problemas sempre vão se repetir...

Atenção: o homem quer paz... “depois da adrenalina” ele quer a paz... assim quando as coisas se complicam preferem fugir...

**2.** O homem acha que não pede muito e que a mulher deve agradá-lo...

Atenção: nenhum relacionamento é simples... ele também precisa aprender a se relacionar...

**3.** Homens se iludem achando que a próxima parceira será melhor que a atual...

Acha que a oferta ((de mulheres)) é grande...

**4.** Trocar de parceira virou moda ((a cultura manda))... Homens... tenham personalidade... sejam vocês mesmos...

**5.** Homens exigem respeito... para isso acontecer... seja o líder e tenha iniciativa de resolver os problemas no seu relacionamento...

**Cristiane:** *Essas dicas também valem para os solteiros - 11min20s*

**Cristiane:** *No nosso Laboratório ((quadro do programa)) de hoje um casal está com problemas de adaptação... a esposa reclama que o marido fica levando os problemas da família pra casa e deixou de ajudá-la - 11min31s*

**Renato:** *Mas o marido diz que as coisas mudaram e que ele “não tem mais tempo pra nada”... - 11min41s*

**Cristiane:** *“Laboratório neles”... - 11min48s*

## **Quadro “Laboratório”**

### **Acareação do casal**

Casados há cinco meses o marido pede mais compreensão a esposa e entendimento porque ele se encontra mais “nervoso”. Ela responde que ele está nervoso todos os dias porque assume todos os problemas da família dele ((com os problemas da mãe)).

**Legenda** – Ele quer mais compreensão e ajuda e ele está preocupado com os problemas da mãe

**Renato:** *Bom... primeiro a gente quer pontuar aqui o que está acontecendo com o estado emocional dela e dele... nós percebemos que os dois estão altamente irritados... estressados com a situação e um com o outro... e a gente entende o porquê... primeiramente... os dois estão juntos há um ano e dois meses... estão casados há cinco meses e tem uma bebê nova de quatro meses agora... há um alto nível de estresse e com a agravante dele se ver dividido entre cuidar da mãe e agora cuidar da esposa e da filha... três mulheres... - 13min*

**Cristiane:** *E sem contar que existe uma diferença de idade aí um pouco grande... porque ela tem vinte e três anos e ele trinta... então ele já é uma pessoa mais madura... porque ele sempre viveu talvez com a mãe... tudo isso é novidade pra ela... relacionamento... criança... ela já “tá” vindo com a imaturidade dela... ela é uma jovem... já está “com um filho nos braços” e já está tendo que saber ser uma esposa - 13min36s*

**Renato:** *Então... isso tudo traduz em quê?... irritabilidade... prestem atenção... quando duas pessoas... um casal está constantemente irritado pelas circunstâncias que nós acabamos de descrever... fica praticamente impossível o diálogo... a vocês chegarem uma resolução dos problemas... a primeira coisa a fazer é vocês entenderem que a situação de alto estresse... vocês vão ter de usar de muita compreensão e paciência um com o outro... e aprender a se acalmar pra não “vomitar essa irritação um em cima do outro”... porque isso só vai complicar a comunicação e vocês não vão resolver nada... primeira coisa... como você ((ele)) vai se acalmar?... como você ((ela)) vai poder se acalmar e controlar sua irritabilidade?... algumas dicas óbvias... não falar quando você está com raiva... então... quando você ((ele)) percebe que está começando a agredir... que você começa a chutar as coisas... não é por aí que você vai conseguir alguma coisa com ela... vocês têm que notar... se estou irritado... não é hora de começar a conversar... tenho de arrumar uma maneira de me acalmar primeiro - 14min10s*

**Cristiane:** *preste atenção nessa palavra... aceitar... vocês dois têm agora de aceitar uma vida totalmente diferente do que vocês planejavam talvez um ano atrás... então você ((ele)) vai ter de aceitar que você tem uma esposa agora e que você tem uma filha... você vai ter de ser marido e pai... você tem que aceitar essa vida... vocês dois têm que aceitar... é a nova realidade... ele tem que aceitar agora o fato de que você engravidou... tem a nenêzinha... agora você tem que “arcar com a situação” que agora é mais difícil realmente... vocês começaram o casamento já com um bebê... já é difícil começar um casamento... e ter um bebê... tudo vai ser difícil... você ((ela)) tem que aceitar que tudo é novidade pra você quanto pra ele... que está tendo de “aprender a se desligar” da mãe dele... você está tendo de aprender a lidar com o fato de ser mãe de um bebezinho de quatro meses e de ser uma esposa... e até compreender que vai demorar um pouquinho - 15min28s*

**Legenda – Aceite que as responsabilidades aumentaram... Invista mais tempo em sua esposa e filha**

**Renato:** *É a nova realidade - 15min56s*

**Renato:** *O que ela está querendo dizer aqui é basicamente um “pedido de socorro”... eu estou sobrecarregada e além de tudo de tolerar muitas coisas que não estão de acordo no casamento... ela está “pedindo socorro”... ou seja... você tem de pensar mais nela... você ((ele)) diz que é “mais devagar”... que sua natureza é “mais lenta”... de agir... de fazer as coisas mais no seu tempo... você ((ele)) não vai ser quem você não é... mas não justifica você não fazer um esforço um pouco mais pra você dar conta e equilibrar esse “fardo” que está “sobre os ombros” da sua esposa... se você... por exemplo... você no seu trabalho... trabalha com entregas... com certeza já aconteceu de ser cobrado pelo seu patrão... normalmente... você faz dez entregas em um dia... hoje vai precisar fazer entrega em quinze lugares... você vai ter que acelerar... você é uma pessoa mais calma... mas no dia que precisa acelerar você acelera pelo seu trabalho... porque o seu patrão pede... então na sua casa com respeito ao seu casamento... não é uma desculpa o fato de você ser “mais lento”... ela tem de ter mais paciência... mas você tem de ter mais interesse... você tem de ter mais empenho... porque ela está “gritando por socorro” - 17min53s*

**Cristiane:** *A boa notícia é que vocês estão na fase de adaptação... então... é normal isso... é normal ele estar muito apegado à mãe dele... é normal isso... mas isso não quer dizer que “não vai se desligar” da sua mãe... é normal que você ((ela)) esteja mais sensível... mais emotiva porque você acabou de ter um neném... você dorme pouco... é estressante... é normal você estar se sentindo assim... e também é normal as coisas mudarem porque realmente mudou... tudo mudou - 19min22s*

**Renato:** *Então... como que vocês podem fazer isso na prática?... ela está “gritando por socorro” e está sobrecarregada... quando você ((ele)) chegar em casa como pode facilitar a vida dela... você pode “aliviar a carga sobre ela”... você pode ajudar a tirar o lixo pra fora... pode tirar as roupas da máquina...*

*you can buy something that she didn't have time to go to the supermarket... [Cristiane: stay with the baby some hours so he can sleep...] exactly... what can you do to relieve... this won't decrease your masculinity... this will help her... she will appreciate more and you will have less irritability... the less irritability... the better the dialogue... the better the relationship - 20min05s*

**Legenda** – Busque coisas para fazer ao chegar em casa para ajudar a sua esposa

**Cristiane:** *E você ((ele)) vai ter tempo pra fazer isso e deixar um pouquinho a sua mãe - 20min46s*

**Renato:** *Suas ((Cristiane)) considerações finais - 23min11s*

**Cristiane:** *Você ((ela)) diz que ele mudou... mas você também mudou... as situações mudaram e os dois têm que mudar com a situação também... vocês antes não tinham o bebê... não tinham o casamento... era “aquela conquista”... agora não... não fique com aquela expectativa de vocês terem “aquilo que tinham lá atrás” pro resto da vida... isso não acontece... o que vai acontecer é o seguinte... diante dos problemas que vocês estão passando e vão passar... vocês vão aprendendo a resolver os problemas “mudando para se adaptar um ao outro”... e o amor vai então fortalecendo... e aí “vocês vão crescendo”... então vai mudando... o relacionamento vai ficando mais maduro... agora é um bebezinho... - 23min14s*

**Legenda** – Não mantenha as mesmas expectativas do início da relação. As coisas mudaram

**Renato:** *Exato... agora com respeito a sua mãe você ((ele)) tem que pensar o seguinte... quem mais na minha família pode “dividir esse fardo”?... de ajudar a cuidar da nossa mãe ((dele))... você tem de começar a “dividir o fardo” na medida do possível... o que cabe a você e que realmente você tem de fazer e ela tem que entender... ele tem a mãe e se ela realmente tem só ele... não é justo que ele abandone a mãe... algum tipo de apoio ele vai ter de dar a mãe... você ((ela)) tem de entender isso... ele tem de equilibrar que no tempo que ela não vai precisar dele... não vai sentir falta... talvez ela esteja preocupada com outras coisas... talvez seja o momento que ela está fazendo as coisas dela... você aproveita esse momento para ajudar e fazer as coisas para a sua mãe... pra não “roubar o tempo” que você tem com a sua esposa e com a sua filha... você precisa aprender a fazer esse equilíbrio... outra coisa é a comunicação entre vocês... vocês estão presumindo muito o que o outro está pensando... vocês não podem ficar adivinhando o que o outro está pensando... o que o outro quis dizer com a palavra... se você não gostou o que o outro falou... “não se feche”... não fique com raiva... simplesmente esclareça... o que vocês falaram na maioria das vezes foi mal entendido... presumido – 24min05s*

**Legenda** – Administre o seu tempo! Equilibre a atenção que você dá a sua mãe e a sua esposa

**Legenda** – Conversem mais e não procurem adivinhar o que o outro está pensando

**Intervalo: O que pode acontecer na sua vida em um minuto?** - 26min08s

Você tem trezentas chances de se apaixonar...

A neurociência afirma que o cérebro humano precisa de apenas zero a dois segundos para despertar o amor...

A cada minuto três pessoas dizem sim e se casam... a união não demora mais que um minuto para se formalizar...

Um desses casais vai se separar... o que significa que a cada minuto... um divórcio é assinado

O que você vai fazer com o seu minuto?...

Livro “120 minutos para blindar seu casamento”... seu casamento protegido um minuto de cada vez...

Seu casamento ainda tem um minuto de vida?...

Entrevista com a repórter Renata Alves da Rede Record (...)

**Renato:** *E se você acha que pode fazer mais pelo seu casamento ou mesmo se você está solteiro... por exemplo... solteira... e deseja que a próxima pessoa seja a definitiva na sua vida... então você é nosso convidado para assistir as nossas palestras todas às quintas-feiras - 54min49s*